UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Peti Mama Gomes

Caminhos de gênero nas feras de Bissau: resiliência e desafios de mulheres guineenses em contextos de vulnerabilidade diante dos impactos sociais e econômicos da COVID-19

Tese de Doutorado

Belém, Pará

2024

Peti Mama Gomes

Caminhos de gênero nas feras de Bissau: resiliência e desafios de mulheres guineenses em contextos de vulnerabilidade diante dos impactos sociais e econômicos da COVID-19

Tese de Doutorado

Tese de doutoramento apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), junto a Universidade Federal do Pará (UFPA).

Área de concentração: Antropologia Social.

Linha de pesquisa: Migrações, Diásporas e Etnicidades.

Orientadora: Prof[a]. Dr[a]. Jane Felipe Beltrão.

Belém, Pará

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G633c Gomes, Peti Mama.
Caminhos de gênero nas feras de Bissau: resiliência e desafios de mulheres guineenses em contextos de vulnerabilidade diante dos impactos sociais e econômicos da COVID-19 / Peti Mama Gomes. — 2024.
310 f. : il.

Orientador(a): Profª. Dra. Jane Felipe Beltrão
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belém, 2024.

1. COVID-19.. 2. Economia urbana.. 3. Feras.. 4. Gênero.. 5. Etnografia.. I. Título.

CDD 331

Peti Mama Gomes

Caminhos de gênero nas feras de Bissau: resiliência e desafios de mulheres guineenses em contextos de vulnerabilidade diante dos impactos sociais e econômicos da COVID-19

Tese de Doutorado

Banca Examinadora:

_____

Profª. Drª. **Jane Felipe Beltrão – PPGA/UFPA**
Presidente e Orientadora

_____

Profª. Drª. **Katiane Silva – PPGA/UFPA**
Examinadora Interna

_____

Profª. Drª.**Patrícia Godinho Gomes/**UFBA.
Examinadora Interna

_____

Profª. Drª. **Zélia Amador de Deus – ICA/UFPA**
Examinadora Externa

_____

Profª. Drª **Carla Susana Alem Abrantes – UNILAB**
Examinadora Externa

_____

Profª. Drª. **Ana Gretel Echazú Böschemeier–PPGA/UFRN**
Suplente

Belém, 24 de abril de 2024.

Dedico este trabalho aos meus familiares e, em especial, ao meu querido e amado pai, in memoriam, Nantu Gomes, por me apoiar e incentivar nas minhas escolhas. Aos meus irmãos, irmãs e sobrinhos, Alda da Costa, Nantu Gomes Jr e Lourenço Gomes da Silva, por todo amor, paciência e compreensão. Às mulheres de Bande, Caracol, Quelelé e Bairro Militar por alimentarem minha coragem e ousadia… nô sta djuntu…

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar aqui a minha profunda gratidão e o reconhecimento afetivo-político e intelectual a todas as mulheres que vieram antes de mim e abriram caminhos essenciais para a minha jornada acadêmica. Cada página desta tese é o resultado de uma construção coletiva e circular, tecida com inúmeras contribuições de pessoas diversas, uma escrita que se entrelaça com mãos que se encontram presentes em diferentes geografias e *tchons*. Por isso, sinto uma imensa necessidade de estender meus agradecimentos sinceros a essas pessoas e *tchons* que, em suas múltiplas geografias, estavam ao meu lado de formas variadas. Quero, primeiramente, agradecer as participantes da pesquisa, "*mindjeris di bida", fassiduris di bida" e bideras,* – minhas interlocutoras e parcerias – conhecedoras dos sabores e desafios de cada recanto das feiras da Guiné-Bissau e áreas afins. Ao longo dos anos de trabalho, elas tornaram possível essa troca ímpar de experiências. A cada uma delas, minha gratidão é imensa e continuará após a apresentação deste trabalho, pois acreditaram na importância deste para suas vidas.

O *Tchon di* Pará, onde experimentei uma sensação de pertencimento como nunca antes, durante o período em que residi em Belém. Essa cidade, com sua rica gastronomia, sua arte, poesia e música; seu inverno amazônico e o mercado Ver-o-Peso, me transportava de volta à Guiné-Bissau. Também quero agradecer as mulheres que me guiaram e inspiraram em Belém - PA, na Unilab-CE, em Bissau e em Canchungo (Guiné-Bissau). Cada uma delas contribuiu para o meu crescimento e compreensão, e estou profundamente grata por suas orientações e apoio ao longo deste percurso.

Em Belém - PA, expresso meus agradecimentos de maneira especial a ti, minha orientadora Profª Dr.ª Jane Felipe Beltrão. Desde o momento em que aceitaste o convite para me orientar durante o processo seletivo, até todo o incentivo da pesquisa, sou toda agradecida pelo suporte intelectual que me ofereceste ao longo dessa caminhada. Agradeço por me acompanhar neste caminho no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), trilhando-o juntas.

À querida professora Luzia Gomes, minha senhora, deixo registrado o quanto sou grata pela acolhida que me proporcionou. A sua presença foi fundamental para a minha estadia e adaptação em Belém e contribuiu enormemente para o meu crescimento, tanto pessoal quanto acadêmico. À professora Cláudia Leão, obrigada por abrires as portas da tua

casa para mim. Ao Paulo, agradeço por cada refeição deliciosa que preparaste e pelas ilustrações das feiras de Bissau. Sinto uma imensa gratidão por terem me apresentado ao sabor do açaí, da maniçoba, do tacacá e da pupunha.

A minha irmã paraense, Dimitria Leão, *nhã baran* por cada momento compartilhado entre nós: das danças aos mergulhos e gargalhadas, das fotografias às comidas, cada experiência foi indescritível, mana.

À Robertinha, nossa poetisa paraense, obrigada por acreditar em minha habilidade de dançar Carimbó, mesmo antes de eu mesma admitir tal inclusão, risos. Agradeço por sua amizade e pela troca que compartilhamos durante os domingos de almoço com *"caldo de mancarra"*. Para Ana Linhares, muito obrigada pelos presentes de livros, pelos banquetes de comidas e por nos apresentarmos à dona Grace.

À amada e querida professora Zélia Amador, uma referência, uma figura importante em minha vida/adulta, quero lhe dizer que fui extremamente feliz em Belém - PA. Lembro-me das suas palavras em nosso primeiro encontro na Livraria Fox: "Estás em boas mãos! Nos vemos nos corredores da UFPA, e se precisares, estaremos por perto." Cada abraço, cada palavra, e especialmente suas contribuições durante a qualificação, têm um valor inestimável para mim. Obrigada por tudo!

À pequena *Tchutchukitas* (Binto Mane), *Djarama* por todos os momentos de dança, risos, abraços e, acima de tudo, por me ensinar fazer o *Fufu.* Agradecida por cozinhar e compartilhar refeições juntas.

Aos meus colegas, com quem desfruto de discussões enriquecedoras, gostaria de estender meus agradecimentos: Ramiro Esdras, meu colega e parceiro em projetos, obrigada por todo o apoio durante o concurso para a posição de professora substituta na Unilab. A todos os membros do grupo de pesquisa "Cidade, Aldeia & Patrimônio" (UFPA/CNPq), meu mais sincero agradecimento por todas as partilhas.

Laura Carolina Vieira, Érico Brito e Igor Erick da Silva, meus colegas, desejo-lhes um futuro e um caminho bonito de descobertas antropológicas. Fabiano Gontijo, meu professor, expresso minha gratidão por sempre lembrar de mim como aluna internacional em seus planos de aulas no PPGA e por fazer referências que me conectam com intelectuais africanos(as). Reconheço que o seu compromisso inclusivo na formação dos (as) profissionais foi de grande importância para mim e para minha jornada acadêmica no programa.

À professora Katiane Silva, muito obrigada pelo acolhimento caloroso e pelas generosas contribuições durante a qualificação. A todas as professoras e professores do PPGA-IFCH, agradeço por terem contribuído diretamente e respondido para a minha formação. Suas lições foram inestimáveis, professora Jane Felipe Beltrão, Katiane Silva, Eliane Cantarino O'Dwyer, Marcia Bezerra de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Julia Otero Dos Santos, professor Fabiano De Souza Gontijo, Pedro José Tótora da Glória e Flávio Bezerra Barros.

Aos colegas do curso de doutorado e mestrado, com quem compartilhei olhares por meio de telas de computador, agradeço pela partilha de conhecimentos e experiências. Durante o período das aulas, a maior parte do contato foi remoto (2020), mas ainda assim, pude aprender muito com todos (as) vocês. Quero expressar um especial agradecimento aos colegas Laura, Wilmara, Ramiro e Igor, com os quais troquei experiências e amizade ao longo dessa jornada de doutoramento. Vocês fizeram com que esse processo se tornasse leve e fácil.

Antônio Carlos, secretário do PPGA, agradeço seu profissionalismo exemplar, eficiência inigualável e agilidade durante todo o percurso. Sou grata em todas as vezes que ouviste minhas solicitações e respondeste a elas prontamente nos momentos em que mais precisei. Obrigada por sua dedicação e comprometimento.

Ao Professor Rhuan Carlos dos Santos Lopes (meu “mano”), te agradeço pelo incentivo e apoio desde o processo seletivo. Obrigada por cada troca, abraço e também por trazer a farinha e açaí para mim de Belém, foi especial.

À CAPES, expresso meus sinceros agradecimentos pelo apoio decisivo que recebi, o qual foi de fundamental importância para minha dedicação e formação.

Nas terras cearenses, agradeço:

à Unilab, que se tornou minha segunda casa fora da Guiné-Bissau, desejo manifestar minha profunda gratidão a todas e todos que fizerem de mim uma pesquisadora-antropóloga e acadêmica feminista.

De forma muito especial, um obrigada a duas jovens-mulheres que são minhas irmãs de consideração, Noêmia Armando Monteiro e Joselina Mendes. Durante a pandemia, quando eu ainda morava em Belém, elas foram em busca das minhas interlocutoras em mercados de Bissau. Agradeço imensamente por suas disposições em enfrentar as feiras para

gravar entrevistas e posteriormente enviá-las via WhatsApp e e-mail. Não tenho palavras suficientes para reconhecer o esforço que dedicaram à pesquisa. Sou-lhes profundamente grata.

À Bruna, minha amiga-irmã cearense, palavras não serão suficientes para lhe agradecer por tudo. Mas, gratidão por cada sugestão de leitura ao meu trabalho, por cada torcida e abraço amigo, e por ser a melhor leitora que eu poderia ter. Te admiro e amo muito.

Ao Vaz Pinto, um escritor incansável de minha geração que admiro imensamente, quero manifestar minha extrema gratidão. Tua generosamente ao traduzir falas e músicas do guineense/*kriol* para o português contribuiu de maneira ímpar para este trabalho que hoje se apresenta.

À Carla Susana Alem Abrantes, uma intelectual que me acompanhou de forma excepcional durante o mestrado, estendo o meu agradecimento por todas as vezes em que me estendeste a mão. Sou profundamente grata por tua generosidade, confiança, sabedoria e amizade. Te agradeço pela escuta, por torcer tanto por mim na Unilab. A senhora é especial.

Com profunda gratidão à querida professora e madrinha de vida, Marina Pereira de Almeida Mello. Cada palavra de orientação que compartilhou comigo, ainda na graduação, deixou uma marca em meu percurso acadêmico. A senhora foi a orientadora que eu precisava naquela época. Ao olhar para trás, recordo-me de toda a jornada em que esteve presente e acreditou mais do que qualquer outra pessoa que eu poderia escrever meus textos e relatórios de campo, com todos os erros, sem nenhum medo. Sua confiança em mim foi inspiradora.

À professora Artemisa Odila Cande Monteiro, o meu agradecimento especial pelas sugestões importantes que contribuíram significativamente para o amadurecimento da pesquisa. Muito obrigada!

À Patrícia Godinho Gomes uma referência importante para os estudos sobre mulheres no contexto Bissau-guineense. Quero expressar meu reconhecimento e admiração por ti! Muito obrigada por ter pavimentado o caminho para aquelas que estão chegando, assim como eu.

À admirável Ana Gretel Echazú Böschemeier, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, expresso meu profundo reconhecimento pela parceria em projetos acadêmicos. Cada FaceTime, mensagem, e-mail e áudio que compartilhamos no manuscrito

“Zora Neale Hurston/Anthropology Ancestors” contribuíram significativamente para o meu interesse em conhecer muito mais os trabalhos intelectuais de antropólogas negras. Sua forma de escrever me marcou e me inspirou na elaboração desta tese. *Gracias a usted ya* Aimée Malva.

À minha sobrinha Milania da Costa, agradeço-te por todos os momentos que partilhamos juntas. Em seu nome, agradeço à minha afilhada M´pina Té e aos meus orientandos e orientandas por todos os ensinamentos, confiança e reconhecimento que compartilharam comigo. Cada um(a) de vocês deixou uma marca em minha trajetória profissional na Unilab-Ce.

Tchon de Guiné-Bissau,

Baran:

À minha família: Ao meu pai, Nantu Gomes, um homem doce que sempre foi meu porto seguro. Mesmo à distância, sabia as palavras certas a dizer nos dias difíceis. Acreditou na minha formação acadêmica como ninguém. Desde os meus primeiros anos nas escolas de Petabe, no interior de Canchungo, dizia que *‘escola ki pekadur’.* Às minhas mães, Blandim Mendes e Assatu Mendes, agradeço por serem exemplos de persistência, sabedoria, verdade e justiça. Obrigada por tudo o que fazem e continuam a fazer por mim e por nossa família.

Aos meus sobrinhos, que me chamam carinhosamente de “*badja Umama”*, quero deixar registrado aqui o meu amor por vocês. Aos meus irmãos, que expressam saudades diariamente, reconheço a sorte que tenho em tê-los ao meu lado. Obrigada por estarem presentes mesmo longe.

À minha “damex”, Rosivania Araújo, expresso o meu sincero agradecimento por todo o cuidado, acolhimento e, principalmente, por partilhar a experiência das feiras e do campo comigo em Bissau.

Ao Upá da Costa, agradeço suas palavras de encorajamento, por todo o apoio e incentivo que me deu em Bissau em relação à minha pesquisa de campo.

Ao Huco Monteiro, expresso minha gratidão por facilitar os despachos e decretos relacionados à COVID, pelos presentes de livros e cada história relacionada às feiras de Bissau *Baran. Lov u.*

Ao Miguel de Barros, Ginésio Justino Gomes de Sá e Bruno João Cá, agradeço por compartilharem comigo as fotografias do cotidiano guineense, enriquecendo minha experiência de pesquisa no âmbito visual.

João Colares, Pedro Pontual, Jacqueline Freire e toda a equipe do projeto "*Djumbai*: Educação Popular Antirracista e Cooperação Solidária Amazônia & África", obrigada por me possibilitarem participar em eventos relacionados ao país homenageado, Guiné-Bissau.

À Baónandje António Silva Biaguê, minha querida amiga, parceira e irmã, expresso minha profunda gratidão por fazer parte da minha história de amizade. Em seu nome, saúdo e agradeço a presença da minha sobrinha (Nandi Júlia) e do meu cunhado, Mutar Cassamá, parte da minha família bissauense.

Agradeço sinceramente ao meu primo-amigo pela parceria de leitura que temos desenvolvido juntos, especialmente por sempre estar disposto a ouvir minhas ideias iniciais e discuti-las. Sua disponibilidade e apoio têm sido importantes. Muito obrigado por tudo, Policarpo Caomique Gomes. Ao Braima, Nanda, André Junior, Aldair, Juvi, Jesualdo, Armando Correia, Iadira Impanta, Nina Gomes, Ana Maria da Silva, Deusa da Silva, Sonia Gomes, Rodolfo da Costa, Luís Felipe Sá e a todos os demais amigos e colegas que incentivam, torcem e acreditam em mim mesmo à distância, agradeço por fazerem parte disto.

Sou imensamente agradecida ao meu primo exemplar, Farã Vaz, por me acompanhar desde a graduação. Em seu nome, agradeço aos demais primos e primas, e, sobretudo, ao José Vaz (Kaka), nosso kota, que fez muito por mim. Titio, sua força de vontade e orientação foram inspiradoras para nós. Obrigada.

Agradeço à professora Joanice Conceição (tia Jô) por sua constante partilha de conhecimento e pela sua dedicação em ouvir minhas dúvidas e pensamentos.

As professoras Artemisa, Susana, Katiane e Zélia, suas leituras atentas e valiosas contribuições foram essenciais para o amadurecimento do meu trabalho no exame de qualificação. Obrigada! Também sou imensamente grata às professoras (Patrícia, Eliane e Ana Gretel) que aceitaram participar da banca final de defesa da minha tese.

Um agradecimento especial ao talentoso Fally Ipupa, cuja arte musical me inspirou/acolheu e me acompanhou ao longo de todo o processo de escrita, que não foi solitário. ***Baran***!

Não se constrói alguma coisa sem desconstruir outra; não se produz paradigmas inéditos, mas paradigmas existentes são criticados, repensados, bricolados e se complementam no deciframento lógico sobre o real; não se produz uma sinfonia antropológica melódica ou harmônica, mas ruídos e barulhos entre velhas formulações de problemas e alternativas ditas pós-modernas (Cornelia Eckert, UFRGS/1994)[1].

[1] Eckert, Cornélia. "A antropologia na atualidade". Comunicação apresentada no curso de Extensão de História, UFRGS/1993. Anos 90, Porto Alegre, n.2, maio 1994.

Caminhos de gênero nas *feras* de Bissau: resiliência e desafios de mulheres guineenses em contextos de vulnerabilidade diante dos impactos sociais e econômicos da COVID-19

RESUMO: Na Guiné-Bissau, as *feras* - palavra do Crioulo para *"*feiras*"* - exercem um significativo papel na vida econômica, social e cultural do país. São locais de intensas atividades de compra e venda de mercadorias, e também englobam questões de emancipação feminina, pontos de encontro e reencontros, narrativas históricas, vivências e experiências compartilhadas. Sendo assim, configuram-se como espaços públicos plurais e privilegiados desde um ponto de vista etnográfico, onde uma série de relações socioculturais complexas se desenvolvem. Nesse contexto, a presente tese tem como objetivo compreender, por meio de uma perspectiva antropológica-feminina, a dinâmica socioeconômica de mulheres guineenses, que ora como *bideras* (vendedoras de feira oficiais), *fassiduris di bida* (mulheres que fazem a vida vendendo), ora como *sumiaduris* (vendedoras que têm hortas) e *bindiduris* (vendedoras no geral), estão em movimento com mercadorias desempenhando papéis ativos nas três principais *feras* locais: *Bande, Caracol e Bairro Militar*, todas na cidade de Bissau, capital da Guiné-Bissau, antes, durante e após a pandemia. O estudo é resultado de uma pesquisa de natureza etnográfica, cujo processo metodológico combinou pesquisa etnográfica online e trabalho de campo presencial. Para isso, utilizaram-se narrativas orais provenientes de plataformas digitais, como redes sociais, através de mensagens e áudios compartilhados com *mindjeris di fera* (mulheres de feira). Durante o período de pesquisa, os principais métodos de trabalho etnográfico incluíram conversas informais, transcrição e análise posterior dos dados. Essas últimas etapas ocorreram na cidade de Bissau, com o foco nas *bideras* e *fassiduris di bida*. A análise centrou-se na problematização das relações de gênero e trabalho e como elas foram afetadas pela pandemia. Os resultados indicam que as minhas interlocutoras de pesquisa são responsáveis pela organização de uma grande parte da subsistência material e simbólica no país, coisa que foi evidenciada e acentuada durante a emergência da pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: COVID-19. Economia urbana. *Feras*. Gênero. Etnografia.

Gender paths in Bissau *feras*: resilience and challenges of Guinean women in contexts of vulnerability in the face of the social and economic impacts of COVID-19

ABSTRACT: In Guinea Bissau, the *feras* - Crioulo word for “fairs” - play a significant role in the country's economic, social and cultural life. They are places of intense buying and selling of goods, encompassing issues of female emancipation, meeting and reunion points, historical narratives, experiences, and shared living. Therefore, they are configured as plural public spaces, and privileged contexts for ethnographic fieldwork, where a series of complex sociocultural relationships develop. This thesis aims to understand, through a female-centered and anthropological perspective, the socioeconomic dynamics of Guinean women, who sometimes are *bideras* (official fair female vendors), *fassiduris di bida* (women who make a living by selling), *sumiaduris* (women who own orchards), and *bindiduris* (female sellers in general) who played active roles - before, during and after the pandemics - in the three main local *feras*: *Bande*, *Caracol,* and *Bairro Militar*, all in Bissau city, capital of Guinea-Bissau. This study is the result of ethnographic research, whose methodological process combined online research and in-person fieldwork. For this, oral narratives from digital platforms were used, such as social networks, through messages and audios interchanged with *di mindjeris di fera* (the fair female vendors). During the research period, the main ethnographic strategies included informal conversations, transcriptions, and ethnographic data analysis. The last stages of research took place in Bissau, with a focus in the *bideras* and *fassiduris di bida*. In conclusion, the analysis focused on the problematization of gender relations and work, and how they were affected by the pandemics. The results indicate that my research interlocutors are responsible for a large part of the country's material and symbolic subsistence, which was evidenced and intensified with the emergence of the COVID-19 pandemics.

Keywords: COVID-19. Urban economy. *Feras*. Gender. Ethnography.

Parcours genre aux foires de Bissau : résilience et défis des femmes guinéennes dans des contextes de vulnérabilité face aux impacts sociaux et économiques du COVID-19

RÉSUMÉ: En Guinée-Bissau, les bêtes – le mot créole signifiant « foire » – jouent un rôle important dans la vie économique, sociale et culturelle du pays. Ce sont des lieux d'achat et de vente intenses de biens, et englobent également des questions d'émancipation féminine, des points de rencontre et de retrouvailles, des récits historiques, des expériences et des expériences partagées. Ils sont donc configurés comme des espaces publics pluriels et privilégiés d'un point de vue ethnographique, où se développent une série de relations socioculturelles complexes. Dans ce contexte, la présente thèse vise à comprendre, à travers une perspective féminine-anthropologique, les dynamiques socio-économiques des femmes guinéennes, tantôt elles sont bideras (vendeuses officielles du marché), fassiduris di bida (femmes qui gagnent leur vie en vendant), tantôt sumiaduris (vendeurs qui possèdent des potagers) et bindiduris (vendeurs en général) se déplaçant avec des marchandises, qui jouent un rôle actif sur les trois principaux marchés locaux : Bande, Caracol et Bairro Militar, tous dans la ville de Bissau, capitale de la Guinée-Bissau, avant , pendant et après la pandémie. L'étude est le résultat d'une recherche ethnographique, dont le processus méthodologique combinait recherche ethnographique en ligne et travail de terrain en personne. Pour cela, des récits oraux ont été utilisés à partir de plateformes numériques, telles que les réseaux sociaux, à travers des messages et des audios di mindjeris di fera (des femmes du marché). Au cours de la période de recherche, les principales méthodes de travail ethnographique comprenaient des conversations informelles, la transcription et l'analyse ultérieure des données. Ces dernières étapes se sont déroulées dans la ville de Bissau, avec un focus sur les bideras et *fassiduris di bida*. L'analyse s'est concentrée sur la problématisation des relations de genre et de travail et sur la manière dont elles ont été affectées par la pandémie. Les résultats indiquent que mes interlocuteurs de recherche sont responsables de l'organisation d'une grande partie de la subsistance matérielle et symbolique du pays, ce qui a été mis en évidence et accentué pendant la pandémie de COVID-19.
Mots-clés: COVID 19. Économie urbaine. Foires. Genre. Ethnographie.

Caminos de género en las *feras* de Bissau: resiliencia y desafíos de las mujeres guineanas en contextos de vulnerabilidad frente a los impactos sociales y económicos de la COVID-19

RESUMEN: En Guinea Bissau, las *feras* - palabra en Crioulo para *"*feiras*"* - ejercen un significativo papel en la vida económica, social y cultural do país. Son lugares de intensas actividades de compra y venta de mercaderías, que también engloban cuestiones de emancipación femenina, puntos de encuentros y reencuentros, narrativas históricas, vivencias y experiencias compartidas. De esta forma, se configuran como espacios públicos plurales y privilegiados desde un punto de vista etnográfico, donde una serie de complejas relaciones socioculturales se desarrollan. En este contexto, la presente tesis tiene como objetivo comprender, por medio de una perspectiva antropológica-femenina, la dinámica socioeconômica de las mulheres guineenses, que pueden ser *bideras* (vendedoras oficiales de feria), *fassiduris di bida* (mujeres que se ganan la vida vendiendo), *sumiaduris* (vendedoras que cultivan huertos) o *bindiduris* (vendedoras en general), están em movimento com sus mercaderías, desempeñando papeles activos en las tres principales *feras* locales: *Bande, Caracol* y *Bairro Militar*, todas estas localizadas en la ciudad de Bissau, capital de la Guinea Bissau, antes, durante y después de la pandemia. El estudio es el resultado de una investigación de naturaleza etnográfica, cuyo proceso metodológico combinó investigación etnográfica online y trabajo de campo presencial. Para ello, se emplearon técnicas de narrativa oral en plataformas digitales, tales como redes sociales, mensajes y audios compartidos con *mindjeris di fera* (mujeres de las ferias). Durante el período de investigación, los principales métodos de trabalho etnográfico incluyeron conversaciones informales, transcripción y análisis posterior de los datos. Las últimas etapas de la investigación tuvieron lugar en la ciudad de Bissau, con el foco en las *bideras* y en las *fassiduris di bida*. El análisis se centró en la problematización de las relaciones de género y trabajo, y de cómo ellas fueron afectadas por la pandemia. Los resultados indican que mis interlocutoras de investigación son responsables por la organización de una gran parte de la subsistencia material y simbólica en el país, cosa que se tornó notoria y acentuada durante la emergencia de la pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: COVID-19. Economía urbana. *Feras*. Género. Etnografía.

Kaminhus di zeneru na fera di Bissau: resiliensia i desafius di mindjeris guinensis na kontextus di vulnerabilidadi dianti di mpactu sosial i ekonomika di COVID-19.

RUSUMU: Feras di Guiné-Bissau tene un papel mportanti na bida ekonomika, sosial i kultural di país. I lugaris nde ki ta fasidu mangadel di kompra i bindi kusas, tambi e tene mpactu na keston di nmansipason feminina, papia e ta serbi di espasu di nkontrus i renkontrus, narativas storikas, vivensias i speriensias ki mindjeris ta troka entri elis. Pa kila e ta konfigura suma espasus publikus plurais i priviledjadus, nde ki ta akontisi mangadel di kumplisidadi di relasons sosiokulturais komplexu. Asin es tarbadju di tese tene suma obidjetibu di kumprindi, atrabes di perspetiva di antropologia-feminina, dinamika sosioekonomika di mindjeris guinensis, ki ta tchomadu mindjeris bideras, fasiduris di bida, ki ta movimenta merkadurias na feras di país. Na es tese no studa so mindjeris ki ta tarbadja na tris prinsipais feras di Bissau: Fera di Bande, Caracol i ku Bairro Militar, antis, duranti i dipus di pandemia di Covid-19. Na es studu no adota metudu etnográfica, pa tene no dadus di analisi, no kombina piskisa online ku trabadju di kampu ku fasidu na es feras di Bissau. Na piskisa online no uza narativas verbais ki no tira na plataformas digitais, suma tambi na redis sosiais, atrabes di mensazens i audius di mindjeris di fera. Na piskiza di kampu, na Bissau, no fasi djumbai ki mindjeris bideras, dipus se falas transkibidu i analizadu. No analisi problematiza relasons di zeneru, trabadju di mindjeris i pandemia na Guiné-Bissau. Rezultadus mostra kuma no partisipantis, mindjeris bideras di feras di Bissau, e ta desempenha un responsabilidadi garandi na bida ekonomika di país, ma, na tempu di pandemia di COVID-19 e tene difikuldadi na fasi se tarbadju.

Palabras-tchabi: COVID-19. Ekonomia na cidade. Feras. Zeneru. Trabadju.

LISTA DE IMAGENS

1.3 organização dos capítulos 25
Imagem 1: Rheinland Pfalz 133
Fonte: Emmanuel Nshakira Rukundo 134
Imagem 2 -Paulete em Canchungo, cidade localizada na região de Cacheu, Guiné-Bissau. 143
Fonte: Peti Mama (2020). 143
Imagem 3 - Mulheres produtoras no “Lumu” (feras semanais) de Buba, Região de Quinara, Sul da Guiné-Bissau. 162
Fonte: Miguel de Barros (2020). 162
Imagem 4 - Sensibilizadora 165
Fonte: Equipe de vacinação do hospital regional de Bafatá 165
CAPÍTULO IV 170
Mulheres na estrutura política, social e econômica na Guiné-Bissau: qual realidade? 170
Imagem 5 - Placa de mercado Bandim no pós-pandemia 156
Foto: Peti Mama. Acervo da pesquisa, 2022. 156
Imagens 6 - Três mercados em Bissau. 162
Fonte: Juviliano Costa (2023). 162
Imagens 7 -Bancada de peixes exposta ao ar livre por duas mulheres bideras em Bande 166
Fonte: Genésio Gomes Sá (2020). 166
Imagem 8 - Cotidiano de feras de B. Militar antes da exposição dos produtos comerciais 168
Fonte: Ministério de Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau, 2019. 168
Imagem 9 - Pimentão 169
Fonte: Ministério da Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau. 169
Imagem 10- Djakatu, pimentinha k sukur 169
Fonte: Ministério da Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau. 169
Imagem 11- kamati 170
Fonte: Ministério da Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau. 170
Imagem 12- Cenouras 170
Fonte: Ministério da Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau. 170
Imagem 13- Pis-sinhu, fumadu, ostra seku, skalada, cambé 171
Fonte: Ministério da Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau. 171
Imagem 14- Pis-fumadu, ostra seku, skalada, cambé, kundjurbedja 171
Fonte: Ministério da Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau. 171
Imagem 15 - Joselina Mendes e Djana Seide em Bancada de verduras, Fera de Bairro Militar. 174
Foto: Mariama Djau. 174

Imagem 16 - Mesas estão dispostas dentro da fera de Bande. 178
Fonte: Peti Mama (2023) 178
Imagens 17 - Mesas de verduras, fera de Bande 179
Imagens 18 -Interlocutora Dehe Nhaga, fera de Quelele no pós-pandemia 180
Fonte: Érico Brito 180
Imagem 19: Interlocutora Dehe Nhaga 195
Autoria: Érico Brito. 195
Imagem 20: A situação das estradas nos períodos que variam de julho a outubro. 197
Autoria de: Ação Ianda Guiné 197
Imagem 21 - Interlocutora Inácia Gomes. 210
Fonte: arquivo pessoal (2020). 210
Imagem 22 - Interlocutora Mariatu Djamanca. 215
Fonte: arquivo pessoal (2022). 215
6.4 Entrelaçando as interseções: gênero e cuidado 219
Imagem 23 - Tereza Cardoso e Aida Sá 260
Fonte: Noemia Monteiro (2022) 260
Imagem 24-25: Putis e vasos 262
Fonte: Miguel de Barros (2022) 262
Imagem 26 - Panus de Mariama Djau no cruzamento entre Caracol e Bande 264
Fonte: Peti Mama (2023) 264
Imagens 27 - Pedro e João comprando os panus de Mariama 265
Fonte: Peti Mama (2023). 265
Imagem 28- Panus di pinti, Caracol 267
Fonte: Peti Mama (2022). 267
Imagem 29: No campo de pesquisa, Bissau, 2022. 273
Fonte: João Colares (2022). 273
Imagem 30: Estrada principal da cidade de Bissau 280
Fonte: Peti Mama (2022). 280
Imagem: 31, 32 e 33: estrada principal que dá acesso ao mercado de Bande e Caracol 282
Fonte: Peti Mama (2022) 282
Imagem 34: Barraca de mulheres compartilhadas por mesas de verduras e legumes 284
Fonte: Peti Mama (2022). 284
Imagem 35, 36 e 37: Outro ângulo de mesas ocupados por bideras 287
Fonte: Peti Mama (2022) 287
Imagem 38: mulheres na fera de Quelele 288
Fonte: Érico Brito (2023) 288
Imagem 39: Beira de estrada, Bande, entre mulheres e homens 289
Fonte: Miguel de Barros (2023). 289

Imagem 40-41: Setor masculino de venda 290
Fonte: Peti Mama (2022) 290
Imagem 42: Entardecer em uma parte de Bande 291
Fonte: Peti Mama (2022) 291
Imagem 43: mulheres ambulantes com bacias de produtos na cabeça 292
Fonte: Peti Mama (2022) 292
Imagem 44: Beira de estrada, Bande, entre mulheres e homens 293
Fonte: Miguel de Barros (2023). 293
Imagem 45-46: Mulheres a caminho de suas barracas 294
Fonte: Miguel de Barros (2022). 294
Imagem 47-48: Homis em Bande 296
Fonte: Miguel de Barros (2022). 296
Imagem 49:Futi 297
Imagem 50: Caldo de Mancarra 298
Fonte: Peti Mama (2022). 298
Imagem 51: Caldo de Bagre fumado 298
Fonte: Peti Mama (2022). 298
Imagem 52: Caldo de Tcheben 299
Fonte: Peti Mama (2022). 299
Imagem 53: Caldo di siti k badjiki 299
Fonte: Peti Mama (2022). 299
Imagem 54: Siga 300
8.4 Desafios de saúde pública em Bissau: relatos de problemas no tratamento e gestão de resíduos em feras por mindjeris bideras 301
Imagem 55-6: acúmulo de resíduos 303
Fonte: Peti Mama (2022). 303
Imagem 56 e 57: Fera Bande às 19h 306
Fonte: Peti Mama (2022) 306
Documento 01 – Primeira declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS), sobre a prevalência da Pandêmia SARS-COVID, datada de março de 2020. 313
Documento 02 – Primeira declaração presidencial do estado de emergência 313
Documento 02 -Primeira declaração do governo guineense. 314
Documento 03 Última declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS), sobre o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19, datado em 05 de maio de 2023. 316
Fonte: Disponível em: https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente Acesso em 6, maio. 2023. 316
Documento 03- Mapa regional da Guiné-Bissau 316
Documento 04- Mapa nacional do país. 317

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACEGID	African Centre of Excellence for Genomics of Infectious Diseases
AMAE	Associação Guineense das Mulheres em Atividades Económicas
BM	Banco Mundial
CDC	Centros de Controlo e Prevenção de Doenças na África
CNAPN	Comité Nacional para o Abandono de Práticas Nefastas à Saúde da Mulher e Criança
COVID-19	Coronavírus (SARS-CoV-2)
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa
LGDH	Liga Guineense dos Direitos Humanos
MASPF	Ministério de Assuntos Sociais e da Promoção Feminina
MMFPS	Ministério da Mulher, Família e Proteção Social
MSF	Médicos Sem Fronteiras
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização não-governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PAE	Programas de Ajustamento Estrutural
PAIGC	Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
PJ	Polícia Judiciária
PPGA	Programa de Pós-Graduação em Antropologia
PPGAS	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
REMPSECAO	Rede de Paz e Segurança de Mulheres da África Ocidental
RENLUV	Ministério da Justiça, Tribunal de Famílias, Rede Nacional de Luta contra Violência de Género
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
UFPA	Universidade Federal do Pará

UN-HABITAT	Programa das Nações Unidas para os Assentamento
UNECA	United Nations Economic Commission for Africa
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
VIH ou HIV	Vírus da imunodeficiência humana
WACCBIP	Centro de África Ocidental de Biologia Celular de Patógenos Infecciosos

Quadros

Quadro 1: baliza cronológica de 1973 a 2019
Quadro 2- De forma sistemática em ordens
Quadro 3- monitoramento de sites sobre COVID-19 e sua finalidade.
Quadro 4: Acompanhe o quadro de perfil das minhas interlocutoras
Quadro 5: Considerações de Interlocutora Nhaga
Quadro 6: Algumas das palavras do uso comum guineense nas feras

SUMÁRIO

CAPÍTULO I **2**
Feras de Mindjeris: por uma antropologia decolonial entre mulheres na Guiné Bissau **2**
1 Narrativas femininas na Guiné-Bissau **2**
1.1 Entrelaçar os nóos familiares e as balizas de pesquisa **12**
1.2 “Nô kussas na dana sin feras [nossos produtos vão estragar”] sem a possibilidade de vender nas feras: a proposta desta pesquisa 16
CAPÍTULO II **29**
“Abo k ta scrivi kussas li, scrivi dê”: Dos caminhos metodológicos ao objeto de estudo 29
2 Entre o ser e o fazer antropológico na era da COVID-19 49
2.1 Estratégias metodológicas: trabalho de campo virtual e presencial 52
2.3 Escolhas e caminhos **64**
CAPÍTULO III 83
“UM VÍRUS VINDO DA ÁSIA E EUROPA”: Ações de vigilância à saúde durante a pandemia da COVID-19 em Áfricas. 83
3 Projeções e discursos acerca da pandemia de COVID-19: da escala global à nacional **122**
3.1 Gênero, Mulheres e a Pandemia: uma análise do contexto atual **135**
3.2 Memórias presentes no cenário epidêmico: reflexões sobre o passado e crises recentes 140
3.2 “Li, djintis djunta nan contra es dueça [Aqui, as pessoas se juntaram contra este vírus]”: união para combater a COVID-19 **159**
3.3 Guiné-Bissau no pós-pandemia: COVID-19 e cobertura vacinal 164
4 Trazendo a história à luz: mulheres no contexto da Guiné-Bissau **123**
4.2 África Subsaariana e mulheres na economia-informal: contribuições para o debate **128**
4.3 Mulheres guineenses e o trabalho informal: desafios e contribuições **139**
5 Feras ou mercados? as mulheres em contexto pós-pandemia na Guiné-Bissau **156**
5.1 As feras, as mulheres e três mercados de Bissau **160**
5.2 Fassiduris di bida/bideras e feras em Bissau **173**
6 Feras como “circuito” da economia em Guiné-Bissau: “antes das barracas nas feras, vais atrás do que se coloca nela” **192**
6.1 Interlocutoras em movimentos 193
6.2 Rotas comerciais: Dehe, Maria Antônia e Mariatu 201
6.3 Eu, mulher, clamo meu direito: fassiduris de bida em contextos de COVID-19 205
7 Arte da compra e revenda: desvendando estratégias no comércio **248**
7.1 Empoderamento e resiliência das mulheres nas feras públicas de Bissau 252
7.2 Emancipação feminina no setor de comércio: o protagonismo e a contribuição das mindjeris guineenses nas feras **259**
8. Flexibilidade Antropológica no olhar **271**
8.2 De familiaridade ao um exercício de escuta antropológica 272
8.3 Perceber Guiné-Bissau e mindjeris k homis em imagens fotografadas durante e após a pandemia. 279
Caminhos de gênero nas feras de Bissau **289**

CAPÍTULO I

Feras de Mindjeris: por uma antropologia decolonial entre mulheres na Guiné Bissau

Ganhar nomes ou apelidos por parte das mulheres nas feras de Bissau é uma prática comum e ocorre praticamente com todas as frequentadoras e os frequentadores. Minha interlocutora, Dehe Nhaga, que está localizada na fera de Quelelé, Bissau, disse-me: "Você é minha filha. Minha filha que conta nossas histórias (...), que veio para descrever o que eu faço aqui [Bissau]. Você é minha filha[2]".

[2] Ou seja, quando eu chegava em barracas "*di mulheris di fera"*, elas já me chamava em voz alta de "minha filha", "pega isso que tá fresco… hoje não vai levar peixe, *kamati, djakatu, sukul*,.". Elas sabem que estou

escrevendo ... estou contando “suas histórias”, mas, acima de tudo, sou uma compradora, uma *“fassidur di fera*” e filha *di fassiduris di bida.* Portanto, este primeiro capítulo será parte desta história sobre mulheres do meu país.

1 Narrativas femininas na Guiné-Bissau

Feras, assim mesmo sem "*i*", é como se escreve em crioulo-guineense, língua falada nacionalmente no meu país, somos um país pertencente à lusofonia, entretanto nosso português se diferencia da herança lusa, tal qual acontece no Brasil e nos demais países da comunidade lusófona. Por isso, adotarei essa grafia nacional nesta narrativa antropológica feminina. Da mesma forma, manterei a grafia de alguns nomes, palavras e termos específicos do uso guineense, que são produtos do mercado local. No contexto do português brasileiro, por exemplo, não encontrei equivalentes adequados para esses termos. Assim, durante a leitura do texto que segue, podem surgir termos do Crioulo não traduzidos, porque esta tese, além de ser resultado da pesquisa doutoral que aborda as atividades realizadas por mulheres guineenses nas *feras* dispersas em Bissau, capital do país, discute os meios de subsistência em diferentes fases: antes, durante e após a pandemia de COVID-19. Também é parte das histórias de *bideras* oficiais, falantes do crioulo e de línguas étnicas bissau-guineenses. A investigação foi conduzida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). A tese teve como foco central a identificação e descrição dos efeitos provocados pela pandemia da COVID-19 na prática socioeconômica das mulheres na Guiné-Bissau. Especificamente, o estudo concentrou-se nas *feras* de *Bande, Caracol* e *Bairro Militar*, localizados em Bissau, espaços públicos que abrigam diversas dinâmicas sociais, culturais, econômicas e políticas. No entanto, antes de abordar esse ponto central, é essencial discutir os antecedentes e inquietações que moldaram minha pesquisa de mestrado, bem como os caminhos que me conduziram até esta tese. Afinal, em 2018, mais precisamente de agosto a novembro, conduzi uma pesquisa para a obtenção do título de mestre em Antropologia, realizada em colaboração entre a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e a Universidade Federal do Ceará (UFC). Minha dissertação, intitulada "Mulheres em Associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em *Babock* e *Bontche*", teve como princípios o estudo das relações sociopolíticas e ideológicas inseridas em redes que conferem poder simbólico às mulheres no país. Essas redes oferecem suporte para atividades como agricultura, comércio e costura. Essas associações de *Babock*[3] e cooperativa *Bontche*, são geralmente, constituídas por pessoas - majoritariamente mulheres - que mantêm uma relação de confiança e, estabelecem entre si laços de amizade,

[3] A *Babock* localiza-se na região de Cacheu, setor de Canchungo e a Cooperação *Bontche* no bairro de São Paulo na capital Bissau, Guiné-Bissau (África Ocidental).

parentesco, vizinhança ou profissão, e de forma relativamente independente da classe social ou etnia, se juntam para realizar as atividades que geram rendimentos e contribuem para o sustento familiar, por conseguinte para o benefício de suas comunidades ou de seus bairros e *tabancas*[4].

Após a finalização desta pesquisa, surgia a premissa de que mulheres estão fracamente inseridas e envolvidas nas estruturas do Estado guineense por desempenharem um papel fundamental em outras esferas privadas (familiar, redes comunitárias, associações, cooperativas, dentre outros espaços sociais) uma vez que são responsáveis pelas tarefas de cuidado e reprodução doméstica, assim como pelas atividades econômicas vinculadas a compra e venda de produtos agrícolas no contexto da economia informal. Cabe recordar que na Guiné-Bissau, há outras fontes ou tipos de poder em que as mulheres exercem suas forças. No fim das contas, um grupo de mulheres que se responsabiliza por mais da metade (55%) da economia nacional através das suas atividades diárias, sugere que as mesmas estejam ausentes em outros lugares, como no caso das instituições públicas – Estado (Gomes, 2019).

Assim, essa ausência das mulheres em instituições públicas formais é vista só após a independência do país a partir de considerações tecidas pela socióloga guineense e professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab, Artemisa Odila Cande Monteiro (2013). A participação feminina no processo de luta de libertação nacional contribui muito para a emancipação política feminina: “as mulheres [que] foram suportes principais na manutenção das bases de luta, tornaram necessária a política de organização do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) para o desenvolvimento da luta de libertação nacional” (Cande Monteiro, 2013: 21). Essa situação ocorre a partir da criação do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), as mulheres guineenses conquistaram os seus direitos nos espaços políticos e civis. Cenário evidenciado nos documentos elaborados pelo PAIGC, nos quais se exigia a garantia da equidade de gênero em seu programa de ação:

> estabeleceu a igualdade entre os homens e as mulheres afirmando que os homens e as mulheres gozam dos mesmos direitos na família, no trabalho e nas atividades públicas. Se considerar o contexto político-social da época, estas palavras traduziram-se numa

[4] Na Guiné-Bissau, as *tabancas* são conjuntos ou associações de vizinhanças que se entreajudam cotidianamente. Ela está muito associada a uma determinada região ou setor, formada por diferentes famílias que compartilham espaços de sociabilidade.

> verdadeira revolução e inovação em relação ao estatuto da mulher na esfera pública (Gomes, 2012: 06).

No entanto, é importante reconhecer que, apesar desses avanços, ainda há desafios persistentes em relação à efetiva participação das mulheres na política guineense. A escritora guineense e professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Patrícia Godinho Gomes (2016), ressalta que as trajetórias das mulheres consideradas heroínas a nível nacional - aquelas que participaram ativamente na luta anticolonial - representam inquestionavelmente o orgulho e o exemplo de emancipação feminina no país. Contudo, apesar do reconhecimento estatal das contribuições históricas das mulheres após seu envolvimento na luta de libertação da Guiné-Bissau e Cabo Verde, a presença feminina nos partidos políticos não se alinha de maneira adequada com o acesso a essas lutas. Um exemplo concreto (Barros & Semedo, 2012) é que, desde 1994, apenas uma mulher, Antonieta Rosa Gomes[5], figurou como candidata entre os candidatos homens, tanto em 1999 quanto em 2005, ela tentou se candidatar às eleições presidenciais. Esta conjuntura, destaca uma disparidade evidente entre a participação histórica das mulheres nas lutas de libertação e no processo de democratização do país, e sua sub-representação subsequente na esfera política.

Para a escritora, política e professora guineense, Maria Odete da Costa Soares Semedo e o sociólogo guineense, Miguel de Barros (2012), 1999 a 2004 foi o período que contou com menor representação de mulheres guineenses na estrutura de Estado devido ao conflito político-militar de 1998-99, impactando de uma forma vigorosa no aumento do protagonismo masculino através da cultura de *matchundadi*[6]. Cultura essa que enfraqueceu

---

[5]Antonieta chegou a exercer cargos como de Ministra da Justiça (2000-2001) e Ministra dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação Internacional (2001), durante a presidência de Kumba Yalá. Foi presidente da Assembleia da Federação das Mulheres da Guiné-Bissau (2003-2011) e a primeira e única mulher candidata às eleições presidenciais da Guiné-Bissau (1994, 1999 e 2005) e na África Ocidental.

[6] Expressão que significa “macho” ou “macho” e “viril”, segundo pesquisa etnográfica de Joacine Katar Moreira (2017). “A *cultura di matchundadi* consiste num conjunto de valores, comportamentos, símbolos e práticas norteados por uma visão do mundo baseada em características entendidas como próprias dos homens e das masculinidades, nos quais se destacam o exercício da força (força física e força simbólica), a exaltação da coragem e da rebeldia, a capacidade de intimidação (através, por exemplo, do medo e da repressão) e o exercício da violência (física, institucional, política, social e simbólica), funcionando estes como medidores do poder e da influência de indivíduos ou grupos perante os seus pares e perante a sociedade” (Moreira, 2017, p.19). A autora analisa o modo que se dão as articulações entre Gênero, Violências e Instabilidade Política na Guiné Bissau, a partir da cultura supracitada como o motor da vida política no país, isto é, o conceito desenha política e o Estado guineense na contemporaneidade; logo, ela [“a *cultura di matchundadi”*], esteve e está presente na consolidação de estruturas políticas, sociais e econômicas de Guiné, assim, suas consequências vêm impactando direta e indiretamente as pessoas e suas participações políticas, por ser uma cultura que “encontra-se (sente-se) acima da lei e a impunidade é, para além do exercício da violência” (p.19).

a presença das mulheres na lista dos partidos políticos, melhor dizendo, a cultura de *matchundadi* inferioriza o gênero feminino nas relações de poder e na tomada de decisão. E, "apesar de alguma evolução em termos de direitos cívicos, econômicos e sociais, a política continua a ser o espaço da sociedade dominado por valores e atitudes masculinas, mantendo-se um reduzido acesso pelas mulheres a esse território" (Semedo & Barros, 2012: 16). É inegável reconhecer que a representação majoritária de homens nesses lugares e seus discursos na arena política (institucionalizada), afetam a participação das mulheres, fortalecendo barreiras culturais, discriminação de gênero, violência política e falta de acesso a recursos e oportunidades. Esse contexto na Guiné-Bissau justifica o panorama observado nas eleições de junho de 2012, que não contaram com um único registro feminino nas listas que somavam a participação de 14 pré-candidatos, todos homens.

Entende-se que as barreiras institucionais e culturais também impedem a participação das supracitadas na arena política-formal. Por exemplo, as discriminações de gênero e os estereótipos ditam como as mulheres bissau-guineenses são vistas e tratadas dentro da máquina do Estado da perspectiva das leis eleitorais que favorecem os candidatos do sexo masculino no país, sobretudo de um pacto político da cultura de *manchundadi* (Moreira, 2017), antecedem os maiores desafios que afetam a inserção de mulheres guineenses pertencentes a diferentes grupos étnicos no Estado Nacional "reconstruído" no pós-independência depois das primeiras eleições multipartidárias (presidenciais e legislativas) que tiveram lugar no dia três de julho de 1994.

> A maior porcentagem de mulheres (20%) na Assembleia Nacional Popular foi alcançada em 1988-1994, quando ainda vigorava o regime monopartidário. Desde então tem havido um declínio havendo hoje apenas 10%. O aumento na participação feminina no período pós independência parece estar ligado a um fator apelo à participação das mulheres em todos os níveis da luta de libertação nacional. Este tipo de incentivos e motivações não voltaram a ser enfatizados (Semedo e Barros, 2012: 13).

Compreender que esses desafios são inter-relacionados às expectativas sociais e culturais, ou seja, a não participação igualitária de mulheres nos lugares de tomada de decisão no Estado-nacional, nos partidos políticos e no parlamento guineense, teria me propiciado, inicialmente, ingressar com a proposta de projeto para seleção de doutoramento no PPGA para analisar as relações de *Gênero, Etnia, Identidade e Política em Guiné-Bissau Independente* (1973 a 2019).

Quadro 1: baliza cronológica de 1973 a 2019

24 de setembro de 1973	Proclamação oficializada da independência da Guiné-Bissau.
1973-1990	Período de regime do partido único sob a liderança do PAIGC e dos seus líderes, Luís Cabral (1973-1980) e João Bernardo Nino Vieira (1980-1990), este último foi assassinado em 2009.
1980 - 1989	Ruptura com o Estado binacional: Guiné e Cabo Verde, que resultou num golpe de Estado liderado por João Bernardo "Nino Vieira" que destituiu o presidente Luís Cabral, e assumiu o poder.
1990 - 1991	Início do processo de democratização com alteração do artigo 4o da Constituição da República, que antes considerava o PAIGC como a única força política no país, a sua queda deu abertura ao multipartidarismo.
1994	Realização das primeiras eleições multipartidárias no país, que culminou com a vitória do PAIGC.
1998-1999	Conflito político-militar entre o governo liderado por João Bernardo Vieira (Nino) e a coalizão de partidos políticos e grupos armados.
2000	Intervenção militar liderada pelo Senegal para pôr fim ao conflito.
2009	Assassinato de João Bernardo Vieira em um golpe de Estado.
2009	Eleição presidencial e legislativa, com a vitória de Malam Bacai Sanhá.
2012:	Novo golpe de Estado, liderado pelo general António Indjai, que depôs o governo de Carlos Gomes Júnior - "Cadogo"
2014:	Eleição presidencial e legislativa, com a vitória de José Mário Vaz como Presidente da República e Domingos Simões Pereira

	como primeiro-ministro, ambos do PAIGC.
2015:	Crise política e institucional que colocava, de um lado, o Presidente José Mário Vaz e, do outro, o Primeiro Ministro Domingos Simões Pereira, que resultou na demissão e nomeação de vários primeiros-ministros, num período menos de 5 anos.
2019:	Realização da eleição legislativa, com a vitória do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).
2019:	Eleição presidencial, com a vitória de Umaro Sissoco Embaló como Presidente da República.

Fonte: Elaboração própria

A escolha da baliza cronológica de 1973 a 2019 se justificava pelo fato de que, no intervalo entre a independência até 1990, o país adotou um regime de partido único, e a partir de 1991 ocorreu a transição para um sistema multipartidário, culminando com a realização das primeiras eleições gerais no país em 1994. O ano de 1990 foi marcado pelo início do regime monopartidário que teve as primeiras eleições legislativas e presidenciais no país como consequência, representando um momento histórico no processo democrático da Guiné-Bissau. Nesse período, o partido-Estado emergiu das diversas identidades étnicas, contribuindo de maneira inegável para a formação da identidade nacional e resistindo a qualquer forma de "alienação cultural" (Cande Monteiro, 2013).

Nesta breve introdução ao papel feminino e à agência das mulheres na arena política da Guiné-Bissau nos últimos anos, constata-se que houve uma participação feminina limitada dentro da estrutura do Estado Guineense. As mulheres[7] predominam atuando no espaço público informal - com formas políticas diversas ainda pouco estudadas. Nos períodos eleitorais, por exemplo, elas ininterruptamente são vistas nas bancadas de comícios como apoiadoras e como parte da máquina de propaganda política dos candidatos (através de vestimentas representativas dos candidatos) e dos partidos durante as campanhas eleitorais, acompanhando os discursos e aplaudindo ao lado dos homens. Considerando também a literatura contemporânea de intelectuais e pesquisadoras que informam sobre a inserção das

[7] Estão como poucas protagonistas na cena política formal e partidária.

mulheres na estrutura do Estado na Guiné-Bissau, Artemisa Cande Monteiro (2013), Patrícia Godinho Gomes (2015 e 2016) e Joacine Katar Moreira (2017) discutem, em algum momento em suas pesquisas, os processos histórico-sociais das mulheres que remontam à primeira constituição da República[8].

Tal como, na tese sobre "Guiné-Bissau: da luta armada à construção do estado nacional - conexões entre o discurso de unidade nacional e diversidade étnica (1959-1994)" de Artemisa Odila Candé Monteiro, a autora problematiza e discute a história da Guiné-Bissau desde o início da luta armada pela independência até o período pós-independência, mais especificamente de 1959 a 1994. Em seu trabalho, a socióloga analisa a relação entre o discurso de unidade nacional e a diversidade étnica no país durante esse período importante de história da Guiné-Bissau. A historiadora Patrícia Godinho Gomes (2015 e 2016), especialista em estudos sobre as mulheres na Guiné-Bissau, em particular, e nos PALOP de modo geral, retoma a discussão a respeito da política formal e os processos de emancipação das mulheres no país. A autora descreve a participação das mulheres na política, nos movimentos sociais e em outras áreas da sociedade bissau-guineense, compreendendo que havia uma ausência de escritos acerca da participação feminina na luta armada e na reconstrução nacional da Guiné-Bissau e Cabo Verde. Pois, quem escreve, escreve a partir de um lugar, e naquele momento, final dos anos noventa, as escritas historiográficas sobre a Guiné-Bissau eram apenas centradas nos homens, onde "as outras vozes" da história, feminina, foram ausentes e invisibilizadas. Por fim, Joacine Katar Moreira, em sua tese (2017), discorre como ocorreram as articulações entre gênero, violência e instabilidade política na Guiné-Bissau, a partir da cultura "*di matchundadi*", que atua como um motor na vida política guineense. Em outras palavras, o conceito desta cultura está presente na consolidação das estruturas políticas, sociais e econômicas no país, e suas consequências têm impacto direto e indireto nas pessoas e em suas participações políticas, uma vez que, "o homem *matchu* (que funciona na lógica da cultura di *matchundadi*), encontra-se (sente-se) acima da lei e a impunidade é, para além do exercício da violência, uma das suas principais características" (p.16).

[8] Adotada em 1984, após o país ter alcançado a independência de Portugal em 1973, a primeira Constituição da Guiné-Bissau estabeleceu os fundamentos legais e organizacionais do Estado recém-independente. Essa Constituição era baseada na ideologia da época, com influências do socialismo e do marxismo. No entanto, em 1991, o país passou por mudanças políticas significativas, incluindo a transição para um sistema multipartidário e a adoção de uma nova Constituição que refletia uma abordagem mais democrática e pluralista.

Estas leituras, me inspiraram a partir do seguinte objetivo: compreender a participação das mulheres tanto no período do regime de partido único quanto durante a era democrática. Essa questão se mostrava necessária para identificar e reconhecer as barreiras e desafios que impediam a inclusão permanente das mulheres nas esferas públicas, oficiais e governamentais de tomada de decisões desde o início do processo democrático. Também, era relevante problematizar os debates no país em torno das mulheres e suas inserções em posições de destaque por meio das políticas implementadas pelo Estado independente. Paralelamente, era importante analisar como a participação das mulheres nas lutas pela independência foi modificada ou até mesmo se tornou inexistente no cenário pós-independência. Questão que me permitiria compreender a necessidade da participação contínua das mulheres no governo do país na atualidade. A adoção de medidas e mecanismos para impulsionar a participação feminina, como a recente lei de cotas aprovada em agosto de 2018, também constituía um ponto de interesse para o meu trabalho.

> O parlamento da Guiné-Bissau aprovou a lei das quotas com 76 votos a favor, atribuindo uma quota de 36% de lugares elegíveis ocupados pelas mulheres no parlamento nacional, constituindo assim um princípio de construção de igualdade e equidade representativa nos órgãos de decisão com vista a maior democraticidade do poder político, na qual a agenda para igualdade constitui o elemento central da transformação desejada após a abertura democrática de 1994 no país (Gomes & Candé Monteiro, 2020: 156).

Essa análise mais abrangente possibilitaria-me uma compreensão extensa das mudanças históricas, desafios presentes e a importância de uma representação feminina efetiva no Estado guineense contemporâneo. Para isto, tinha como parâmetro os estudos e reflexões voltados às relações de gênero e identidades étnicas na esfera pública formal da Guiné-Bissau, a partir de uma perspectiva assumidamente africana - bibliografias de autoras que tratam sobre diversos universos sociais africanos - Oyěwùmí oyèrónké (2010), Amina Mama (2010), Patricia Gomes (2012), Joacine Morreria (2017), Ifi Amadiume (1987), Bakare-Yusuf (2003), Jimi Adesina (2012), entre demais cientistas. Para além do diálogo com as autoras selecionadas, outras fontes como discos, fitas magnéticas, pesquisa documental, aqui, representaria as análises dos dados governamentais desde a abertura política até as últimas eleições de 2019, outrossim, seus respectivos relatórios e suas estatísticas. Em outro momento, faria uma viagem para Bissau, como centro de referência da temática, onde teria acesso às bibliotecas e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), a fim de analisar a abrangência e o alcance sócio-político-ideológico da estrutura do estado guineense tido

como “reconstruído” na década de 1990 a partir das narrativas de Cande Monteiro (2017), assim como, recolher dados ou informações no campo, relativas às trajetórias e escolhas políticas de mulheres Bissau-guineenses.

No entanto, a chegada do novo coronavírus gerou mudanças impactantes na rotina global. Logo no início da pandemia, em dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu diretrizes unânimes de isolamento, incentivando a população a permanecer em casa. De acordo com a OMS (2020), a COVID-19 é uma doença respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2, com sintomas principais que incluem febre, cansaço ou fadiga e tosse seca. Em casos mais graves, a doença pode progredir para uma síndrome respiratória aguda grave, que pode ser fatal. Nesse contexto, duas estratégias se destacaram: o isolamento, que visava separar as pessoas doentes das não infectadas para reduzir o risco de transmissão, e o distanciamento social, considerado uma medida necessária para desacelerar a propagação do vírus.

Na Guiné-Bissau, essas medidas foram aplicadas de forma parcial. Em outras palavras, houve uma redução na interação entre as pessoas em diversos setores, especialmente nos grandes mercados das cidades (Bande e Caracol). Ora, as escolas foram fechadas e eventos foram cancelados ou proibidos, caso envolvesse mais de dez pessoas. No entanto, o país não chegou a implementar um *lockdown* completo, que consiste em uma intervenção rigorosa aplicada em todo o território. Também, foram adotadas medidas de quarentena, as quais têm como objetivo restringir o movimento ou circulação de pessoas que se suspeita terem sido expostas ao vírus da COVID-19. Essa precaução levava em consideração o período de incubação do vírus ou mesmo o fato de que algumas pessoas podem ser assintomáticas e, portanto, não serem identificadas imediatamente por meio dos sintomas. Desta maneira, quando falo de Coronavírus (COVID-19) refiro-me a uma família de vírus que causam infecções respiratórias e intestinais. A principal forma de transmissão ocorreu fundamentalmente pelo contato com pessoas infectadas e ao tocar objetos ou superfícies contaminadas.

Assim, a suspensão das atividades presenciais (ensino de pós-graduação), fechamento de fronteiras, do comércio e o cancelamento de eventos para evitar

aglomerações, representou uma ruptura na sociabilidade e convívio físico no início de 2020[9]. Como se observa abaixo:

> Ainda que a velocidade das transformações tecnológicas, midiáticas e organizacionais venha, já há algum tempo, alterando redes e processos de sociabilidade, comunicação e educação, a situação de emergência sanitária imposta pela pandemia da Covid-19 impôs às instituições de ensino e a seus agentes–docentes, discentes, comunidade escolar, familiares e a toda sociedade–a necessidade de formular ou adaptar caminhos, métodos e procedimentos para equacionar os desafios colocados por esse novo cenário: de instabilidade, de medo e de imprevisibilidade. Especificamente com relação às universidades públicas, a suspensão emergencial do ensino presencial a partir de março de 2020 suscitou o desenvolvimento de alternativas para o prosseguimento dos processos e rotinas técnico-científicas e pedagógicas, com desafios relativos à capacitação docente, discente e técnica para atuar nesse novo cenário (Mello e Ribeiro, 2022:02).

Os efeitos da pandemia afetaram, por sua vez, veementemente a produção acadêmica nas pós-graduações, sendo exigido a transição para o ensino remoto e a necessidade de reinventar metodologias e revisitar o paradigma do ensino presencial. Além das instituições precisarem se adaptar rapidamente a um novo cenário de "instabilidade, medo e imprevisibilidade", ou buscar estratégias, métodos e procedimentos para enfrentar os desafios, as pesquisas etnográficas foram afetadas a partir de março de 2020. É maiormente neste período que começo acompanhar os acontecimentos de Guiné-Bissau estando em Belém-PA, por meio de recursos virtuais, onde as conversas em âmbito familiar giravam em torno de questões como:

O vírus está vindo da Ásia! (Curandeira, Paulete Pereira, março de 2020);

- O vírus realmente existe? (Blandim Mendes, abril de 2020)

- Qual é a origem do Vírus? (Matéria de rádio sol mansi, Bissau, 2020);

- Quais são os seus efeitos? (Aissatu Mendes, abril, 2020)

- Como ele se manifesta no corpo humano? (Sábado Lima, maio de 2020);

- Achas que chegará aqui (Canchungo, Guiné-Bissau)? (Agricultora, Ana Maria, diário de campo, 2020);

- Conheces alguém infectado - suas colegas do doutoramento? (Nantu Gomes, abril, 2020);

- O que é preciso fazer para se proteger? (Cartaz colado no muro de *feira* de Bande, maio de 2020, diário de campo);

[9] Isso justificava a importância da quarentena como medida para reduzir a propagação do vírus e, consequentemente, controlar a pandemia.

- Como ficam os comércios? O que faremos se chegasse aqui com medidas para ficar em casa? (Inacia Gomes, abril de 2020).

A partir das preocupações manifestadas por minha família, pelas mulheres no mercado e pelas notícias, tomei a decisão de adquirir um caderno como uma ferramenta central para coletar dados empíricos. Inicialmente, meu objetivo era registrar minhas próprias inquietações, mas logo comecei a anotar as dúvidas que chegavam ao meu *WhatsApp*, bem como outros dados que considerei relevantes para minha pesquisa. Com o tempo, essas informações adicionais passaram a ser tratadas como dados antropológicos, tornando-se assim uma parte integral do meu estudo. Portanto, foi neste contexto marcado pelas mudanças e desafios trazidos pelos efeitos da pandemia de COVID-19, minha pesquisa de campo, iniciada em 2020, concentrou-se na problemática das mulheres *bideras* ou *fassiduris di bida* no espaço não formal da política. Essa condição me levou a uma definição provisória desse grupo como protagonistas ativas que influenciam o cenário político por meio de suas atividades em *feras* e outros espaços informais de interação social, cultural e econômica. O contexto histórico e social da pandemia revelou certas relações e transformações nesse espaço, destacando como as mulheres enfrentavam as adversidades impostas pela crise de saúde pública e também desempenharam um papel de grande importância na adaptação e na construção de respostas comunitárias diante dos desafios políticos e sociais emergentes na Guiné-Bissau.

1.1 Entrelaçar os nóos[10] familiares e as balizas de pesquisa

> *Não podemos entrar na filosofia, assim como na vida, senão misturados a uma história que nos precede e enredados em histórias que se tecem em torno e sobre nós. Histórias nas quais se sondam nossas próprias constituições e situações; históricas nas quais se separam narrativas intrincadas que nos levam e transportam em direção a um outro lugar; histórias que nós antecipamos por nossa audácia e que nos capturam; histórias,*

[10] Uso a noção de "*nóos*" no sentido de representar o coletivo não mensurável. Além das minhas histórias e das histórias da minha família, as mulheres que fizeram parte da minha pesquisa de mestrado também integram essas narrativas, entrelaçando-se com aquelas que atuam como interlocutoras de pesquisa doutoral. Ou seja, é um entrecruzamento de histórias, às vezes micros, às vezes macros.

> *finalmente, que se conjugam no condicional de tanto que suas armadilhas conduzem a língua às nossas categorizações arriscadas (BIDIMA, Jean-Godefroy, 2002: 07).*

As histórias, tanto as minhas quanto as da minha família, estão intrinsecamente entrelaçadas com a vastidão de Canchungo e com a extensão da Guiné-Bissau, tudo isso do ponto de vista feminino. Essas histórias abrangem experiências individuais e coletivas do passado, eventos históricos, narrativas compartilhadas e os tecidos sociais, políticos e culturais que as envolvem. Eu sou de etnia *Mandjaku*, filha de agricultores e comerciantes, nascida no norte da Guiné-Bissau. Segundo os relatos da minha mãe e tias, desde o estabelecimento do Estado pós-independente em 1973, houve uma série de omissões[11] sistemáticas do Estado-Nação em termos de política de trabalho formal, emprego e renda para as populações que residem no interior do país de modo geral. Continuamente, homens e mulheres das comunidades do interior mantêm-se a procurar formas de organização e sobrevivência. Minha história de vida foi construída na base dessa luta pela sobrevivência, com múltiplas influências na organização coletiva de mulheres no interior da Guiné-Bissau, concretamente na região de Cacheu, setor de Canchungo. Meus pais trabalham, de modo geral, abrangendo a integralidade da cadeia produtiva, quer dizer, desde a aquisição de insumos e sementes, plantio, cultivo, colheita, transporte, armazenamento e, consequentemente, a sua comercialização na *fera*[12] da cidade.

Para as colheitas chegarem nas *feras* de minha cidade, é indispensável destacar um aspecto primordial do setor agrícola na Guiné-Bissau: sua profunda dependência das condições climáticas. Certas atividades agrícolas dependem exclusivamente de estações específicas do ano[13], o que é determinante para o sucesso das colheitas. Os meses mais chuvosos são julho e agosto, durante os quais ocorre a preparação do terreno para o cultivo de arroz, milho, amendoim, mandioca, feijão e castanha de caju. De natureza igual, nesse período também é realizada a produção de mercadorias alimentícias essenciais, como hortaliças, legumes e verduras. Uma parte dos produtos (arroz, feijão, mandioca, milho, banana, leite de vaca, inhame) é consumida de forma interna, já outra parte (azeite de

[11] Notas de caderno de campo, setembro de 2018, Canchungo, Guiné-Bissau.

[12] Optei em manter o guineense referindo-se o criuolo. Sobre o assunto, consultar Augel, Moema Parente. O crioulo guineense e a oratura. Scripta, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 69-91, 2. sem./2006.

[13] Duas estações distintas: a estação da seca, de novembro a abril, e a estação da chuva, de maio a outubro e, os meses do inverno são dezembro e janeiro e verão de março a maio, Gomes (2016).

dendê, óleo de palma, abóbora, abobrinha, berinjela, pimenta-malagueta, pepino e tomate), além de ser consumida em parte, é comercializada nos pequenos estabelecimentos independentes (*feras*), assegurados pelas mulheres no espaço público, geralmente através de espaços fixos como mesas improvisadas nos principais corredores da cidade ou em locais estratégicos com grande fluxo de pessoas.

Blandim Mendes, minha mãe biológica e Aissatu Mendes, *kumbossa* de minha mãe[14], são conhecidas na cidade como "*bididuris"/*vendedoras ou "*bideras"* por administrarem o comércio de pequenos estabelecimentos, vendendo diversos produtos, hortaliças e frutas; legumes e verduras; assim como, vinho de palma e óleo de dendê, movimentando nossa crescente economia familiar. Blandim e Aissatu viajam regularmente para o Senegal, onde comercializam azeite de dendê e têm por lá clientes fixos[15]. O vocábulo *bidera* é tomado de empréstimo de Renato Aguilar, Huco Monteiro e Aquino Duarte (2001). Ao longo dos anos, a palavra *bidera* se tornou sinônimo de mulher que vende, e assim, a maioria, senão todas as mulheres espalhadas em *feras* livres, populares e comunitárias na Guiné-Bissau, em espaço de vendas informais, são culturalmente e socialmente conhecidas como *bideras*. Devido ao fato de que no criuolo guineense a palavra se pronuncia e se escreve *bidera*, manterei a grafia ao longo da escrita. "O termo *bideira*[16] nasceu da palavra *bida,* que em português significa vida, e designa a mulher que vende algo para ganhar a vida: *fassi bida.* Portanto, está-se perante uma atividade independente, exercida pela mulher por conta própria" (Aguilar; Monteiro e Duarte, 2001:43).

Em outras palavras, o comércio sempre foi uma alternativa para quem está desempregado nas regiões e no setor autônomo de Bissau. Assim como na minha família, mais da metade das mulheres no país construíram carreiras como: *fassiduris di bida* ou

---

[14] Sou filha de uma família poligâmica, meu pai casou-se com duas mulheres. Sobre esta questão ver dissertação de minha autoria intitulada: "Mulheres em Associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em *Babock* e *Bontche"*/Peti Mama Gomes. - Redenção, 2019.

[15] Em termos de distância, o percurso é consideravelmente longo e pode ser feito por várias vias: entre os meses de fevereiro a maio, elas [minhas mães] têm preferência por viagens de barco, período em que as passagens ficam mais acessíveis. De agosto a dezembro, optam por ônibus ou outros meios de transporte público, o que torna a jornada mais extensa e cansativa.

[16]Os autores Aguilar, Monteiro e Duarte (2001) acrescentam que: "O conceito inicial de *bideira* reenvia para a mulher que gerencia o pequeno comércio aliando ocupação do tempo livre e benefícios quase sempre supérfluos. Convém analisar que, com o tempo, duas mudanças importantes se verificaram na forma de estar neste negócio. Em primeiro lugar, esta atividade que se exercia ontem em frente da casa dos becos, apenas marginalmente nas feiras e mercados, tende hoje a serem exercidas massivamente no mercado e revestida como dinâmica completamente diferente" (p. 43-44).

bideras, conquistando clientes fiéis e transmitindo até mesmo a profissão para outras gerações da família. No meu caso, por exemplo, desde os meus quinze anos fui ensinada por mulheres mais velhas da família, majoritariamente, minhas mães a negociar os preços, armazenar produtos para venda, atrair clientes e a comportar-me bem com as pessoas que compartilham as mesmas bancadas e, igualmente, conquistar suas confianças. Esse caminho que trilhei ao lado dessas mulheres lembra-me muito a proposta do intelectual e político italiano Antonio Sebastiano Francesco Gramsci (1979) de distanciar-se das concepções hegemônicas. O autor rompe com a hegemonia tradicional dos intelectuais, que muitas vezes vêm das classes superiores e dominantes, especialmente do meio acadêmico. Em vez disso, ele propõe o conceito de "*intelectual orgânico*", que nos ajuda a entender as particularidades de organização e o fortalecimento de diversos grupos sociais, atuando diretamente na conscientização coletiva e, consequentemente, se afastando do conservadorismo tradicional.

Gramsci (1979) ao afirmar que o trabalho manual, braçal ou mecânico também envolve produção intelectual, ajudou-me a perceber a realidade guineense no que diz respeito à atividade exercida por mulheres através de suas técnicas de produção e comercialização, mesmo não tendo letramento escolar do ensino médio e superior, isto significa, não tendo a formação em Engenharia Alimentar, sabem a temperatura do solo, sua variedade, os inimigos da cultura[17] (pragas e doenças), qualidade da semente e sua durabilidade. As pessoas com as quais interagi pessoalmente entre outubro e dezembro de 2022 em Bissau destacam-se por suas intelectualidades ao dominar conhecimentos, práticas e estratégias de venda nas *feras*. Ao longo do trabalho, essa habilidade se tornará cada vez mais evidente. Por agora, destaca-se que essas mulheres possuem um extenso conhecimento sobre os diferentes tipos de solo e são capazes de escolher práticas agrícolas que se adequam às condições climáticas do ambiente. Isso resulta em uma variedade de abordagens de produção na Guiné-Bissau.

Outro aspecto que merece destaque é o fato de que a mão de obra utilizada normalmente nessas lavouras é proveniente do meu próprio núcleo familiar. Portanto, trata-se de uma produção que não depende muito da mecanização ou da tecnologia de ponta. Nesse sentido, pode ser considerada uma forma de "bricolagem"[18] (Lévi-Strauss,

[17] Refiro-me aos danos provocados pela perda de produtos semeados.

[18] A ideia de bricolagem para esta pesquisa também envolve experiência familiar, perspectiva antropológica e dados de campo que será retomada no tópico de metodologia.

1970) por se referir às atividades feitas por pessoas não especializadas, ainda, sem a ajuda de serviço 'profissional', principalmente. As mulheres na agricultura têm suas próprias técnicas de produção e vendas em Canchungo e em Bissau, apoiada numa relação de coletividade que une sistemas de preservação ambiental e disponibilidade de alimentos. Uma vez que grande parte das famílias guineenses (Gomes, 2019; Bolonha, 2013; Gomes & Monteiro, 2022) asseguram a sua "segurança alimentar" por meio da agricultura e do comércio, torna-se claro que essas atividades não só têm um papel basilar tanto na alimentação dos membros familiares quanto como fonte de renda adicional ao vender os produtos agrícolas nos mercados populares do país. Portanto, o papel das agendas de segurança alimentar nesse contexto, torna as mulheres mais "ligadas às sementes por meio dos alimentos, da saúde, da cultura, da ecologia, da espiritualidade e das relações sociais" (Pschorn-Strauss, 2016: 51). Mais acurada, tive a dimensão do papel social de mulheres guineenses no setor econômico nacional, em virtude dos estudos, mudei-me para a capital Bissau em 2013, o que proporcionou uma nova (re)interpretação do comércio como um elemento intrínseco à formação da consciência política das mulheres no país.

1.2 "Nô kussas na dana sin feras [nossos produtos vão estragar"] sem a possibilidade de vender nas *feras*: a proposta desta pesquisa

O objetivo desta tese é analisar como as atividades comerciais foram impactadas pelas transformações decorrentes da COVID-19 e problematizar de que forma esses impactos se manifestaram, tanto de maneira direta quanto indireta, no setor denominados de *feras* em Bissau, capital da Guiné-Bissau, na África Ocidental, com um foco especial nas mulheres *fassiduris di bida, bideras,* ou *sumiduris k ta bindi* na *Bande, Caracol e Bairro Militar*. Pois, desde março de 2020, uma ansiedade gerada pela incerteza em relação ao vírus, suas formas de transmissão e as possíveis mudanças nos hábitos de vida, trabalho e lazer, bem como no contexto social das mulheres que frequentam diariamente as principais *feras* na cidade de Bissau, já se faziam presentes mesmo antes do vírus atingir o solo guineense.

A saber, em maio de 2020, as descrições sobre o impacto da pandemia na Guiné-Bissau começaram a ser relatadas de maneira mais intensa por pessoas próximas a mim, incluindo Aissatu Mendes e Blandim Mendes (minhas mães), Sábado Mendes, Ivone Gomes, tal como outros parentes e pessoas de minha rede de relações. A contribuição da

antropóloga Claudia Fonseca (2008)[19], ao abordar os dilemas éticos e políticos associados ao anonimato no contexto do texto antropológico, em especial, quando se trata da prática etnográfica "em casa", foi fundamental para minha compreensão. Quer dizer, foi singularmente relevante ao considerar a presença das minhas mães, identificadas por seus próprios nomes e extensão de interlocutoras[20] no âmbito desta pesquisa antropológica-feminina realizada dentro da minha própria cultura geográfica. Através do diálogo que mantive com elas, obtive a devida autorização para usar imagens[21], nomes e sobrenomes na tese (assim como em outros trabalhos acadêmicos), com o propósito de análise.

Os vínculos com as mulheres também fazem parte do mapeamento das incertezas relacionadas ao COVID-19 por meio de relatos e narrativas. De um lado, além dos "efeitos devastadores por revelar de forma virulenta a desigualdade e a pobreza" (Beltrão, 2020: 01), por outro lado, a insegurança alimentar, o "medo, temor e pânico" assombravam as famílias em situações de vulnerabilidade" (idem). Ao analisar suas narrativas no início da pandemia, destaco o receio em relação ao fechamento dos comércios/*feras*, como também os impactos da pandemia de Coronavírus em suas atividades *di fassi bida tudu dia*. Elas compartilhavam a preocupação de não contar com políticas emergenciais ou medidas de apoio. Suas palavras foram as seguintes: "Nossos produtos vão estragar se fecharem tudo. Como conseguiremos manter o fogão aceso? O que será de nós"[22]. De imediato, reconheceram todas as desvantagens de seus trabalhos em termos de salário fixo, direito a benefícios como auxílio-doença, auxílio-reclusão, licença-maternidade, férias, décimo terceiro, seguro desemprego, auxílio transporte e vale alimentação. É importante lembrar que, a recorrência e a dependência deste trabalho, está vinculada diretamente à falta de empregos considerados "formais" desencadeada pela crise econômica que assola o país desde a abertura política de 1990, em consequência pela necessidade de complementação da renda

[19] Fonseca , Claudia. 2008. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. Juiz de Fora V.2/N.1 e 2 Jan/Dez.
[20] Que percorreram a tese através de narrativas sobre *feras* em Bissau.
[21] Reconheço que, a influência por relações pessoais, amizades e lealdades com as parceiras de pesquisa do mestrado no interior e em Bissau, Guiné-Bissau tornou mais a concessão de imagens fotográficas.
[22] Versão original no guineense: "*Nô kussas na dana sin feras. Kuma k nô na consigui sindi fugon (...) Ke ku na sedu di nóz*". Notas de caderno virtual, registrado em 29 de maio de 2020.

familiar e pelas novas oportunidades surgidas depois dos Programas de Ajustamento Estrutural (PAE)[23].

Na conjuntura da saúde pública global, após a pandemia causada pelo novo coronavírus, na Guiné-Bissau, tornou-se ainda mais evidente a desigualdade social de gênero, destacando claramente a sobrecarga de trabalhos produtivos e de cuidado que as mulheres do país enfrentavam. As mulheres desempenharam um papel substancial nas tarefas de cuidado das próprias famílias, dedicando-se ao auxílio de crianças, parceiros e idosos, tanto nas comunidades, *tabancas(aldeias)* e nos seus bairros em que vivem quanto nos locais de trabalho, como os mercados onde atuam. O estudo[24] de Camila Peixoto Farias; Fernanda Canavêz e Jô Gondar (2022) demonstram que as mulheres se destacaram na luta contra a pandemia como provedoras de cuidados, nas lutas diárias frente aos custos físicos e emocionais, além de correrem um maior risco de infecção, se mobilizaram coletivamente para atender às necessidades imediatas das famílias em situações de carência.

Durante a pandemia, a economia estagnou e os grupos mais vulneráveis foram severamente impactados. Nesse contexto, coletivos de mulheres guineenses reafirmaram seus compromissos com a defesa e o auxílio às famílias em situação de vulnerabilidade, realizando ações emergenciais, como a entrega de produtos essenciais para trabalhadoras domésticas, comerciantes ambulantes e mulheres em situação de violência durante a crise sanitária. Na cidade de Bissau, capital do país, por exemplo, são principalmente as mulheres que enfrentaram o aumento das violações de direitos[25], o acúmulo do trabalho doméstico e de cuidado, além dos desafios da exposição à doença.

De acordo com notícias publicadas no *site* da Agência das Nações Unidas para Assuntos de Saúde e Direitos Reprodutivos na Guiné-Bissau, em 9 de junho de 2020, afirmou-se que "[...] mulheres lideraram no centro da luta contra a pandemia de COVID-19 na Guiné-Bissau"[26]. As redes e associações não governamentais de mulheres adotaram medidas urgentes em resposta à emergência de saúde pública, como: o fornecimento de

---

[23] Nos anos 1980, foi aplicada o Programa de liberalização econômica PAE em mais de 40 países na África subsaariana com o objetivo de integração regional e inserção na economia mundial.

[24] Farias; Canavêz & Gondar. Mulheres na pandemia: uma (re)leitura psicanalítica do cuidado. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 55, p. 527-542, 2023.

[25] Retornarei essa discussão no capítulo quatro.

[26] Matéria disponível em: https://guinea-bissau.unfpa.org/pt/news/mulheres-l%C3%ADderes-no-centro-da-luta-contra-pandemia-de-covid-19-na-guin%C3%A9-bissau acessado em 28 de junho de 2020.

equipamentos de proteção para evitar infecções, cuidados para os profissionais da linha de frente, criação de zonas de isolamento e garantia da capacidade de gestão básica no país. Essas medidas não foram limitadas apenas à saúde pública, mas também influenciaram a vida econômica e social das pessoas que impulsionam a economia local e nacional, através de atividades informais lideradas por mulheres nas *feras* espalhadas pela Guiné-Bissau, que se afastam dos modelos desenvolvimentistas ocidentais como uma alternativa de sobrevivência.

Ao rastrear as organizações, associações e cooperativas lideradas por mulheres em 2018, durante o meu trabalho de pesquisa de campo (mestrado) em Canchungo e Bissau, tive a oportunidade de conhecer vários movimentos femininos. Ao longo do tempo, selecionei algumas dessas iniciativas, enfocando suas atividades e objetivos, tal qual considerando-os como locais discursivos privilegiados para abordar as condições socioeconômicas e políticas que afetam as jovens mulheres em várias áreas do país. Destaco, portanto, duas associações ou movimentos de mulheres que venho acompanhando desde março de 2020. Uma delas é a "Associação das Mulheres Juristas Guineenses", composta por um grupo diversificado de mulheres empreendedoras de diferentes gerações, etnias e classes sociais em Bissau. Após o decreto presidencial nº 6/2020 que oficializou o isolamento social, elas começaram a arrecadar doações para enfrentar situações emergenciais em suas comunidades ou bairros mais necessitados. Em dois de abril de 2020, realizaram doações de alimentos e produtos desinfetantes às mulheres vendedoras ambulantes para conter a propagação da COVID-19 nos principais mercados de Bissau. A coordenadora do grupo, Lucinda Barbosa Ahukarie, afirmou em entrevista à televisão nacional da Guiné-Bissau que:

> Apesar do início de confinamento, as nossas mulheres, continuam nas ruas, buscando os rendimentos diários para sustentar suas casas (...). é uma situação complicada porque os números de infectados estão aumentando, por isso, entendemos que devemos colocar mão na massa para ajudar as mulheres que não possuem renda fixa permanecerem no distanciamento social - ficar em casa (..) é menos propagação nas suas famílias o que nos incentivou ajudar. (Entrevista concedida à Televisão Nacional da Guiné-Bissau (TGB) em abril de 2020).

Diferentes iniciativas lideradas por mulheres, nesta pesquisa, representam formas de solidariedade e participação política. Essas mobilizações sociais, que estabelecem diálogo com várias instituições dentro e fora do país, manifestam-se como uma nova maneira de fazer política, especialmente com o envolvimento da diáspora durante a pandemia, revitalizando as lutas e movimentos no cenário urbano de Bissau. Tais ações resultaram em

evidenciar suas agências e vozes dentro do circuito social e econômico fornecido pelos mercados. Um exemplo disso é o primeiro grupo mencionado, cujas práticas foram direcionadas para trabalhadoras autônomas de diferentes bairros da capital, Bissau.

O segundo grupo de mulheres que representa, igualmente, uma nova maneira de fazer política e que contribui fundamentalmente no enfrentamento à pandemia do Coronavírus no país é o "Movimento Mulheres em Ação". Este coletivo organizou uma campanha em parceria com entidades africanas na diáspora, situadas nomeadamente na Inglaterra, Portugal e Suíça. Com o entendimento de que "devido ao estado de emergência em vigor na Guiné-Bissau para conter a propagação do novo coronavírus, várias famílias que vivem do comércio informal estão a passar por grandes dificuldades[27]". A partir dessa campanha conseguiram um valor significativo e aproveitaram para comprar os produtos de primeira necessidade, doando-os para populações em situações de vulnerabilidade na cidade de Bissau[28]. As ações de solidariedade em causa visavam dar apoio à comunidade local nos aspectos de prevenção e combate à pandemia no país. Carina Salgado Gomes, médica e coordenadora do MMA[29], afirmou em uma entrevista na televisão nacional da Guiné-Bissau que, ao tomarem conhecimento do vírus, perceberam a importância de agir mesmo antes do país ter capacidade para rastrear a doença. Em outras palavras, compreenderam que era necessário fazer algo para ajudar outras mulheres que atuam no setor informal. Em uma conversa tida com a médica em junho de 2020, ela manifesta a compreensão de que o Estado guineense deve assumir as suas responsabilidades na construção de políticas públicas ou políticas emergenciais para mulheres sem renda fixa, que dependem exclusivamente do comércio, por exemplo. Contudo, as suas iniciativas também não deixaram de ser parte das ações emergentes direcionadas às camadas em situações de vulnerabilidade.

As mobilizações sociais de mulheres em resposta à COVID-19 em Bissau executaram um papel significativo na tentativa de conter a propagação do vírus e mitigar seus impactos nas comunidades urbanas, sobretudo em locais como *feras*, que são específicos por densas aglomerações de pessoas, onde ocorrem vendas e compras de mercadorias. Também, lembrar que, a vivência de *fassiduris di bida, bideras*, comerciantes e trabalhadores urbanos

[27] Carina Salgado Gomes, coordenadora do *Movimento Mulheres em Ação.*

[28] Carina Salgado Gomes (2020), coordenadora do *MMA, sublinha* que as mulheres angariam fundos de amigos e irmãos da diáspora e procedem à distribuição de gêneros alimentícios e produtos de higiene, aos habitantes do Ilhéu de Rei.

[29] Salientar que o "Movimento Mulheres em Ação" foi criado por mulheres voluntárias da área de saúde em meados de março de 2020.

em Bissau é preponderantemente dominada por mulheres que atuam com produtos nas ruas, *feras* livres, populares e mercados demarcados. Em particular, destaco o mercado de Bandim ou simplesmente *fera di Bande*, que é o centro dinâmico da economia, emprego e subsistência para uma grande população. Tanto os homens como as mulheres ocupam majoritariamente esse espaço de comércio no país, adotando diversas formas de solidariedade, confiança e auto-organização como parte das estratégias de sobrevivência de várias famílias. Em minha cidade, por exemplo, devido ao seu tamanho reduzido, os comércios não se tornam altamente competitivos devido à proximidade. Essa condição implica que os clientes desse tipo de negócio muitas vezes buscam mais a convivência cotidiana do que o menor preço. No entanto, em Bissau (a capital), a lógica de organização comercial é bastante competitiva e diferente.

A competitividade em Bissau pode ser explicada pela presença de uma série de fatores. Por um lado, encontramos mulheres com origens étnicas, classes sociais e formações muito diversas, variando também em termos de aspectos socioeconômicos e idades. Por outro lado, há uma grande diversidade de pequenos empresários, como: produtores, grossistas, distribuidores, retalhistas, vendedores ambulantes, processadores e transportadores (Aguilar, Montero e Duarte, 2001), atuando informalmente. Dado esse contexto e a singularidade do momento vivido pelas mulheres no contexto de COVID-19, encontramos as sujeitas desta pesquisa nas principais *feras* do país: *Bande, Caracol, Bairro militar e Quelelé*. Sujeitas que, além de contribuírem para a redução do desemprego e criarem novas fontes de rendimento, legitimando diversas categorias de classe informal[30] e constituindo um dos principais pilares da economia nacional, essas *feras* também são consideradas locais privilegiados e facilitadores da atividade comercial na Guiné-Bissau.

Para compreender como as mulheres vivenciaram a pandemia dentro de suas relações de trabalho (nos mercados) e suas relações com o Estado guineense, tanto de uma perspectiva antropológica quanto teórica qualitativa, várias questões orientaram este estudo. Algumas delas destacam-se: Como a pandemia afetou direta ou indiretamente a vida das mulheres que trabalham nas principais *feras* de Bissau? Como foram as relações de trabalho, as relações sociais, a economia e os cuidados com a saúde no país durante a pandemia? Foram emitidas recomendações explícitas para se proteger do vírus na época?

[30] Rede de distribuidores e venda no comércio paralelo considerando a natureza econômica, política e sociológica desta adoção no aparelho do Estado guineense.

Existiram políticas públicas específicas para mulheres que dependem das *feras*? Quais medidas o governo guineense tomou para aliviar os efeitos imediatos da crise nas *feras* durante o confinamento? Como foram as rotinas das mulheres que trabalham nas *feras: Bande, Caracol e bairro Militar* durante e pós pandemia? Foram implementadas medidas de distanciamento social e quarentena? Se sim, quando e como? Nesse período, pós-pandemia na Guiné-Bissau, como está a situação das mulheres-*bidera, fassiduris di bida, bindiduris* nas *feras*? Perguntas como essas levam ao seguinte objetivo geral desta pesquisa: problematizar, descrever e narrar a situação de trabalho das mulheres que atuam na informalidade em três mercados da Guiné-Bissau, África Ocidental, e analisar os indícios dos efeitos da COVID-19 na realidade dessas trabalhadoras.

Em termos mais específicos, esse objetivo é desdobrado nos seguintes procedimentos: (1) Analisar e discutir a importância dos espaços informais, como *feras* livres e públicas, para o trabalho das mulheres *fassiduris di bida, bindiduris ou bideras*, destacando os desafios que enfrentaram e estratégias propostas para melhorar suas condições de trabalho e inclusão social; (2) pesquisar e avaliar as medidas adotadas pelo estado guineense em resposta à pandemia no país, considerando a situação socioeconômica das mulheres em Bissau, a partir das três principais *feras* (*Bande, Caracol e Bairro militar);* (3) Observar de que forma a pandemia do novo coronavírus refletiu e impactou as *feras*; (4) Como as mulheres se posicionaram durante a pandemia em espaços públicos para defender seus interesses e sobrevivência *"di fassi"* (fazer-vida?); (5) Ademais, como ocorreram as negociações e trocas para enfrentar a crise sanitária? Esses procedimentos possibilitaram uma análise abrangente da relação entre a situação das mulheres trabalhadoras informais, as mudanças socioeconômicas provocadas pela pandemia e as estratégias empregadas por elas para enfrentar os desafios decorrentes dessas metamorfoses. Com base nessas inquietações, considero que a realização desta pesquisa se justifica plenamente, dado a relevância da problemática para as Ciências Sociais, particularmente na área de Antropologia no Sul Global, tanto quanto nos estudos de gênero como marcador social da diferença no mercado de trabalho informal no contexto africano. A pesquisa traz à tona as experiências laborais das mulheres *fassiduris di bida* na Guiné-Bissau antes, durante e pós-pandemia, preenchendo uma lacuna nesse campo.

Como mulher, pesquisadora e antropóloga guineense, e também tendo origens familiares ligadas à agricultura e ao comércio, compreendo a importância e a necessidade de

contribuir para a rica produção científica e intelectual da Guiné-Bissau, especialmente nas áreas de Ciências Humanas, Sociais e Políticas. Este trabalho busca tecer reflexões e descrições que visam consolidar e expandir as discussões vivenciadas por mulheres durante a pandemia de COVID-19, que impactou a Guiné-Bissau a partir do primeiro trimestre de 2020. Durante esse período, as *fassiduris di bida* enfrentaram a imbricação de uma crise sanitária e econômica, acompanhada pela implementação de medidas de restrição à mobilidade humana.

Especificamente, estou referindo-me às *mindjeris*/mulheres *fassiduris di bida* em *feras* de Bissau que se deslocavam (antes da pandemia) para diferentes destinos em busca de mercadorias de consumo, como: bens variados e itens considerados de primeira e segunda necessidade. Na Guiné-Bissau, os bens de primeira necessidade e os bens de segunda necessidade, dentro do contexto cultural e socioeconômico, abarcam produtos e serviços essenciais para a subsistência básica e o bem-estar das pessoas; ou seja, itens essenciais para a vida diária, como alimentos básicos e vestuário, os quais serão visualizados ao longo dos próximos capítulos. A aquisição desses produtos, por exemplo, ocorre principalmente no interior do país, mas também em países vizinhos como Gâmbia e Senegal. Portanto, estamos tratando de indivíduos em constante movimento, que circulam com mercadorias, compartilham histórias, memórias e estabelecem diálogos coletivos sobre práticas sociais de comércio. Essas mulheres evidenciam em suas vidas cotidianas afinidades que, muitas vezes, foram pouco trabalhadas e problematizadas em pesquisas acadêmicas, sobretudo no contexto africano. Elas se inserem tanto no setor econômico quanto em papéis de grande importância tradicional e cultural, que são considerados parte integrante das competências femininas no país, Guiné-Bissau. As *fassiduris di bida ou mindjeris de fera* são agentes chave neste trabalho, que abrange sua atuação emergente como coletivo (ou como agentes biográficas em rede) diante da crise sanitária, social e econômica desencadeada pelo novo coronavírus.

As mulheres, denominadas nesta pesquisa de *fassiduris di bida ou mindjeris de fera,* popularmente conhecidas como *bideras*, que participam nas *feras* de Bissau, na Guiné-Bissau, realizaram um papel de relevância que vai além de simplesmente ligar trabalhadoras, agricultoras e consumidoras. Elas estão envolvidas em várias etapas do processo, desde a produção e colheita, negociação dos produtos, recepção e sua comercialização. Portanto, é importante ressaltar que essas mulheres não se limitam a serem

apenas *bideras* ou *fassiduris di bida* que participam nas *feras* locais, abrangendo Bissau, regiões e setores. Na verdade, elas são atores que emergiram de um contexto de interação entre áreas urbanas e rurais. Considerando isso, ao analisar a importância de *fassiduris di bida* no país, é fundamental compreender que elas não se encaixam apenas no cenário nacional, mas também desempenham um papel internacional. São mulheres Senegalesas, Malianas ou Gambianas que fazem suas carreiras de *"busca bida"* em Bissau ou/e em regiões do país. Suas atividades têm impactos potentes nas comunidades locais, na economia regional e até mesmo nas relações transfronteiriças. Portanto, é necessário reconhecer o papel heterogêneo e internacional dessas mulheres, destacando sua contribuição significativa para a vida econômica e social da Guiné-Bissau e de sub-regiões em geral.

Com isso, foi importante lembrar o contexto histórico da Guiné-Bissau (Sangreman, Sousa Jr, Zeverino, Barros, 2006[31]; Moreira, 2017; et al.) que viveu em uma profunda instabilidade política, estagnação econômica, elevada pobreza e evolução do processo de concentração urbana, o que resultou em um aumento específico da população vivendo na cidade sem empregos no setor formal da economia, afetando diretamente a população feminina e intensificando as desigualdades de gênero no mercado de trabalho formal. No país, as relações de trabalho formal são estabelecidas por meio da celebração de um contrato de trabalho (código do trabalho, 2021). Esse contrato é assinado entre o empregador e o trabalhador, delineando os termos e condições do emprego. Embora a assinatura de um contrato escrito seja a prática padrão, em algumas instâncias, os contratos verbais também são utilizados para esse propósito. Em uma negociação oral, abordam-se aspectos que vão desde a natureza temporária do emprego até as horas dedicadas ao trabalho e o salário.

Por isso, retomando o contexto de mulheres sem empregos no setor formal no país, estrategicamente, as *feras* em Bissau detém um papel basilar na economia, "especialmente pela comercialização de produtos que acabam por satisfazer grande parte das necessidades da população", conforme Tatiana Raquel Reis, Viviane de Oliveira Barbosa e Orlando Almeida dos Santos (2013: 04). Afinal, essas mulheres, minoritárias dentro da estrutura formal, não se

[31]Sangreman, Carlos Jr, Fernando Sousa; Zeverino, Guilherme e Barros, Miguel. 2006. A evolução política recente na Guiné-Bissau: as eleições presidenciais de 2005, os conflitos, o desenvolvimento e a sociedade civil. Estudos sobre África e do Desenvolvimento, do Instituto. Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa.

limitam ao espaço privado; ao contrário, ocupam espaços públicos, como as ruas e os mercados urbanos. Parte de um movimento em direção a uma forma de poder que não é centralizada no domínio formal. Essa expansão, para além dos limites tradicionais do espaço privado ou doméstico, reflete a capacidade de estabelecer alternativas de organização social e econômica. Em outras palavras, a presença *di fassiduris di bida* em mercados como Bande, Caracol, Quelelé e Bairro Militar em Bissau, redefinem os espaços públicos como locais de ação política e econômica independentes dentro de uma dinâmica comercial.

Em consonância com o acadêmico e investigador guineense Carlos Cardoso "o «público» como sinónimo de « comum » e de debate público, um espaço de discussão, e de acção, que se rege pelo princípio de publicidade, em oposição à lógica de funcionamento da autoridade pública, dominada pelo segredo do Estado". (Cardoso[32], 2008:03). As mulheres nas *feras* de Bissau, fora do "domínio de segredo do Estado" exercem funções coletivas e autônomas do domínio público e criaram estruturas econômicas e culturais cheias de vida. Ou seja, elas exercem funções consideráveis nas *feras*, sustentando uma economia que é tanto um meio de subsistência quanto um motor de inovação e concorrência. Assim, não apenas destacam-se no papel econômico, igualmente, no papel político e cultural de ocupação que essas mulheres realizam na manutenção da vida social. Sendo assim, a política estatal e a política feminina não formal, especialmente em relação à resistência e às estratégias de sobrevivência, são imprescindíveis para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociais no contexto da Guiné-Bissau. Por consequência, o espaço público criado pelas mulheres que participam das *feras* em *Bande, Caracol, Quelelé* e *Bairro Militar* é um ambiente coletivo e inclusivo, claramente privilegiado da cidade, com o propósito de promover e facilitar as atividades de venda realizadas tanto por mulheres quanto por homens de diferentes idades, religiões, ideologias políticas, classe social e etnia. Destarte, nesta pesquisa, busca-se compreender os desdobramentos da pandemia de 2020 a 2023 em diferentes escalas no país, sobretudo, nas *feras* de Bissau, a fim de entender melhor os efeitos diferenciais impostos no mercado de trabalho feminino.

[32] Cardoso, Carlos. 2008. Sociedade civil, espaço público e gestão de conflitos: o caso da Guiné-Bissau. CODESRIA. Yaoundé, Cameroun. 07-11/12/2008.

1.3 organização dos capítulos

Esta tese se organiza em oito capítulos que dialogam entre si. O primeiro capítulo traz questões teóricas e empíricas relativas a uma antropologia feminina decolonial a partir da Guiné-Bissau e é composto por dois subcapítulos. Primeiro procurei debater sobre o percurso que deu origem à tese, que traz a representatividade feminina em mim, da minha família e extensão de mulheres bissau-guineenses nas *feras* informais da capital guineense. Uma vez que, a (re)abertura de *feras* populares, livres e públicas nos anos oitenta em alguns países do ocidente africano, houve um grande crescimento deste setor comercial dominado pela mão de obra feminina e masculina na Guiné-Bissau. Entretanto, a chegada do Coronavírus (COVID-19) trouxe consigo os desafios para as dependentes deste setor. O segundo capítulo aborda as metodologias aplicadas no desenvolvimento da pesquisa, *on-line/off-line.* Descrevo as estratégias e métodos que empreguei durante a pandemia para ter acesso aos depoimentos e narrativas de mulheres *fassiduris di bida,* bem como os procedimentos de pesquisa presencial realizados em quatro *feras* — Bande, Caracol, Bairro Militar e Quelelé — todas em Bissau no pós-pandemia, em 2022.

O terceiro capítulo se refere às projeções externas dada a pandemia no continente africano, um balanço geral a partir dos dados acessados em *sites* que direcionam os discursos coloniais sobre o continente africano, contendo os argumentos, anunciados globalmente que justificam e fundamentam o conhecimento das epidemias passadas que têm sido vivenciadas de formas diversas. As experiências com doenças infecciosas não são novidade para os povos africanos, pois, já existiam documentações de severas epidemias que antecedem a propagação da COVID-19. Por isso, para demonstrar as formas de cuidados além da medicina convencional, priorizei as narrativas da interlocutora Paulete Pereira, uma curandeira guineense residente no Senegal, que retoma as estratégias de resistência e resiliência das comunidades africanas de modo geral, e guineenses em particular, em termos de desdobramentos de diversas medidas adotadas pelas comunidades no âmbito do combate à pandemia através de práticas ancestrais de cuidados.

Nos capítulos seguintes, a tese se debruça sobre as *feras,* as mulheres *bideras, fassiduiris de bida, sumiaduris, bindiduris* em quatro mercados da Guiné-Bissau, abordando os impactos sociais antes, durante e pós-pandemia nos setores sociocomercial e político. As *feras* no continente africano, como espaços de trabalho informal, congregam várias camadas populacionais, abrangendo pessoas que trabalham por conta própria ou coletivamente em

pequenas e médias unidades de produção e venda para sua sobrevivência cotidiana. Por isso, o quarto capítulo descreve o contexto histórico, político e socioeconômico da localidade estudada – a Guiné-Bissau, abordando as características históricas da realidade socioeconômica do país através das relações estabelecidas no nível da produção e do comércio. No contexto da pandemia, que acentuou as desigualdades de gênero no mundo do trabalho, tornou-se necessário abordar os problemas estruturais enfrentados pelas mulheres nos espaços públicos e de poder. Nesse sentido, durante a pandemia do novo Coronavírus, ficaram evidentes os impactos no setor de mercados informais, como *feras* em Bissau,especialmente após a política de abertura de 1990.

O quinto capítulo observa, descreve, relata, traz à tona a presença de *Fera* de *Bande, Caracol* e *Bairro Militar* como *pólos* mais importantes da economia nacional, onde as mulheres se apresentam nestes espaços sociais, políticos e culturais como protagonistas em termos de produção e reprodução de circuitos da economia urbana. Isto é, apresento alguns elementos que aparecem como indispensáveis à compreensão do tema de estudo, *feras* públicas em Bissau que têm se mantido por estabelecer um ambiente precípuo para aquisição de produtos por seus populares desde a década de 80. Durante e após a pandemia, por meio da narrativa de parceiras de pesquisa nas *feras* da capital guineense, procuro, através da minha inserção em campo, verificar como acontecem as relações e interações entre *bideras*, consumidores e clientes que vão "fazer a *fera*, a partir da organização do próprio espaço de comércio, a fim de compreender as estratégias de circulações de vendas, onde e como os mercados são abastecidos por mulheres-*bideras*.

O capítulo seis traz um debate sobre as transformações no mundo do trabalho feminino, onde, resposta à pandemia, na Guiné-Bissau, revelou e acentuou as desigualdades presentes no sistema capitalista como forma de controle, identicamente, tornou-se uma crise política, econômica, social e sanitária em que as medidas de proteção econômica à classe trabalhadora feminina e pobres no país vivenciou vários dilemas: "cuidar de si e dos outros ou salvar a economia e a produção[33]"? Pois, na Guiné-Bissau, política de assistência social ou auxílios emergenciais de renda não foram uma realidade proporcionada pelo governo da época para as populações em situação de vulnerabilidade econômica durante a pandemia.

[33] Afirmação de interlocutora, Inacia Gomes, caderno de campo, março de 2020.

O capítulo “Conhecer Guiné-Bissau por mulheres *k ta bindi*” destaca a dinâmica do comércio informal liderado por *bideras* em bissau, que são agentes fundamentais na economia local. Elas garantem a subsistência de suas famílias e sustentam os mercados de Bande, Caracol, Bairro Militar e Quelelé. As *bideras*, transformam seus pontos de venda em locais de empoderamento e emancipação feminina, onde solidariedade, trocas de conhecimento e habilidades florescem. Assim, o cotidiano *bideras-chefes* de famílias, pessoas também em movimentação na capital, Bissau, setores, regiões do país e dos países vizinhos, capítulo VIII “Tornar o cotidiano visível no pós-pandemia: imagens em movimentos paradas *di mindjeris e homis*[34] em Guiné-Bissau”, mostro corpos que vivem exclusivamente da *fera*, cunhada na “fotoetnografia” inspirado no trabalho de Luiz Eduardo Robinson Achutti (2004), para apresentar uma sociedade liderada por mulheres, ora *bideras*, consumidoras, ora mães, avós, responsáveis e líderes de suas famílias nos lugares de afetos, de ciclos de trocas e de conflitos com as autoridades (câmara municipal). Também, dentro da visualidade imagética como o movimento da cultura e da tradição em contato com o novo (pandemia), esteve presente no contexto urbano e semiurbano na Guiné-Bissau. As considerações finais retomam o objeto de estudo, que são as mulheres no antes, durante e pós-pandemia nos mercados da capital do país, e apresentam uma síntese das discussões realizadas ao longo da pesquisa.

[34] Escrito no guineense que significa “de mulheres e homens”.

CAPÍTULO II

“Abo k ta scrivi kussas li, scrivi dê[35]”: Dos caminhos metodológicos ao objeto de estudo

[35] “Você que escreve coisas, escreve”, foi proferido por Sábado, Tina e Marta, ambas interlocutoras de mestrado, em 10 de abril de 2020.

2 ***Entre o ser e o fazer antropológico na era da COVID-19***

Iniciei minha pesquisa com uma abordagem narrativa e autobiográfica em meu caderno de campo em março de 2020, inspirada na releitura do livro "Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano" (2019) da artista e escritora portuguesa Grada Kilomba que proporcionou-me uma compreensão mais detalhada dos episódios de racismo vivenciados por pessoas negras em suas vidas cotidianas. A autora ao descrever de forma contundente como o racismo afeta o corpo e a mente dessas pessoas, destacando a sua ligação direta com a linguagem, as estruturas sociais e as relações interpessoais, compreendi que, reelaborar os dados do cotidiano de mulheres nas *feras* durante a pandemia, retornaria essa linguagem[36] familiar de "Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político" (kilomba, 2019:28). O ato de escrever com uma dimensão política implica, para mim, no contexto desta pesquisa, além de uma expressão pessoal, sobretudo uma ferramenta para a transformação social e a luta por justiça coletiva no universo feminino guineense, em particular. Penso que, ao coletivizar as experiências socioculturais e identidades de mulheres guineenses nos mercados de trabalho informal, de certa maneira, desafio e combato o silenciamento e uno para a mudança social nas produções de pesquisas, do ponto de vista academicamente tradicional e hegemônico.

Essa fase inicial reflexiva da pesquisa representou a minha primeira incursão como antropóloga. Percebi que, em termos de perspectivas particulares, singulares e subjetivas em mim, uma mulher guineense, com raízes senegalesas[37], existe uma ferramenta metodológica na produção de saberes e conhecimentos nas Ciências Sociais e Humanas, especialmente na Antropologia, que se torna particularmente relevante na atualidade marcada pela pandemia de COVID-19. Em outros termos, vejo-me na narrativa de Kilomba (2019), uma ruptura com a ideia de neutralidade na construção do conhecimento, visto que faço parte de corpos

[36] Assim como Frantz Fanon em "Pele Negra, Máscaras Brancas" (2008 [1967]), que traz uma reflexão sobre a linguagem no primeiro capítulo, Grada Kilomba nos estimula a considerar a importância da linguagem, abordando a semântica das palavras (sujeito e objeto), no início do seu livro. Uma demonstração de como as palavras que escolhemos têm implicações políticas, tanto na escrita quanto na fala. Kilomba, por exemplo, recupera no glossário, as tensões que surgiram durante a tradução para o português. Ou seja, muitos termos em inglês têm um gênero neutro, mas, ao serem traduzidos para o português seguindo as regras de tradução convencionais, geralmente, assumem o gênero masculino, como "sujeito", "objeto", "mestiço", entre outras. Essa abordagem também se estende à política linguística, onde algumas palavras do crioulo guineense não possuem traduções literais, refletindo dinâmicas de destaque, sendo assim, alguns termos nacionais guineenses, mantiveram no *kriol*.

[37] Ou seja, minha herança biológica é de nacionalidade Senegalesa e Guineense. Mas, meus pais se casaram na Guiné-Bissau, e foi lá que nasci e cresci, em Canchungo. Alguns dos meus irmãos e irmãs também nasceram no Senegal.

pluriétnicos com diversas experiências pessoais e vivências coletivas. De modo que, inegavelmente, trago comigo e para a academia temas de pesquisas que são de interesse de minha *tabanca,* comunidade e país. Colocar-me como parte desta pesquisa, traz para uma Antropologia feminista, decolonial e negra, a existência de uma multiplicidade de corpos-vozes que nos falam a partir de diversos contextos situados: seja no meio urbano, rural, periférico, comunitário ou nas *tabancas*.

As pesquisas deste gênero buscam descrever os problemas encontrados em comunidades pertencentes a pesquisadora denominada por Ângela Figueiredo (2020) de "conhecer, para intervir e transformar", onde o conceito de experiência no campo de produção de saberes e conhecimentos na academia para pessoas negras é um mecanismo muito importante de reflexão teórica e metodológica, a partir de "autoetnografia como um método prioritário de pesquisa" (p. 10). A necessidade de "conhecer para intervir e transformar" durante a pandemia da COVID-19 tornou visíveis, no meu campo de estudo, as complexidades resultantes dos seus efeitos em diversas áreas da vida cotidiana e social, sobretudo nos aspectos profissionais, financeiros e emocionais, especialmente em relação ao meu contexto geográfico, Guiné-Bissau. Singularmente, observei as condições das *mulheres de mercados/feras* que transitam entre as áreas rurais e urbanas da Guiné-Bissau e não somente. Por esse motivo, durante a pandemia, as questões macroestruturais e as preocupações relacionadas ao *status* econômico, compreende-se que as práticas comerciais desenvolvidas pelas mulheres em Bissau, se tornaram preocupações imediatas para formulações dos objetivos desta pesquisa.

Juntamente com as mulheres da minha rede social, comprometi-me a acompanhar suas angústias, mesmo estando fora de Guiné-Bissau [morava à época em Belém, PA]. Elas me enviavam vídeos, áudios e fotografias de situações que ocorriam no país, com a expectativa de que "*abo k ta scrivi kussas li, scrivi dê*" [*você que escreve coisas, escreve*]. Inicialmente, minha preocupação estava em escrever informações autorizadas por essas mulheres via *WhatsApp* e *Messenger* para um trabalho acadêmico, mesmo estando fisicamente distante do país. Também, em ter que reformular "toda" minha pesquisa que parecia mais fácil de dar continuidade no PPGA-UFPA, afinal, já estava aprovada. Contudo, durante uma das conversas virtuais com a minha orientadora, Jane Felipe Beltrão, no final do diálogo, percebi que tudo estava acontecendo virtualmente: minhas aulas, orientações, os

cursos *on-line*[38] que eu estava fazendo, as bancas, reuniões e grupos de estudos. Foi nesse momento que reconheci que era hora de "escrever coisas" solicitadas pelas mulheres, a fim de redesenhar o quadro teórico da pesquisa.

Portanto, boa parte deste trabalho dialoga com autores e autoras africanas(os), focalizando aquelas(es) cujas pesquisas apresentam ressonâncias teóricas e temáticas com as minhas hipóteses de pesquisa. Primeiro, para compreender os efeitos socioeconômicos e políticos gerados pela pandemia na Guiné-Bissau, fundamentalmente nas atividades desempenhadas por mulheres nos principais mercados da capital, eu necessitava de dados oficiais, além dos depoimentos, fotografias e áudios que chegavam até mim. Segundo, para recapitular as contribuições de autores e autoras africanas(os) nos estudos sobre mulheres nos espaços sociais e políticos na África subsaariana, com foco na Guiné-Bissau, como parte intrínseca do cenário anterior à pandemia, lancei mão do livro de Carlos Lopes (1995); Alfredo Handem (2006); Filomena Embaló (1993); José Fialho Feliciano (2004). Também, no que diz respeito aos estudos de organizações de mercados informais e gênero, principalmente sobre as *feras* populares no país, o livro de Renato Aguilar, Huco Monteiro e Aquino Duarte (2001); a tese de Maria Manuela Abreu Borges Domingues (2000) sobre as "estratégias de bideiras"; a dissertação de Samba Tenem Camará (2010); e os escritos de Patrícia Godinho Gomes (2015, 2016 e 2017) foram importantes para compreender o universo socioeconômico de mulheres nas *feras* de Bissau, assim como a pesquisa de Viviane Vedana (2004 e 2008) foi de suma importância para a compreensão dos mercados como lugares de sociabilidade em contextos além da Guiné-Bissau. Para questionar a ideia do "desenvolvimento ideal" em países como a Guiné-Bissau, diálogo diretamente com Fátima Doumbia (2012), Francisco Patrício Esteves (2017) e Felwine Sarr (2019), que, de forma crítica, discutem os conceitos que determinam o lugar ocupado e, de fato, projetado pelo Ocidente em relação às sociedades africanas.

---

[38] Participei como fabricante na XXI edição da Escola Doutoral Fábrica de Ideias que ocorreu na modalidade *on-line*, no período compreendido entre os dias 4 de maio de 2021 e 17 de junho de 2021, com o tema, "Pandemias e Utopias – desigualdades duráveis e autoritarismo". De modo igual, participei em projetos de extensão, a saber: IV conversa de sementes, promovido pelo departamento de antropologia, UFRN; Parto e Puerpério na roda: troca de saberes e experiências interculturais para uma assistência humanizada à saúde na Bahia, UFBA; Saberes e Resistências em Tempos de Pandemia, promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Linguagens (GEPEL) e pelo Grupo de Extensão Diálogos em Paulo Freire e Educação Popular (LEFREIRE), UERN; 1. Ciclo de Palestras Narrativas e Memórias Afro-Diaspóricas, Cuiabá-MT; 1° Simpósio Étnico - Racial, NEABI/UFAL do Campus Sertão, Universidade Federal de Alagoas.

2.1 Estratégias metodológicas: trabalho de campo virtual e presencial

Quadro 2- De forma sistemática em ordens

- autoetnografias;
- bibliográfico documental;
- fotoetnografia;
- etnografia de *feras* virtuais (digitais, ou netnografias);
- diário de campo digital (uso de redes sociais - *facebook* e *WhatsApp*).

Fonte: Elaboração própria.

Pode-se dizer que, a construção desta tese, metodologicamente, partiu do desafio de ordenação, análise e interpretação de diferentes tipos de dados etnográficos iniciado em 2017 a 2019, durante o curso de mestrado no PPGAS/UNILAB-UFC. Após o surgimento em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, os primeiros casos da pandemia do novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), iniciei uma busca antropológica virtual junto às redes de comunicação, em março de 2020. Antes de buscas virtuais, fui convidada por um professor da UNILAB para participar da escrita de um ensaio sobre COVID-19 na Guiné-Bissau a partir da conjuntura econômica, social e política para a Revista Simbio-Logias[39] da Universidade Estadual Paulista-UNESP. Naquele trabalho, nosso interesse era voltado para o contexto guineense, sobretudo nos processos sociopolíticos que influem o manejo da pandemia no país. Após escrever, busquei atualizar-me sobre as notícias relacionadas ao vírus SARS-CoV-2 em Guiné-Bissau, com o objetivo de compreender, em primeiro lugar, a dimensão biomédica e epidemiológica, assim como os seus impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias no Ocidente Africano. Da mesma forma, representa uma maneira de praticar a "autoetnografia como uma análise cultural elaborada por meio da narrativa pessoal, onde é possível desenvolver uma lente crítica em uma prática de dentro para fora, a fim de compreender quem somos em nossas

[39]O artigo disponivel em Disponível em: https://www.ibb.unesp.br/#!/ensino/departamentos/educação/revista-simbio-logias/volume-12---número-16---2020. Acessado em 10/12/2020.

comunidades" (Miranda[40], 2022: 71). Por ser parte do contexto que está sendo estudado e, de alguma forma, me sentir afetada, envolvi-me ativamente na utilização das minhas próprias experiências pessoais como um dos recursos para analisar e interpretar o contexto das mulheres nas *feras*; "uma vez que experiências pessoais também são compartilhadas com membros do mesmo grupo, a pesquisa deve iluminar como esses outros membros percebem e vivenciam os eventos narrados" (Maia e Batista[41], 2020: 241). Em maio, por exemplo, decidi concentrar-me novamente no monitoramento dos dados divulgados pelo sistema nacional de saúde da Guiné-Bissau, compreendendo, a partir da colocação de Camila Fontenele de Miranda (2022), que "a autoetnografia é imensamente diversa e, muitas vezes, acontece acidentalmente" (p. 71). Conclui, dizendo:

> as autoetnografias têm a possibilidade de interpelar os estereótipos e as narrativas hegemônicas, de criar espaços vastos de reflexão e de auxiliar no aperfeiçoamento das nossas incessantes negociações no campo do conhecimento (...) existe um vínculo entre autoetnografia ↔ comunicação intercultural ↔ comunicação interpessoal. (Miranda, 2022:70-72).

A partir dessa perspectiva íntima de autoetnografar[42], meu foco estava em entender e analisar os aspectos mais amplos das *feras* em Bissau. Em outras palavras, minha atenção estava voltada para a exposição das populações e grupos em situação de vulnerabilidade, mais especificamente, nas mulheres que vendem seus produtos nas principais *feras* populares e mercados livres de Bissau, todos os dias. Essa escolha foi motivada pela observação de que o comércio nessas *feras* no país, é uma atividade coletiva que envolve mais de uma pessoa. Muitas vezes, as mulheres vendedoras, conhecidas como *bideras, fassiduris di bida, bindiduris,* estão acompanhadas de seus filhos, filhas, sobrinhos, esposos ou outros parentes.

Diante desse contexto, as informações coletadas virtualmente foram analisadas com base em algumas perguntas iniciais que guiaram esta pesquisa: (1) como realizar uma

---

[40] Miranda, Camila Fontenele de. 2022. A autoetnografia como prática contra-hegemônica. Dossiê Autoetnografias: (In)visibilidades, reflexividades e interações entre "Eus" e "Outros". UFJF v.17 n.3 Dezembro. ISSN 2318-101x (on-line) ISSN 1809-5968 (print).

[41] Maia, Suzana e Batista, Jeferson: 2020. Reflexões sobre a Autoetnografia. Prelúdios, Salvador, v. 9, n. 10, p. 240-246, ago./dez.

[42] "A autoetnografia tem a autorreflexão como elemento básico no estudo de grupos sociais em que o pesquisador faz parte de seu próprio objeto e universo de pesquisa. Sua atualidade e interesse resulta de uma transformação política e epistemológica, num contexto pós-colonial ou decolonial, quando indivíduos pertencentes a grupos sociais que antes se constituíam em "objetos" de estudo se transformaram em sujeitos e produtores de conhecimento, gerando um profundo questionamento das bases do discurso científico sobre neutralidade e distanciamento social entre pesquisador e universo de pesquisa" (Maia e Batista, 2020:240).

pesquisa antropológica em meio a uma pandemia global? (2) Quais métodos alternativos podem ser empregados nesse novo cenário, em um contexto específico de mulheres atuantes coletivamente na informalidade? O acervo documental desta jornada de pesquisa é composto por descrições de depoimentos, notas de campo e fotografias que retratam as mulheres em seu contexto de atuação nos mercados, tanto antes, durante e pós-pandemia. Similarmente, inclui reportagens concedidas a empresas de comunicação nacional (Guiné-Bissau), enriquecendo a compreensão das circunstâncias e desafios enfrentados por essas mulheres. Era essencial adaptar as abordagens de pesquisa em resposta às condições excepcionais impostas pela pandemia. A pesquisa antropológica neste contexto requeria flexibilidade e inovação metodológica para garantir a segurança e o bem-estar dos(as) pesquisadores(as) e dos(as) interlocutores(as) envolvidos(as), Mello & Ribeiro (2022). O uso de métodos virtuais, como entrevistas remotas e análise de mídias sociais, foi, por exemplo, uma alternativa viável para coleta de dados, enquanto se mantém o distanciamento físico necessário. Conforme a pesquisa avançava, tornava-se importante considerar não somente as mudanças imediatas causadas pela pandemia, mas também suas implicações a longo prazo para as minhas interlocutoras. Ou seja, nos relatos coletados no pós-pandemia, pude perceber que minha[43] contribuição foi substancial para a compreensão das dinâmicas sociais, econômicas e culturais que moldam a vida das mulheres *bideras* e de outras pessoas em situações similares.

A seguir, apresenta-se o quadro como parte importante do monitoramento de dados sobre a COVID-19 em âmbito global, com o propósito de compreender como, ao longo da pandemia, obtive acesso aos dados para quando abordar o primeiro capítulo[44] da segunda parte acerca da pandemia no contexto africano e, de maneira específica, na Guiné-Bissau.

Quadro 3- monitoramento de *sites* sobre COVID-19 e sua finalidade.

[43] Assim como me narravam os episódios enfrentados nas *feras* de Bissau envolvendo o poder público, em especial os policiais e a câmara municipal, pediram-me para escrever e documentar suas experiências durante a pandemia. Um período especialmente desafiador, muitas das vendedoras em Bande e Caracol se viram confrontadas com obstáculos adicionais impostos pelo poder público, especialmente pelos policiais que vigiavam suas presenças nas *feras* e, algumas vezes, prendiam suas mercadorias. Essa discussão será retomada no **capítulo 4**.

[44] Desde já, é importante ressaltar que o capítulo a ser abordado será abrangente, abarcando diversos aspectos, mas ainda assim, terá um foco direcionado para a realidade da Guiné-Bissau e das mulheres que atuam nos mercados. Será descrita a forma como essas mulheres demonstraram resiliência durante o período de distanciamento social.

Organização Mundial da Saúde (OMS)	Pandemia; comunicados e o manejo clínico da COVID-19
Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)	Doença de Coronavírus (COVID-19) nos países das Américas
European Centre for Disease Prevention and Control	Tratamento e profilaxia farmacêutica de COVID-19
National Institutes of Health (NIH)	Diretrizes de Tratamento de COVID-19
Sociedade de Doenças Infecciosas da América (IDSA)	Rede de aprendizagem em tempo real sobre COVID-19
European Respiratory Society (ERS)	Gestão de adultos hospitalizados com doença de coronavírus-19 (COVID-19)
União Africana	Pandemia no continente africano
Africa Centres for Disease Control and Prevention	Plano estratégico para melhorar a vigilância, resposta de emergência e prevenção de doenças infecciosas no continente
Alto Comissariado para Covid-19; Televisão Nacional Online da GB e página Oficial do Ministério da Saúde Pública da Guiné-Bissau	Acompanhar a resposta nacional à Pandemia de COVID-19, as estratégias e os casos notificados.

Fonte: elaboração própria

Os *sites* listados, inicialmente, foram importantes aliados para a pesquisa, proporcionando acesso diversificado e rápido a informações precisas, o monitoramento de casos e o desenvolvimento de soluções para diagnóstico, tratamento e prevenção. No entanto, para o contexto de Guiné-Bissau a pandemia também tem exposto as desigualdades socioeconômicas, sobretudo as digitais, pois parte significativa das *bideras* não tinham acesso à internet. Julguei que tais desigualdades podem afetar a sua capacidade de acessar informações, serviços de saúde e cuidados necessários nos mercados durante a pandemia. Mas, antes disso, quando a COVID-19 surgiu no final de 2019 na cidade de Wuhan, na China, e se disseminou rapidamente pelo mundo, a Guiné-Bissau não relatou os primeiros casos;

pelo menos, não houve relatos de mulheres sobre contágios, contudo, os veículos de imprensa, como televisão, rádio, jornais e redes sociais, especialmente as plataformas digitais, além de artigos de opinião e científicos, abordavam incansavelmente sobre o assunto. Por um lado, alertaram sobre os perigos do novo vírus, sua transmissão, período de incubação e primeiros sintomas. Por outro, enfatizaram as medidas de prevenção e cuidados necessários, como manter o distanciamento social, usar máscaras e higienizar as mãos, para ajudar a reduzir a propagação do vírus. Não obstante, era evidente que, com a mesma intensidade com que os meios de comunicação foram aliados na produção de conteúdo para combater a COVID-19, eles também foram responsáveis por disseminar desinformações tendenciosas, muitas vezes com motivações políticas e econômicas. Devido à natureza da ameaça à saúde pública, a Organização Mundial da Saúde (OMS) criticou a disseminação de desinformação que caracterizou o contexto da emergência do coronavírus SARS-CoV-2, cunhando o termo "infodemia" para descrever esse fenômeno.

> A escalada da infodemia durante a pandemia de Covid-19 se deu, em muito, pelo boom das mídias sociais, que hoje fazem parte da vida de bilhões de pessoas pelo mundo. A comunidade internacional está se mobilizando para abordar e controlar este fenômeno que tomou dimensões inéditas em nossa sociedade. A enxurrada de desinformação está dificultando que fontes idôneas e orientações baseadas em evidências sejam encontradas pelas pessoas que buscam informação e minam a resposta à COVID-19 (Domingues, 2021: 01).

Nesse contexto, o termo "infodemia" se referia à rápida disseminação de informações, tanto verdadeiras quanto falsas, relacionadas à pandemia, o que poderia dificultar a tomada de decisões informadas pela população. Era de suma importância garantir que as notícias fossem precisas, baseadas em evidências científicas sólidas e provenientes de fontes confiáveis, a fim de evitar a propagação de desinformação que possa minar os esforços de combate à pandemia e prejudicar a saúde pública. Para ser precisa, por exemplo, a partir de fevereiro de 2020, os países do continente africano receberam uma atenção crescente devido ao contexto epidêmico. É importante destacar que era "uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII)", modificou drasticamente o calendário geopolítico (Pessoa, 2020[45]). Nas formas de trabalho, essa determinação impulsionou mudanças rápidas e generalizadas no uso de novas tecnologias e a adoção do teletrabalho. Com as restrições do movimento entre pessoas e o distanciamento social à

[45] Ver: Pessoa, Ronaldo Augusto Campos. 2020. A geopolítica internacional e os efeitos da pandemia: Uma nova ordem global em transição? Revista Rural e Urbano. Recife. v. 05, n. 02, p. 02-19. ISSN: 2525-6092.

época, muitas organizações e empresas adotaram o teletrabalho como medida para manter as operações em andamento remotamente, utilizando tecnologias de comunicação como videoconferências: *Google meet, Zoom, Skype, Microsoft Teams, Teleport, Telegram*; aplicativos de mensagens e plataformas de compartilhamento de arquivos. As mudanças que ocorreram, também, atingiram o setor educacional, a adoção do ensino remoto e a utilização de plataformas de aprendizagem *on-line*. As aulas virtuais, videoconferências e recursos digitais se tornaram ferramentas essenciais para a continuidade da prática do ensino e pesquisa em vários níveis, principalmente no ensino superior durante a pandemia (2020-2022). A título de exemplo, com os "bloqueios parciais ou totais em fevereiro e março, o número de universidades e faculdades fechando seus *campi*, interrompendo reuniões presenciais, atividades presenciais e a mudança para o *e-learning* dispararam diariamente, eventualmente afetando mais de 200 milhões estudantes globalmente" (Salmi[46], 2020:05). Sem perder de vista que muitas pessoas em áreas rurais, semi-rurais ou em situação de pobreza têm acesso limitado à infraestrutura tecnológica necessária para assistir às aulas remotas (compõe-se grande maioria das(os) guineenses), como computadores, dispositivos móveis e conexão à internet de qualidade. A falta ou acesso adequado às tecnologias "obrigaram as instituições educacionais a repensarem suas atividades e a sua relação com as diversas tecnologias de informação e de comunicação, a formação para uma nova cidadania digital" (Castioni; Melo e Nascimento, 2021: 405). Nas universidades federais brasileiras, como a UFPA/PPGA, onde estou realizando meu doutorado, foi necessário adotar o uso de tecnologias *on-line* para enfrentar os desafios impostos pela pandemia:

> Em 17 de março, por meio da Portaria nº 343, o MEC autorizou por 30 dias a substituição das aulas presenciais por aulas que utilizassem meios e tecnologias de informação e de comunicação. A essa Portaria, sucederam-se outras duas: a de nº 345, de 19 de março de 2020, e a de nº 473, de 12 de maio de 2020, sempre prorrogando por mais 30 dias. Por meio da Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, o MEC autorizou o uso das plataformas de aprendizagem até o final de 2020, excetuando-se os cursos que necessariamente demandassem atividades presenciais. (Castioni; Melo e Nascimento, 2021: 406).

Em resposta à pandemia de COVID-19, a autorização do uso de plataformas de aprendizagem para as aulas assíncronas visava assegurar como que os estudantes de

[46] O especialista Maroquino em educação superior, Jamil Salmi (2020) neste livro discute os impactos imediatos da pandemia na educação e o aumento da adoção de formatos de ensino remoto como uma resposta às restrições impostas pelos bloqueios.

diversos níveis (graduação e pós-graduação, principalmente) pudessem dar continuidade aos seus estudos de forma remota, mesmo diante das limitações das aulas presenciais. Autores como: Helena Sampaio, André Pires e Ana Maria Carneiro (2022) colocam que "com os *campi* fechados, as instituições de ensino superior (IES) passaram a adotar, em ritmos próprios, o ensino remoto, por meio da utilização de tecnologias e plataformas virtuais de comunicação" (p. 54). Foi neste contexto que, no desafio de não ter minhas aulas sob o formato tradicionalmente presencial e ver-me levada a adiar os meus planos de pesquisa presencial em Bissau, o trabalho foi se direcionando estrategicamente para o acompanhamento das notícias divulgadas pelas organizações e imprensa internacional, continental, regional e nacional **(quadro 3)** e sobretudo, além de ter atenção em variáveis notícias[47], direciono-me, através de aplicativos de mensagens, a acompanhar as mulheres nas *feras* de Bissau. Uma etnografia de pequeno porte (Bastos, 2001) que demonstrou-me na busca *on-line* a falta de acesso a recursos tecnológicos, melhor dizendo, nem todas as pessoas tiveram a oportunidade de trabalhar em casa durante a pandemia, principalmente, aquelas que se encontram no setor informal. As mulheres[48] nas *feras* não conseguiram exercer, efetivamente, em tempo integral, suas atividades remotamente nos períodos de abril de 2020 a maio de 2022, por serem locais onde as vendas de produtos são diretamente com consumidores, e geralmente requerem presença física.

As situações locais para compreender a dinâmica de mulheres *bideras* na capital guineense durante a pandemia, no começo, se inseriu em um movimento de reunir dados tão amplos do continente africano que forneceriam uma releitura sobre meios de comunicação de massa vista acima e que serão retomados no primeiro capítulo. Autores como Jean Comaroff e John Comaroff (2003), com o conceito de "etnografia em escala estranha" me ajudaram a compreender os desafios e complexidades da condução de dados, especialmente de diferentes escalas em uma pesquisa antropológica em contextos

[47] Existia, à época, um paradoxo ao escrever à distância sobre as Áfricas, permeado por inseguranças sobre o que poderia acontecer nesses contextos. Lembrando que, em meio ao bolsonarismo e ao negacionismo da COVID-19, questões políticas e de saúde pública estavam ameaçadas, especialmente o Sistema Único de Saúde (SUS), um espaço que colocou a mim (meu corpo) e muitos outros em situação de vulnerabilidade. Eu estava conectada a dois espaços: um de memórias das epidemias passadas nos contextos das Áfricas (cólera e malária), com as condições das mulheres e redes familiares em lugares públicos de comércio; e outro de vivências de um corpo em quarentena em um apartamento no norte brasileiro, Belém/PA, tentando acompanhar as notícias, reportagens e publicações em *sites* relacionados à pandemia.

[48] A abordagem que mencionou anteriormente, sobre a resiliência das mulheres nos mercados durante a pandemia, também pode ser vista como um contraponto à infodemia, uma vez que busca entender de forma concreta e contextualizada como as pessoas reagiram às informações e enfrentaram os desafios da COVID-19 em suas vidas diárias *di sta na fera ou fassi fera.*

pós-coloniais que reúne as dinâmicas de poder, legados históricos, representações culturais, distâncias geográficas de acesso às informações que ora estão profundamente interligados e ora estão separados entre o local, o continental e o global.

Estrategicamente, para chegar ao local [Guiné-Bissau] em busca dos dados, as ferramentas metodológicas adotadas para o efeito seguiram preferencialmente dois caminhos: *virtual e presencial*. Durante todo o período de distanciamento social (fechamento das fronteiras), em um movimento que abrange o cenário global, nacional e local, a pesquisa antropológica de campo passou a ser realizada por mim de forma virtual, o que permitiu um acesso mais simples aos dados. Isso ocorreu devido à impossibilidade de conduzir uma etnografia presencial no final de 2020 e início de 2021 em Bissau como centro de referência da temática, onde teria acesso às bibliotecas, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), e especialmente estar junto às mulheres nas *feras*, metodologicamente restabeleci os contatos e diálogos com algumas mulheres que são antigas parceiras da pesquisa de mestrado. Nesse sentido, a presente pesquisa adotou a etnografia como meio para obter conhecimentos, visando responder às questões relacionadas ao universo feminino no contexto do trabalho na Guiné-Bissau, considerando os impactos da pandemia de COVID-19. Ou seja, a abordagem da tese centrou-se na própria etnografia como um método de conhecimento, adotando principalmente a pesquisa qualitativa em duas modalidades: presencial (*off-line*) e *on-line* (etnografias realizadas através da/na internet).

De acordo com Veena Das (2008),

> a etnografia é uma forma de conhecimento que privilegia a experiência, o que lhe permite entrar nos domínios sociais que não são facilmente acessíveis se os protocolos formais forem seguidos por outras disciplinas (...). a etnografia oferece uma perspectiva única sobre os tipos de práticas que parecem desfazer o estado em suas margens territorial e conceitual (p. 20).

Etnografar as narrativas em diferentes dimensões de mulheres *bideras* nas *feras* de Bissau no *antes, durante e pós-pandemia* como dinâmicas socioeconômica, ocorreram, presencialmente dentro e fora das *feras* de outubro a dezembro de 2022, na cidade de Bissau, tal como análise documental dos decretos que tratam do “estado de alerta sanitário” no país, por fim, os arquivos públicos de sites selecionados (conforme quadro 3), foi realizada de forma virtual no período de abril de 2020 a maio de 2022. Dialogar com a abordagem etnográfica proposta por Veena Das (2008) implicava adotar um método de pesquisa que

enfatiza a importância da experiência pessoal, permitindo assim a investigação de áreas sociais que seriam de difícil acesso por meio das abordagens mais tradicionais usadas em outras disciplinas. Essa abordagem sui generis da etnografia ofereceu-me uma perspectiva familiar (experiências femininas no campo laboral em Bissau), das práticas que parecem desafiar tanto os limites territoriais quanto os conceituais do Estado. Assim, na experiência de minha pesquisa *on-line* pude compreender as dinâmicas sociais que constituem "teias de significado" (Clifford Geertz[49], 1989), condições econômicas de mulheres guineenses antes e pós pandemia. As redes de coletividades ou individuais nas *feras* presente no trabalho, a partir de diversos aspectos ou experiências que comportam as diferentes estruturas públicas (*bideras* e fregueses), laços sociais e sociabilidades, ou, comerciantes, produtores e consumidores que compõem os mercados como ambientes singulares não deixam de ser descrições parte da experiência etnográfica. Mesmo que a pandemia tenha sido um evento descrito em escala global, existiam vivências e histórias sui generis associadas a ela. Outrossim, os efeitos da pandemia foram sentidos em níveis locais, nacionais, transnacionais e continentais[50].

Por isso, a literatura sobre pesquisas feitas em espaços virtuais, possibilitou-me, revistar os instrumentos de pesquisa de campo, seja deslocar o foco de pesquisa etnográfica tradicional-campo presencial em direção as pesquisas documentais em termos de textos, testemunhos, debates, *lives*, conferências, *webinars* promovidos pelos mais diversos organismos para pensar as possibilidades e diversidades da pesquisa antropológica em ambientes digitais, que a professora Sônia Weidner Maluf (2020), chama de "urgências etnográficas". Ou, a ideia de que: "Vivemos tempos de mudança, mudança nas relações, no meio ambiente, na economia, na fruição artística, no âmbito profissional, na saúde, na informação, nos serviços, no turismo, na educação, nas formas de ser e estar no mundo" Martins & Castro (2021:70). Portanto, em uma conjuntura de mudanças ocorridas, busquei desde março de 2020, acompanhar os seguintes *sites*: Organização Mundial da Saúde (OMS)[51]; ONU News COVID 19[52]; Folha informativa sobre o novo coronavírus (COVID-19)

[49] Geertz, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro:LTC,1989.

[50] No artigo, "a pandemia causada pelo vírus SARS-COV-2 Acentua as desigualdades raciais e de gênero, acelerando a necropolítica em curso no Brasil", Angela Figueiredo (2020), ressalta que, "toda epidemia revela muito mais que aspectos biomédicos, pois as mazelas sociais, as desigualdades raciais, de classe de gênero, por exemplo, sempre estão presentes "(p. 76).

[51] Conferir em https://en.unesco.org/themes/education-emergencies/coronavirus-school-closures. Acesso em 30/04/2020.

[52] Disponível em: https://news.un.org/pt/tags/covid-19 . Acesso em 22/08/2020.

produzida pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS)[53]; *Africa un knowledge hub for COVID-19[54];* Alto Comissariado de Guiné-Bissau[55]; página Oficial do Ministério da Saúde Pública- Governo da Guiné-Bissau[56], em seus mais variados formatos e gêneros, sendo uma ferramenta rica para os estudos empíricos na perspectiva de etnografar os dados on-*lines*. Assim, os *sites* foram movidos com o intuito e objetivo de monitorar as informações sobre dados de contágio, recuperações e óbitos, bem como outros aspectos relacionados à pandemia, como dicas de prevenção e cuidados.

A seleção dos *sites* e páginas oficiais visava acompanhar iniciativas de grupos femininos, como campanhas de angariação de fundos que poderiam beneficiar as mulheres do mercado, bem como, a escolha de interlocutoras de pesquisa, foi guiada por uma série de critérios pré-estabelecidos, que foram sendo ajustados no decorrer da pesquisa. Um desses enfoques foi acompanhar, inicialmente, a escala global para analisar as diversas perspectivas que se debruçaram sobre os dados da COVID-19 no Continente Africano, nos países da África Ocidental, na América do Sul e na Guiné-Bissau. Reconheço que o acesso à informação foi facilitado pela criação de dados *on-lines*, alguns de forma textual, vídeos, como as entrevistas concedidas às empresas de comunicação nacional e internacional que foram por mim depois da coleta, transcritos e analisados. Compreendo que

> o pesquisador deve permanecer consciente de que está observando um recorte comunicacional das atividades de uma comunidade on-line, e não a comunidade em si, composta por outros

[53] Disponível em: https://www.paho.org/pt/covid19. Acesso em 16/04/2020.

[54] Como "o Centro de Conhecimento da ONU na África para COVID19, desenvolvido pelo Sistema de Desenvolvimento das Nações Unidas na África, atuando como um balcão único em informações e recursos relevantes para a África sobre a pandemia. O Centro aproveita informações e recursos de fontes confiáveis, incluindo a OMS, agências regionais das Nações Unidas, Ministérios da Saúde de governos africanos e canais de notícias confiáveis". Disponível em: https://knowledge.uneca.org/covid19/countrydata. Acesso em 22/07/2021. Nesta página, além de informarem as estatísticas globais da COVID-19; os dados de países africanos, é possível também encontrar os dados específicos de cada país.

[55] "A Guiné-Bissau teve o primeiro diagnóstico positivo para COVID-19 a 25 de março de 2020 e o primeiro falecimento em 26 de abril. Começou por criar uma comissão interministerial para combater a pandemia, mas cedo percebeu que essa não era a organização adequada à emergência e ao tipo de resposta necessária. Assim, criou em maio de 2020, quando o país registrava 1.089 casos de infeção por COVID-19, incluindo seis vítimas mortais, um Alto Comissariado para substituir aquela comissão (Decreto Presidencial de 05/06/2020). Para presidir foi nomeada Magda Robalo Correia e Silva, antiga representante da Organização Mundial de Saúde na Namíbia e no Gana, com Tumane Balde, médico, e Plácido Monteiro Cardoso, antigo diretor do Instituto Nacional de Saúde Pública, como outros membros da direção desse Alto Comissariado" (Sangreman e Turé, 2022: 69). Na descrição da página, afirmam: "O Alto Comissariado para COVID-19 foi criado por decreto do Presidente da República da Guiné-Bissau para coordenar a Resposta Nacional à Pandemia de COVID-19 com a visão de responder em tempo oportuno às necessidades do sistema de saúde com vista ao achatamento da curva epidemiológica da COVID-19" sob coordenação de Dra. Magda Robalo Correia. Disponível em: https://www.accovid-gw.org/ Acesso em 19/05/2020.

[56] Disponível em: https://www.facebook.com/minsapgw/. Acessado em: 13/04/2020.

> desdobramentos comportamentais além da comunicação (gestual, apropriações físicas, etc.), sendo esse um dos principais diferenciais entre o processo etnográfico off-line e o on-line" (Adriana Amaral & Geórgia Natal, 2008:39).

Levando em consideração a diferenciação das informações disponíveis, ou melhor, os dados acessados, permitiu-me localizar ou "demarcar que as pesquisas realizadas em/sobre ambientes digitais têm determinadas especificidades que vão diferenciá-las das pesquisas etnográficas tradicionais" (Polivanov, 2013: 09). Assim como, nem sempre as informações se encontravam disponíveis nas pesquisas. Um exemplo concreto disso foi o fato de que o Ministério da Saúde pública e privada da Guiné-Bissau não divulgou os dados sistematizados das mortes por COVID-19 a partir de recortes, de gênero, etnia, localidade ou moradia, classe social e faixa etária. Igualmente, o governo não forneceu dados públicos sobre o número de mulheres que morreram em decorrência da COVID-19. Diante disso, ressalto os desafios da pesquisa etnográfica no ambiente virtual, as redes de comunicação, a própria internet foi muito limitada para muitas famílias, especialmente na Guiné-Bissau, logo, a pandemia não só atingiu as nossas pesquisas, mas também atingiu direta e indiretamente nossas interlocutoras e colaboradoras.

Deste modo, foi necessário outros aportes teórico-metodológicos, a combinação de múltiplas técnicas e materiais de pesquisa como uma estratégia em ter acesso aos depoimentos de mulheres através de áudios enviados pelo *facebook (messenger)*, *WhatsApp,* as fotografias recebidas de pesquisadores guineenses (Miguel Marcos José de Barros; Ginésio Justino Gomes de Sá; Bruno João Cá; Noemia Armando Monteiro e Joselina Mendes) em campo, os relatos de minha família, *mindjeris-bideras* e meu diário de campo. Desta forma, as narrativas e depoimentos que chegaram a mim por pessoas de diferentes *feras* e nichos de vendas, registrado no caderno de campo[57], mostrava o efeito desproporcional da pandemia na Guiné-Bissau, isto significa que, as *bideras* foram as mais atingidas pela COVID-19 e também, o próprio distanciamento social, a principal ferramenta de combate à disseminação do vírus, colocou-as em situação de maior vulnerabilidade. As *bideras* estavam mais expostas ao vírus e às violências, onde ocupavam um papel central no setor de saúde, as domésticas e as trabalhadoras do setor de comércio informal. Uma comissão elaborada com o intuito de criar estratégias nacional de combate à doença[58], as

[57] Será discutido no **capítulo V.**

[58] A Alta Comissária, Magda Robalo, médica guineense e ex-ministra da Saúde. Mais à frente, no quarto capítulo, retomarei essa discussão de liderança feminina no combate à pandemia na Guiné-Bissau. Dentro de um contexto de presença das mulheres em cargos de liderança no início da pandemia, ou seja, além da

páginas de rede sociais da Alta comissária e TGB *on-line,* passavam todas as notícias sobre a COVID 19, desde os programas de sensibilização, informações sobre as estratégias adotadas para minimizar os efeitos sociais e econômicos da pandemia no país; iniciativas de apoio desempenhado pelos grupos, associações, cooperativas e organizações não governamentais; até a evolução dos casos acometidos, mortes e recuperados.

Esses canais de comunicação foram fundamentais para uma abordagem contextualizada dos impactos da COVID-19 na Guiné-Bissau e para a formulação de considerações teórico-metodológicas sobre a pesquisa qualitativa em relação às *fassiduris di bida* nos mercados de Bissau, abrangendo os diferentes momentos: *antes, durante e pós-pandemia*. As reportagens e entrevistas concedidas por mulheres às empresas de comunicação social, descreviam o cenário no país durante a pandemia. Esses recursos foram críticos/essenciais para a realização deste trabalho. Minha pesquisa visa compreender o espaço social das mulheres nas *feras* [Bande, Caracol e Bairro Militar] e os impactos da pandemia na Guiné-Bissau, e para isso, utilizei vídeos e áudios fornecidos diretamente por mulheres de diversos nichos de vendas. Considero que este trabalho também surge como resposta a uma demanda social, econômica e política, com o objetivo de analisar as novas condições das *mindjeris do mercado* em Bissau. O trabalho se fundamenta em diálogos e interações estabelecidos com *bideras* em movimento, que representam diferentes geografias, gerações, etnias, faixas etárias *k ta bindi* diversas mercadorias.

As fotografias do mercado *di mindjeris* que recebi de pesquisadores(as) guineenses em campo resultaram de uma negociação oral[59] prévia sobre a possibilidade de sua incorporação como dados antropológicos no texto. Parte desses dados visuais foi de suma importância para esta pesquisa no que diz respeito à compreensão do cotidiano geográfico e do trabalho desempenhado por mulheres e homens nos espaços demarcados como *feras* no meu país. Sucintamente, os primeiros dados coletados, além da narrativa da minha família, parentes próximos, antigas parceiras de pesquisa do mestrado, diário de campo, os demais dados foram monitorados nos *sites* e nas páginas de redes sociais listadas no quadro 3.

---

liderança, suas competências, a representatividade de gênero, possuem um papel fundamental no marco nacional, no âmbito social, político e econômico na Guiné-Bissau.

[59] "A oralidade ainda é uma questão muito presente e forte na sociedade guineense" (Gomes, 2019: 22). Ver: HAMPATÉ BÂ, A. "A tradição viva". In: Ki –Zerbo, Joseph. História geral da África -Metodologia e pré-história da África. 2a.Ed. Rev. – Brasília: UNESCO, p. 167-212, 2010.

Por isso, no presente trabalho, o envolvimento na pesquisa feita *on-line*, ocorreu de maneira complementar ao seu desenvolvimento presencial. O trabalho de campo foi realizado nos meses de outubro e dezembro de 2022, período considerado pelas autoridades guineense como *pós-pandemia*[60]. Em Bissau, inicialmente foquei em observar as dinâmicas de vendas e compras, e estive presente com as *bideras* nas *feras*. Acompanhei diariamente suas atividades, desde o movimento dos produtos até os locais de compra e venda, os preços, os(as) compradores(as) envolvidos(as), e suas interações. Na ocasião, estar *in loco* com as *mindjeris-bideras* foi de extrema importância para compreender as fronteiras entre subdivisões de produtos comercializados por elas, estarem, em grande medida, definidos por preços e localidade de busca. Lembrando que a pesquisa presencial foi conduzida principalmente com aquelas com as quais já havia estabelecido diálogo desde março de 2020. Por exemplo, vivenciar sonoridades *di fera,* perceber as diversidades linguísticas, culturais e religiosas presentes no cotidiano de *Bande*, Caracol, Quelelé e Bairro Militar só se intensificou no *off-line(presencial)*. Importante ressaltar também, que o envolvimento na pesquisa feita *on-line*, ocorre de outra maneira e é tão importante e inteligível quanto o que desenvolvi presencialmente.

A ideia de uma possível etnografia *on-line*, segundo considerações tecidas pelo antropólogo e professor de departamento de Antropologia da *University College London,* Daniel Miller: “trata-se de uma situação em que todo mundo está realmente ficando *on-line* em um nível sem precedentes e você está compartilhando desse problema. Então, compartilhe-o” (2020: 04). A praticidade desta busca virtual se deu por mim, na possibilidade de acesso às informações situadas sobre/em Guiné-Bissau, mas, também, de outros países africanos mesmo estando fora do meu país de origem desde o início da pandemia. A tese precisou de uma releitura sobre metodologia pensando em que ambos (*on-line/off-line*) são estratégias complementares, usadas em momentos diferentes. Durante a pandemia, a etnografia na internet forneceu dados pertinentes em compreender o impacto da COVID-19; os desafios e as estratégias de adaptação empregadas pelas interlocutoras. Ao combinar métodos presenciais e etnográficos na internet, pude obter uma visão mais completa e abrangente dos fenômenos sociais durante e *pós-pandemia.*

2.3 Escolhas e caminhos

[60] A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o fim da Emergência de Saúde Pública da pandemia da COVID-19 em todo o planeta em 5 de maio de 2023.

Quadro 4: Acompanhe o quadro de perfil das minhas interlocutoras[61]

Nome	Idade	Local de venda	Bairro	Etnia	Produtos de venda	Aquisição de produtos
Dehe Nhanga	59	*Fera* de Quelele	Quelele	Balanta	carvão	Sul do país
Paulete Pereira	57	Curandeira		Mandjaku	—	—
Djana Seide	42	*Fera* Bairro Militar	Bairro Militar	Mandinga	*"kussas-sinhos"* (um pouco de legumes, verduras)	Norte do país
Mariatu Djamanca	50	*Fera* Bandé	Aeroporto	Mandinga	Peixe	Porto de Bissau
Tereza Cardoso	42	*Fera* Caracol	Safim	Pepel	Galinhas e ovos	Biombo
Aida Sá	41	*Fera* Bandé	Bairro Militar	Pepel	Frutas e legumes	Sul e norte do país
Mariama Balde		*Fera* Bandé	Pilum	Fula	Bijuteria	Senegal e Gâmbia
Zilda da Silva	39	*Fera* Bandé	Antula	Mancanhi	Verduras e mariscos	Biombo e Bissau
Mariama Djau	52	*Fera* Bandé	Bairro Militar	Fula	Tecidos africanos	Senegal e Guiné-Conacri
Inacia Gomes	42	*Porto de Bissau*	Pefine	Mandjaku	Peixe	*Porto de Bissau*

Fonte: Elaboração própria.

A linguagem que adoto na escrita da tese, baseia-se em um diálogo com narrativas de produção que escolhem a escrita em primeira pessoa no singular e no feminino, Grada

[61] O quadro demonstra variados perfis femininos, *bideras* que marcam presença todos os dias nas *feras* informais na cidade de Bissau.

Kilomba (2019) e Conceição Evaristo (2014,). Outro aspecto referente à linguagem é o uso de termo como *"fera(s)"*, a modalidade que é chamado em língua guineense recorrente no quotidiano do país. Uma vez que, "tratar da língua é tratar de um tema político", já que também é tratar de seres humanos" (Bagno, 2007: 09). Por isso, o uso explícito do crioulo-guineense em pesquisas acadêmicas pode ser uma forma de desestabilizar o preconceito linguístico na academia, sobretudo, quando o objeto da pesquisa "tem uma situação sociolinguística" diversificada e/ou inferiorizada (Timbane & Manuel, 2018).

Os conceitos de "mercado" e "*fera*", por exemplo, serão explicitados no capítulo quatro, onde explicarei porque não utilizo um em detrimento do outro, dessa forma, optei por utilizar concomitantemente os termos "*fera*" e "merc*ado"*. Da mesma forma, o conceito de *"fassiduris di bida, bideras; bindiduris* ou *sumiaduris*", representa o universo feminino de vendas e produção ocupados por uma parte de minhas interlocutoras. A diferença entre *fassiduris di bida* e *bideras*, conforme observações em campo e diálogo com as mulheres, é a seguinte: *Fassiduris di bida* está próximo de uma mulher que faz do comércio uma parte central de sua vida diária. Ela pode realizar suas transações em esquinas ou na varanda de sua casa, sem necessariamente precisar deslocar-se com os produtos, diz Dehe Nhaga. Por outro lado, a *Bidera* se dedica à venda de produtos em um local fixo e muitas vezes trabalha com grandes volumes de mercadorias que são adquiridas em outras localidades por meio de mulheres *Sumiaduris*. Pois*, Sumiaduris e Bindiduris* são figuras essenciais nas comunidades agrícolas do país, cumprem papéis distintos no ciclo produtivo e comercial. *Sumiaduris*, cujo nome deriva de "semear" e "*duris*" referindo-se à pessoa que semeia. Neste contexto, refiro-me às mulheres que são responsáveis por iniciar o processo agrícola, plantando e cultivando nos campos ou nas hortas. Por outro lado, *Bindiduris*, cujo nome sugere a ideia de "vender" (*bindi*) e (*dur*), assume a função de levar os produtos cultivados para a comercialização, seja no mercado local ou em áreas circunvizinhas. Essas categorias de trabalhadoras colaboram harmoniosamente para garantir o sucesso da atividade agrícola, desde a produção inicial até a comercialização. Enquanto as *Sumiaduris* se concentram na produção inicial, preparando o terreno e semeando as colheitas, as *Bindiduris* assumem a responsabilidade de distribuir os produtos excedentes para venda, seja entre as vizinhas ou para vendedores oficiais, as *bideras*, garantindo que a produção agrícola alcance seu destino final, que são os mercados ou *feras*. Essa interdependência entre *Sumiaduris, Bindiduris, Fassiduris di bida e Bideras* é que mantém o funcionamento cotidiano do das *feras* no país.

A designação genérica de *feras*, podemos observar que a palavra aparece para designar o espaço onde estas mulheres comercializam suas mercadorias, uma categoria local, assim como, quando refiro-me, *fassiduris di bida* ou *mindjeris di mercadu,* trata-se de mulheres que vendem diversos produtos que atendem as necessidades dos consumidores de diferentes classes, setorial, regional, nacional, sub-regional e internacional. Dessarte, minhas interlocutoras, são mulheres envolvidas com uma multiplicidade de práticas comerciais que circulam em uma pluralidade de estabelecimentos, movimentam a economia em termos de produção e vendas. Pelo fato destas mulheres atravessarem dimensões de mundo diferenciadas nos seus percursos cotidianos, a distinção entre a dualidade do trabalho "formal" e "informal" foi um tensionamento analítico útil ao desenvolvimento da tese, especialmente no **capítulo IV** para designar a informalidade como trabalho intimamente ligado às desigualdades socioeconômicas na Guiné-Bissau. Apesar de ter mergulhado no uso teórico destas categorias por parte de alguns autores da antropologia econômica (Karl Polanyi, 1944[62] e Marcel Mauss, 1974), decidi partir de uma escolha que privilegiasse o contexto urbano e rural bissau-guineense, pois, as interlocutoras que realizam vendas em *feras* de Bissau consideram-se ser um "*trabalho de vida*" por ser o único e exclusivo. Assim, quando me refiro à *"economia de vida ou trabalho de vida*[63]", não especificando que são todas as mulheres bissau-guineenses, quero dizer, todas as interlocutoras desta pesquisa sem distinção de idade, etnia, geração, região de moradia, ou *fera* que atuam. Com efeito, ao perceber ser cotidianamente comum encontrar presença significativa de mulheres *fassiduris*

[62] Marcel Mauss, em seu "Ensaio sobre a Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas", descreve que o modo de troca e comércio de objetos entre grupos é parte da ferramenta para construir relacionamentos significativos. Significa que, quando alguém dá um objeto, seja na forma de um presente, cria uma certa "obrigação" para o receptor, que, por sua vez, se compromete a retribuir o gesto. Essas trocas seguem regras e formas específicas e são parte de um conjunto de interações que ocorrem entre indivíduos dentro de um grupo e entre diferentes grupos. De certa forma, é uma das primeiras formas de economia social e de solidariedade que une os grupos humanos, assim argumenta Mauss, pois as doações recíprocas não apenas estabelecem relações de fortes alianças, mas também promovem a hospitalidade, proteção e assistência mútua entre as partes envolvidas. Nesta linha de pensamento, vemos que o sistema de kula nas Ilhas Trobriand era uma forma complexa de troca de conchas e outros objetos valiosos, e Malinowski documentou detalhadamente as regras, cerimônias e significados associados a essas trocas. O autor descreve que a prática do kula é parte do entendimento na coesão social e na manutenção das relações interpessoais na sociedade trobriandesa. Sendo assim, além das trocas econômicas serem parte do entendimento da vida cotidiana e das relações sociais nas Ilhas Trobriand, elas [trocas econômicas] não eram apenas transações puramente econômicas, mas também tinham implicações culturais e sociais. Por fim, a obra de Karl Polanyi, "A Grande Transformação: As origens políticas e econômicas de nosso tempo", publicada em 1944, analisa as mudanças econômicas e sociais que ocorreram durante o século XIX e início do século XX, com um argumento centrado na defesa de que a economia não pode ser separada da sociedade e da cultura; ao contrário disso, tal separação levará a crises e desequilíbrios sociais.

[63] Retomarei essa escolha local a partir das experiências de mulheres no mercado.

di bida na capital guineense, em muitos nichos de venda, as interlocutoras estão no domínio de vendas de produtos como: Frutas e hortofrutícolas (frescos); Leguminosas (secas e defumados); verduras e proteínas (peixes, camarão, ovos,) e saúde por parte de ervas e plantas. Não trabalhei com as *fassiduris di bida*, por exemplo dos segmentos de bebidas, produtos para bebês e cosméticos ou eletroeletrônicos.

Devido às mudanças sociais decorrentes da COVID-19, como medidas de distanciamento social, impactos econômicos, mudanças nos padrões de comportamento e interações sociais durante a pandemia, através do meu diário etnográfico, documentava, no começo, histórias de angústias cotidianas como um modo diferente de registrar as realidades e experiências pessoais e coletivas de mulheres bissau-guineenses, *fassiduris di bida ou bideras*. Pois, recebia relatos de minha família e extensão de mulheres, parte de pesquisa do mestrado sobre os desafios decisivos devido à perda e restrições no mercado de trabalho e à mobilidade humana nas *feras;* à instabilidade financeira e a incerteza em relação ao futuro. Essas histórias têm uma natureza "sinuosa" (Paul Stoller, 2022) e não linear, já que refletem as situações de muitas mulheres em diferentes partes de mercados na Guiné-Bissau, situação que afetou, pela própria natureza, a organização das narrativas e o posterior processo de articulação do conhecimento.

Logo, descrever diferentes dimensões do *antes, durante e pós-pandemia* na Guiné-Bissau, a nossa estrada não foi linear e direta para o conhecimento, pelo contrário, durante o percurso as perspectivas abraçaram a complexidade e a multiplicidade de caminhos que seguirei como uma jornada de recursos de pesquisa antropológica desde uma perspectiva de gênero (ou feminina) e situada. É "notas de busca virtual" o título do caderno de campo que comprei em março de 2020 para registrar e refletir sobre as experiências pessoais (pensamentos, emoções, desafios) durante a pandemia[64]. Com ele, envolvi-me, internamente, na descrição [março, 2020] e reflexão sobre as maneiras pelas quais as

[64] Tanto é que nas primeiras páginas do caderno está escrito o seguinte: "Eu tinha consciência que o processo de escrita de uma tese não seria fácil. No entanto, jamais imaginei que estaria escrevendo uma em meio a pandemia mundial do coronavírus. Também, inicialmente, planejei cursar as disciplinas obrigatórias e optativas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA-UFPA), Universidade Federal do Pará (UFPA) e, em seguida, iniciar o processo de imersão no campo, ou melhor, começar a interagir com as mulheres guineenses que participarão da minha pesquisa doutoral. Tinha agendado esse processo para o final de 2020, na Guiné-Bissau. Infelizmente, não sabia que ficaria mais de um ano sem sala de aula. Ainda, pensava que a minha mudança para Belém para estudar na UFPA, no PPGA, seria uma troca muito rica com as pessoas vindo de diferentes lugares. Só não sabia que "conheceria" essas pessoas atrás de uma tela do notebook durante todo o percurso escolar. Também pensei que conheceria as belezas das Ilhas paraense! Só não tinha conhecimento sobre o tempo que ficaria quarentenada dentro de um apartamento em Nazaré, Belém. Não sabia de nada. Minha família também não sabia e ansiava em saber[…]" (Belém, 22 de março de 2020).

bideras/parceiras de mercados populares tentaram se adaptar, buscar soluções criativas e lidar com os desafios, essencialmente do que estava dizendo sobre pandemia, trabalho e proteção social em contextos formais e, sobretudo, informais. Portanto, nos capítulos que seguem, empregarei o recurso do diário de campo como uma forma de acesso direto aos caminhos, histórias e jornadas empíricas desta pesquisa. Assim sendo, será ele uma das ferramentas metodológicas privilegiadas que percorrerá a tese.

Também para a grafia, na presente tese, a aplicação do estilo em itálico destina-se a realçar termos em língua estrangeira (inglês, francês e crioulo-guineense), bem como a indicar capítulos. Outrossim, optei por empregar a fonte *Comfortaa* para representar o universo empírico sob análise, compreendendo as categorias emergentes da pesquisa de campo, discursos das mulheres e letras de músicas traduzidas. E, palavras como “cura; práticas ancestrais” e “medicinas ancestrais e tradicionais” surgem para criar uma conexão com as raízes culturais históricas das mulheres bissau-guineenses, que fazem parte deste estudo, especialmente de uma das interlocutoras, Paulete Pereira. Estes termos referem-se, acima de tudo, os sistemas de cuidados de saúde, terapias e práticas comuns no contexto do país, com base em conhecimentos e experiências transmitidas oralmente.

CAPÍTULO III
“UM VÍRUS VINDO DA ÁSIA E EUROPA”: Ações de vigilância à saúde durante a pandemia da COVID-19 em Áfricas.

3 Projeções e discursos acerca da pandemia de COVID-19: da escala global à nacional

> *Factores estruturais profundos, como a pobreza, a desigualdade de género, a xenofobia e o abuso da autoridade estatal, não só em África, mas também no resto do mundo, moldaram significativamente o curso da pandemia (CODESRIA, 2022).*

A definição ou caracterização da OMS, o termo pandemia "refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade" (OPAS, 2020). Em março, os primeiros focos do vírus surgiram na Ásia e Oceania, incluindo a China e o leste asiático, como a Coreia do Sul e o Japão, que nem a Oceania, representada principalmente pela Nova Zelândia. A partir de 11 de abril de 2020, já eram registrados surtos de COVID-19 em diversos países e regiões do mundo, seguindo uma sequência geográfica: Europa, Américas, Oriente Médio e África. O *Africa Centres for Disease Control and Prevention*[65], no seu boletim 26 de Informação sobre COVID-19, publicado em 14 de julho de 2020, demonstra em número, 1.419.904 casos confirmados da doença e 34.3262 ao nível mundial, em que,

> foram relatados um total de 12.786.051 casos da COVID-19 e 566.904 (CFR: 4%) dos 215 países e territórios[...] A distribuição de casos cumulativos (proporção de % de casos globais) das regiões declarantes da Organização Mundial da Saúde (OMS) (**excluindo África**) é a seguinte: Região do Mediterrâneo Oriental 1.167.859 (9%). Região Europeia 2.925.686 (23%). Região das Américas 6.669.879 (52%). Região do Sudeste Asiático 1.163.556 (9%) e Região do Pacífico Ocidental 44.960 (2%). (Dados da Organização Mundial da Saúde e Estados Membros da União Africana, apresentado no relatório de África CDC, 2020:01).

A taxa de infecção e mortalidade na África foi relativamente baixa em comparação com outras regiões, de acordo com os dados levantados em sites de pesquisa. Em 14 de julho de 2020, os 54 países africanos haviam registrado um total de 610.807 casos e 13.456 mortes por COVID-19, correspondendo a cerca de 5% de todos os casos relatados globalmente. O baixo índice de mortalidade por COVID-19 em África é um fenômeno complexo e, portanto, pode ser atribuído a diversos fatores, como a capacidade de resposta e a possibilidade de questões não previstas.

---

[65] "Criado formalmente num curto espaço de tempo, antes do surgimento da Covid-19 e com o suporte político dos 55 Estados-membros, o Centro Africano para Controle e Prevenção de Doenças (CDC) África estruturou-se adequadamente para se transformar hoje numa plataforma de coordenação e mobilização de vontades e recursos com vistas à preparação e resposta a emergências de saúde pública" (Silva, Augusto Paulo José da; Cá, Tomé e Rosenberg, Felix Júlio, 2020, p.355).

> A maioria dos autores considera que em África a juventude das populações e as zonas com baixa densidade populacional são os fatores chave para esta incidência e que em países como a Guiné-Conacri, a Serra Leoa e a Libéria a experiência e as estruturas montadas no combate ao surto de ébola, em 2014/15, ajudaram a travar a COVID-19 (Sangreman e Turé, 2022: 64).

Considerando, em primeiro lugar, a demografia[66], é importante relembrar que o continente africano possui uma população parcialmente jovem, o que pode ter funcionado como um fator de proteção contra a COVID-19, segundo as considerações de Carlos Sangreman e Bubacar Turé (2022). Isso é coerente com os relatos iniciais que indicavam uma tendência do vírus em afetar predominantemente pessoas idosas. Em relação à faixa etária, as pessoas idosas foram identificadas como um grupo de risco para a COVID-19, dada a maior probabilidade de desenvolverem complicações graves da doença. Ou, os idosos poderiam estar mais suscetíveis ao isolamento social, o que poderia levar a sentimentos de solidão e ansiedade. Paralelamente, é relevante mencionar que alguns países do continente africano já haviam enfrentado exposição prévia a outros vírus, como a epidemia de Ebola em 2014. Como resultado, muitos países adotaram medidas preventivas "precoces", como o fechamento de fronteiras, a implementação de quarentenas e a adoção generalizada de máscaras, antes que o vírus se disseminasse amplamente. De acordo Adams, MacKenzie, Amegah, Ezeh, Gadanya, et al (2021) a baixa taxa de mortalidade por COVID-19 em África, poderia estar associada, provavelmente, a uma combinação de vários fatores demográficos e imunológicos que desenvolverei ao longo deste capítulo.

Para já, no contexto do levantamento feito em *sites/*quadro **III** e leituras para a tese, destacaram-se as práticas tradicionais em alguns países do continente, como no Senegal, Madagascar, Mali, Guiné-Bissau, Níger e Camarões. Essas práticas incluíam o uso de plantas medicinais (chás de ervas, infusões e preparações à base de plantas), ingredientes naturais (alho, gengibre, limão) e banhos com ervas, além da inalação de vapores de ervas ou óleos essenciais. Em outros termos, as estratégias de vigilância existentes para monitorar os casos de infecções por COVID-19, materiais de cuidados, páginas e *sites* de atualização semanal de

[66] "Some speculation has focused on the relative youth of Africans. Their median age is 19 years, compared with 43 in Europe and 38 in the United States. Nearly two-thirds of the population in sub-Saharan Africa is under 25, and only 3 percent is 65 or older. That means far fewer people, comparatively, have lived long enough to develop the health issues (cardiovascular disease, diabetes, chronic respiratory disease and cancer) that can sharply increase the risk of severe disease and death from Covid. Young people infected by the coronavirus are often asymptomatic, which could account for the low number of reported cases" (Nolen, 2022:05). **Veja**: Nolen, Stephanie. 2022. Trying to Solve a Covid Mystery: Africa's Low Death Rates. World Health Organization (WHO). Disponível em: https://www.nytimes.com/2022/03/23/health/covid-africa-deaths.html. Acesso em 23/06/2022.

políticas científicas e de saúde pública relacionadas à COVID-19, tal como seminários e *webinars* sobre prática clínica em sub-regiões e continental, também foram de meu interesse. Pois, os fatos observados até agora (2022) me fizeram refletir sobre a necessidade de questionar as previsões iniciais de como a pandemia se desenvolveria no continente africano em comparação com o que realmente ocorreu.

Lembrando que,

> Sabemos o suficiente para argumentar que as expectativas de que a pandemia evoluiria em África de forma diferente daquela que, de fato, aconteceu, exige uma nova postura no sentido de questionar a reiterada representação acadêmica e da esfera pública do continente como um lugar de carência, de desastre/tragédia, de incompetência e de desamparo. O resultado até então alcançado obriga a repensar a atual tendência de olhar para a pandemia a partir da lente da biomedicina, para pensar nela usando a metáfora da disrupção [...] (CODESRIA, 2023:02).

De outro modo, a abordagem inicial da pandemia em relação à sua evolução no continente africano, baseada em expectativas específicas, não se concretizou de forma catastrófica nas Áfricas devido à colaboração e coordenação entre profissionais de saúde e comunidades locais. Essas ações foram influenciadas pelas experiências prévias do continente com doenças como o Ebola, HIV/AIDS e malária. Vale ressaltar que, cerca de um ano após esse período, o Brasil[67] emergiu como o epicentro global da COVID-19. Ou seja, as ameaças foram unânimes nos setores de saúde pública e nas quedas no comércio em escala global, não apenas no continente africano. A partir das análises do quadro III, tornou-se perceptível que existe um imaginário social enraizado em questões históricas sobre a "*África*". Esse imaginário foi moldado no final do século XVIII e início do século XIX, durante a formação do Ocidente, quando surgiram as narrativas eurocêntricas e coloniais que moldaram a compreensão ocidental do continente africano (Mudimbe, 1989). Uma vez que, as projeções feitas e o silenciamento das medidas que os países africanos estavam adotando para enfrentar a pandemia, como a implementação de medidas de distanciamento social, testes em massa e rastreamento de contatos, devem ser entendidos como parte de uma concepção capitalista. "O sistema capitalista mundial é de tal forma que partes do sistema desenvolvem-se sempre à custa de outras partes, ou pelo comércio ou pela transferência de excedentes" (Mudimbe, 1989:17). Ou, são parte de perspectivas influenciadas por uma visão historicamente construída que tem raízes nas narrativas eurocêntricas e coloniais.

[67] Em março de 2021, o país registrava mais do que o dobro de mortes diárias por COVID-19 em comparação com o continente africano ou mesmo com a Ásia, que é o continente mais populoso do mundo.

A representação, interpretação e "invenção" da África através das perspectivas e ideias europeias fortemente perpetuam estereótipos e preconceitos que ressurgiram de maneira acentuada no contexto da pandemia. Essas narrativas únicas, conforme discutidas por Valentin-Yves Mudimbe em 1989[68] fazem parte de um discurso colonialista ou eurocêntrico, que historicamente foi empregado para justificar a exploração e dominação dos povos africanos. Esse tipo de discurso ideológico sistematicamente desumaniza e inferioriza os africanos, retratando-os como "primitivos", "selvagens", "não desenvolvidos" ou "desordenados[69]". Ainda conforme as considerações do autor, em resultado dessas políticas coloniais, as consequências do colonialismo são evidentes em todas as regiões do continente, destacando-se três aspectos principais. O segundo destes aspectos foi: "o subdesenvolvimento das colônias não corresponde apenas a uma ausência de desenvolvimento, mas também a uma estrutura organizacional criada sob o colonialismo que conduz um território não-ocidental para o mundo capitalista" (1989:17-18). Ao destacar a formulação de discursos coloniais durante a pandemia em relação às Áfricas, torna-se evidente que os países africanos foram projetados como os mais suscetíveis aos impactos da pandemia devido à falta frequente de infraestrutura adequada, juntamente com sua condição de nações localizadas no Sul Global e em desenvolvimento. Por isso, fui levada a refletir sobre a persistente presença de significados e práticas enraizadas no colonialismo e imperialismo, assim como as diversas formas de racismo que afetaram nosso cenário no período de 2020 a 2022, sobretudo.

Em concordância com o professor Antonio Carlos de Souza Lima, no prefácio intitulado "Portugueses? De que futuros?" apresentado no livro "Os Futuros Portugueses: Um Estudo Antropológico sobre a Formação de Especialistas Coloniais para Angola (1950-1960)" de autoria de Carla Susana Alem Abrantes, destaca-se a importância das narrativas e visões acadêmicas que propugnam por escolhas "para além do colonialismo", em suas palavras:

---

[68] Em suas palavras o autor se refere às "teorias da expansão colonial e os discursos sobre o primitivismo africano enfatizam uma certa historicidade e a promoção de um modelo específico da história" (...). O que propõem é uma explicação ideológica para forçar os africanos a uma nova dimensão histórica. Afinal, ambos os tipos de discurso são, essencialmente, reducionistas. Eles não falam de África nem dos africanos, mas antes justificam o processo de inventar e conquistar um continente designando o seu "primitivismo" ou "desordem": bem como os meios subsequentes da sua exploração e métodos para a sua "regeneração" (Mudimbe, 1989:37-38).

[69] Parte de representações distorcidas foram utilizadas para justificar a colonização do continente africano e a exploração de seus recursos naturais.

> (...)os discursos e as posições acadêmicas que clamam por opções "decoloniais", por uma redefinição de fluxos globais numa orientação sul-sul me parecem mais do que nunca insuficientes. A presença cotidiana das camadas de sentidos e ações enraizadas nos colonialismos e imperialismos, com os racismos de diversas ordens e focos que moldam nosso cenário contemporâneo demandam mais que posicionamentos engajados. É preciso crítica sistemática baseada em pesquisa, assim como planejamento de ações voltadas à sua superação, discutido em condições dialógicas simétricas (Lima, 2022: 07).

Para uma compreensão da persistência do colonialismo nos discursos racistas, é necessário realizar análises críticas embasadas em pesquisas, engajamento ativo e a formulação de estratégias comprometidas (Lima, 2020). Foi, por exemplo, em 1º de abril de 2020, uma quarta-feira, que as ações discursivas atribuíram significado à conversa entre o diretor do Instituto Francês de Pesquisa Médica (INSERM), Camille Locht, e o chefe do serviço de medicina intensiva do hospital Cochin, em Paris, Jean-Paul Mira, que ocorreu na televisão francesa, no canal LCI. Locht estava comentando sobre os estudos em andamento para buscar uma possível vacina contra a COVID-19. O comentário formulado por Jean-Paul Mira foi[70]:

> [...] se posso ser provocativo: não deveríamos estar fazendo este estudo na África, onde não há máscaras, ou tratamento, ou reanimação, como foi feito em alguns estudos da aids? […] O que acha? " Locht, responde: "Você tem razão […] estamos pensando, paralelamente, sobre um estudo na África com o mesmo enfoque, o que não significa que não possamos, também, pensar em um estudo na Europa e Austrália[71].

Esse episódio teve uma ampla repercussão midiática, gerando discussões em diversos veículos de comunicação, como o jornal diário suíço *Le Temps*, o jornal para viajantes na França *20 Minutes*, a rádio francesa *France Info* e a comunidade *Africa Faith and Justice Network-AFJN*, que promove relações responsáveis entre os Estados Unidos (EUA) e a África. Nas redes sociais, o episódio gerou um intenso debate em torno do "estigma e a discriminação", levantando questões relacionadas ao que poderia ser considerado como racismo científico. A situação tratou a África como um continente destinado a ser utilizado para as primeiras testagens, como mencionou, em abril de 2020 o atacante Demba Ba[6] no seu *twitter*, "bem-vindo ao Ocidente, onde os brancos se consideram tão superiores que o

[70] Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Jo4SmnKLQLw&feature=emb_logo

[71] **As falas originais**: *"Si je peux être provocateur: Est-ce qu'on ne devrait pas faire cette étude en Afrique où il n'y a pas de masques, pas de traitements, pas de réanimations? D'ailleurs, comme c'est fait pour certaines études pour le Sida (...) avait déclaré Jean-Paul Mira. "Vous avez raison. Nous pensons, en parallèle, à une étude en Afrique avec le même objectif, ce qui ne veut pas dire que nous ne pouvons pas penser aussi à une étude en Europe et en Australie".*

racismo e a debilidade são banalizados[7]". Uma análise cuidadosa desta conversa (debate) me faz lembrar, como mulher guineense, dos casos de racismo científico que ocorreram no final do século XIX e início do século XX, particularmente direcionados à população africana. Essa reflexão adquire um significado mais profundo diante do contexto pandêmico, à luz das informações veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Assim, a maneira como as pessoas (incluindo partes da imprensa e redes de comunicação) atribuem significado no contexto de uma pandemia, evidenciou os preconceitos e racismos presentes no imaginário popular ocidental e nas Américas (Norte e Sul) em relação às "realidades" dos países africanos. Na verdade, o economista senegalês Felwine Sarr já havia abordado essas questões muito antes do surgimento da pandemia de COVID-19. O autor coloca que:

> No auge da pandemia da AIDS, chegou-se a vaticinar a extinção pura e simples da vida humana sobre o continente africano. Caso esse *reservatório de misérias* se desenvolvesse sob o efeito de uma calamidade sanitária, no fundo, nada seria capaz de garantir que o resto da humanidade teria melhor sorte. Chega a ser eufemismo ressaltar a violência simbólica com que o destino de centenas de milhões de pessoas foi considerado, tratado, representado. Escrito no imaginário coletivo sob a égide do fracasso, do déficit, da carência, da deficiência e da tara congênita por parte dos meios de comunicação e de uma farta literatura (Sarr, 2019: 09).

Um período crítico durante a pandemia da AIDS, conforme apontado pelo senegalês Felwine em 2019, dialoga diretamente com as visões alarmantes que alguns meios de comunicação propagavam em relação ao seu impacto em África. Da mesma forma, na pandemia da COVID-19, havia temores de que a doença pudesse resultar na extinção da vida humana no continente africano. Essa visão e discursos extremamente pessimista demonstra, por um lado, o estigma e, por outro, a discriminação.

O que me levou a observar, conforme discutido por Veena Das (2010), são os "eventos críticos". Encarar a pandemia como um "evento crítico" significa, antes de tudo, desafiar as narrativas e discursos hegemônicos e universalizantes que transportam heranças culturais ligadas a corpos historicamente marginalizados, tais como os negros, indígenas e quilombolas, em geral abrangendo aqueles que habitam periferias, favelas, comunidades, aldeias/*tabancas*. Essas narrativas, ao longo dos séculos, enquadraram esses corpos como parte de histórias dos "não-desenvolvidos". Um exemplo paradigmático disso é o continente africano, cujos países, com a chegada de pandemia, teriam desafios de ordem não somente material e logística, mas também simbólica, a enfrentar.

Começando com as representações discursivas (Beserra[72], 2021) construídas pela ciência, literatura, imprensa de comunicação social e por representantes políticos ocidentais ou profissionais do jornalismo a respeito dos 54 países são muitas vezes homogeneizadas, o que resulta na produção e reprodução de uma "história única", como pontuava a feminista e escritora nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie em sua primeira palestra no TED Talk, em 2009. As histórias únicas alertadas pela escritora Adichie refletem uma importante representação da diversidade e da multiplicidade de vozes e histórias, tanto na literatura como na mídia. Ao contrário disso, "a consequência da história única é esta: ela roubou a dignidade das pessoas" (2009:27) e molda a nossa visão de mundo e influencia a maneira como vemos, lemos, imaginamos e percebemos outras culturas e grupos de pessoas.

Assim, os apontamentos iniciais deste capítulo destacam histórias [às vezes 'únicas'] e narrativas dos povos inseridos em um contexto histórico de colonização, marcado pela imposição de uma violência cultural decorrente do eurocentrismo branco e cristão europeu. Essa dinâmica perdura até os dias atuais[73], e se intensificou no início da pandemia, manifestando-se através de discursos e relações de poder entre as regiões do Norte e do Sul.

Os discursos, na verdade, produzidos e modelados por diversos tipos de poderes ininterruptamente constituem-se, no limite, como uma "invenção", ou um imaginário ocidental. Por isso, a crença de invenção revela mais sobre os projetos de controle, manutenção e produção da representação do *Outro/africano*, e consequentemente referente a cosmovisão ocidental, do que em relação às realidades não ocidentais. Por exemplo, nos *sites* que divulgaram matérias a respeito de pandemia, percebi outros fatores que trazem uma dinâmica hegemônica africana para o problema de proteção contra o vírus, que girava em torno de discursos e narrativas que demonstravam uma visão inconsciente, bem como a falta de conhecimento por parte de jornalistas e editores sobre a realidade do continente.

Sendo importante lembrar que, os discursos mediáticos e as empresas de comunicação, por exemplo, não apenas atendem a interesses como os de mercado,

---

[72] Beserra, Eduardo de Lima. 2021. Representações discursivas de emissor e tipos de argumentos em cartas de amor do sertão do pajeú-pe. *Entheoria: Cadernos De Letras E Humanas ISSN 2446-6115*, *8*(1), 135–148. Disponível em: https://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/4161. Acesso em 24/07/2022.

[73] Sem perder de vista, as mídias também podem ser um vetor de epistemicídio e de desinformação, especialmente em tempos de crise global em cobertura sensacionalista da pandemia a uma percepção distorcida da realidade.

interesses econômicos, políticos e da audiência, mas também têm a capacidade de construir percepções de risco entre o *Eu e Outro; Nós e Eles:* "associando-o unicamente a determinadas pessoas e grupos sociais" (Danfá; Aléssio Torres, 2020:05). No artigo "Ebola na Folha de São Paulo (1976-2015): invisibilidade e desvalorização cultural da África", (2020), Lassana Danfá; Renata Lira dos Santos Aléssio e Ana Raquel Rosas Torres, discutem o papel da imprensa na construção do senso comum, especialmente no contexto de discursos de especialistas e não especialistas. O discurso dos especialistas, por exemplo, concentrou-se na explicação das hipóteses científicas relacionadas ao vírus Ebola, enquanto o discurso dos não especialistas destacou a dicotomia entre o Ocidente e a África. O continente africano, por sua vez, foi "aquilo sobre o qual se fala, se obscurece ou se silencia a partir das representações sobre a África" foi reiteradamente alvo de estereótipos negativos, que perpetuam preconceitos e aumentam o risco de desinformação generalizada.

A construção social feita pela imprensa brasileira e por especialistas durante a pandemia da COVID-19 em relação ao continente africano, baseada na representação da incapacidade de gerenciar o vírus, foi notada nos primeiros meses, entre março e abril. Por exemplo, no Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino, em 27 de março de 2020, Luiza Mugnol Ugarte, uma mulher brasileira de ascendência branca e com doutorado em Ciências Médicas[74], ao tentar responder à seguinte pergunta: "Como está o continente africano nesta pandemia da COVID-19?", ela escreveu:

> A África não tem estrutura para enfrentar esta pandemia nas mínimas restrições recomendadas, já que grande parte da população não consegue seguir a rotina de confinamento devido ao trabalho informal, que não traz segurança nesse momento e resulta em grande exposição para aqueles que se apertam em transportes públicos. O confinamento se torna impossível e é somado às condições de saneamento, que para muitos estão longe de serem ideais (Ugarte, 2020: 02).

A colocação de Luiza Mugnol como parte de um discurso genérico sobre o continente africano resgata uma percepção equivocada e um estereótipo de África como um país único, uma entidade singular. Reconhece-se, em parte, os desafios enfrentados por muitos países africanos, especialmente em relação à implementação das restrições recomendadas devido a várias questões socioeconômicas e de infraestrutura durante a pandemia da COVID-19. No entanto, é importante notar que discursos presentes em matérias jornalísticas, artigos de

[74]Disponível em: https://www.rededorsaoluiz.com.br/instituto/idor/novidades/como-esta-o-continente-africano-nesta-pandemia-da-covid-19. Acesso em 28/04/2020.

opinião, mídia institucional, muitas vezes, adotam uma abordagem estratégica ao apresentar informações tendenciosas. Esses discursos ou narrativas resultam em ocultação ou silenciamento das representações sobre/da África. Aliás, a formulação inadequada dos títulos de reportagens pode dar espaço a interpretações xenófobas e racistas, o que agrava ainda mais a problemática.

Perceber, historicamente, o modo como se constroem esses estereótipos é um modo de compreender criticamente a sua força, como propuseram os estudos de Gommes (2016) e Mourão & Abrantes (2020) para o cenário em Redenção, Brasil, a partir da construção intelectual local e sua relação com os grupos racializados, uma relação que tem sua história própria, mas ao mesmo tempo mantém esse padrão de produzir imaginários distorcidos sobre o que é África. O estudo de Daniele Ellery Mourão e Carla Susana Alem Abrantes (2020), retoma um mapeamento histórico[75] da Cidade de Redenção, demonstrando os vínculos historicamente associados aos africanos com o exotismo, sobretudo a partir da presença de estudantes dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). E, no trabalho de conclusão de curso de Gomes (2016) sobre estudantes guineenses na Unilab, destaca-se a presença de 'racismo, preconceitos e discriminações' e, acima de tudo, o desconhecimento e a má impressão que as pessoas têm sobre a África, por receberem perguntas como "Vocês vieram da África? Mas lá falam português?"; "Lá vocês têm carro, energia elétrica?"; "Como vocês chegaram aqui? De navio?"' (p. 42). Essas questões refletem a perpetuação de estereótipos difundidos pela mídia, que são resultado do legado da colonização, do poder estrutural e da dominação do Norte sobre os países do continente africano. Esses estereótipos comumente associam a África, os africanos e as africanas a epidemias, fome, miséria, guerras e exotismo (Gomes, 2022[76]).

---

[75] Ver: "Na cidade encontramos inúmeras referências ao evento abolicionista. Os dois maiores supermercados recebem os nomes de "Redenção" e "Abolição". Imagens onde homens e mulheres de pele negra são exibidos quebrando correntes presas aos seus braços estão representadas em pinturas nos muros e por estátuas nas praças, marcando um fato histórico da cidade antes do evento abolicionista. Há um grande monumento na entrada da cidade com a imagem de uma "mulher negra nua" que, segundo essa representação, haveria rompido as amarras da escravidão e que contrasta com o busto de uma mulher branca, a princesa Isabel, assentado na praça principal e menos conhecido pelos participantes da cena social. Existem ainda na cidade dois museus que guardam em seu acervo documentos e objetos de personalidades históricas e sacras, e objetos de tortura do período escravocrata. O museu "Senzala Negro Liberto" e o "Museu Histórico e Memorial da Liberdade" possuem eles próprios características particulares de constituição de seus acervos e discursos que têm variado desde a criação da Unilab" (Mourão e Abrantes, 2020: 71).

[76] Gomes, Peti Mama e Batista, Ramiro Esdras Carneiro. 2022. Entrevista: "Antropologia Afro-Diaspórica dentre as fronteiras da Guiné Bissau e o Brasil". In: A fronteira tem rosto de mulher: trajetórias de vida no Sul Global. Caderno 4 Campos – PPGA/UFPA [Número I | 2022]. Disponível em:

A questão que surge é: por que eu ficaria surpresa com essa visão – distorcida, equivocada e desqualificadora do continente[77] africano – que se manifestou no início da pandemia? Afinal, a diversidade do continente, a resiliência de seus países e comunidades para se adaptarem e responderem às crises não foram abordadas de maneira equilibrada e justa. Não perder de vista que as dinâmicas de poder, quer sejam de natureza discursiva ou não, no contexto do discurso colonial, em certa medida, envolvem um mecanismo que promove a negação das diferenças raciais, culturais e históricas.

> O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução. Apesar do jogo de poder no interior do discurso colonial as posicionalidades deslizantes de seus sujeitos (por exemplo, efeitos de classe, gênero, ideologia, formações sociais diferentes, sistemas diversos de colonização e assim por diante), estou me referindo a uma forma de governamentalidade que, ao delimitar uma "nação subjetiva", apropria, dirige e domina suas várias esferas de atividade" (Bhabha, 1998:111).

O teórico indiano Homi K. Bhabha, em seu livro "O Local da Cultura" (1998), discorre sobre a ambiguidade e a resistência cultural nas dinâmicas pós-coloniais. As culturas colonizadas não são fixas e passivas diante da colonização. Os colonizados criam estratégias de resistência às identidades híbridas no "espaço intermediário" entre as culturas colonizadoras e colonizadas. Ou, "a partir do lugar do *enquanto isso*, onde a homogeneidade cultural e o anonimato democrático articulam a comunidade nacional, emerge uma voz do povo mais instantânea e subalterna, discursos de minoria que falam em um espaço intermediário e entre tempos e lugares" (p.223). Portanto, mesmo que o discurso colonial seja construído, ora com base no reconhecimento das diferenças, ora na exclusão da equidade em termos de gênero, raça, cultura e história, operando em uma ambiguidade, a diferença não se apresenta como uma unidade, mas está associada à distinção, marginalização e, portanto, à discriminação (Idem). Na realidade, os estereótipos desempenham um papel duplo: Eles reconhecem nossas diversas diferenças, mas também as rejeitam.

Nesse contexto, dialogando com o economista Francisco Patrício Esteves (2017), chama-se atenção para o discurso discriminatório. Em suas palavras, ele exclama: "a "África

---

https://caderno4campos.wixsite.com/inicio/c%C3%B3pia-n%C3%BAmero-atual-3 . Acessado em: 12 de janeiro de 2023.

[77] África é vista como um continente que serve para a aplicação de primeiras testagens.

não tem condições de caminhar sozinha, sempre vai depender da ajuda internacional. A velha justificativa colonial de que o homem branco tem o dever moral de educar e civilizar o continente negro. Novamente, o fardo do homem branco" (2017: 79). Os povos não europeus e as vozes não eurocêntricas, particularmente aquelas do Sul global africano, foram (e ainda são) sujeitos(as) de negação e silenciamento de saberes. Esses estigmas estão presentes nos discursos e nas práticas de diversas partes do colonialismo e persistem no pós-colonialismo. Essas questões emergiram de forma evidente durante a pandemia de COVID-19.

Nessa linha, que se compreende a pesquisa, como ensina a professora Zélia Amador de Deus[78], em "Ananse tecendo teias na diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras" (2019), ao falar sobre:

> A compreensão corrente na Academia é de que, ao formular perguntas e levantar hipóteses, os estudiosos são sempre influenciados por seus próprios valores e concepções. Neste trabalho, estou ciente de que o fui. Reconheço que meu envolvimento no movimento negro define o lugar de onde falo e por que falo. Portanto, não tive a pretensão de ser neutra, pois, como afirmam vários estudiosos de epistemologia (p. 26).

Ela [Zélia] e a Grada Kilomba (2019), me inspiraram a compreender e reconhecer que meu envolvimento com as mulheres e minha condição de pertencimento itinerante fazem parte da produção não neutra, pois trago as experiências minhas, de minha família e das mulheres com quem me relaciono nas *feras*. Por isso, no desenvolvimento desta pesquisa, os saberes considerados "*outros*" a partir da noção de "*fala*", em consonância com os ensinamentos de Kilomba (2019:50) -, os "conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial", promovem reflexões importantes sobre o racismo cotidiano vivenciado por mulheres negras dentro das estruturas do colonialismo. Além do mais, a linguagem é entendida como um campo de disputas sociais e científicas, como lembra Kilomba (2019).

Essa linguagem, que se inicia no período colonial e persiste no pós-colonialismo, garante ao indivíduo de origem branca a sua posição de poder e autoridade do conhecedor. Em palavras de Grada Kilomba "o sujeito branco é assegurado de seu lugar de poder e autoridade sobre um grupo que ele está classificando como "menos inteligente" (2019 :55). Os europeus/brancos exerceram um controle dominante relativamente ao episteme

[78] Ver em: Amador de Deus, Zélia. 2019. Ananse tecendo teias na diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse / Zélia Amador de Deus. – Belém: Secult/PA.

científico; produziram-o sobre o continente africano, impuseram suas próprias perspectivas, teorias e metodologias científicas aos africanos, assiduamente negaram/negam e desvalorizam os conhecimentos e sistemas de saberes ancestrais africanos. Em outros termos, os conhecimentos "indígenas" autóctones africanas foram considerados inferiores e não científicos, levando à marginalização e subjugação.

Em diálogo com Abrantes (2014) sobre colonialismo português (nos territórios hoje pertencentes a Guiné-Bissau, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Moçambique), as "narrativas coloniais gravadas em textos" imprimiram marcas de desigualdade colonial produzidas a partir de imaginários desqualificadores das populações africanas colocadas como objeto de políticas de Estado. Os discursos coloniais, habitualmente identificados em *sites* e *blogs* que discutiram a COVID-19 em relação ao continente africano, por exemplo, imprimiram narrativas coloniais em manchetes. Foi observado no diálogo entre dois médicos franceses (Jean-Paul Mira e Camille Locht) no canal de televisão LCI, na França, sobre a escolha da África para testar a vacina contra a tuberculose, a BCG, no tratamento da COVID-19, assim como, no surgimento da variante ômicron que foi noticiado pelo jornal alemão Rheinpfalz am Sonntag com a seguinte manchete "O vírus da África está entre nós".

ONNTAGSZEITUNG FÜR DIE PFALZ — POLITIK · SPORT · REISE · WISSEN

RHEINPFALZ

AM SONNTAG

Das Virus aus Afrika ist bei uns

ine im Süden Afrikas entdeckte neue Corona-Variante sorgt für Beunruhigung auch in Deutschland. n Bayern sind am Samstag zwei Omikron-Fälle bestätigt worden. Über die Variante ist noch wenig bekannt.

ERLIN. Angesichts einer neuen, im idlichen Afrika entdeckten Corona-irus-Variante wächst die Beunruhi-ung in Deutschland. Am Samstag nd in Bayern zwei Omikron-Infek-onen bestätigt worden. Das teilte as bayerische Staatsministerium für esundheit und Pflege am Abend mit. handele sich um zwei Personen, die n Mittwoch über den Flughafen ünchen eingereist seien und sich it Donnerstag in häuslicher Isolati-befänden.

Nach Angaben des Leiters des zu-ändigen Max-von-Pettenkofer-In-ituts, Oliver Keppler, steht eine Ge-msequenzierung noch aus. Aber es „zweifelsfrei bewiesen, dass es ch um diese Variante handelt", sagte auf Anfrage. Die Kombination aus em mutationsspezifischen PCR-st und der Reiseanamnese lasse kei-n Zweifel zu.

uch Hessens Sozialminister Kai se (Grüne) machte am Samstag ei-Verdachtsfall bekannt. Bei einem

Imagem 1: Rheinland Pfalz[79]

[79] A descrição é a seguinte: "O vírus da África está conosco. Uma nova variante Corona descoberta na África Austral também está a causar preocupação na Alemanha. Dois casos ômicron foram confirmados na Baviera no sábado. Pouco se sabe sobre a variante. A preocupação está a crescer na Alemanha devido a uma nova variante do Coronavírus descoberta na África Austral. No sábado, duas infecções por ômicrons foram confirmadas na Baviera. O Ministério da Saúde e Cuidados da Baviera anunciou isso à noite. Trata-se de duas pessoas que chegaram ao aeroporto de Munique na quarta-feira e ficaram isoladas em casa na quinta-feira. Segundo o responsável pelo Instituto Max von Pettenkofer, Oliver Keppler, o sequenciamento do genoma ainda está

Fonte: Emmanuel Nshakira Rukundo

Percebe-se que a imagem que acompanha o texto anunciando a chegada da nova variante (na época) é de uma mulher e uma criança negra. Primeiramente, esta representação levanta diversas questões relacionadas à perpetuação de discursos coloniais gravadas em textos ou em meios digitais; ao simbolismo racial e à forma como o continente africano foi e é retratado na cobertura global de notícias, não sendo, portanto, um caso isolado. Segundo, há o risco de perpetuar os discursos racistas e xenófobas em relação à África, reforçando a visão de origem unicamente nessa região da África Austral, e, em consequência, perpetuar o estigma racial que, em grande parte, é resultado de concepções errôneas e preconceitos infundados.

Por isso, este texto que segue não deixa de ser também lido como a valorização da diversidade de perspectivas e abordagens na produção de conhecimento científico nas Áfricas. Afinal, as reflexões elaboradas por Kilomba (2019) tecem críticas à neutralidade científica. Por hora, nenhuma ciência é neutra. Segundo a autora, a ideia de neutralidade é um mito que mantém um certo grupo (homens brancos) nas posições de autoridade no centro acadêmico[80]. As múltiplas perspectivas e interesses presentes na produção do conhecimento científico respondem que as "ciência[s] são heterogêneas e plural. Mas essa pluralidade não é caótica: ela é um espaço de disputas regulamentadas, onde podemos encontrar diversos posicionamentos que não são somente metodológicos, teóricos e epistemológicos, mas também políticos[81]" (Echazú Böschemeier & Carvalho, 2022:08).

Se, as correntes antropológicas, sociológicas oriundas do Norte global nos séculos XVIII para XIX a partir de um viés eurocêntrico e brancocêntrico nos colocavam como inferiores (me incluo enquanto mulher negra-guineense) nas literaturas, nos discursos hegemônicos. Logo, nas palavras de Mbembe (2018: 18) "raça foi a sombra sempre presente sobre o pensamento e a prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de

---

pendente. Mas está provado, sem sombra de dúvida, que se trata desta variante". Disponível em: https://twitter.com/lukusem/status/1465050254928191497
Acesso em: 10 de dez.2021.

[80] Por isso, não perderemos de vista nesta pesquisa que a experiência da pandemia é altamente situada e varia de acordo com a localização geográfica, as condições sociais, econômicas, acesso a recursos e suporte, afeta aspectos da política, cultura, biomédico e a psicologia.

[81] Para mais interesse, ver: "Pontes e Ruas de Pluralidade Epistêmica: relatos, etnografias e traduções no enfrentamento à covid-19 com comunidades e movimentos sociais" [recurso eletrônico]. / Ana Gretel Echazú Böschemeier et al(Orgs). – Mossoró, RN: Edições UERN: Áporo Editorial, 2022.

imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou dominá-los". E, quando se trata dos *suis globais*, países africanos ou quando se pensa em mulheres nestes contextos, o discurso vem carregado de "pretensões universalizantes". Como aponta Catarina Martins (2016), "trata-se da criação de uma representação estereotipada que prontamente torna presente uma ideia distorcida, redutora e intencional de uma determinada cultura, no âmbito de um discurso perverso" (pp. 253-254).

Sendo assim, ao compreendermos o conceito de "devir-negro" do camaronês teórico-colonial e pós-estruturalista, Achille Mbembe (2013), em uma percepção filosófica das Áfricas e da diáspora africana, inserida em uma noção mais flexível/dinâmica, desafia-nos, essa abordagem das categorias rígidas de raça e identidade. Nessa aproximação, reside a intenção de lançar um olhar reflexivo que, ao receber, coloca em destaque as diversas sujeitas, com uma ênfase especial nas mulheres guineenses como parte de imagens que, ao longo da pandemia, representavam a camada de população em situação de vulnerabilidade à doença. Dessa forma, busco não exclusivamente priorizar essas vozes que, em grande maioria, são marginalizadas, mas também garantir que a pesquisa seja abrangente e representativa, honrando assim a complexidade do *ser, estar e fazer parte da fera* na Guiné-Bissau.

Mas antes de abordar o cenário específico das *bideras/fassiduris di bida*, é necessária uma breve introdução sobre o contexto atual da pandemia em relação aos corpos femininos, à luz das discussões travadas durante as aulas do doutoramento no PPGA-UFPA.

3.1 ***Gênero, Mulheres e a Pandemia: uma análise do contexto atual***

Retomando a discussão sobre a escolha de uma imagem para representar a variante ômicron no jornal Rheinland Pfalz, com seguintes inquietações: Por que o jornal escolheu imagens de uma mulher e criança negras para acompanhar a matéria sobre a variante ômicron? A imagem escolhida representava precisamente o que se sabia sobre a variante ômicron? Ela ajuda o(a) leitor(a) a entender a variante ômicron em relação à pandemia? Que mensagem subliminar ou explícita pode ser transmitida ao associar a variante ômicron, inicialmente identificada na África Austral, a imagens de pessoas negras? Ou destaca sutilmente as desigualdades na saúde que afetam as comunidades negras em muitos

contextos? Essas perguntas iniciais levaram-me a pensar que as relações de gênero são extremamente importantes quando se trata dos discursos dominantes associados a epidemias e pandemias. De maneira que, quando se realiza uma pesquisa que aborda o universo feminino na Guiné-Bissau, afetado por uma crise mundial, se faz necessário retomar as discussões de algumas intelectuais do campo decolonial para compreender as barreiras e heranças coloniais que fazem parte da construção de espaços e representações dos corpos femininos.

A perspectiva decolonial parte de uma compreensão da América Latina e, de alguma maneira, responde a algumas realidades das Áfricas do ponto de vista das heranças coloniais. A socióloga, feminista e ativista argentina, Maria Lugones (2014) ao desenvolver o conceito de "colonialidade de gênero" denunciando o caráter localizado (eurocentrado, monológico e, portanto, particular) dos feminismos hegemônicos, cujo apelo ao "universal" desloca e obscurece outras e variadas maneiras de ser mulher e suas consequentes lutas emancipatórias. Considerando a historicidade das concepções de gênero dominantes na modernidade, há que se enfatizar seu caráter de "construto social" e nesse sentido Lugones (2014) é esclarecedora quando afirma:

> Uso o termo colonialidade seguindo a análise de Aníbal Quijano do sistema de poder capitalista do mundo em termos da "colonialidade do poder" e da modernidade – dois eixos inseparáveis no funcionamento desse sistema de poder. [...] Ao pensar a colonialidade do gênero, eu complexifico a compreensão do autor sobre o sistema de poder capitalista global, mas também critico sua própria compreensão do gênero visto só em termos de acesso sexual às mulheres. Ao usar o termo colonialidade, minha intenção é nomear não somente uma classificação de povos em termos de colonialidade de poder e de gênero, mas também o processo de redução ativa das pessoas, a desumanização que as torna aptas para a classificação, o processo de sujeitificação e a investida de tornar o/a colonizado/a menos que seres humanos. (p. 939).

As normas de gênero universalizantes foram e continuam sendo impostas pelo colonialismo e pelo racismo nas Américas e extensão de países que sofrem ainda com os espólios de um processo colonial. Aliás, a Ana Gretel Echazú Böschemeier; Breno da Silva Carvalho e Luan Gomes Santos (2021) nos lembra que "o racismo, guiado pela lógica colonial, patriarcal, capitalista, neo-extrativista, degrada a diversidade que é fundamental para construir mundos sencientes e humanamente emancipados[82]" (p.72). Por isso, as complexas interseções entre gênero, raça, classe, etnia, geografia, sexualidade e outras formas de

[82] Ver: Echazú Böschemeier, Ana Gretel; Carvalho, Breno da Silva e Santos, Luan Gomes. 2021. Boas práticas frente às vacinas: olhares bioéticos. Rev. Redbioética/UNESCO, Año 12, 2 (24): 12 - 12 julio - diciembre.

opressão, tendem a criar mecanismos localizados em diferentes contextos e comunidades para responder ao poder colonial. A antropóloga feminista e escritora argentina, Rita Laura Segato (2012), se refere às estruturas de poder que foram protegidas durante o processo de colonização européia das Américas e que continuam a perpetuar relações de dominação e exploração até os dias de hoje como leituras de colonialidade e o patriarcado dentro de sistemas de opressão que se entrelaçam e se reforçam mutuamente. Portanto, a negação das culturas sul globais e da diversidade de gênero, reforçando a subordinação das mulheres negras-africanas[83].

A escritora, acadêmica, professora e pesquisadora nigeriana, Amina Mama (2008) que entende a luta de gênero no contexto pós colonial e decolonial nigeriana e do continente africano com a junção entre teoria e ativismo, sinaliza, dentre outras indagações, que a presença desigual das mulheres africanas no mundo intelectual vem sendo questionada por elas mesmas, o que sem dúvida, significa um novo e necessário patamar nas discussões, nos discursos e reflexões sobre tais temas, posto que colabora para a constituição de novas redes e espaços de interlocução e diálogo, na conformação de epistemologias feministas de raiz africana longe dos discursos mediatos de colonialidades de saber, gênero e poder.

Na mesma trilha, para não perder de vista o conceito de gênero[84] elaborado pela pesquisadora nigeriana, Oyèrónkẹ́ Oyèwùmí (2005; 2011 e 2021), que tece críticas contundentes a partir de marcas eurocêntricas e, por conseguinte, à universalidade sócio-histórica, reportando às percepções de diferenças de gênero na sociedade Yorùbá, o campo do seu estudo. Quatro pesquisadoras (Lugones, 2014; Segato, 2012, Mama, 2008 e Oyèwùmí, 2021) em diferentes contextos, possibilitam-nos traduzir as narrativas de grupos em situações de margem epistêmica nos canônicos ocidentais que, em suas intersecções de raça, classe, geração, geografias etnias e outras identidades sociais, expõem os vínculos coloniais. Pois, ao reconhecer criticamente que a publicação de uma matéria por um jornal de alcance global, como o Rheinland Pfalz, com imagens de figuras negras, pode aumentar o risco de discriminação ou xenofobia contra pessoas negras ou de origem africana devido a

[83] É também parte do colonialismo histórico, do ponto de vista das potências europeias que colonizaram e exerceram controle sobre vastas partes do continente africano no começo dos séculos XV e XVI, e com o ponto mais alto dos séculos XIX e início do século XX.

[84] O conceito de gênero não é apenas construído socialmente, mas também histórico, e, portanto, localizado e não universal.

essas associações visuais, surge o questionamento final: Como a diversidade (ou a falta dela) na equipe editorial pode influenciar as decisões editoriais e a sensibilidade às questões raciais?

Este capítulo se interliga também com os resultados do processo histórico de colonização de gênero e do saber como elemento fundante do atual padrão de poder em torno da ideia de raça, responde a uma forma de classificação e dominação dos povos africanos[85]. Eu e minhas interlocutoras/*brideras* enquanto mulheres negra-guineenses, no Brasil ou na Europa não deixamos de ser lidas(vistas) dentro da ideia das "diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados" como alicerce e "uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados" (Quijano[86], 2005: 117-118). Compreende-se que, uma mulher *bidera (negra)* pode experimentar opressão de gênero e racismo simultaneamente, e isso pode se manifestar de maneiras diferentes em sua vida em comparação com uma mulher branca, essa diferença fenotípica serviu como elemento fundador da dominação, originado na América, porém, se expandiu para outros continentes, inclusive continente africano, em que o legado dessa mentalidade colonial se perpetua no imaginário social anunciado nas medidas durante a pandemia, de que, no continente, em particular, teriam maior probabilidade de serem afetadas pelo vírus SARS-CoV-2.

A História em si nos auxilia a recordar "às três pandemias: Cólera (1855), Cólera (1991) e COVID-19 (2019), apesar da distância temporal, os três episódios pandêmicos possuem algumas semelhanças entre eles" (Beltrão, 2020: 03). Por outra forma, a COVID-19 é uma das pandemias a entrar na história de Emergência de Saúde Pública ou a ter uma atenção internacional declarada. Além da Gripe Espanhola (1918-1919) do século XX, identificado como o vírus do tipo A (H1-N1), destaco, no contexto desta pesquisa, o surto de Ebola na África Ocidental de 2014. Nos discursos midiáticos e nas informações de diferente qualidade e credibilidade acessadas (**quadro III**) não se falava dos ensinamentos e experiências de epidemias passadas, inicialmente, no combate à COVID-19 dentro do

[85] As desconstruções e reconstruções fervorosas em curso na África, por exemplo, lembram-me das instabilidades institucionais submetidas ao continente.

[86] Para mim, apesar dos conceitos de "colonialidade e eurocentrismo" serem uma invenção de luta política aplicados à compreensão da América Latina, faz bastante sentido para pensarmos essa perspectiva que integra elementos históricos, econômicos, políticos e ideológicos que estruturam as relações de poder na atualidade pandêmica. A propósito, considero sua reflexão importante na ênfase e diferença da modernidade para a compreensão da política latino-americana, assim como da política global.

continente africano. Esclareço que, muito embora, a pandemia do novo coronavírus seja a mais grave crise sanitária de nossa geração, está longe de ser a primeira, especialmente na África, um continente que enfrentou severas pandemias[87], assim dizendo, os surtos das pandemias não são recentes.

Consagradamente, os países do ocidente africano, têm sido confrontados com os dois primeiros registros que se tem conhecimento do vírus Ebola documentado em 1976, numa pequena cidade de Yambuku, na região do Zaire, atual República Democrática do Congo. O reaparecimento do Ebola[88], no final de 2013, após um grave surto em 2014 colapsou o sistema de saúde nos países como: Serra Leoa, Libéria, Nigéria e Guiné. Os autores João Roberto Cavalcante Sampaio & Gabriel Eduardo Schütz, alertam que,

> a epidemia de DVE, que desde inícios de 2014 atinge a África Ocidental, em especial a Libéria, Guiné e Serra Leoa, é considerada a maior da doença de que se tenha registro, ao menos o mais extenso e duradouro até hoje. Associado à variante EBOV, a mais letal do vírus, o surto matou quase 5 mil pessoas entre março e outubro de 2014, e registrou, até 14 de outubro de 2015, 28.454 infectados, dos quais 11.297 foram a óbito (2016, p. 03).

O surto nestes países se deu por duas vias: Primeiro foi via terrestre, por exemplo, de Guiné, chegou à Libéria, à Serra Leoa e ao Senegal e segundo por via aérea, à Nigéria. E, por motivos de longos períodos de conflito e instabilidade, em consequência, "falta de recursos humanos e infraestruturas", sistemas de saúde com capacidade baixa, impossibilitou evitar a contaminação e a propagação da doença nos países referidos. À vista disso, houve o maior e o mais complexo surto de Ébola em agosto de 2014, conforme o decreto internacional de saúde pública da Organização Mundial da Saúde (OMS), segundo Tavares (2015).

Antes de tudo, viu-se, felizmente, mobilizações dos Médicos sem Fronteiras (MSF), organizações não governamentais, ações de implementação de controle de doenças por parte das comunidades tradicionais dentro do continente, em especial nos territórios de Senegal e Mali, países vizinhos que fazem fronteira com a Guiné-Bissau, (Almeida, 2015). Além de ebola, destaca-se também cólera, febre amarela, varíola, malária, HIV/Aids e

---

[87] "Denomina-se epidemia toda elevação acentuada do número de casos de qualquer agravo à saúde, além do esperado dentro dos níveis endêmicos, circunscrito a um determinado local. Quando muitos episódios epidêmicos ocorrem simultaneamente em diversos países de vários continentes, costuma-se falar em pandemia" (Beltrão, 2007: 165)

[88] Segundo Aléssio & Torres (2020), "Entre 1976 e 2014, vários surtos ocorreram no Sudão do Sul, nos Estados Unidos (em uma área de zoológico), na República Democrática do Congo, no Gabão, a Costa do Marfim, na Libéria, em Serra Leoa, na Nigéria, no Mali, em Senegal, na África do Sul e em Uganda. Em 22 de março de 2014, um grande surto foi notificado pelo Ministro da Saúde da Guiné-Conacri" (p. 02)

sarampo no cotidiano de alguns países africanos. No Surto de Ebola na África Ocidental, as pessoas acometidas eram isoladas (o distanciamento físico). Guiné-Bissau, que faz fronteira com Guiné-Conacri, país da origem do último surto, e outros países vizinhos fecharam suas fronteiras e suspenderam a entrada de voos comerciais e internacionais em todos os estados, proibiram rituais de velório particularmente, o corpo de pessoas falecidas em decorrência da doença. "O cenário político pandêmico é diferente nas diversas regiões do país e do mundo, pois a forma de sociedades e governos lidarem com as medidas de enfrentamento à COVID-19 não foi linear" (Lone, Almeida, Stampa & Gomes, 2020: 07). Ou por outra, apesar da OMS ser um órgão que orienta as medidas de prevenção e controle de epidemias e pandemias, no caso específico de COVID-19, as estratégias de enfrentamento da pandemia não são homogêneas no continente africano, cada país foi responsável por implementar suas medidas locais ou nacionais tendo em vista a realidade social, econômica, política e especialmente, sanitária. Afinal,

> pandemia é um termo que designa uma tendência epidemiológica. Indica que muitos surtos estão acontecendo ao mesmo tempo e espalhados por toda parte. Mas tais surtos não são iguais. Cada um deles pode ter intensidades, qualidades e formas de agravo muito distintas e estabelece relações com as condições socioeconômicas, culturais, ambientais, coletivas ou mesmo individuais. Uma pandemia pode até mesmo se tornar um evento em escala global. É o caso da Covid-19 […] A escala global, no entanto, não significa que se trate de um fenômeno universal e homogêneo. É possível estabelecer padrões, identificar seu patógeno, compreender a sua mecânica biológica e sua transmissibilidade. Mas um vírus sozinho não faz pandemia, tampouco explica o processo saúde e doença presente em diferentes contextos (Matta; Souto; Rego e Segata, 2021: 15).

Trata-se, além da crise sanitária (contágio biomédico), uma série de outros contágios em níveis sociais, somou-se à crise econômica, à crise política que, urgentemente, precisou de ações do passado, reflexo de memórias e sinais anteriores de quadros endêmicos no cotidiano africano. No tópico a seguir, dentro das estratégias usadas para conter a propagação do vírus, discorro sobre as medidas necessárias de enfrentamento às políticas e os planos que se fizeram presente no continente.

3.2 Memórias presentes no cenário epidêmico: reflexões sobre o passado e crises recentes

Na conversa realizada no programa "o Regresso com Paulina Chiziane" na TV Stronglive de Maputo, Moçambique, em 27 de maio de 2022[89], a escritora moçambicana

[89] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DUinv1bu3q4 acessado em 20 de nov. 2022.

Paulina Chiziane fez a seguinte declaração: “Temos relatos históricos ao longo de todo o continente africano sobre os processos de cura. E quando a invasão colonial penetra na África, eles encontraram gente forte, gente cheia de saúde. Quem cuidava do povo antes da penetração e da imposição da medicina ocidental, quem?” A escritora analisava, durante essa conversa, relatos históricos presentes em todo o continente africano sobre os processos de cura. Ela lança uma pergunta provocativa sobre quem foi encarregado do cuidado das pessoas antes da imposição da medicina ocidental durante a invasão colonial em África. A autora destaca a força e a saúde da população africana pré-colonial, iniciados(as) nos sistemas de cura e cuidados com o bem-estar de suas comunidades. Essa abordagem convida à reflexão sobre a importância e a preservação das práticas de cura e conhecimentos tradicionais ou ancestrais que existiam antes da influência ocidental e que ainda perduram nos dias atuais.

Pois, na Guiné-Bissau, à guisa de exemplo, as diretrizes de cura ancestral[90] ou “tornar-se” curandeira, aproximou-me de Paulete Pereira[91], mulher *mandjaku* de 58 anos de idade, guineense, residente em Ziguinchor, Senegal que se tornou *napene*[92], palavra de língua *mandjaku* e, no guineense/*kriol* traduz-se em *djambakus* que significa curandeira(o) no português. Durante a pandemia, nos contextos rurais (interior do Senegal, Ziguinchor e em Canchungo) as pessoas buscavam diversas formas de apoio e cura, Paulete se destacou em março de 2020 por ser uma das figuras conhecidas da região por realizar jogos de búzios, rituais, práticas de cura e outros métodos ancestrais de cuidado com corpo e não somente. A curandeira foi e é vista como autoridade em saúde e bem-estar popular, o que levou as pessoas a procurá-la durante momentos de crise, como uma pandemia. “A voz representativa de uma guardiã (Paulete Pereira) de poder sobrenatural, o corpo coberto de manto que traduz a simbologia deste poder, consolida a materialidade da força desta mulher, enquanto portadora de um legado herdado através de uma linhagem ancestral” (Cande Monteiro, Gomes e Silva, 2022: 63). No artigo “Mulheres no feminino: o poder tradicional como espaço de empoderamento das mulheres africanas”, Artemisa Odila Candé Monteiro, Peti Mama Gomes e José Manuel Mussunda da Silva (2022), retratam a

[90] A expressão “cura ancestral” refere-se aos usos de ervas medicinais, plantas, raízes e rituais que formam a ela transmitida de gerações mais antigas dentro de *tabanca*/aldeia.
[91] Paulete é minha tia por parte paterno, irmã mais velha de meu pai.
[92] Em cada etnia no país temos nomes diferentes para falar de curandeiras e benzedeiras.

figura da curandeira Paulete como guardiã de conhecimentos e práticas culturais, da história, tradições e rituais que têm raízes no passado dos *mandjakus* de Canchungo, transmitidas de geração em geração dentro de sua linhagem familiar[93]. Paulete, exerce uma conexão sobrenatural, acima de tudo, no mundo espiritual ou com forças além do entendimento humano comum, por acessar e canalizar energias e poderes, fornecendo orientação espiritual, aconselhamento e apoio emocional para os seus "pacientes".

As experiências de *napene* Paulete Pereira conduziu-me a uma compreensão ampla sobre medicina alternativa que envolve tratamentos terapêuticos dentro de abordagens coletivas e culturalmente adaptadas. Tal "curandeiro é o chamado médico popular" segundo Maria de Fátima Domínguez, diferenciando-se a medicina oficial e medicina alternativa. Disse ela:

> A medicina oficial diagnóstica, tendo como referência taxonomias universais e a medicina alternativa tenta perceber a doença segundo um enquadramento individual e cultural, ou seja, a atenção é centrada no doente e no restabelecimento do equilíbrio, o qual permitirá ao indivíduo recuperar a competência para lutar pelo seu estado de saúde (Domínguez, 2010:66).

A interlocutora está entre aquelas que nos ensinam para além dos padrões aceitos globalmente, como medicina convencional ou oficial, fornecem uma estrutura para a identificação e categorização das condições de cuidado com a saúde. Ela se apresenta como uma fonte de conhecimento, trazendo abordagens ancestrais de autocuidado comunitário. Em nossa conversa, as suas palavras de apresentação já vieram carregadas de um conhecimento específico sobre plantas e ervas medicinais, disse ela:

> *Me chamo Paulete e tenho 58 anos. Sou mãe de cinco filhos: dois rapazes e três meninas. Eu sei de folhas, do mato, é um conhecimento, não é? Eu aprendi essa "ciência" com as mulheres da minha aldeia lá na Guiné. Todos lá em casa já sabiam dessas coisas da planta; de consumo e de cura. Eu faço uso disso a muito tempo, aliás, desde criança, acompanhava minha mãe fazendo. Hoje (2020), além de mim, meus filhos, meus vizinhos e meus clientes vêm de longe atrás, quando estão doentes e precisam de*

[93] Sua irmã mais velha, Antonette Gomes, foi que se consagrou primeira *napene* de nossa família, contudo, a mais conhecida da região é Paulete, sua irmã.

ajuda, muita gente usa. Muita gente confia no meu trabalho (Entrevista concedida em maio de 2020).

Imagem 2 -Paulete em Canchungo, cidade localizada na região de Cacheu, Guiné-Bissau.
Fonte: Peti Mama (2020).

Paulete [**imagem 2**] narra que desde sua infância e adolescência na casa dos seus pais, no interior de Canchungo, Petabe, norte da Guiné-Bissau, sua mãe tinha o hábito de cultivar/plantar as hortas em seus terrenos perto de casa ou mesmo no quintal, principalmente no período de chuva (entre junho e outubro). Os plantios davam muitos frutos (legumes, verduras e frutas) que consumiam e eram oferecidos também na *morraça* [comunidade]. Por isso, ela tinha conhecimento (na época) que os plantios serviam para o consumo e dar sombra à casa. Mas, ao longo de sua adolescência e início de juventude, foi

percebendo com sua mãe e outras mulheres nas vizinhanças, que algumas das plantas que servem de consumo, podiam aliviar dores corporais, prevenir doenças respiratórias e curar diversos males, inclusive xaropes, chás que tomavam em casa, também vinham destas plantas. Paulete foi-se aprendendo, cada vez mais, sobre os diversos usos de plantas. O ano era 2000 quando se tornou *napene*/curandeira, passando por um ritual de iniciação, teve licença em cultivar plantas específicas, segundo ela: "*plantas k ta kura*" [plantas com a finalidade de cura] em sua casa, para que, frequentadoras(es) recebessem banhos de ervas, folhas de árvores, flores e frutos. Porque, tornar-se *napene*, também é carregar consigo conhecimentos ancestrais e espirituais de plantas, fruto de saberes transmitidos diretamente de mulheres no interior do país em questão.

A antropóloga e feminista Ana Gretel Echazú Böschemeier (2015) ensina que, "em cada nação, a história das plantas mágicas e terapêuticas, assim como dos(as) especialistas que melhor as conhecem, tem sido contada de uma maneira diferente, de acordo com a construção interna dos aspectos chave do desenvolvimento interno de cada nação"[94] (p.17). Cada narrativa e construção interna é de interpretação importante e representa um aspecto singular da rica tapeçaria de conhecimento de homens e mulheres no interior da Guiné-Bissau. Paulete, a título de exemplo, atualmente trabalha e tem sabedoria sobre ervas, plantas e remédios naturais. Quando a crise desencadeada pela pandemia da COVID-19 expõe, nos primeiros momentos em foco, seu ofício de curandeira, alguém com possíveis orientações a respeito do uso de chás, banhos e defumações para prevenir o vírus. Dentro de certas especificidades, a curandeira considera as receitas de quaisquer ervas, muito pessoal[95], significa que todas as composições são feitas de acordo com a necessidade de cada solicitante, paciente ou cliente.

Minha interlocutora, Paulete teve sua formação de raiz curandeira na Guiné-Bissau, onde o trabalho dos(as) mestres(as) tradicionais é permitido pelo Ministério da Saúde, também, no contexto social, mais de 40% reconhecem-os(as) como detentores de sabedoria ou conhecimento sobre o uso da medicina tradicional. No entanto, o exercício de seu ofício, ou, sua carreira se consolidou no senegal, onde, atualmente reside com seus filhos, filhas e

[94] Para maiores detalhes ver: Böschemeier, Ana Gretel Echazú. 2015. "corpo de planta terapias e magias dxs curiosxs da baixa Amazônia do Peru, sob uma perspectiva situada de gênero e de saúde popular". Tese de Doutorado, Brasília:UNB/DAN/PPGAS.

[95] "Sei de muitas receitas de pó que cura dores de joelhos e costas. Faço óleos especiais que ajudam na respiração (...) tudo isso é um aprendizado acumulado que dá para aproveitar nos cuidados atuais" (Paulete Pereira, maio de 2020).

netos. Em Ziguinchor, cidade do Senegal, Paulete construiu uma especia de *bangolo* em que atende homens e mulheres de todas as idades. Antes da pandemia, também viajava por países como Guiné-Bissau, Gâmbia, Mali e Guiné-Conacri devido ao seu ofício de curandeira, o que exigia um planejamento semestral de viagens. A partir de março de 2020, ocorreram mudanças no planejamento de viagens devido à pandemia de COVID-19, que afetaram o seu "ganha-pão". As restrições de viagem e as medidas de controle implementadas (também) pelos governos e autoridades de saúde afetaram consideravelmente a forma como as pessoas planejaram suas viagens. E quando soube por mim que as viagens nacionais e internacionais foram suspendidas em função do distanciamento social por tempo indeterminado, ela disse: *"Virus k na bin de Eupora k Asia pa bin matanu pali quetadis"*! [O vírus vindo da Europa e Ásia para nos matar aqui, coitados!]. Esta enunciação vai de acordo com a afirmação da historiadora e Antropóloga, Jane Felipe Beltrão (2020: 01) "a COVID-19 trouxe consigo a comunicação em tempo real". Além das grandes mídias que cederam espaços para inúmeros(as) especialistas vindo(as) de diversas áreas de formação (biologia, medicina, filosofia e ciências sociais, e demais) a partir do advento da pandemia de COVID-19, pessoas não ágrafas (como é o exemplo de Paulete) e artistas com o poder da palavra também trouxeram à tona outras estratégias de cuidado e de cura que não dependiam, necessariamente, de uma intervenção estatal e nem de estratégias de controle dos corpos ou de provisão de medicamentos.

> Pessoas de outro lado do atlântico,
> Ensinam-nos com a vida, com a coragem!
> Contam-nos, recontam-nos silenciosamente as experiências passadas de epidemias.
> memórias responsáveis em salvar vidas.
> histórias dos que viveram velhice contada com a poesia,
> a poesia que resgata as memórias que trazem esperança para o bem-viver de africanas em meio ao caos!
> um viver e reviver esperançado, proporcionado pelos régulos, comunidades e mulheres.

O comando distanciamento social experienciado no surto de Cólera, Malária, AIDS, dos tempos passados no sul global
Comunidades africanas redesenhado o futuro em tempos de COVID-19[96]

Subcapítulo inspirado no artigo "Da travessia: contar experiências, partilhar o sentido" de Jean-Godefroy Bidima (2002) em diálogo com o diário de março-pandêmico (caderno de campo de 2020) para descrever a memória coletiva africana sobre pandemias e epidemias. Assim dizendo, memórias e experiências históricas e contemporâneas parte de comunidades africanas como fonte de conhecimento, de resiliência contínua diante de doenças contagiosas.

> A memória africana não é da ordem da simples evocação, ela remete ao registro da elaboração, ou seja, essa memória não é feita de "lugares" inamovíveis, ela se constitui por "lugares indicativos" que são, de fato, indicadores. Esses "lugares de memória" indicam que todo "lugar de memória" é um chamado e um trânsito para os "não-lugares da memória" (Bidima, 2002: 06).

As experiências recentes com Ébola na África Ocidental e Central, da mesma forma que, a Tuberculose e o HIV/AIDS na África Austral, especialmente em África do Sul, Zimbábue e Moçambique, gerou perturbação social e econômica causada pelos surtos de doenças infecciosas[97]. Tendo em vista, os impactos devastadores em países como Guiné, Libéria e Serra Leoa, resultando em milhares de mortes e consequências sociais e econômicas significativas, a memória coletiva em relação ao HIV/AIDS é habitualmente associada à perda de entes queridos, estigma e discriminação, que nem às respostas comunitárias e movimentos de conscientização que surgiram para enfrentar a doença. Por isso, os países africanos compreenderam durante a pandemia a necessidade e urgência de coordenação regional para conter e controlar os desafios de saúde pública. A professora Mônica Brun Beveder (2020: 64) relembra: "O que é urgente? É aquilo que exige, demanda, requer atendimento, atenção, resposta, ação imediata, rápida ou oportuna. A urgência de uma situação ou contexto social tem relação, portanto, com necessidades determinadas por condições sociais e históricas específicas". A urgência para os governos africanos foi investir

[96] Intitulado "Memórias atuais", notas de diário março-pandemia, escrito em 26 de agosto de 2021.
[97] Com os surtos de cólera especialmente nas estações chuvosas, às picadas de mosquitos contagiosos de malária, Anopheles, apresenta-se em alguns países do continente.

no Projeto de Redes de Laboratórios da Saúde Pública que cobriu: Burundi, Quênia, Ruanda, Tanzânia e Uganda, igualmente, hospital de Referência Wajir, no Nordeste Quêniano, na fronteira com a Somália e a Etiópia. De maneira igual, o África *Centres for Disease Control and Prevention* (CDC), a instituição técnica especializada da União Africana (UA), "criada pelos chefes de estado e governos africanos em 2017, com a missão de fortalecer as competências, capacidades e parcerias das instituições de saúde pública de África para detectar e responder, de forma rápida e eficaz, a ameaças à saúde e surtos de doenças" segundo Secretário Geral da ONU (2020, p. 06), durante a pandemia, anunciou a implantação de medidas de prevenção do contágio, com restrições e fechamento total de serviços públicos.

A chegada de COVID-19, além de Centros de Controle e Prevenção de Doenças em África (CDC), a nível regional, houve mobilização de redes como o Centro de Excelência no continente para a Genômica de Doenças Infecciosas (ACEGID) na Universidade de *Redeemers* da Nigéria, o Centro de África Ocidental de Biologia Celular de Patógenos Infecciosos (WACCBIP) na Universidade do Gana e Centro de Controlo de Doenças da Nigéria, para combater a propagação do vírus, (Wetzel[98], 2020).

A União Africana e outras instituições, como o caso de Estados Membros e Comunidades Econômicas Regionais e a Comissão Econômica das Nações Unidas para a África - ECA, estavam em alerta aos possíveis impactos negativos da pandemia na ordem social, econômica, financeira e de segurança nos países. Deste modo, o trecho do meu diário de campo referenciado, a princípio, desmonta os discursos racistas e preconceitos em relação a como os países do continente que felizmente conseguiram administrar as ondas pandêmicas. Reiterando a ideia de incapacidade da infraestrutura sanitária, assim, as experiências e *"memórias atuais*" falam das diversas reações rápidas e coordenadas dos países africanos para combater e enfrentar os impactos do confinamento no sistema de saúde, na segurança alimentar, na política e na economia.

> as experiências; tomemos o exemplo da doença. O respeito pelo doente implica, no Ocidente, no famoso sigilo médico; na África o primeiro momento desse respeito não é o sigilo, mas a publicidade; é preciso dizer de que o doente sofre a fim de que seu círculo possa falar e trocar experiências no exame. A filosofia da travessia não falará da doença

[98] Wetzel, Deborah. 2020. As pandemias não conhecem fronteiras: Em África, a colaboração regional é fundamental para o combate COVID-19, maio. Disponível em https://blogs.worldbank.org/pt/africacan/pandemias-nao-conhecem-fronteiras-em-africa-colaboracao-regional-e-fundamental-para-o . Acesso em 10 de set. de 21

> em termos de Brancos/Negros, África/Europa, tradição/modernidade, mas a partir de três noções: publicidade, sigilo e doença (Bidima, 2002: 10).

As experiências ou vivências moldaram a maneira como as comunidades africanas enfrentam e respondem às crises de saúde, tal como influenciaram as atitudes em relação às medidas preventivas, estratégias de sobrevivência e conhecimentos tradicionais relacionados à medicina e cuidados dentro de práticas e saberes ancestrais que são transmitidos oralmente e contribuem para a abordagem holística da saúde. "A tradição viva" do escritor, etnólogo e historiador Maliano Amadou Hampaté Bâ (2010), ensina que, na oralidade africana o conhecimento, sabedoria dos anciãos, a espiritualidade, os rituais tradicionais africanos fazem parte de identidade cultural das comunidades que são transmitidos às gerações futuras.

Ao trazer esses conhecimentos do passado para o presente, as comunidades criam uma relação que conecta diferentes épocas e experiências e estabelece diálogos entre elas. Essa abordagem permitiu-me lembrar a continuidade fortemente da oralidade nas *feras* populares, livres e comunitárias no ocidente africano em um contexto contemporâneo[99], aquilo que John C. Dawsey (2005) chama no artigo "Victor Turner e antropologia de experiência", passado articulado no presente dentro das práticas performáticas e rituais como formas de expressão cultural e experiência humana, mostrando uma compreensão mais densa e intensa das dinâmicas sociais e culturais. Os ensinamentos orais, experiências e reconhecimento do passado no presente não deixam de ser lidos como formas de ações simbólicas que envolvem o movimento de sujeitos e sujeitas diversas nas *feras* da Guiné-Bissau, carregadas de suas linguagens, gestos, símbolos e outros elementos expressivos, como: formas de negociar os preços de compras e vendas, o poder discursivo para convencer (ou não) clientes, os cruzamentos de identidades e as relações sociais que ocorrem entre os vendedores, as *bideras* e compradores, tal e qual a presença de autoridades governamentais, oficiais e visitantes.

Retomando, o poder discursivo, significativamente, nas eras de epidemias e pandemias tem moldado a percepção pública em influenciar atitudes e comportamentos, e até mesmo afetar as políticas e as respostas governamentais. No quadro de memórias e experiências históricas, durante a crise do ebola na África Ocidental, as comunidades e sociedade civil não se engajaram de maneira efetiva na luta contra epidemia devido às certas

[99] Retomarei a discussão no capítulo 4.

desconfianças de governos locais, um dos motivos de rápida propagação da doença, outro motivo foi propagação de rumores e informações não claras sobre o contágio, as causas e vacinas. Contudo, no caso da COVID-19, conforme o Secretário Geral da ONU "os países africanos estão a tirar lições de epidemias anteriores para envolver as comunidades, comunicar os riscos e adaptar abordagens locais e inovadoras para criar uma abordagem africana para se defender contra a pandemia" (2020: 07). Em teoria projetada e seus discursos, a disseminação do novo vírus no continente teria que ser particularmente catastrófica, dada a precariedade ou falta de infraestrutura de saúde, serviços básicos, comunicações e telecomunicações. Entretanto, em 27 de março de 2020, foi publicado o relatório da Comissão Econômica das Nações Unidas para a África (*United Nations Economic Commission for Africa – UNECA*), preparado sob a liderança geral da Secretária Executiva, Vera Songwe, afirmando:

> A África provou ser mais resiliente em termos de capacidade para enfrentar a pandemia da COVID19. O uso de máscaras, o distanciamento social e a lavagem das mãos foram adotados em todo o continente muito cedo. Também deve ser observado que a África teve que lidar com uma série de crises de saúde no passado, incluindo vários surtos de Ebola, e os países estabeleceram mecanismos e instituições que os serviram bem durante a atual crise de saúde. O vírus COVID-19 também parece ser menos mortal para os jovens e, como mais de 40 por cento dos africanos têm menos de 20 anos de idade, grande parte do continente foi inicialmente poupado do destino de muitos "países desenvolvidos" (Uneca, 2020: 09).

Muitos países africanos foram marcados por epidemias e doenças, como o HIV/Aids, Ebola e tuberculose, e as experiências com estas epidemias anteriores condicionaram a maneira pela qual diferentes países no continente enfrentaram e lidaram com o vírus. Outrossim, o "HIV/AIDS e do ebola criou comunidades de prática com estratégias inovadoras de rastreio, de tratamento, de isolamento e de cuidados com os doentes" (ONU, 2020, p.07). Claro, estou me referindo, em parte, às características sociodemográficas de uma população jovem, a maioria dos quais são residentes em zonas rurais, tanto que, os primeiros casos[100] do vírus SARS-CoV 2 confirmados, no continente, os maiores propagadores foram os

[100] "Na África Subsaariana os primeiros casos foram registrados e divulgados em Lagos, Nigéria, em 27 de fevereiro de 2020 e em Dakar a 03 de março de 2020. Em 5 de março havia casos em 4 países de todo o continente: África do Sul, Argélia, Nigéria e Senegal, segundo a OMS, mas nenhum falecimento. Em maio todos os países reportaram casos, sobretudo com origem em viajantes (OMS, 2020) e no início de 2021, o vírus tinha-se espalhado nas comunidades de forma assimétrica, surgindo mais no Norte e no Sul e menos no Centro, mas pode verificar-se que a incidência foi menor que nos outros continentes, de acordo com os dados do Worldmeter (John Hopkins University)" (Sangreman e Turé, 2022: 64)

europeus. Desde a primeira notificação, em 14 de fevereiro[101] de 2020 em Cairo, Egito, mais de 42 países africanos fecharam suas fronteiras e impuseram vários tipos de bloqueio com a justificativa de que a COVID-19 foi originalmente introduzida no continente pelas classes mais abastadas provenientes de suas viagens ao exterior (Europa e Ásia)

Diversos países do continente, optaram para além de Medidas Preventivas Convencionais (Isolamento/Distanciamento Social; Higienização das Mãos e Uso de Máscaras Faciais), estratégias de comunicação alternativas: rádio; televisão para "consciencialização educacional por meio de campanhas, envolvendo estruturas tradicionais como líderes comunitários, religiosos e médicos tradicionais" nas palavras de Énia Custódio Zunguza, Egon Bernardo Mualeite & Ahmed Abdirazak (2020: 284). Foram estratégias alternativas estabelecidas para transmitir as mensagens ou informações relativas à prevenção da COVID-19 de forma mais clara, segura e confiável. As rádios, para exemplificar, assumiram um papel importante em facilitar o acesso à informação, sensibilização, orientação e transmissão de conhecimentos diversos no enfrentamento à pandemia. De acordo com Indjai e Silva (2021: 1091), "as rádios comunitárias representam hoje, na África, um dos meios mais eficazes na difusão da informação e comunicação nas comunidades urbanas e rurais, onde o rural não se apresenta só como alvo, mas sim como protagonista desse fluxo informativo e comunicacional dentro da comunidade". Dentro de uma cobertura nacional em cada país, rádios se destacam por suas diversidades de vozes, ampla variedade de programas, de conteúdo e debates proporcionados com especialidades de cada área, representa um espaço de aprendizado e escuta democrática. Miguel de Barros e Fátima Tchumá Camará (2015) explicam o surgimento de rádios comunitários:

> as rádios comunitárias surgem como um meio de comunicação alternativo e dinâmico, assumindo um papel preponderante, contribuindo para resgatar o cidadão do anonimato, permitindo-lhe ser um interveniente ativo na discussão dos problemas locais (saúde, agricultura, gestão da floresta e dos recursos marinhos, posse da terra, herança, excisão feminina, casamento precoce e forçado, etc.). E dando-lhe mais liberdade de ação e de pensamento na sua afirmação enquanto ator com propriedade do seu espaço e cultura: sujeito de direitos (p.35).

Neste aspecto, cabe questionar qual era o grau de compreensão da situação e os efeitos da pandemia e atuação de radialistas nestes países? Ou, quais foram os métodos e dispositivos usados para conectar ou aproximar os(as) ouvintes em assuntos de prevenção

[101] De fevereiro a 13 de maio, tinham sido notificados casos em todos os 54 países. Fonte: Relatório Situacional da OMS sobre COVID-19. O primeiro caso confirmado foi anunciado pelo Ministério da Saúde do Egito entre 13 e em 14 de fevereiro de 2020. Desde então, vários outros países africanos também relataram casos da doença.

contra o vírus de COVID-19? Nos primeiros momentos, as(os) radialistas procuravam informações em agentes de saúde comunitária sobre o vírus, para que pudessem garantir programações direcionadas à COVID-19. Destaco "*nô tadja coronavírus*[102]", que estabeleceu critérios para os serviços essenciais, como atualizar os dados de contágios, mortes e curados do vírus no território guineense, e também, o programa cede espaço para profissionais de saúde, divulgarem comunicados importantes de cuidados diário, e os protocolos subsequentes do funcionamento dos comércios (*Fera de Bande, Caracol, Quelelé, Bairro Militar, fera de Praça* e demais *feras* existentes no país). Nessa direção, os decretos presidenciais oferecem pistas para o meu questionamento, ou seja, todas as informações ou comunicados de constitucionais emitidas por órgãos de governos em línguas nacionais (português, francês e inglês), eram, nos programas diários de rádios, lidos e interpretados por diferentes jornalistas em línguas nacionais (Wolof; Crioulos; Quiniaruanda; kiswahili,.).

Pois, de acordo com a recente pesquisa de caso realizada por Carlos Sangreman com a colaboração de Bubacar Turé e João Vaz, intitulada "COVID-19 e Direitos Humanos: relatório da Pesquisa no Setor Autónomo de Bissau" (2020), foram mostradas as estratégias de combate ao vírus adotadas e, sobretudo, os percentuais de canais de informações seguras que as populações utilizavam:

> Para assumirem as medidas de combate à pandemia, evitarem boatos, falsas notícias e aderirem à vacinação, as informações transmitidas pelas autoridades de saúde e políticas revelaram-se fundamentais em todos os países. As famílias na Guiné-Bissau em Bissau ouviram falar da pandemia sobretudo pela rádio (90%), pela televisão (75%) e com amigos e amigas (80%). As redes sociais tiveram menos importância e houve uma maioria de famílias a não ouvir nada por essas vias. Os vendedores dos mercados responderam com o mesmo padrão. As empresas ouviram mais pelas redes sociais e apresentaram como fontes preferidas a rádio (90%), a televisão (92%) e as redes sociais (84%). Para todos os inquiridos os jornais são a fonte menos importante. Ou seja, a esmagadora maioria manteve-se informada e todas as famílias e vendedores referiram algum dos canais apontados, não havendo um único inquirido que tenha respondido que não ouviu falar do vírus (Sangreman e Turé, 2022:80)

As transmissões radiofônicas foram utilizadas para 'educar' a população sobre as práticas adequadas de higiene, sintomas da doença, medidas preventivas e a importância do distanciamento social. Chamado por Sangreman e Turé (2022) de um espaço de informação: "com referência aos Decretos 09/2020 de abril e 11/2021 de março, aprovou-se o Direito à

[102] "Nô Tadja Coronavírus", é um programa radiofônico e nas diferentes mídias, com objetivo de sensibilizar a população, para diminuir a propagação do COVID-19; uma iniciativa da ONG AIDA, INASA e FJPS GB.

Informação (...) um espaço de informação próprio na televisão, um Boletim Epistemológico Semanal de Informação emitido pelo Comissariado para jornalistas, com dados sobre a pandemia mundial em África e na Guiné-Bissau, também disponíveis online" (p.78-9). Os programas em rádios foram avaliados pelas mulheres, *fassiduris di bida* como parte "importante na cobertura e divulgação de informações sobre a pandemia da COVID-19[103]". Dehe Nhaga, mulher balanta, minha interlocutora, *bidera* de *carbon* (carvão) na cidade de Bissau, *fera* de Quelelé constata, em uma das nossas conversas presenciais em novembro de 2022.

Quadro 5: Considerações de Interlocutora Nhaga

Fala original no guineense:	**Tradução autoral:**
Anos nô tene radio, n´ta obi tudo dia.	Nós temos e escutamos rádio todos os dias.
Es duença, alguin sibi del na radio.	Eu soube dessa doença na rádio.
Nka ta djubi televisão. Disna ki kunsa, si n´misti sai di kasa, nta sukuta ke ke na fala. Pa bi elis k ta contanu si pa sai ou não, pa bui mascara, pa lundju kumpanher, radios djudano dê.	Eu não assisto televisão. Desde que começou, se eu quiser sair de casa, sintonizo rádio para me informar. Escutar eles (jornalistas), o que estão a nos dizer, se é para sair ou não (...) orientam-nos a colocar máscaras, manter distância, rádio nos ajudou, muito.

Foi de suma importância compreender, junto a ela, como a rádio desempenhou um papel ativo na vida cotidiana de muitas pessoas, especialmente quando se trata de informações relevantes, como notícias sobre a pandemia. Suas declarações destacam a utilidade da rádio como uma fonte confiável de informações, particularmente durante o confinamento. Outro movimento de mídia no poder de influenciar a percepção pública e disseminar informações atualizadas sobre a doença, Indjai e Silva (2021: 1090) colocam que:

> Independentemente da questão geográfica, uma das grandes novidades trazidas pelas Rádios Comunitárias foi a questão etnolinguística. As questões de localização, proximidade, uso do guineense (*crioulo*) e da maioria das restantes línguas nacionais em função de cada localidade faz das rádios comunitárias um instrumento de referência na mobilização da ação da sociedade civil.

Desta forma, vale enfatizar que as RC não só se adaptaram à situação da pandemia COVID-19, mas tornaram-se um importante aliado no combate às *fake news*, pois, é uma rotina diária de escutar/ouvir rádio nos territórios africanos como meio de comunicação

[103] "*Programas di radios djudanu dê".* Dehe Nhaga, *fera* de Quelele, nov. 2022.

confiável e acessível, principalmente para uma população que vive no interior e são majoritariamente ágrafas. As rádios também atuaram firmemente em campanhas educativas através de músicas que retratam as formas de prevenções de COVID-19 em diferentes línguas étnicas ou maternas locais, divulgaram os centros telefônicos para atendimento da população. Os programas de rádios comunitárias e as músicas desempenharam um importante papel na disseminação de informações sobre a COVID-19, educação pública, conscientização e promoção de medidas de prevenção. As invenções se recaem, justamente, em priorizar os profissionais da área de saúde com o objetivo de orientar a população sobre as posturas sanitárias "mais adequadas", às práticas necessárias de cuidados (modos corretos de se lavar as mãos e usar máscaras). Assim, foi fortalecida a capacidade de resposta à doença, o que possibilitou novos projetos e adaptações, como a organização das redes de solidariedade/acolhimento e a participação ativa e social de artistas.

As mensagens de saúde pública, por meio de programas de rádio, músicas, campanhas de conscientização, prevenção e orientações, no mês de abril de 2020, tendo como exemplo, mais de cem artistas de diversos gêneros musicais uniram forças para atuar em seus países[104] de origem em favor das recomendações de higiene e isolamento social divulgadas pela OMS. Profissionais da música, do teatro, cinema, artes plásticas, literatura, e dentre outros se juntaram à campanha do combate ao vírus em parceria entre organizações não governamentais e comunidades com a missão de conscientizar a população sobre os cuidados na pandemia, por meio de mensagens de músicas educacionais que utilizavam diversos ritmos e diversas línguas maternas, francas/nacionais e internacionais.

O capítulo destaca a *arte*, do ponto de vista criativo nas campanhas de conscientização pública e de educação em saúde, recorrentemente têm usado as técnicas de cartazes, ilustrações, em lugares privilegiados de acesso (nos mercados) para transmitir informações de forma acessível e memorável. Uma conexão entre a saúde pública e a arte em promover a conscientização e a compreensão das epidemias, do mesmo jeito para apoiar esforços de prevenção e controle de doenças, a música se sobressaiu por ser um meio muito importante e eficaz para comunicar, transmitir mensagens de utilidade pública e tendo um alcance maior da população nos contextos de Áfricas.

[104]De março para cá (2023), acompanhei grupos de artistas do Congo, Guiné-Bissau, Costa do Marfim, Burkina Faso, África do Sul, Ilhas Maurício, Madagascar, Mauritânia, Guiné-Conacri, Nigéria, Gana e Senegal.

Segundo o quadro do inquérito dos indicadores múltiplos de 2018-19 da Guiné-Bissau (2020), a "posse de Equipamentos de Tecnologias de Informação, Comunicação (TIC) e Internet em casa" para famílias nos países da costa ocidente africana possuem acesso a rádio, com uma representação maior que 60%. Por isso, levar informações para os diversos lugares considerando *para quem e de que forma*, a música no guineense,

> *Stop Coronavírus*[105]
> (...)
> Humanidade está a chorar pela doença que invadiu o mundo,
> Coronavírus veio como uma bala de canhão,
> Coronavírus veio para matar como bala
> Pandemia desconhecida alastra por toda parte do mundo,
> Pandemia tão medonha está a matar e não tolera ninguém 2x
> Pobres estão a morrer,
> Ricos estão a morrer,
> Brancos estão a morrer,
> Pretos estão a morrer
> Dor, dor, dor nas nossas almas (4 x)
> Dor, dor, dor no mundo inteiro
> Ásia está a chorar,
> Europa está a chorar
> América está a chorar
> África está a chorar
> Dor, dor, dor nas nossas almas (3 x)
> Dor, dor, dor no mundo inteiro
> (...).

Nesta ordem de sensibilização e campanhas, foram produzidas dezenas de canções, algumas individuais, outras com participação coletiva de músicos e artistas, tanto consagradas como de novas gerações. Música *"Stop Coronavirus"*, escrito no guineense pelo compositor José Manuel Caliba, traz para sociedade bissau-guineense uma mensagem informativa sobre os riscos à saúde apresentados pela COVID-19. A letra de Caliba foi direcionada especialmente a todos os guineenses independente de etnia, classe social,

[105] Escrito pelo compositor guineense, José Manuel Caliba, no quatro de campanha de Solidariedade dos Músicos e Promotores Culturais da Guiné-Bissau sobre prevenção à Covid-19. Disponível em https://youtu.be/9qjELL_59Do. Acessado em: 20/08/2020.

região ou setor, a fim de conscientizá-las(os) sobre a pandemia que vinha se alastrando em território mundial, usando ferramentas culturais, a música, sendo capaz de melhorar a resposta à crise de saúde. Da mesma forma, alertar o perigo que a mesma pode provocar, em grande escala, se os cuidados básicos de prevenção não forem seguidos à risca.

Na mesma linha da necessidade de mobilização social e coletiva para a prevenção da COVID-19, vários artistas reconhecidos nacionalmente na pessoa de: Ammy Injai; Binhan Quimor[106]; Dulce Neves[107]; John William; MC Cádio; MC Mário; Nelson Bomba[108]; Tchuma Bari[109]; Kilograma e Zé Manel[110], lançaram uma canção intitulada *"Guiné-Bissau contra o coronavirus"*. O lançamento foi promovido pela secretaria de comunicação social e Nações Unidas, com o direto à produção de televisão nacional da Guiné-Bissau (TGB), apelando:

> (...) Meu povo oh, ouvi a notícia, uma notícia maléfica até o mundo está com medo.
> (...) meus irmãos devemos prevenir da doença de Coronavírus.
> Começou na Ásia, chegou à Europa, passou na América, agora, já está em África.
> Sempre devemos lavar a mão com água e sabão ou usamos álcool em gel.
> Orientamos as crianças para que lavem também e devemos cuidar deles em casa.
> Meus irmãos, temos que prevenir.
> Fique em casa e evite aglomerações,
> distancie-se das outras pessoas numa distância de um metro, caso esteja falando como forma de evitar a contaminação de Corona (...).

---

[106] Binhan Quimor é um músico, compositor e intérprete guineense. Recebeu o prêmio de cantor de música moderna de destaque na "1ª Gala Nacional Guiné n´dade" em dezembro de 2014.

[107] Dulce Neves, uma das primeiras mulheres guineenses a projetar-se a partir da música, que já canta há mais de 30 anos. Em suas músicas, a cantora retrata o cotidiano do país, como a falta de escolas de qualidade, situação de mulheres, questões culturais e as dificuldades dos menores.

[108] Nelson Bomba, o músico se destaca em um dos estilos musicais mais tradicionais da Guiné-Bissau, a *Tina*.

[109] Tchuma Bary, uma das vozes notáveis da nova geração cantora na Guiné-Bissau.

[110] José Manuel Fortes ou simplesmente Zé Manel (nome artístico) é um dos fundadores da famosa banda musical na Guiné-Bissau, "Super Mama Djombo", onde começou como baterista do grupo. A banda foi fundada por escuteiros nos anos 70 e rapidamente se tornou um grupo de referência no país e na diáspora por conta de letras musicais que retratavam os problemas sociais e políticos do país e sobretudo traziam ideias e estratégias da luta de libertação nacional. Artistas cantam em crioulo, mandinga e balanta.

A urgência de cumprir as recomendações de distanciamento social impostas pelo novo coronavírus levou as(os) artistas a produzirem músicas com conteúdo de apelo e recomendações de distanciamento social impostas pela pandemia. Por outro lado, as músicas no contexto social guineense mostraram maior capacidade de reação do que a televisão nacional, por exemplo, as informações ditas em forma de linguagem artística chegavam a lugares mais distantes nos quais a maioria da população não tem acesso à internet e canais de TV. As (os) artistas de "*Guiné-Bissau contra o coronavirus*" reforçam:

> Se estiver com a tosse seca,
> quando expira,
> não coloque a mão para se proteger,
> Busque um lencinho para tapar o nariz e a boca.
> Está sentindo a coceira dentro da garganta,
> está doendo, misture a água quente com limão e bebe.
> Se estiver com os sintomas,
> não tenha medo,
> nem negue fazer teste.
> Se estiver com febre alta ou normal,
> falta de ar,
> respirando com dificuldade,
> Pegue no celular e ligue rapidamente para MTN 1919 ou para Orange 2020.
> Alguém virá para lhe socorrer.
> Caso use uma máscara, deve trocá-la,
> (...), nós crianças devemos prevenir.
> Corona contamina rápido,
> parece com a gripe,
> mas não é gripe.
> (...), devemos seguir as recomendações da OMS
> e dos técnicos de Saúde.
> Se sair de casa e quando voltar,
> lave a mão com sabão,

Ou usamos álcool em gel.
Ficamos em casa e evitamos aglomerações[111].

"Um som que produz sentidos[112]" (Pelaez, 2000), pode fazer parte da compreensão das concepções. Logo, as duas canções referenciadas, de modo geral, incentivaram o distanciamento social, o uso de máscaras, a evitação de aglomerações e a higienização das mãos, como estratégias para combater a COVID-19. As iniciativas de músicos guineenses em reforçar o apelo de prevenção da COVID-19 se enquadram na arena de combate e sensibilização rápida da população sobre a eficácia das medidas de prevenção, a fim de que haja mobilidade das pessoas, medidas fundamentais para evitar a rápida disseminação do vírus e o aumento no número de casos da doença. Além disso, essas iniciativas buscavam possibilitar que informações importantes cheguem a toda a população de maneira segura e acessível, a fim de prevenir a desinformação, *fake news* e até manchetes de jornais internacionais que possam não estar alinhadas com a realidade vivida no país.

A sonoridade (escutar e ouvir) de músicas em diversos sons e ritmos, que refletem a diversidade cultural e musical do continente africano, leva-nos para as *feras* populares e livres como espaços movimentos, aliás, vibrantes e cheios de vida. Fotografar as *feras,* em Bissau, no final de novembro de 2022, levou-me a estender outras compreensões primárias rítmicas que aparecem no início da pesquisa em 2020, escutando as composições dos(as) artistas(as) guineenses. Cabe pontuar que, em todas as *feras* no país, nos encantamos com o som: O som que anuncia os valores dos produtos, sua qualidade, o que chama para conhecer o trabalho artesanal, o que traz informações de higiene, cuidado, os comunicados de eventos semanais. Era comum encontrar vendedores e ambulantes que anunciam seus produtos por meio de chamados sonoros, seja através de vozes ou de instrumentos musicais como apitos e caixa de som. Esses sons chamativos têm o objetivo de atrair a atenção dos visitantes e potenciais compradores(as), criando um ambiente animado, agitado e movimentado. O som que carrega mensagens direcionados a diferentes públicos, através de línguas que anunciam

[111] Versão original no guineense disponível em: https://youtu.be/WALqqko3VMk Acesso em 05 de junho de 2021. Traduzido pelo escritor, Vaz Pinto Có. Doutorando em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora- UFJF, mestre em Linguística Aplicada, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA) da Universidade estadual do Ceará (UECE).

[112]Sobre o assunto, ver: Pelaez. Neyde Carstens Martins. 2000. **Um som e seus sentidos**. [Dissertação de mestrado em Engenharia de Produção] Florianópolis.

os comunicados, além das línguas locais, étnicas, ouvimos línguas de países vizinhos de Senegal e Guiné-Conakri, como Wolf, Susu, francês, árabe, entre outras. As *feras* populares e livres (Vedana, 2013) são marcadas por sons ambientes, como conversas animadas, risadas, negociações e sons característicos de produtos sendo preparados e vendidos, como o corte de carne, frituras de pastéis, o chacoalhar de panelas de comidas típicas (em barracas dominado pelas mulheres guineenses e senegalesas), o movimento dos que vão e dos que vem *fazer fera*, o som de motorizadas, carros,.

O som detona nossos nomes. A criatividade das *bideras ou bindiduris* resultava em apelidos. Por exemplo, em todas as *feras* que visitei na Guiné-Bissau – lembrando que não era vista como antropóloga, nem tampouco como pesquisadora retornada– todos, sem exceção, me chamavam *Rasta*[113] *(de rastafári).* Esses sons criavam uma atmosfera familiar, comunitária, fortalecendo esse vínculo e criando um ambiente mais amigável, ao mesmo tempo imersivo. O *estar e fazer fera di mindjeris* refletem a riqueza cultural e a diversidade guineense por meio da música e dos sons presentes nesses espaços dinâmicos, que expressam a identidade local, nacional e internacional. Da mesma forma, durante a pandemia, o som da música carregava mensagens de acolhimento, solidariedade, resiliência, criatividade e de uma mobilização nacional que construiu pontes de afeto para unir pessoas, mesmo estando distantes fisicamente, no combate à doença e na preservação da saúde individual e, por consequência, da saúde coletiva. Além de duas canções referenciadas, é importante salientar que, existem outras músicas de críticas às autoridades, os líderes políticos, as denúncias de desigualdade social que fragiliza e desprotege ainda mais as mulheres que já se encontram em situações de desproteção por falta da assistência de governos.

As orientações básicas de cuidado com sintomas (*"está sentindo a coceira dentro da garganta, está doendo, misture a água quente com limão e bebe"*) anunciada em música "*Guiné-Bissau contra o coronavirus"* mostra as interpretações de doenças por músicos. E, considerar o poder da fala de curandeira, artistas e mulheres *bideras* em tempos de crise pandêmica neste capítulo é, antes de mais nada, romper as relações de poder dominantes, carregado de narrativas hegemônica sobre COVID-19 e, acima de tudo, demonstrar a disputa política de discursos em uma dimensão nacional e internacional. As(os) artistas populares e

[113] Meus cabelos em *dreadlocks* ditavam minha identidade como *rastafári*, originada na Jamaica no século XX., raramente me chamavam pelo nome ou por uma guineense.

da nova geração tiveram um importante papel na produção de conteúdos e discursos informativos sobre o vírus, visto nesta pesquisa como uma ferramenta política, criativa e crítica social que contribui também no enfrentamento da COVID-19.

3.2 "*Li, djintis djunta nan contra es dueça* [Aqui, as pessoas se juntaram contra este vírus]": união para combater a COVID-19

A combinação de quarentena com outras medidas de prevenção (higiene das mãos, uso de máscaras, distanciamento físico, etiqueta respiratória, o comando "fique em casa") e arte, assim como o fechamento de escolas públicas e privadas; espaços de aglomeração: igrejas, bares ginásios/academias; restrições de viagens nacionais (a interrupção dos sistemas de transporte público); proibição do fluxo de passageiros entre as regiões; fechamento das fronteiras aéreas e marítimas; fechamento parcial do comércio, permanecendo abertos apenas aquelas consideradas atividades essenciais: serviços de saúde, farmácias; contribui de uma forma significativa no controle de números de casos da COVID-19 no continente africano, se comparamos com o cálculo previsto pela OMS.

Em virtude disso, não se nega que, as experiências com surtos e epidemias anteriores, como de ebola, cólera, sarampo e malária, também contribuíram com o trabalho de enfrentamento da COVID-19. Por efeito, as Áfricas tiveram um sucesso notável na política de saúde para contenção, mecanismos de vigilância e do controle da COVID-19 em vários países. Segundo o relatório de Comissão Econômica das Nações Unidas para a África (2020), apesar das limitações observadas e referenciadas pelos especialistas do exterior[114] (Europa), em termos de projeções catastróficas, "a maioria dos países da região têm, até o momento, sido eficaz em desacelerar a propagação do vírus" (p.17). Estendendo em:

> além das restrições de bloqueio, outras medidas comumente adotadas em toda a região para nivelar a curva de transmissão do vírus incluem: quarentena sistemática de viajantes recentes e casos suspeitos; isolamento de contatos de pacientes confirmados identificados por rastreamento rigoroso; expansão das instalações de testes e laboratórios; estabelecimento de linhas diretas e *call centers*; e o uso obrigatório de máscaras faciais. Cada país implementou uma série de medidas e adotou diferentes abordagens para reduzir o impacto da pandemia. Por exemplo, em Ruanda, um posto de comando COVID-19 (...) foi criado para coordenar as atividades de contenção da pandemia (Uneca, 2020, p. 17).

[114] Ou melhor, a "resistência anormal da África frente ao vírus da COVID-19" considerado por Cruzmerino; Daher e Dessartre (2021).

Levando em consideração as diferenças, especificidades e diversidades dos países africanos em termos de estruturas e organizações sociais, climáticas e ambientais, as instituições formais e não formais adotaram diferentes medidas perante a pandemia. Em outras palavras, as Áfricas estabeleceram uma série de estratégias para administrar os choques econômicos, sanitários e humanitários, a partir de diversos planos de contingência da COVID-19. Os dados apresentados no relatório da UNECA, mostravam a desaceleração das suas economias para proteger a saúde dos seus cidadãos, com uma abordagem "primeiro o povo", no sentido de, por exemplo, a prática socioeconômica do turismo, a sua indústria, suas receitas, as remessas do exterior entraram em colapso. Significa que, em termos econômicos, os países que mais sofreram, se enquadram em três grandes grupos: "os mais atingidos pelas infecções por COVID-19; aqueles que dependem de exportações de *commodities*; e aqueles que dependem do turismo" (Uneca, 2020: 20).

O turismo representa, em média, cerca de 18% do PIB, e emprega 24,3 milhões de pessoas no continente, de acordo os dados de *African Union Commission*/OECD (2021) e Fundo Monetário Internacional – FMI (2020). As restrições, por um lado, denunciavam os impactos significativos na economia Africana, especialmente nos países como: Botsuana, Cabo Verde, Camarões, Egito, Gâmbia, Lesoto, Madagáscar, Maurícias, Namíbia, Ruanda, Senegal, Seicheles, Tanzânia e Tunísia, que inegavelmente enfrentaram um desafio árduo levando em conta suspensão de voos comerciais.

Nota-se que a economia africana

> sofreu impactos de fatores exógenos e endógenos. Os fatores exógenos estão relacionados à queda do turismo, do investimento estrangeiro direto (IED), da demanda por suas exportações e das remessas do exterior. Vale lembrar que os principais parceiros comerciais foram atingidos, antes da África, pela COVID-19, com fortes impactos sobre suas economias. Assim, houve diminuição na demanda pelos produtos africanos, sobretudo *commodities*. Uma vez que há queda na demanda por exportações, há perda de renda e de receita pelos governos (Bessa, 2020: 85).

A despeito de terríveis consequências da crise[115], é importante salientar que, no continente, as áreas urbanas foram os epicentros da pandemia desde fevereiro de 2020, respondendo pela grande maioria dos casos da COVID-19 acometidos e mortes segundo os dados apresentado pelo Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos -UN-Habitat (2020). Sendo, portanto, apenas 47% corresponde aos residentes urbanos,

[115] Antropóloga e historiadora, Jane Beltrão já dizia "as pandemias são cruéis, varrem os continentes, levam milhares de pessoas, deixam as cidades desertas" (2020, p. 05).

enquanto mais de 50% vivem nas zonas rurais e a maioria da população vive e depende exclusivamente do setor informal que emprega 71% dos africanos e 90% das mulheres de acordo com os levantamentos de ONU; UN-HABITAT, UNCDF, UCLG-Africa, UNECA, 2020.

Outros desafios foram riscos de acesso a serviços e produtos de saúde, assim como, incerteza contínua em torno da crise econômica e também pelo acesso às vacinas, por causa da dependência de exportação dos produtos médicos e farmacêuticos. Ou por outra, mais de 90% recebem fornecimento vindo da União Europeia (UE); China e dos Estados Unidos, segundo Bessa (2020). Portanto, os efeitos

> significativo para a África é a queda de remessas do exterior, que constituem importante parcela do poder de compra, representando em alguns países – como Camarões, Gâmbia, Lesoto, Libéria e Somália – mais de 10% do PIB. No entanto, as projeções acerca dessas remessas são de declínio – segundo estimativas do Banco Mundial, uma queda de 23,1% para a África Subsaariana em 2020 (Bessa, 2020: 84).

Na crise aguda que atravessávamos, a COVID-19 registrou impactos adversos nas cidades de várias maneiras. De um lado, as zonas consideradas urbanas nas Áfricas são os principais pontos críticos para a disseminação do vírus e, requeriam um foco específico em termos de reduções drásticas de fechamentos dos comércios, para a contenção do contágio da doença, em consequência, os prejuízos de diversas ordens, afetando a economia, o desemprego, as trabalhadoras do setor informal, mulheres em situações vulneráveis, insegurança alimentar e falta de moradia "adequada" para o cumprimento do isolamento social. O recente trabalho de Ouro Salim Omar (2021: 89) já alertava sobre os efeitos devastadores da COVID-19 "na economia informal, na qual 325 milhões de trabalhadores vivem. As medidas de confinamento tiveram um impacto significativo nos setores informais dos países africanos". Por outro lado, nas zonas rurais, comunidades e *tabancas* (aldeias), apesar de terem o conhecimento da necessidade do comando "fique em casa", do uso de máscara, do distanciamento físico, as ordens do recolher obrigatório em 2020-22, não foi necessário impor tais medidas devido à baixa taxa de contaminação e mortes (UN-HABITAT, UNCDF, UCLG-Africa, UNECA, 2020). Na apresentação do livro "A COVID-19 no Brasil e as Várias Faces da Pandemia" organizado por Gustavo Corrêa Matta, Ester Paiva Souto, Sergio Rego e Jean Segata (2021: 17), os(as) autores(as) constatam que os efeitos da "pandemia não são apenas sanitários. São socioeconômicos, políticos, culturais, éticos, científicos, sobremaneira agravados pelas desigualdades estruturais e iniquidades entre países, regiões e populações".

As mulheres no interior do Sul, leste e norte na Guiné Bissau, por exemplo, durante a pandemia, continuavam a frequentar as *feras* organizadas por *lumu*[116] semanalmente, normalmente sem uso de máscaras.

Imagem 3 - Mulheres produtoras no "Lumu" (*feras* semanais) de Buba, Região de Quinara, Sul da Guiné-Bissau. Fonte: Miguel de Barros (2020).

[116]"Os *lumus* são uma espécie de instituição financeira com funções sociais importantes, pois para além das transacções comerciais que neles se desenvolvem, é onde muitas vezes os artistas fazem as suas exibições, onde os agentes da saúde passam as informações sobre campanhas de vacinação ou de prevenção de certas doenças, onde novas tecnologias são exibidas" (Gomes, 2018: 07).

Não há uma narrativa ou discursos homogêneos em torno da pandemia de COVID-19 no Continente africano, além das lições relevantes com anteriores epidemias de HIV / AIDS e do ebola, o envolvimento comunitário, os riscos e adaptação de métodos nacionais e locais para controlar a propagação da doença a população africana foi afetado de maneira diferente e diversa. A partir da concepção não universal dos efeitos da pandemia no continente africano, para cada sujeita social em seus territórios vão criando uma dinâmica social e econômica, política e sanitária, significa que, os marcadores da diferença se apresentavam, no caso especial deste trabalho como gênero, condição de trabalho e sua dinâmica alterada em função do distanciamento social. Segundo o relatório[117] de UN-HABITAT, UNCDF, UCLG-Africa, UNECA (2020: 05), as estruturas socioeconômicas das Nações Unidas para a resposta imediata ao COVID-19 no continente, juntamente com o grupo de trabalho Regional de Comunicação de Risco e Engajamento (RCCE), consideram que "a população em maior risco são aqueles que dependem fortemente da economia informal, ocupam áreas sujeitas a choques, têm acesso inadequado a serviços sociais ou influência política, têm capacidades e oportunidades limitadas para lidar e se adaptar com acesso inadequado".

Enquanto não se verificava o impacto imediato na saúde na maioria dos países, as consequências indiretas para além da saúde já causavam um elevado prejuízo continental. De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (2020, p.02), a "insegurança alimentar, falta de suprimentos médicos, perda de renda e de meios de subsistência, dificuldades na aplicação de medidas de distanciamento sanitário e físico, uma crise de dívida iminente e riscos políticos" se intensificaram desde maio de 2020. Mesmo que globalmente, a pandemia do vírus SARS-Cov-2 ter sido debatida através de três vertentes: saúde, economia e política, em termos antropológicos, foi imprescindível trazer neste trabalho, abordagens particulares de mulheres *bideras* atingidas pelas mudanças sociais e econômicas que estão experienciando, tendo em conta, a situação acentuada de vulnerabilidade que os mercados guineenses se encontravam.

[117]O relatório de UN-HABITAT, UNCDF, UCLG-África, UNECA, em si "analisa os principais impactos do COVID-19 nas cidades africanas, bem como as medidas de resposta tomadas até agora para identificar práticas inovadoras, soluções e oportunidades para informar e melhorar as estratégias atuais e futuras de recuperação e reconstrução (2020: 06).

As consequências geradas pela pandemia no mercado de trabalho, indiscutivelmente, reforçaram as desigualdades de gênero e sociais; projetou visivelmente a violência cultural imposta pelo eurocentrismo branco, cristão e europeu; reforçou os discursos e relações de poder entre Norte e Sul. Nesta ótica, a pesquisa doutoral não se tratou de uma análise histórica ou epistemológica mais ampla sobre o tema de epidemias no continente africano, tampouco se trata de um balanço geral sobre a COVID-19 nestes países. Entretanto, tornou-se necessário introduzir, nas linhas gerais deste primeiro capítulo da segunda parte, um balanço discursivo dos riscos políticos, de saúde e de segurança projetados nestes países de uma forma quase hegemônica desde março de 2020. Esta relação de dominação e submissão perpetuado entre colonizadores (desenvolvidos) e colonizados (não-desenvolvidos), respectivamente, criam e recriam novas formas de colonialismos, portanto, a tese dentro de uma narrativa antropológica-feminina-decolonial e linguística procurou estudar e contar histórias de mulheres guineenses que realizam suas atividades nas *feras* espalhadas em Bissau, capital do país, discutindo as formas de ganhar o sustento, antes, durante e pós-pandemia de COVID-19.

3.3 Guiné-Bissau no pós-pandemia: COVID-19 e cobertura vacinal

A Guiné-Bissau é um dos países no continente que enfrenta desafios relacionados a epidemias e endemias, com destaque para a malária, a tuberculose, o vírus da imunodeficiência humana (VIH) e a síndrome da imunodeficiência adquirida (SIDA), além das preocupações com a dengue, paludismo e a febre-amarela. Nesse contexto, os centros de vacinação no Setor Autônomo de Bissau (SAB) são conhecidos pelo seu papel na implementação dos planos de vacinação estabelecidos pelas autoridades de saúde locais. E, a participação ativa dos(as) técnicos(as) de saúde e enfermeiras na organização de campanhas de vacinação porta-a-porta é uma das ações mais conhecidas pelos(as) guineenses. Paralelamente, “o sistema de saúde criou 3 centros de tratamento para COVID-19: um no Hospital Nacional Simão Mendes, no centro da capital Bissau, outro no Hospital de Cumura, na Região de Biombo e outro no Hospital de Bor, em Bissau” (Sangreman e Turé, 2022: 70). As ações comunitárias e estratégias para aumentar a capacidade de tratamento e gestão de casos de COVID-19 foram fortalecidas durante a pandemia no país, principalmente devido às medidas impostas, como o distanciamento social e o fechamento parcial das atividades, conforme abordado nos capítulos anteriores.

Para o caso específico da COVID-19, a campanha de vacinação[118], por exemplo, teve início no país em 22 de maio de 2021, antes desse período, os técnicos foram treinados para atuar em comunidades e bairros, com o objetivo de explicar as vantagens e a importância da vacinação.

Imagem 4 - Sensibilizadora
Fonte: Equipe de vacinação do hospital regional de Bafatá

Os caminhos coletivos de luta pela sobrevivência não se limitaram apenas às *feras*, mas também envolveram campanhas de rádio para incentivar a vacinação, que chegou tardiamente[119] no continente africano de modo geral, e em particular na Guiné-Bissau. O Conselho para o Desenvolvimento da Investigação em Ciências Sociais em África (CODESRIA), no âmbito da realização da sua 16ª Assembleia Geral em Dakar, Senegal, sob o lema "As Ciências Sociais e as "Pandemias" em África", retomou a discussão sobre as desigualdades na distribuição de vacinas, chamando a atenção para o "*apartheid* das vacinas":

> (...) há desigualdades globais que têm sido muito evidentes na distribuição de vacinas, com o "apartheid das vacinas" a emergir como o mais importante lembrete às

[118] Para mais informações sobre a campanha de vacina contra COVID-19: "Removendo o medo da conversa sobre a vacina: A campanha de vacinação COVID-19 na Guiné-Bissau. Disponível em: https://www.unicef.org/guineabissau/pt/node/556 Acessado em: 10.07.2021

[119] "As atividades de vacinação de rotina foram garantidas com a criação gradual dos centros de vacinação no Sector Autónomo de Bissau (SAB) que evoluiu de 3 a 14 centros/postos com a participação ativa dos técnicos da saúde militar após assinatura de um acordo de parceria (...) Após este período experimental o grande desafio passou a ser o acesso das comunidades às vacinas em que foi registada certa injustiça na sua distribuição com prioridade aos países desenvolvidos e produtoras (Cardoso; Mendonça; Mané & Có, 2020:42-43).

> economias em desenvolvimento de que estão sozinhas. Pior ainda foram os casos claros de duplicidade europeia que se manifestaram em questões em torno dos direitos de propriedade intelectual no que se refere à questão do acesso ao tratamento e à distribuição de ferramentas de teste de vírus e vacinas (CODESRIA, 2022:02).

A distribuição e administração da vacina, em si, contra a COVID-19 enfrentaram uma série de desafios do ponto de vista de obtenção dos suprimentos devido à competição global por doses e à concentração de sua produção em algumas regiões do Norte global. Cyril Ramaphosa, presidente da África do Sul, em uma das reuniões com líderes mundiais, em Paris (2023), sobre vacina, em seu discurso disse: "Os países do hemisfério norte compraram todas as vacinas do mundo, as monopolizaram e não quiseram liberá-las no momento em que mais precisávamos. Nos sentimos como se estivéssemos implorando e, às vezes, parecia que eram apenas migalhas em cima da mesa[120]".

Assim, além das desigualdades observadas na distribuição da vacina no continente africano, incluindo a Guiné-Bissau, somaram-se os rumores sobre possíveis efeitos negativos das vacinas, segundo a equipa do Alto Comissariado para a COVID-19 no país, nomeadamente Plácido Cardoso e Araújo Mendonça, Cadija Mané e Asson Có do Serviço de Imunização e Vigilância Epidemiológica (2022): "O desafio da vacinação não só foi o acesso às vacinas, mas também como fazer as populações se vacinarem tendo em conta aos vários rumores que se fizeram circular nas redes sociais e localmente sobre os efeitos nocivos das mesmas" (p:43). De um lado, as "especulações" giravam em torno do corpo, em especial quando se trata da questão de gênero e da afirmação de que uma vacina contra a COVID-19 poderia levar à infertilidade em mulheres, e também de que a vacinação resultaria em óbito "após 2 anos de se ter vacinado". E, por outro lado sobre o mito da origem da pandemia em duas versões: a primeira foi

> que o vírus surgiu como consequência não intencional de um processo de investigação que correu mal ou que foi deliberadamente fabricado por cientistas. Claro, existe a versão adicional de que foi uma transferência de espécie de um animal selvagem para os humanos. Seja como for, o foco intenso na origem do vírus (ou seja, o "momento do pecado original"), por mais importante que seja, oferece pouco espaço para explorar os desafios mais fundamentais que o vírus desencadeou (CODESRIA, 2022:02).

Neste capítulo sobre o vírus originário da Ásia e da Europa, introduzem-se brevemente as perspectivas iniciais (narrativas de maio de 2020) das mulheres *fassiduris di bida*, destacando especialmente as visões da interlocutora curandeira Paulete Pereira em

[120] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=i4HGSXiKfc8 Acesso em: 12/07/2023.

relação ao mito sobre a origem da pandemia. Considerando se teria sido resultado de um experimento científico intencionalmente criado por cientistas e se, como consequência, não chegaria na Guiné, muito menos nas *feras*. Chegou e permaneceu, e por isso, a urgência de vacinas se fazia necessária naquela época. E, as narrativas das *bideras* em novembro de 2022 sobre a vacina contra a COVID-19 em Bissau basearam-se em "medos" quanto aos seus efeitos.

O artigo "Vacinação contra o SARS-CoV-2 na Guiné-Bissau[121]", escrito por Cardoso, Mendonça, Mané e Có (2020), foi o primeiro que li e analisei os dados das(os) vacinadas(os) no país enquanto já estava em campo[122]. Quando voltei a Bissau para realizar trabalho de campo, já havia tomado quatro doses: três da Pfizer e uma da AstraZeneca. Mesmo assim, nos primeiros dias, usava máscaras nas *feras*, visto que tinha acabado de passar por uma longa viagem (Fortaleza, São Paulo, São Paulo, Lisboa e Lisboa até Bissau, quase três dias para chegar ao meu destino final). Também, minha percepção dos cuidados com o vírus, baseada em experiência de quarentena no Brasil/PA, ainda estava muito latente, porque mesmo após receber a quarta dose da vacina, contraí o vírus da COVID-19 durante a viagem para participar do concurso para o cargo de professora substituta na UNILAB, em 2022. Recuperei-me da COVID-19 e, cerca de três meses depois, já estava com as malas prontas para a Guiné-Bissau. Durante a viagem, monitorei o tempo de uso e a troca de máscaras, e ao chegar a Bissau, continuei usando-as nos primeiros dias, justificando que tinha tido contato com várias pessoas e superfícies no aeroporto, tornando assim necessário todo cuidado. Tanto que, passei as primeiras horas na mesa de Zilda da Silva e, em seguida, na mesa de Aida Sá para um *"djumbai[123]"*, ao chegar, as palavras que vieram após os abraços demorados e cumprimentos foram: "Por que está usando isto[124]? Todos já pararam de usar, ninguém usa mais". Foi, neste momento que falamos de vacina, perguntei-lhes se haviam

[121] Cardoso P, Mané C, Araújo Mendonça G, Có A. Vacinação contra o SARS-CoV-2 na Guiné-Bissau. Disponível em: https://anaisihmt.com/index.php/ihmt/article/view/428 Acesso em: 29Out.2022.

[122] Até a conclusão da redação desta tese em agosto de 2023, observei uma escassez de artigos científicos sobre a COVID-19 na Guiné-Bissau no decorrer de minhas buscas. Durante a pesquisa de campo em outubro de 2022, obtive os decretos relacionados à COVID-19, comunicados e os boletins oficiais do Alto Comissariado para a COVID-19 e o "Plano de Resposta Socioeconômica à pandemia da COVID-19" nas instituições locais.

[123] *Djumbai* é um termo do crioulo-guineense que significa rodas de partilha ou conversa.

[124] Ela fez um gesto de reconhecimento, apontando para a minha máscara.

tomado a vacina e como foi o processo de vacinas em Bissau? Elas tomaram a dose única, Johnson & Johnson[125].

Aida explicou que, assim como as mobilizações de campanha de sensibilização para a proteção do vírus foram muito intensas, o mesmo aconteceu com a campanha de vacinação. Foram organizadas equipes para visitar as casas, com o objetivo de explicar às famílias a importância da vacinação, em suas palavras: *Djintis de saude ta bai nan casadias pa pidi djintis bai toma vacina (...) tambi comunicadus pudu na radius comunitarias."* Aida ressalta que os comunicados foram veiculados nas rádios, informando os dias e locais onde os agentes de saúde estariam disponíveis, para que a população pudesse comparecer e se vacinar; da mesma forma, os agentes de saúde realizavam visitas domiciliares para promover a vacinação. Assim como a interlocutora Aida, a Zilda acredita que foram ações que representaram um esforço coletivos em Bissau para conscientizar e envolver a comunidade na importância da vacinação contra a COVID-19, garantindo que o acesso à vacina fosse facilitado "*pa djintis di area*/por pessoas da área".

Dessa forma, para os próximos capítulos, busco dentro de um recorte geográfico e espacial, centralizar a minha análise sobre Guiné-Bissau, mulheres no campo laboral, *bideras, fassiduris di bida,* narrar as mudanças vivenciadas no cotidiano destas trabalhadoras; seus espaços de comércio, as *feras;* as principais repercussões nacionais e os seus desafios e potencialidades diante do contexto pandêmico. Visto que, a primeira parte deste capítulo demonstra que é arriscado presumir a catástrofe homogênea e indiferenciada para o continente durante a pandemia, uma vez que, as estratégias adotadas, o funcionamento dos lugares públicos; setoriais, regionais, sub-regionais se apresentaram perfis de atuação diversas.

De modo geral, neste capítulo primeiro, discorro além dos discursos acerca da COVID-19 iniciada fora do continente africano, seus diversos impactos no sistema sanitário, as tensões socioeconômicas em detrimento da saúde nos países em questão, os desafios da vacina. A linguagem antropológica em diálogo com a arte: imagens, música e poesia expõem em cena, inicialmente, os discursos hegemônicos que acabam se tornando legítimos dentro de diversidades sociais, econômicos e políticos de um continente de 54 países, emprestando o nome para isto de "Invenção" escancaradas na efetividade do poder, saber e ser nos países

[125] Vale lembrar que as três vacinas que foram utilizadas na Guiné-Bissau são: AstraZeneca, Sinopharm e Johnson & Johnson.

ditos de Norte Global para o Sulis Globais. Sendo assim, pode-se considerar que os danos colaterais provocados pelas medidas para conter a pandemia foram visivelmente mais no campo sócio-econômico do que a ação direta do vírus (contágio) para mulheres *bideras* na capital guineense, por exemplo, no período de abril de 2020 a maio de 2022.

CAPÍTULO IV
Mulheres na estrutura política, social e econômica na Guiné-Bissau: qual realidade?

4 Trazendo a história à luz: mulheres no contexto da Guiné-Bissau

As narrativas nacionalistas têm sido rotineiramente contadas pelos homens e associam o "patriarcado africano ao objeto de resistência colonial" enquanto as mulheres ocupam certos nichos sociais, especialmente a economia (Cooper, 2008: 10). Neste trabalho, reporto-me a realidade guineense com base nos escritos de Cande Monteiro (2013) e Godinho Gomes (2016) que nos asseguraram que, ao longo da história da Guiné-Bissau, as mulheres também foram atores sociais e políticos muito ativos antes da independência no quesito sociopolítico e institucional. A título de exemplo, apresentaram-nos a questão da presença e da participação feminina em todo o processo de luta anticolonial. As mulheres foram determinantes na mobilização das populações para aderir a luta de libertação nacional; participaram ativamente na distribuição de panfletos; divulgação dos objetivos e na apresentação do projeto independentista do PAIGC. Tal como os homens, as mulheres se envolveram diretamente na luta armada atuando como: médicas, enfermeiras, estrategistas e professoras nas zonas libertadas e no núcleo de formação dos futuros quadros do país, a chamada Escola Piloto.

Mesmo sendo maioritariamente preenchido pelos homens devido às heranças históricas provocadas pelo *modus operandi* da administração colonial e, em certa medida, pelas estruturas políticas endógenas, o cenário político guineense no período da luta de libertação nacional foi permeado pela presença e participação significativa das mulheres nas estruturas políticas – ocupando cargos de gestão, intermediação, comunicação e lideranças das células do PAIGC. No entanto, os estudos de intelectuais guineenses, Patrícia Godinho Gomes (2014); Miguel de Barros & Maria Odete Semedo (2013); Ilda Sanca (2014); Joacine Katar Moreira (2017); Herculano Arlindo Mendes (2019); Goia Alfredo Biague (2019); Peti Mama Gomes & Artemisa Odila Cande Monteiro (2020), evidenciam que, após a independência, o campo político e econômico na Guiné-Bissau é marcado pelo aumento das desigualdades de gênero, fazendo prevalecer a dominação masculina. O espaço político (dentro da máquina do Estado) em si, está atrelado ao reflexo do sistema patriarcal, estigmas e padrões constituídos pela dominação masculina na qual a mulher (fora da máquina do Estado) é sujeita ao espaço de produção de consumo e ao espaço doméstico. Esses elementos justificam, segundo o Gabinete Integrado das Nações Unidas para a Consolidação

da Paz na Guiné-Bissau (2012), a baixa representatividade feminina na política nacional guineense após a abertura política de 1990, com apenas cerca de 14% das cadeiras.

Se durante a luta de libertação nacional, o congresso de Cassacá, especificamente, o PAIGC reconheceu a importância da participação das mulheres na política e tomadas de decisões, decidindo abraçar o desafio da inclusão por meio de uma regra que defendia a existência de pelo menos duas mulheres em cada cinco membros dos comitês de *tabanca* e sua maior participação na educação. A participação das mulheres na política guineense retraiu-se no período a seguir à independência do país, em 1973, e não conseguiu ganhar o corpo esperado em relação às questões de gênero. O estabelecimento de preferências trabalhistas sexualmente orientadas via família/sociedade e a instrumentalização da esfera pública e privada no contexto nacional guineense, contribuem para a perpetuação do cenário desigual de mulheres na estrutura de política-formal, de igual modo, a taxa de mulheres ágrafas (64%) é maior que a dos homens (49%), o que dificulta o acesso dessas a empregos melhores remunerados e posições de liderança dentro do público-estatal e público-civil.

Herculano Arlindo Mendes (2019:12), salienta que, “as tarefas domésticas são atribuídas especialmente às meninas, mulheres, o casamento forçado e precoce que provoca o abandono escolar, a mutilação genital feminina”, esses indicadores são prejudiciais à ascensão das mulheres em todas as atividades da vida pública e político-partidária na Guiné-Bissau. Nessa mesma esteira compreensiva, a historiadora Joacine Katar Moreira (2017) assevera que, quando se fala das questões de mulheres no país, não se perde de vista as dinâmicas políticas e o funcionamento das instituições em um contexto dominado por homens. Desta forma, as instituições são marcadas efetivamente pelas dinâmicas que distinguem “esfera privada e esfera pública, porque ambas tendem a funcionar como duas arenas relativamente independentes, com lógicas e concepções do mundo, da sociedade e das relações de gênero bastante díspares” (Moreira, 2017: 16).

Na Guiné-Bissau, as diferenças existentes entre os sexos adquirem significados diferentes nos espaços públicos formais, onde o contexto político influencia a representação do poder. Esse poder é predominantemente exercido por homens no setor formal, enquanto no setor informal, as lideranças são desempenhadas por mulheres. Essa dinâmica pode ser atribuída a fatores históricos, que alguns acadêmicos classificam como “fragilidade” política e institucional, descrita por golpes de estado, intervenções militares e mudanças ocasionais de

governo no país. Numa perspectiva analítica sobre a crise estrutural, para um esclarecimento melhor de instabilidade política colocada neste capítulo, Moreira (2017) é esclarecedora em sua tese quando afirma:

> Na história da Guiné-Bissau independente, é o ciclo vicioso e problemático da instabilidade política, que aqui surge como quase sinônimo da instabilidade governativa, tendo em conta que as duas situações ocorrem em simultâneo. É de difícil contabilidade saber o número exato de ministérios e de ministros e de secretários de Estado que o país já conheceu até agora (..). A fragilidade do processo político e democrático consolida-se com as tentativas e as concretizações de golpes de Estado no país, provocando o descrédito das instituições e o caos administrativo (...) Podemos falar de estabilidade sempre que nos referimos a uma ordem social cuja dimensão institucional e política não oferece razões para duvidar do rumo normalizado que ela tomará. Já o seu inverso, a instabilidade, remete para um contexto em que esta ordem esperada é quebrada por alguma razão e se instala uma situação em que a incerteza acerca do funcionamento das instituições se torna uma constante (p. 71 -72).

A instabilidade política é, portanto, resultado de conflitos políticos em detrimento de troca constante de governantes[126] que reflete diretamente no setor econômico e social, com mudanças contínuas nas políticas públicas. Ao imaginar o Estado bissau-guineense, nos deparamos com "instituições extremamente frágeis, incapazes de garantir a estabilidade política, econômica e bem-estar dos cidadãos" (Cande Monteiro, 2013: 248). Na mesma linha de raciocínio, Arnaldo Sucuma (2013), uma das referências de estudos sobre construção de Estado na Guiné-Bissau, destacou os avanços, retrocessos e desafios com que o país em questão se deparou e ainda se depara em busca de um desenvolvimento sociopolítico e econômico após a sua independência política, sendo que, o sistema político adotado pelo país foi e é, o semipresidencialismo.

Ao enfatizar o sistema semipresidencialista guineense, Sucuma (2013: 134) logo apresenta grandes marcas de "fragilidade" e instabilidade política representada "pelos sucessivos golpes e tentativas de golpes de Estado desde 1998, que contribuem massivamente em fragilizar as instituições de maneiras gerais, o que impede, então, o país de construir um Estado sólido de direito democrático". O Estado que se refere neste trabalho, é justamente uma "instituição social destinada e equipada para manter a organização

[126] A abertura política e a formação do multipartidarismo em 1994 sinalizam o primeiro golpe de Estado no período de 1980 e, consequentemente, séries de crises na estrutura social-econômica; constante instabilidade política e governamental; as interferências das elites militares após a guerra civil, iniciada em 7 de junho de 1998 até maio de 1999. Este conflito político-militar resultou em um golpe de Estado, que "interrompeu o mandato do primeiro presidente a pós-independência, fragilizando assim o processo democrático embrionário, ou seja, recém-implantado no país", para Candé Monteiro (2013, p. 245).

política de um país, interna e externamente; uma instituição que, acima de tudo, constitui-se um instrumento de dominação de classe, de um estrato, de um grupo ou segmento social sobre o resto da sociedade" (Carvalho, 2016: 76).

Logo, ele [o Estado] não pode e não deve ser visto como um produto importado em outras realidades, e sim, como uma construção nacional e localizada a partir das realidades e necessidades internas. Na Guiné-Bissau, o Estado enquanto instituição *política formal* se reconhece no pós-independência, culminando com a realização das primeiras eleições multipartidárias para a presidência[127] e o parlamento em 1994, cuja vitória foi do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), que elegeu democraticamente um governo e o presidente da República na pessoa de João Bernardo Vieira mais conhecido por "Nino Vieira". Desde então, a realidade da estrutura e da organização dentro da máquina do Estado nacional, é indissociável dos privilégios masculinos na manutenção do poder político. Constata-se que, estes privilégios de homens nos espaços de destaque foi um factor condicionador de baixa representação feminina nas estruturas públicas-estatais-formais, em especial, em espaços de poderes políticos.

Considerando a existência dessas discrepâncias em lugares público-formal e público-informal no país, após a independência, os homens ocupam predominantemente posições de destaque nos centros de tomada de decisão em comparação com as mulheres. No entanto, também se observam pressões provenientes dos movimentos de mulheres ativistas[128]. Estes movimentos buscam não apenas "a participação política", como mencionado pela antropóloga guineense Iadira Antônio Impanta (2020), mas também o reconhecimento e a legitimação de suas agendas no contexto da abertura política para o multipartidarismo. Em outras palavras, há esforços contínuos por parte das mulheres para abordar essas questões e promover a equidade de gênero. O resultado da luta dos movimentos feminino na construção do Estado-nação no pós-independência, revela, resultado como à criação de políticas públicas que favoreçam a "democratização" e participação política das cidadãs em um contexto multipartidário, em que, ainda se vê, no exercício dos poderes executivo e legislativo na diversidade e representatividade (embora

[127] Após a independência da Guiné-Bissau em 1973, Luís Cabral tornou-se o primeiro presidente do país, mas não foi eleito democraticamente. Ou seja, Cabral substituiu a carga automaticamente devido ao seu papel na luta pela independência. Portanto, em termos legais, a primeira eleição presidencial democrática no país, ocorrida em 1994, conferiu a vitória ao "Nino" Vieira no cargo de presidente da República.
[128] União Democrática das Mulheres de Guiné e Cabo-Verde (UDEMU).

menor) participativa no sistema político formal, a partir de criação do Ministério de Assuntos Sociais e da Promoção Feminina (MASPF), em 1991, com o objetivo de garantir a participação plena de mulheres nos espaços públicos (Barros e Semedo, 2012).

Isto porque, a inserção de mulheres bissau-guineenses em diversos espaços públicos no país resulta de uma luta histórica e contínua para que possam participar ativamente em organizações da sociedade civil, no parlamento nacional e em outras esferas de decisão do país. No início dos anos 2000, mais precisamente em 2008, foi criada a Plataforma Política das Mulheres (PPM) como um "espaço de concertação das mulheres oriundas de todos os quadrantes políticos e sociais, que visa sobretudo, aumentar as suas participações nas instâncias de tomada de decisão e nos meios dos partidos políticos" (Biague, 2019:09). Em decorrência das conquistas dos movimentos em prol da melhoria do estatuto das mulheres em meu país, foi igualmente aprovada, em 2011, a Lei nº 14/2011, que tornou crime a mutilação genital feminina. No contexto da promoção da equidade de gênero, em 2013, foi criada a lei contra a violência doméstica, aprovada pelo Parlamento em 2014. Essa legislação consiste exclusivamente na defesa da mulher no ambiente doméstico, abrangendo as violências físicas, psicológicas, sexuais, patrimoniais e a restrição de sua liberdade.

Em suma, as instituições ou redes de serviços relevantes na área de proteção dos direitos humanos no país, como uma conquista coletiva, compreendem o Ministério da Saúde Pública, Família e Coesão Social; Ministério da Justiça e Direitos Humanos; Instituto da Mulher e Criança – IMC; e o Comité Nacional para o Abandono das Práticas Nefastas – CNAPN; Comité Nacional de Prevenção e Combate ao Tráfico de Seres Humanos; GICJU e Centros de Acesso à Justiça; Comissão Especializada para Mulheres e Crianças. Todos de alguma forma competem formular, propor, coordenar e executar as políticas do Governo voltada à promoção da integração e da coesão social, a proteção da mulher, como reformas legislativas necessárias à proteção dos direitos feminino. O Gabinete de Consulta Jurídica (GICJU), por exemplo, tem a obrigação de segurar e efetivar ações adequadas para garantir condições de acesso à informação e consulta jurídica à população em situações vulneráveis.

No entanto, é importante ressaltar que, apesar da existência de leis e redes de apoio, o problema persiste, especialmente em regiões e setores com menor acesso às instituições do Estado e poucas delegacias para registro de boletins de ocorrência. Por outra forma, a criação destas, não garante a efetividade de políticas, já que, nos últimos dados do Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau de 2014, mostram a permanência de "desigualdades

social, política e econômica dos gêneros no país, tendo em conta, os papéis assumidos pelas mulheres de se responsabilizar pela produção agrícola, alimentação, educação, saúde, bem-estar dos filhos e até de toda a família ou comunidade" constatado por Gomes e Cande Monteiro (2020: 153). Conduto, os dados etnográficos de outubro a dezembro em Bissau, lê-se as representações público formal (homens), e público não formal (mulheres) "se apresentam e representam como posições sexuais", que refletem em várias situações, entre elas, relações de complementaridade e resiliência no informal e alianças nas compras e vendas de produtos em algumas *feras* de Bissau.

As *bideira*/*mindjeris k ta fassi bida*, minhas interlocutoras, dominam produtos como alimentos frescos e defumados, por outro lado, há uma predominância masculina em setores como ferramentas, utensílios domésticos, roupas (de todos os gêneros), tecidos e produtos têxteis, mas, de modo geral, essas divisões estão em constante mudança gradualmente, quer dizer, dependendo da época do ano, pode ser comum encontrar homens e mulheres envolvidos em diferentes tipos de comércio nas *feras* de Bissau. Portanto, ambos os gêneros nas *feras*, ora assumem papéis de compradores(as), ora de vendedores(as), estabelecendo uma dinâmica de *bidera* ou comerciante. Essa alternância de papéis faz parte do mercado, onde indivíduos podem comprar ou vender produtos de acordo com a situação. Por isso, a compreensão de complementaridade de gênero nas *feras* de Bissau desafia e transforma essas normas e estereótipos (divisão tradicional do trabalho), promovendo a equidade de oportunidades, a inclusão e a valorização do potencial e das contribuições da camada feminina.

As mulheres, por exemplo, antes da pandemia, desempenhavam um importante papel nas redes comunitárias, associações e cooperativas, esferas sociais, especialmente responsáveis pela economia do país, como anteriormente foi mencionado. Por este motivo, acredito que seja importante fazer uma breve recapitulação do papel que as supracitadas ocupam socialmente no campo da agricultura e comércio na África subsaariana e, em especial na Guiné-Bissau.

4.2 *África Subsaariana e mulheres na economia-informal: contribuições para o debate*

As geografias da África Subsaariana são consideradas países em desenvolvimento[129], com uma economia instável na qual a expansão do mercado de trabalho formal enfrenta sérios desafios por conta das crises e "fragilidade" das instituições do Estado, quase sem progresso[130], em termos de crescimento econômico. As estratégias nacionais de sobrevivência e auto-emprego devem-se, necessariamente, à produção rural-familiar no quadro do setor informal, tanto nas zonas rurais, como nas zonas urbanas. Desse modo, a economia informal desempenha um papel de extrema importância nesses países gerando empregos e rendimentos econômicos para o desenvolvimento local, nacional ou sub-regional.

Omarildo Luís da Silva (2010: 08-15), já dizia que "perante a inoperância do aparelho estatal na África Subsaariana a economia informal surge como substituto da economia formal e não como um complemento (...), portanto, é difícil dar uma definição concreta do que é a economia informal". Ao contraponto dessa colocação de Silva (2010), a economia informal "segundo as definições clássicas, corresponderia às microempresas que abastecem os mercados com produtos e serviços não acessíveis de outras formas, sendo, portanto, um sector importante para complementar o sector formal da economia" conforme aponta Domingas (2000: 45).

Para os efeitos da abordagem seguida neste trabalho, considerei o setor informal como uma das estratégias de sobrevivência socioeconômica, representando uma fonte principal de renda construída tanto por homens quanto por mulheres em diversas geografias africanas, especialmente em todo o território nacional da Guiné-Bissau. Em uma pesquisa realizada em Bissau, capital do país, a historiadora guineense, Patrícia Godinho Gomes (2015: 03) apresenta "o fenômeno das redes femininas de solidariedade guineenses nos centros urbanos e a sua importância na sociedade atual, onde procurou entender os mecanismos de funcionamento das repercussões económicas, sociais e culturais na sociedade", mostrando-nos a situação econômica da Guiné-Bissau e falta de compromisso da máquina do Estado e instituições *formais* para com a população. Em suas palavras:

> Num país como a Guiné-Bissau, em que o Estado não consegue honrar os seus compromissos básicos, inclusive o pagamento regular dos salários e onde mais de 70% da população activa opera no sector informal, da qual a maior parte das famílias

[129] Exceto a África do Sul.

[130] Progresso como ideia de aspiração do século XVIII, concomitante com o desenvolvimento com um projeto do século XX que continua no século XXI (Bresser-Pereira, 2014).

> depende, directa ou indirectamente, a economia informal apresenta-se como a mais simples e a menos burocrática, contribuindo de forma decisiva para a resolução imediata dos problemas quotidianos de sobrevivência das populações como a alimentação, o emprego, a saúde e a escolaridade (Gomes, 2015: 05).

Diante da incapacidade do governo guineense em gerenciar e criar oportunidades de emprego, principalmente no âmbito público-formal, resultando em limitações de postos de trabalho formais, assim como na ausência de projetos governamentais voltados para o desenvolvimento nacional, inclusive aqueles destinados a formalizar as atividades realizadas por homens e mulheres nas *feras livres e populares*, transfere o acesso à proteção legal, segurança social e previdência, uma parcela significativa da população, com destaque para mulheres e jovens, encontram-se envolvidas em suas atividades de venda nos mercados informais. Dados apresentados pela historiadora (Gomes, 2015), de que mais de 70% da força de trabalho está envolvida no setor informal, do qual a maioria das famílias depende direta ou indiretamente, destaca a economia informal como a opção mais direta e menos burocrática. Com o resultado, esses mercados informais têm crescido e lucrado ao longo das décadas de 1980 e 1990, refletindo a necessidade de subsistência diante da ausência de oportunidades formais. Esse fenômeno também foi destacado por Stacciarini & Silva (2018). Estes comércios urbanos espalhados pelas capitais dos países em questão promovem a inclusão econômica, acabam sendo o maior empregador público de jovens-mulheres-homens.

Nesta tese, tratar-se-á de autosserviços que, em grande maioria, empregam trabalhadores(as), por ser um setor extremamente dinâmico (flexibilidade de horários, autonomia e a capacidade de conciliar trabalho e responsabilidades familiares), com uma ampla gama de pequenas e médias empresas, abarcando trabalhadoras autônomos (no caso de mulheres parte desta pesquisa); comércio ambulante (dominado por homens mais jovens), e um nicho micro (ocupado por trabalhadores com lojas fixas). Também, fundamentei a dualidade nas escritas de Martha Alter Chen (2005: 08), em lembrar "as extremidades formais e informais econômicas costumam estar dinamicamente ligadas[131]". É importante considerar os relatos de mulheres que, durante a pandemia, denunciaram as lacunas nas estruturas de um sistema legal e regulamentado, que se baseiam em leis externas para a proteção dos investimentos associados a contratos formais, direitos

[131] **Original**: "Moreover, the formal and the informal ends of the economic continuum are often dynamically linked" Alter Chen (2005, p. 08).

trabalhistas e segurança social. Os discursos embasados (como abordado no capítulo 1) em leis proferidas por governantes revelaram e evidenciaram disparidades socioeconômicas, condições de saúde, ambiente de trabalho e situação empregatícia, assim como diferenças entre grupos sociais e de gênero. As mulheres nas *feras* de Bissau foram particularmente vulneráveis à exposição a patógenos durante a pandemia da COVID-19. Com o efeito, elas ocupam em grande parte setores informais que desativam um contato direto com o público formal. Dado que não possuem estabilidade ou proteção social em suas atividades autônomas, muitas trabalham por conta própria como *bideras* fixas (em barracas ou mesas) ou como ambulantes. Vale lembrar que, em áreas rurais, atuam como agricultores sazonais. Todas essas atividades foram expostas de maneira maior ao vírus, já que não tinham as mesmas medidas de segurança que os empregos formais proporcionariam (a possibilidade de um trabalho remoto, como ocorreu em alguns casos e contextos).

Estas são indivíduos que se movimentam no público-informal por terem acesso a serviços financeiros de comércios e redes de ajuda como fonte de sobrevivência, provendo para si e suas famílias, por ser, também, grande "importância socioeconômica, além de se constituir como fonte de ocupação, renda e sobrevivência da maior parte da população" Stacciarini; Silva (2018: 43). Reconheço a expressão do sector informal (Amaral, 2005), por abarcar um leque muito vasto de atividades econômicas que ocorrem fora das estruturas do setor formal da economia, mas, como optei em focar esta pesquisa nas *feras populares* de capital Bissau, essa dualidade do conceito de sector informal e formal não constituirá um instrumento válido de análise dos dados de campo empírico por lembrar fatores que incluem-se: "O ajustamento estrutural em África e a transição económica na ex-União Soviética e na Europa Central e de Leste associados a uma expansão do emprego na economia informal", da mesma forma,

> os trabalhadores demitidos que não encontram empregos formais alternativos têm de recorrer à economia informal porque não podem se dar ao luxo de ficar desempregados; e Em resposta à inflação ou cortes nos serviços públicos, as famílias muitas vezes precisam complementar a renda de empregos formais com rendimentos informais" (Alter-Chen, 2005: 04).

Objeto de revisão deste capítulo, dentro desta dualidade, em Bissau, as atividades no sector comercial, as *feras* ocupadas por homens e mulheres pode ser entendida como um espaço de trabalho informal, segundo as literaturas lidas, contudo, esta palavra não aparece

cotidianamente nos vocabulários de mulheres, parte do estudo. Pode-se afirmar, portanto, que estudos anteriores (Domingues, 2000; Camará, 2010; Gomes, 2015; Gomes, 2019) destacam o contexto de precariedade e a ausência de emprego formal no país como fatores determinantes. Como resultado, membros de famílias extensas, grupos de mulheres, associações, cooperativas e *Mandjuandadis*[132] se mobilizam para criar fontes de renda individuais e coletivas, gerando oportunidades de autoemprego definidas pelo trabalho informal. Nas palavras de Maria Manuela Abreu Borges Domingues (2000):

> A informalidade é, pois, um fenómeno não só do domínio do jurídico, como dos processos sociais e culturais presentes em Bissau. A crescente participação económica das mulheres no sector informal, mesmo se é apercebida como uma necessidade para colmatar os fracos ou inexistentes rendimentos dos maridos, e fazer face à insegurança social, constitui, pelo que nos foi dado constatar durante o trabalho de campo em Bissau, junto de grupos de mulheres ativas economicamente, um contexto de oportunidades de promoção social para as mulheres (p.46).

Assim, não tenho a intenção de ignorar a análise de algumas considerações apresentadas anteriormente por autores e autoras em relação ao trabalho informal. No entanto, uma vez que este estudo também prioriza a perspectiva das mulheres nas *feras* de Bissau, como a tese de Domingues (2000), optei por denominar suas atividades como "economia de vida" ou "trabalho de vida", referindo-se, principalmente, às estratégias de vendas que visam gerenciar recursos com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das mulheres *fassiduris de bida.* Esta escolha baseia-se no amplo corpo de literatura proveniente das Ciências Sociais, especialmente da Antropologia Política[133] (Fortes, M. & Evans-Pritchard, E. (Orgs.). ([1940] 1961); Leach, E. ([1954] (1996); Palmeira, M. & Goldman, M. (Orgs.). (1996); Peirano, M. (1998),..) que pode encarar esta questão: de que forma as camadas pobres, mulheres em situação de vulnerabilidade, as pessoas que não têm emprego estável na economia urbana e rural, conseguem sobreviver e, apesar da falta de empregos fixos, chegam a responder às necessidades básicas da população. E, por meio de seus trabalhos, conseguem melhorar suas condições de vida, construir habitações, acessar serviços sociais, pagar mensalidade em escolas particulares para os seus filhos ou suas filhas; garantir sua

---

[132] *Mandjuandadi* é uma organização de mulheres que abrange o campo político, social, econômico (Gomes, 2019).

[133] **Ver em**: Evans-Pritchard, E. ([1940] 1978), Os Nuer São Paulo, Perspectiva. Fortes, M. & Evans-Pritchard, E. (Orgs.). ([1940] 1961), African political systems Londres, Oxford University Press. Geertz, C. (2001), Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro, Zahar. Leach, E. ([1954] (1996), Sistemas políticos da Alta Birmânia São Paulo, Edusp. Garvey. Peirano, M. (1998), "Antropologia política, ciência política e antropologia da política", in _____, Três Ensaios Breves Brasília, UnB, "Série Antropologia", n. 230, pp. 17-29.

subsistência e, acima de tudo, estão entre grande parte da população economicamente ativa.

Atender às necessidades básicas resultantes de suas atividades no setor informal é, de fato, uma especificação estruturante e sua importância estratégica é indiscutível, tanto do ponto de vista regional na África subsaariana quanto no contexto guineense; uma vez que se traduz em fornecer subsistência e sustento para um grande número de pessoas. Na Guiné-Bissau, o sector informal passou a ser considerado como o conjunto de métodos de sobrevivência, com o desenvolvimento de um complexo de atividades não registradas legalmente na câmara municipal da capital guineense, mas, os comerciantes e as comerciantes pagam uma certa taxa diária nas suas barracas em Bande, Caracol, Bairro Militar, Quelelé e demais *feras* (Aguilar, Monteiro & Duarte, 2001). O Documento de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza - DENARP II (2011 -2015), lembra que, apenas 37% têm atividades do sector formal e da população feminina (48,6% daquele total), mais de 70% estão no informal[134], o que marca uma dominância da mão-de-obra feminina, mulheres nos espaços urbanos e rurais carregam consigo atividades de produção e vendas.

As atividades, que na verdade, possuem grande importância econômica, social, religiosa e cultural para a população local e nacional, além de contribuir no sustento de pequenas famílias, também, atrai outras formas de circuitos econômicos (Santos, 2012). Em diálogo com a interlocutora Dehe Nhaga, *bidera* de 59 anos que trabalha na informalidade para dimensão econômica, em suas considerações: "é minha fonte de rede; é meu sustento e da minha família[135]". Além do rendimento que as mulheres conseguem nestes espaços informais de comércio, existem possibilidades de inclusão social para grupos marginalizados, como pessoas sem formação acadêmica superior, o caso de minhas interlocutoras, mas, que se envolvem nos trabalhos informais que ocorrem em espaços públicos como forma de empoderamento econômico, permitindo-lhes ter uma fonte de renda independente, tomar

[134]"As mulheres deram uma contribuição importante para o crescimento económico, através de: (i) desenvolvimento da produção agrícola (incluindo fileiras do arroz, castanha de caju e horticultura), pecuária e pesca; (ii) desenvolvimento do sector informal (tanto no meio urbano como rural, especialmente no comércio) e, (iii) trabalho doméstico. Segundo o ILAPII/2010, 77,1% das mulheres activas estão ocupadas no sector primário e cerca de 23,0% no sector terciário (serviços), dos quais 12% para o subsector comércio. Ainda que as suas atividades contribuam para a melhoria do nível de vida das famílias e para o PIB, o nível da sua produção e produtividade continua fraco por várias razões, em particular, as dificuldades de acesso aos factores de produção" (DENARP II, 2011, p.14).

[135] "*Es i unico tarbadju k nta tira tudu pa nha familia. Des k nô ta vivi"*, Dehe Nhaga, notas de caderno de campo, nov. 2022, Fera de Quelele.

decisões financeiras e contribuir para o sustento de suas famílias. Portanto, quando se fala das cidades dos países africanos em desenvolvimento, com manifestas dificuldades do Estado e do sector dito formal, ou melhor, estados africanos pós-independentes frágeis e países subdesenvolvidos são, de facto, um argumento capitalista de um sistema internacional por meios historiográficos.

Compreendo dentro da tessitura desta tese, por meio da venda informal, encarregado por homens e mulheres que atendem a economia nacional guineense ao fornecer produtos e serviços acessíveis às comunidades e bairros: por que não questionar as dinâmicas originárias de projetos heterogêneos formulados em cada país do continente? E problematizar as ditas "incapacidade, falhas, fragilidades" dos regimes governamentais que abrem espaços, cada vez mais, no discurso hegemônico? Ainda com uma teoria convicta formada "por juízos e ciências" que leem os estados africanos a partir de uma ótica "do modelo de Estado ocidental[136]" (Bellucci, 2010: 09). Partir da informalidade com predominância de mulheres como pontos de encontro, troca social e, em especial, locais de comércio podem se refletir em identidades culturais parte de um Estado. Por isso, o trabalho de Tobias Hagmann e Didier Péclard "*Negotiating Statehood: Dynamics of Power and Domination in Africa*" (2011), sugere a necessidade de historicizar e problematizar o Estado, especialmente nos processos de construção e sua desconstrução em África contemporânea.

A partir de um debate com cientistas políticos e políticos institucionalistas, possibilita-nos discutir sobre a falência, colapso e reconstrução do Estado africano em meados da década de 1990 (o fim da Guerra Fria), em termos de demonstrar a natureza complexa e não linear dos processos de falência e colapso do Estado originados por diferentes contextos das guerras civis, multipartidarismo, reconstrução nacional dos Estados-nação, liberdades políticas e privatização de empresas (Hagmann e Péclard, 2011). Ainda observam que "a difusão global de um conjunto de ideias normativas de estado que deriva da experiência histórica européia explica porque estados são muitas vezes identificados como falhos, não pelo que são, mas pelo que não são, nomeadamente, bem-sucedidos em comparação com os estados ocidentais" (Hagmann e Péclard, 2011: 541).

As narrativas são fragilidades e falhas que se reportam, principalmente, à estrutura do país e ao seu poder político (governo) a partir de uma visão, ou, prejulgamento de

[136] "Existem muitos preconceitos a respeito da África e, neles, incluem-se as noções acerca do Estado, das religiões e das etnias" (Bellucci, 2010, p. 09).

comunidade internacional. Francisco Patrício Esteves (2017: 85-86) considera a "definição de fragilidade, aplicada ao processo de desenvolvimento, surge na década de 1990 (...) em que "Estado Frágil[137]" posta para qualificar um conjunto de situações, desde países em crise, países em guerra, em contexto de reconstrução, crises humanitárias e naturais ou situações de pobreza extrema. E, fundamentalmente, lembrar que o "estado falido está intrinsecamente ligado ao conceito de Estado moderno" (Veira, 2018: 254). A partir de uma visão crítica, estados "frágeis ou falhados" em África são considerações minimamente generalistas e polêmicas numa ótica de intervenções dos atores externos. Por isso, a importância da atuação local, nacional e transnacional de estados africanos em reinterpretar a organização política e soberana de seus territórios na literatura contemporânea partindo de um olhar interno é de extrema urgência. Uma vez que,

> a proliferação dos chamados "Estados frágeis" como retórica e prática da actuação da comunidade internacional tem sido um facto evidente nas últimas duas décadas. O conceito generalizou-se não apenas ao nível da literatura e reflexões académicas das Relações Internacionais, mas também ao nível dos decisores políticos, do planeamento estratégico e na operacionalização de políticas internacionais[...] (Ferreira, 2017: 10)

Ao navegar, em termos antropológicos, é imprescindível colocar duas reflexões voltadas à questão posta. Primeira: quando se pensa nos modelos de desenvolvimento em África subsaariana desde a formação dos Estados independentes até as questões sociopolíticas e econômicas[138], se parte do pressuposto de múltiplas intervenções externas; ou por outra, os países africanos, ex-colônias, continuam tendo enormes dificuldades de "caminharem" e com a presença de muitos organismos internacionais, com as suas "boas políticas" e "boa governação" (Sampaio, 2021). Ainda, mergulhei que, essas interpretações de "boa governação" dentro de análises capitalistas inferem apenas no Estado e suas ações no mercado de trabalho formal. À vista disso, em termos de abordagens, Esteves (2017) aponta para o subdesenvolvimento africano, trabalhando quatro interpretações que justificam o atraso socioeconômico, em ordem: "Afro-pessimismo; Afro-subordinação Ocidental; Afro-fragilidades dos Estados e Afro-dependência de Matérias-primas". Partindo neste caso, a exemplo do "Afro-fragilidades dos Estados" dentro da política-institucional como um campo de disputa, sem perder de vista ou esquecer que no continente há um

[137] "A fragilidade do Estado exprimiu-se através de uma diversidade de denominações: Estado falido, Estado fraco, Estado quebrado, mas o termo Estado frágil uniformizou-se internacionalmente e tem sido utilizado para referenciar uma multiplicidade de situações e contextos" (Esteves, 2017, p. 85).

[138] Ver: SARR, Felwine. "AFROTOPIA"- 1ªED.(2019)

processo de descolonização que segue sendo um projeto de luta contínua chamado pelo psiquiatra e filósofo, Franz Fanon (2010) de duplo movimento de independência, no sentido de, países submetidos a colonização, agora, à pressão econômica européia/ociedental através de acordos internacionais, muitos estão economicamente dependentes.

> Mesmo com o fim do colonialismo, o capitalismo não encerrou as suas atividades, pelo contrário, expandiu-se, remodelou-se e perdeu sua suposta identidade fixa. Desta vez, a exploração capitalista no continente começa a ser realizada através de atividades económicas internacionais e acordos bilaterais que interferem na autonomia dos estados recém- independentes da África. As novas formas de dominação se caracterizaram, não através de políticas de Estado, mas por intermédio de negócios com a elite política do continente (Esteves, 2017: 79).

Significa que a exploração capitalista no continente passou a ser realizada por meio de atividades econômicas internacionais e acordos bilaterais que afetaram a autonomia dos "novos estados" independentes em diversos países africanos. Por esse motivo, o eixo dinâmico das economias, a fragilidade das instituições estatais, o neocolonialismo ainda presentes em sociedades africanas se projeta em sua maioria no setor externo. Portanto, para compreender o "Estado ideal para a África" (Abrantes, 2022), além de ser imprescindível analisar as características políticas que fomentam o desenvolvimento sustentável, a estabilidade política, a justiça social e econômica, bem como o respeito pelos direitos humanos, especialmente os das minorias; existe uma projeção direta dessa idealização nas influências externas sobre seu modelo de desenvolvimento e políticas sociais para o continente. Em outros termos, o modelo "legítimo" de desenvolvimento para o *Continente* é sempre projetado a partir de uma mobilização política externa e homogênea, não pelos próprios países dentro do contexto endógeno, holístico, transdisciplinar e heterogêneo. Como ensina Bellucci (2010: 10) "utiliza-se o modelo de Estado ocidental como referência, apoiando-se em dados concretos, para concluir que os africanos não têm condições de gerir seu Estado, e, portanto, devem ser os ocidentais a fazê-lo".

A pergunta correta, para compreender as dinâmicas de mulheres subsaarianas e sobretudo guineenses no sector informal, seria: No contexto subsariano, dentro de extrema diversidade em termos de contextos econômicos, sociais, culturais, religiosos e políticos, se aplicaria, uniformemente, a todos os países o desenvolvimento? Ou, ainda, a visão etno-brancocêntrica que coloca a África como um continente subdesenvolvido ou em desenvolvimento, a partir de uma necessidade de transformação das estruturas materiais e mentais? Concordo com Doumbia (2011: 121), quando afirma que o "conceito de

desenvolvimento é a da ideologia de uma visão unilateral e redutora do mundo". Essa visão ocidental do futuro histórico do mundo colonial e pós-colonial é acompanhada de uma violência ideológica alimentada pelas mídias de massa e ciências ao projetar uma narrativa dominante sem possibilidade de alternativas. Outra consideração interessante neste debate é do sociólogo e escritor guineense, Policarpo Gomes Caomique (2020), sugerindo,

> pensar os dilemas do desenvolvimento de um determinado país, nos dias que correm, exige de quem se coloca a empreender esse exercício uma observação atenta e pluridimensional de suas políticas, alianças e espectro ideológico dos atores internos e externos que nele atuam, quer dizer, é necessário conhecer os atores que participam da elaboração, execução e controle dos programas do desenvolvimento (Caomique, 2020: 05).

Os dilemas do desenvolvimento em um país nos dias atuais em diálogo e concordância com os apontamentos de Caomique (2020), partindo do seguinte questionamento: As independências dos países africanos, as suas economias, eram ou foram semelhantes ao imaginário etnocêntrico? Por que a persistência do subdesenvolvimento em Áfricas[139] e especialmente na África Subsaariana e na Guiné-Bissau? O historiador Muryatan S. Barbosa, em seu livro "A razão africana: Breve história do pensamento africano contemporâneo" (2020), a partir da entrevista de Ki-Zerbo[140] (2006), afirma que, "todo desenvolvimento é algo interno, um salto de si para si mesmo em outro nível. É um autodesenvolvimento" (p.126). A ideia de autodesenvolvimento argumentada por Barbosa (2020), implica para além das questões econômicas, um conjunto heterogêneo de identidade, cultura, ciência, educação, tecnologia, filosofia, política, e assim por diante.

O filósofo, político e acadêmico beninense Paulin J. Hountondji também é um dos defensores de um desenvolvimento e conhecimento alternativo a partir de dentro, a "endogeneidade". O "desenvolvimento em África de uma tradição autônoma, confiante em si própria, de investigação e conhecimento que responda a problemas e questões suscitados directa ou indirectamente por africanos" (Hountondji, 2008: 149). Aplico o termo de

---

[139] Ver: ESTEVES, Francisco Patrício, "África E As Interpretações Sobre O Seu Subdesenvolvimento", 2017.

[140] Joseph Ki-Zerbo em sua entrevista, Para quando a África? Já afirmava: "Nenhum povo se desenvolveu unicamente a partir do exterior. Se ele se desenvolve, é porque extrai de si mesmo os elementos do seu desenvolvimento. Na realidade, todo mundo se desenvolveu de forma endógena. Ninguém se instalou na praça pública, com a gamela na mão, à espera de ser desenvolvido. Se quiséssemos representar por uma figura geométrica este tipo de desenvolvimento ideal, seria preciso vê-lo como uma espiral acidente ou como paradigma da árvore. A árvore está enraizada, vai ao fundo da cultura subjacente, mas também está aberta às trocas multiformes, não está madura ou fechada. Assim, é estando profundamente enraizado que se fica disposta a todas as aberturas", segundo Barbosa (2020, p. 125).

desenvolvimento endógeno defendido pelo J. Ki-Zerbo (2009) nos anos 70 para explicar que "nã̃o desenvolvemos" mas "nó́s nos desenvolvemos" (Doumbia, 2011: 127). Sigo, para tanto, a percepção de que um modelo linear e único de desenvolvimento não é cabível para lidar com as especificidades locais e nacionais, e não resulta na solução dos problemas econômicos e sociopolíticos das comunidades africanas, que acabam buscando outros modelos para impulsionar sua economia. Partir desse modelo formal e ocidental não reconhece devidamente o papel significativo desempenhado pelas mulheres que dedicam uma parte considerável de suas atividades laborais no setor informal, especialmente nas *feras* livres. Ou seja, navegar dentro de multiplicidades, cumpre dizer que, muitos países africanos dependem fortemente do setor econômico, como a agricultura, exploração de recursos naturais, turismo e sobretudo de mercados transfronteiriças; em função disso, pensar atividades ou redes de solidariedade e dispositivo de poupança informal é indispensável nos mecanismos de economia gerados por mulheres e homens nos mercados endógena em Áfricas.

Por conseguinte, posto a minha segunda reflexão, inspirada na colocação de Gomes (2020: 45) "normalmente, as avaliações do desenvolvimento feitas por algumas organizações financeiras internacionais centralizam-se na análise do crescimento econômico, deixando de lado a melhoria de condições de vida das populações desses respectivos países". Retomar que os discursos exercem um determinado tipo de poder (Abrantes, 2022) nos leva à compreensão da África Subsaariana como uma região do continente composta por 47 países que dependem de uma economia baseada na exploração dos recursos naturais (ouro, diamantes e petróleo) e na produção e exportação de bens primários, como a agricultura, que além de gerar a maior empregabilidade da população, tem contribuído para a inclusão social e uma distribuição de renda equilibrada. A maioria desses países são considerados em desenvolvimento e pertencem ao terceiro mundo. Por exemplo, em Guiné-Bissau, em termos de estratégias de desenvolvimento local, a partir das realidades e experiências vivenciadas, combinam-se contribuições para a problemática das desigualdades de gênero no mercado de trabalho formal e as potências socioeconômicas de mulheres e jovens no setor informal destacam-se, a qual;

> A agricultura constitui 60% do seu Produto Interno Bruto - PIB e 90% das exportações. Quase 60,4% da população vive nas zonas rurais, tendo na agricultura a principal fonte de ocupação. Além da castanha de caju, que representa a principal fonte de rendimento familiar, a produção agrícola ainda inclui o arroz e outros cereais (milho, sorgo) feijão,

> tubérculos (mandioca, batata-doce), frutas (manga, mamão, banana), cana de açúcar, algodão, coco e amendoim, criação de gado e os produtos florestais. Pecuária e produção de madeira são também expressivos. A pesca é importante em dois níveis diferentes: a pesca artesanal fornece uma importante fonte de proteína, especialmente para ilha, as comunidades costeiras e ribeirinhas, enquanto a venda de licenças de pesca industrial para outros países constitui uma das principais fontes de receita do governo. A economia, em sua dinâmica, é predominantemente informal (Indjai, 2014: 13-14).

Esses dados econômicos fundamentais, apresentados pelo guineense Mamadi Queluntã Indjai (2014), me permitiram discutir as possibilidades de desenvolvimento alternativo para países que dependem do setor informal, divergindo do modelo de desenvolvimento ocidental, o caso do meu país. O crescimento econômico das nações subsaarianas, como a Guiné-Bissau, não se restringe à mera criação de empregos formais. Em vez disso, baseia-se em estratégias de produção diversificadas, contribuindo substancialmente para a redução substancial da pobreza e da desigualdade de gênero e socioeconômico. Seria um caminho que aponta para a possibilidade de adotar abordagens de desenvolvimento mais alinhadas às necessidades e realidades locais, em vez de seguir as orientações do modelo ocidental convencional. Assim dizendo, vale retomar os questionamentos do sociólogo guineense, Policarpo Gomes Coamique (2020, p. 43) que coloca, afinal, “o que é o desenvolvimento? Que modelo de desenvolvimento a África deve seguir?” As mulheres e homens nas suas atividades de comércios em ruas de Bissau, ensinam as abordagens diversas do modelo de crescimento econômico, ou como variável importante para o dinamismo econômico *nacional*, focado no aumento da produção e do consumo e expansão do investimento (na educação de seus filhos(as) e em expansão/liberalização do comércio transnacional). Estão presentes em praticamente todas as regiões do país, buscando mudanças positivas e progressivas que envolvem, sobretudo, melhorias nas condições de vida, no bem-estar delas, de suas famílias e das comunidades. Esses esforços são direcionados para a redução da pobreza, o aumento da equidade social, o desenvolvimento econômico sustentável, o acesso a oportunidades de emprego e o fortalecimento das redes de proteção e solidariedade. Tais realidades assemelham-se a um modelo de crescimento endógeno, onde os avanços econômicos são impulsionados internamente por homens e mulheres nos setores informais da Guiné-Bissau.

4.3 Mulheres guineenses e o trabalho informal: desafios e contribuições

O facto de, como referido, as mulheres no espaço social na Guiné-Bissau representam o maior número (55%) entre os trabalhadores e são responsáveis pelo sustento de muitas pessoas e de muitas famílias, suas contribuições e protagonismos econômicos remetem a um papel importante na economia local e nacional e, consequentemente, nos processos de desenvolvimento do país. Sucede que, para tal, o espaço ocupado pelas mulheres no país está estreitamente ligado às atividades agrícolas, como o cultivo de arroz, feijão, mandioca, milho e laranjas, bem como às atividades de comércio e à campanha de castanha de cajú, abraçando a sua coleta e transformação/processamento. O setor agropecuário tem vindo a destacar-se na economia guineense devido ao seu aumento significativo na variedade de produção e à sua importância crescente para a manutenção do equilíbrio da balança comercial, tanto na capital como nas regiões rurais.

Para além do crescimento inclusivo e da transformação estrutural, o papel das mulheres no comércio informal é evidente no contexto social bissau-guineense. Este tipo de comércio, muitas vezes denominado "ambulante" quando não envolve um espaço fixo, ou "*feras* organizadas" os produtos são expostos ao ar livre em barracas sem cobertura ou com alguma forma de abrigo, desempenham um papel central na econômia bissau-guineense. Esses espaços servem como locais de encontro diário e reúne pessoas com diversos hábitos, culturas e línguas na Guiné-Bissau. Lopes (2009: 257), caracteriza o mercado informal como "um espaço de mestiçagem quotidiana de populações com diferentes origens territoriais, com diferentes culturas, com diferentes línguas, com diferentes características sócio-económicas". Ou por outra, "é um lugar pluri-nacional e pluriétnico, sendo simultaneamente um espaço de permanência, mais ou menos longa, de mobilidade, de passagem". As atividades acontecem no espaço urbano e rural no país, o comércio informal constitui-se um mercado livre, popular, diário e organizado. Nos espaços demarcados de *feras* são vendidos basicamente todos os tipos de produtos: as mulheres- *mindjeris bideras* ou *kilis k ta fassi bida* na parte de horticultura, oferecem para os fregueses produtos como: amendoim, mandioca, milho, caju, diferentes tipos de frutas, desde mangas, laranjas, goiabas, bananas, Ananás (abacaxi), maçãs, mamão, limão, tangerina, assim como, produtos de horticultura: tomate, pimentão, quiabo, *djacuto*, cebola, alface, berinjela, malagueta e dentre outros.

Quadro 6: Algumas das palavras do uso comum guineense nas *feras*

Nomes

no guineense	**Científico**
Kandja	Abelmoschus esculentus
Kambé	marisco
Djakatu	Solanum aethiopicum
Netatu	Parkia biglobosa
Kuntchurbedja	Moluscos
Sucul bembé	pimenta chili
Badjiqui	Hibiscus sabdariffa
Veludo	Dialium guineense
mancarra	Amendoim
Foroba	Parkia biglobosa
Fole	Landolphia heudelotii
Tambacumba	Parinari macrophylla
Cabaceira	Adansonia digitata

Fonte: Elaboração autoral inspirado no livro "Guiné-Bissau da terra à mesa: produtos e pratos tradicionais" (2017)

As *feras* tornaram-se um ponto de encontro social, cultural e comercial tanto para os residentes do país como para os turistas que desejam vivenciar a cultura e o quotidiano da Guiné-Bissau. Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Willington Germano no livro "Feiras livres: cidades de um só dia, aprendizados para uma vida inteira" (2016), já constatava:

> Uma lista para os produtos encontrados nas bancas das feiras livres e mercados mundo afora demandaria incontáveis páginas, mas, para quê quantificá-los se jamais seremos capazes de mensurar a profusão de tonalidades e odores e a polifonia de sons e ruídos presentes nesses lugares, aliada à variedade e ao movimento de afetos, de gente? (p.38).

O estudo realizado por Lucena e Germano (2016) destacou os(as) feirantes do Alecrim (Natal/BR) como participantes de um comércio que abrange uma ampla variedade de produtos, como: alimentos frescos, roupas, acessórios e muito mais. Essa dinâmica é semelhante às realidades das principais *feras* de Bissau. Na medida em que, nos quatro mercados/*feras*, as mulheres lideram várias categorias de venda: comercialização de produtos alimentares; produtos artesanais (cerâmicas e cestarias); produtos de higiene, bijuteria e beleza; produtos energéticos (lenha e carvão); venda de frutas nacionais (*fole, cabaceira, veludo; faroba*); *sumo*/suco de fruta; óleo de palma; produtos de confeitaria; comidas, bebidas, água (ambos vendidas em barracas fixas). É importante ressaltar que a produção realizada por essas *mindjeris* está em sintonia com as demandas econômicas e socioculturais. O modelo de agricultura familiar que elas adotam serve como uma alternativa ao uso de pesticidas e agrotóxicos. Diante disso, apesar da chamada "modernização da agricultura" que resulta em um aumento no uso de máquinas e insumos, elas mantêm a resistência ao emprego de fertilizantes químicos no solo. Suas atividades estão ligadas à agricultura familiar, sendo ininterruptamente organizadas por pequenos produtores rurais, predominantemente concentrados nas regiões Norte, Sul e Leste do país.

As *mindjeris* constituem maioria no envolvimento dos cultivos de legumes e verduras, assim como destacam-se na sua comercialização. O comércio, trata-se de um espaço de troca, venda de produtos típicos e tradicionais, como alimentos, artesanato, tecidos e outros bens, que refletem as diferentes culturas e costumes presentes na Guiné-Bissau. Ora, o comércio também proporciona os encontros inéditos, as oportunidades para a comunicação e interação entre pessoas que falam línguas diferentes (uso de linguagem gestual ou línguas francas). São formatos de comerciários que acontecem em espaços urbanos e rurais no país, para quem não está familiarizado com essa realidade, as *feras* são lugares aparentemente "confusos", mas que possuem rígidas regras sobre quem trabalha, como trabalha, que lugares ocupam e as atividades são exercidas por inúmeras *mindjeris* e, dependendo do que se vende, elas são vendedoras quase exclusivas.

Em pesquisa de campo, já no pós-pandemia, observei a presença proeminente de *mindjeris* no mercado, especialmente durante o período da manhã. Uma dinâmica que reflete as suas participações ativas no comércio e no empreendedorismo, o que favorece suas contribuições consideravelmente para o dinamismo econômico e social de *Bande, Caracol Quelelé e Bairro Militar.* No país, as *feras* têm diferentes nomes dependendo da

etnia. Na minha cidade natal, onde nasci e vivi meus primeiros 17 anos, Petabe, *tabanca/aldeia* localizada no interior de Canchungo, a *fera* no informal, organizada por barracas e mesas é conhecido por *Canü´m [*lugar de se comprar ou trocar*],* e *fera* livre por *Candânte (*em *mandjaku*) que significa *lumu*. *Kandanti* acontece uma vez por semana, desenvolvendo um papel central na economia local da região, na subsistência das famílias e na coesão social. O centro da cidade de Canchungo é marcado pelo comércio semanal (*lumu*), onde os(as) agricultores(as), artesãos e pequenos(as) comerciantes se reúnem para vender seus produtos[141]. De modo geral, em Bissau, singularmente, lugares de compras e vendas são conhecidos por *feras*, algumas *feras* bastante populares na capital, destacam-se: *Fera* Central de praça, de Bairro Militar, Quelelé, Bandim, Caracol, Santa Luzia, Porto de Pesca, Artesanal, *fera* de Cabras e assim por diante.

Essas *feras* são movimentadas diariamente por homens, mulheres, idosos e crianças. Logo após a minha chegada a Bissau, em 20 de outubro de 2022, procurei informar-me sobre a situação política do país, uma vez que seria um ano de eleições legislativas. Geralmente, as eleições na Guiné-Bissau têm influências diretas e indiretas na dinâmica socioeconômica e política de todos os cidadãos guineenses e de outras nacionalidades residentes no país, notadamente nos preços dos produtos de consumo. Fiquei sabendo que, devido à "crise política", as eleições legislativas, a princípio programadas para ocorrer em 18 de dezembro de 2022, foram adiadas para meados de maio ou junho de 2023[142]. De acordo com o Decreto Presidencial n°. 24/2022, publicado em 16 de outubro, o atual presidente da República, General Umaro Sissoco Embaló, emitiu um comunicado de dissolução do Parlamento, alegando que o país enfrenta uma grave crise político-institucional. O decreto alega o seguinte:

> Considerando ainda que a Assembleia Nacional Popular tem defendido e protegido, sob a capa da imunidade parlamentar, deputados fortemente indiciados pela prática de crimes de corrupção, administração danosa e peculato, situações que tornam praticamente insustentável o normal relacionamento institucional entre os órgãos de soberania, e que, por conseguinte, constituem grave crise política (Decreto Presidencial n°. 24/2022).

[141] Dificilmente, aqui, consigo nomear quantas vezes frequentei a *fera* com minha mãe, minha irmã, meu pai e outros parentes próximos. Meus pais como agricultores locais, no dia de *Kandanti*, conseguiam e conseguem vender seus produtos diretamente aos consumidores.

[142] As eleições legislativas ocorreram em 4 de junho de 2023.

Este decreto ressalta que a Assembleia Nacional Popular protegeu deputados acusados de crimes graves, como corrupção, administração, danos e peculato, sob a imunidade parlamentar, o que prejudicou o relacionamento entre os órgãos de soberania e gerou uma grave crise política. No entanto, é importante entender como isso está relacionado com os dependentes do mercado, especialmente as mulheres nas *feras*. Sendo que, as *feras* são locais privilegiados de comércio e também espaços de socialização, solidariedade e fortalecimento da identidade nacional. Embora, possam parecer desconectadas da crise política mencionada no decreto, elas não estão isoladas do contexto geral do país. A estabilidade política e institucional tem influência direta na economia e na vida cotidiana das pessoas, incluindo as *bideras*.

A dissolução do Parlamento e a crise política mencionada tiveram impacto nas mulheres e nos homens nas *feras*. Por exemplo, após a emissão do decreto, nos arredores das *feras*, nas organizações sociais, movimentos e coletivos de mulheres, manifestaram-se sobre as preocupações com a má governança, especialmente em relação ao aumento constante dos custos de vida. Esses relatos vieram à tona em 24/10/22, quando realizei uma pesquisa de campo em Bande. Ao voltar para Bissau, intencionalmente não obtive informações sobre os preços das mercadorias, em vez disso, fui a cada barraca e solicitei a compra de produtos, anunciando um preço específico, como por exemplo:“Quero pimentões por 100 xof” (a moeda local). Durante essas interações, muitas situações semelhantes ocorreram, envolvendo o caso de Zilda da Silva[143], minha interlocutora, *bidera* de verduras e legumes na *fera* de *Bande,* ao dizer-me: “(...) não é possível achar que no pleno pós-pandemia ainda se vende *badjiki*, pimentão e tomate neste valor”. Foi a partir desse dia que comecei a perceber como os relatos sobre os preços das mercadorias de primeira e segunda necessidades eram frequentes tanto para os clientes quanto para as *bideras* que compram produtos em grandes quantidades nos *lumus* para revender nas *feras* de Bande, Caracol ou B. Militar.

Os compradores ou consumidores ocasionalmente têm a percepção de que as mulheres *bideras* aumentam os preços dos produtos diariamente. Essa ocorrência foi devido à falta de controle por parte das autoridades. Por sua vez, as *bideras* (Zilda, Aida, Inacia e Dehe) se queixam de que os aumentos de preço não são de suas responsabilidades, uma vez

[143] *Bidera* de Bandé a 12 anos com barraca fixa dentro da fera.

que adquirem as mercadorias a preços elevados. O acréscimo nos preços muitas vezes não ultrapassa “cinco por cento”, o que dificulta que as elas obtenham um lucro que compense seus trabalhos diários. Em um depoimento, Zilda menciona que considera isso “um aumento inédito, algo nunca visto em Bissau”. Os clientes expressavam suas insatisfações com a falta de ação por parte do Ministério do Comércio, que não distribuiu uma tabela de preços universais para todas as *feras* do país, mesmo que as negociações permaneçam em formato oral. De maneira semelhante, surgiram preocupações sobre a insegurança pública e um aumento em várias formas de violência. Nas palavras de Zilda: “O país está a enfrentar uma crise”. O fenômeno da crise durante e pós-pandemia não se limitou às *feras*, elas se estendem a toda Guiné-Bissau. As flutuações econômicas, incertezas e instabilidade política afetaram os preços dos produtos, o acesso aos recursos e a demanda por bens nas *feras*. Outrossim, considerando que as *feras* são pontos turísticos e de identidade cultural, a situação política também impactou o setor do turismo, afetando, consequentemente, a visibilidade e a sustentabilidade desses locais. Durante a minha conversa com Zilda, para compreender as origens da crise, além da pandemia, a mesma revelou-me sobre a guerra entre a Rússia e a Ucrânia. A guerra mencionada, juntamente com os confinamentos e o fechamento de fronteiras iniciadas em 2020, teve sérios impactos nas importações e exportações que afetaram o mercado guineense, resultando na escassez ou carência de produtos de consumo diário que normalmente são provenientes de países vizinhos, como Gâmbia e Senegal.

Itens como açúcar, cebola, arroz, tomate, sabão e óleo alimentar foram exclusivamente afetados. O preço do botijão de gás e dos transportes urbanos, conhecido como “*toca-toca*”, aumentou em cerca de 30% em relação ao custo inicial. Foi observado que a inflação estimada aumentou de 1,5% em 2020 para 3,3% em 2021, motivada pelos preços mais elevados dos combustíveis e dos alimentos em função da pandemia” (Banco Africano de Desenvolvimento- AfDB, 2022). Isso significa que, quando se trata de uma doença altamente contagiosa como a COVID-19, que revelava lacunas de despreparo, a Guiné-Bissau também não ficou imune. Nos primeiros meses, por exemplo, o país enfrentou o dilema de implementar as restrições mínimas recomendadas pelas autoridades de saúde na capital. Em razão disso, grande parte da população, sobretudo as mulheres *k ta fassi bida - , bideras*, não conseguiram aderir plenamente o confinamento devido à necessidade de realizar o comércio

diário nas *feras*. Essas narrativas serão detalhadas no capítulo seguinte, o qual se aprofundará nos detalhes das *feras* e das *mindjeris k ta bindi.*

CAPÍTULO V

“Anos i di fera, nô ta sta na feras i nô ta fassi fera [Nós somos da *fera*, estamos nas *feras* e fazemos *fera*]”: as mulheres em Bande, Caracol e Bairro Militar

5 *Feras* ou mercados? as mulheres em contexto pós-pandemia na Guiné-Bissau

Imagem 5 - Placa de mercado Bandim no pós-pandemia
Foto: Peti Mama. Acervo da pesquisa, 2022.

No início das minhas interações com as mulheres em *Bande* e *Caracol*, eu costumava dizer algo como: "amanhã estarei no mercado X, tal hora" e também expressava minha intenção de visitar suas barracas com a frase "podemos conversar, quero passar em sua barraca para falar *mantenha*[144]". No entanto, notei que, após uma semana de visitas, todas as pessoas com as quais interagia, sem exceção, começaram a me chamar de "alguém de fora". Algo que ocorreu porque elas não estavam familiarizadas com a expressão oral "na *bai mercadu* [vou ao mercado"] e estranharam meu uso da palavra "mercado" em vez da palavra local, *fera*. Para elas, *fera* era a palavra que melhor representava o conceito de mercado no país, e o uso de "mercado" foi percebido como uma utilização de outra língua que não o guineense. As interações com as minhas interlocutoras trouxeram-me uma compreensão de que o uso da linguagem nas expressões locais era chave para uma comunicação fluida e horizontal. Quando a senhora Seide, olha para mim e diz: "*I pa fala: sta na fera, na bai fera [*é para dizer: estou na *fera*, vou para *fera]",* isso exemplificou como a minha retomada[145] as expressões locais junto às mulheres enriqueceu a minha observação diária de pesquisadora e *fassidur de fera,* além de melhorar nossa comunicação, tornando-a mais autêntica, amigável e compreensível. Em outras palavras, essa experiência destacou a importância de

[144] Forma de saudar no guineense.
[145] Retomando a referência à feira, quando morava na Guiné e, após a minha vinda para o Brasil, devido às influências deste lado do oceano, passei a usar o termo "mercado" ou "supermercado" em vez de "feira".

compreender o cenário micro nas *feras* de Bissau e como as pessoas cotidianamente se conectam e se comunicam de maneira mais 'natural' quando utilizam expressões e idiomatismos locais, que carregam significados e sentimentos específicos que vão além das palavras em si.

Portanto, a escolha de manter ambas as palavras, "*fera*" e "*mercado*", se justifica a partir de uma perspectiva mais abrangente: *o micro e macro*. Nas barracas das mulheres (micros-espaços), oralmente, elas estão envolvidas em "*feras*", aquelas que saem diariamente de casa para "fazer *feras*", realizar suas compras ou participar de *feras*. Exceto os(as) turistas(as), os guineenses nacionais também frequentam *feras* e realizam compras nelas. No entanto, os documentos escritos sobre o mesmo assunto, ou seja, as pesquisas locais em Bissau, continuam a utilizar a palavra "*mercados*", até mesmo a placa que sinaliza *Bandim/Bande*, em vez de "*fera*", está escrito como "mercado". Logo, o uso simultâneo de ambas as palavras não implica uma falta de sentido no contexto do estudo. Uma vez que, tanto nas *feras* como nos mercados comunitários, livres ou populares na Guiné-Bissau, desenvolvem-se como espaços públicos onde as relações comerciais e sociais são intensificadas. Os corpos femininos no contexto de Bissau se destacam nos processos de produção e nas atividades comerciais, principalmente, as mulheres de 20 a 40 anos. Muitas vezes, essas *feras ou mercados* ficam localizados à beira das estradas, ao ar livre, em barracas construídas ou improvisadas.

Aqui, parti do pressuposto de que, as *feras* são geralmente "definidas em relação a vários aspectos: elementos constituintes do sistema de localidades centrais; espaços de relações econômicas, de relações socioculturais, sob a ótica da formalidade e da informalidade" (Santos, 2012: 76). O sistema de comércio na Guiné-Bissau é denominado de *fera nas* expressões orais, documentados de mercados que são espaços públicos onde homens e mulheres expõem e vendem suas mercadorias ao longo do dia. Igualmente, no país, existem outras formas de dinâmicas de *feras*, como eventos temporários com datas específicas. Um exemplo mencionado anteriormente é o "*Lumu*", que ocorre uma vez por semana. Também existem *feras* específicas para artesanato, agricultura, gastronomia, *feras* temáticas e *feras* do livro. Por exemplo, a *Fera* de *Bande* possui um caráter econômico, cultural, social e político, abrangendo exposições de arte e a venda de artesanato de barro (potes, vasos, esculturas, pratos, entre outros). De facto, um reflexo de identidades,

diversidades étnicas, costumes locais e tradições da Guiné-Bissau e também de outras regiões ou países de sub-regiões.

Os núcleos dos produtos e artesanatos típicos vendidos em *Bande* por si só exibem os aspectos e diversidades culturais, tal que nem a identidade local e nacional do país. Durante a pandemia, as implicações políticas trouxeram visibilidade à exposição de cartazes com mensagens de prevenção, alertas, orientações e apoio nesses espaços delimitados de mercados e *feras*. No período pós-pandemia, como parte da mobilização para a campanha eleitoral legislativa, os representantes políticos e governantes procuraram interagir com uma população que inclui comerciantes, *bideras* e clientes, a fim de compreender as suas necessidades e exigências dentro das *feras*. Portanto, além da presença do poder público, as(os) que fazem, vivem a *fera ou* mercado conseguem criar cenários para a discussão de questões políticas e sociais, tais como os direitos dos trabalhadores, políticas comerciais e desenvolvimento econômico.

Nesta pesquisa, entende-se as *feras e os mercados* como espaços mais abrangentes em termos de variedade de produtos e serviços oferecidos, dentro de uma ampla gama de setores, que vão desde alimentos frescos e produtos fabricados, até roupas, eletrônicos e diversos serviços no país. Nas três principais *feras* da capital guineense, mulheres e homens de todas as idades, classes sociais, origens geográficas, religiões, expõem uma ampla multiplicidade de produtos à venda. As *feras* escolhidas para pesquisa, destaco *Bande, Caracol*, *fera* de *Bairro Militar e Quelelé,* como arenas onde o setor formal mantém uma relação fluida com o setor informal. Todas, são espaços comerciais responsáveis, em grande parte, pelo crescimento contínuo da economia guineense em torno de 8,5% no Produto Interno Bruto (PIB). De natureza igual, por se constituir nos principais centros comerciais do país, estas *feras* acabam por agregar um número considerável de mulheres *fassiduris di bida.*

Não obstante, antes de adentrar-me nos mercados, gostaria de sublinhar que a escolha de três *feras* com a inclusão de *fera de Quelele,* justifica-se pelo domínio feminino nas vendas variáveis de produtos considerados bens de consumo familiar e social, ou seja, é uma "mistura entre o político e o comercial". É de conhecimento nacional do país, ouvir das guineenses e dos guineenses a seguinte expressão: "*Bande tene tudu*"! [Em *Bande* tem de tudo]! Ou como lembram Aguilar, Monteiro e Duarte (2001:07), ao citar uma expressão proferida pela primeira vez por Eve Crowley, "tudo se pode vender e comprar, inclusive a alma de pecador [alma humana]". De fato, existe uma grande pluralidade de produtos com

flexibilidade de funcionamento das 6h da manhã até às 18h ou 19h, de segunda a segunda na capital guineense. Por isso, é importante salientar que Bissau não é apenas a capital política da Guiné-Bissau, é também o principal centro financeiro, corporativo e mercantil do país, reunindo múltiplas infraestruturas, atividades econômicas, serviços médicos, educacionais (grandes universidades de referências que possibilita migração contínua de jovens que vivem nas regiões e setores), além de sediar as grandes organizações comerciais e políticas, concentra as principais *feras* da cidade (Tenem, 2010). Ana Maria Neta Baptista dos Santos de Andrade (2011, p. 14), chama atenção que, "(...) a cidade de Bissau, assim como as outras cidades capitais da África subsaariana, continua a crescer de forma acelerada, do ponto de vista demográfico e urbano, assistindo-se nos últimos anos à sua rápida expansão", habitantes de Bissau crescem anualmente 4,5%. A capital é considerada o principal *pólo* urbano do país, tendo em conta, o monopólio do Estado, idem (2011). O rápido crescimento demográfico e as mudanças urbanas em Bissau, têm implicações significativas para a cidade e o país como um todo, sobretudo na expansão espontânea e não planeada de mercados na cidade.

Um dos estudos importantes sobre o mercado de *Bande*, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa - INEP, intitulado "BANDIM: subsídios para uma política de apoio ao pequeno negócio" escrito por Renato Aguilar, Huco Monteiro e Aquino Duarte em 2001, considera que os mercados em Bandim (*Bande*) estão associados a atividades comerciais tanto regulados quanto não regulamentados; especificados por transações contínuas, onde bens e serviços são comprados e vendidos de forma rotineira. As atividades comerciais regulares evocam uma estrutura e organização mais formalizada, que contém disposições e regras lógicas. Estes mercados são gerenciados por autoridades locais ou governamentais, dentro de uma infraestrutura permanente, como bancos, estações ou lojas fixas.

5.1 As *feras*, as mulheres e três mercados de Bissau

Guiné-Bissau tem uma rica tradição de *feras* livres, onde as pessoas se reúnem para comprar, vender e trocar uma abundância de produtos. Essas *feras* representam um papel relevante na economia e na vida social das comunidades guineenses, proporcionando um espaço para o comércio, intercâmbio cultural, interação entre diferentes grupos étnicos, religiosos e criando relações de amizade e solidariedade. As *feras* livres no país geralmente ocorrem em áreas centrais das regiões ou sectores, como praças públicas ou cruzamentos de estradas, onde as pessoas se reúnem regularmente em dias específicos conhecido pela literatura nacional de "*Lumus"* de semana *(*Aguilar; Monteiro e Duarte, 2001; Gomes, 2015, Camara, 2010). Muitas vezes, essas *feras* são organizadas por grupos étnicos locais ou por *guildas*[146] comerciais, que garantem as transações de mercadorias. Vale lembrar que, além do aspecto comercial, as *feras* livres também funcionam como espaços onde as pessoas se encontram, interagem e compartilham informações/notícias, histórias e tradições. Este é o contexto da atual *fera* ou *mercado* de *Bande*, em Bissau, que tem uma longa história secular que remonta ao período anterior à sua transformação em posto comercial pelos colonizadores portugueses no meio do século XV.

A fera de Bande se mantém como um pólo central de abastecimento e comércio de produtos e mercadorias das populações locais, regionais e sub-regionais (e não somente) no país. Durante o período colonial, o setor manteve sua função como um mercado local, onde os moradores da região se reuniram para realizar trocas de produtos agrícolas e artesanais. Com o tempo, a *fera* foi crescendo e se tornou um local de comércio mais amplo, com a construção de barracas e estandes permanentes. Assim disse Renato Aguiar; Huco Monteiro & Aquino Duarte (2001) que: "o entreposto comercial situado na encruzilhada das rotas de transporte coletivos de três reinos *pepel*[147], recebeu primeiramente a denominação de *Beco de Bandim*, alterada alguns anos mais tarde, com o incremento das trocas comerciais, para a *Feira de curva de Bandim*" (p. 07).

Nesta época, as trocas comerciais já se caracterizavam por uma multiplicidade de produtos disponíveis, desde alimentos básicos, como grãos, frutas e vegetais, até artesanato, roupas, utensílios domésticos e animais vivos (galinhas, cabras/cabritos, porcos, carneiro). Os agricultores locais de diversas etnias espalhados no país, que moravam em proximidades de

[146] Pessoas com interesses comuns de venda ou simplesmente vendedores.
[147]Reno, Bandim e Antula.

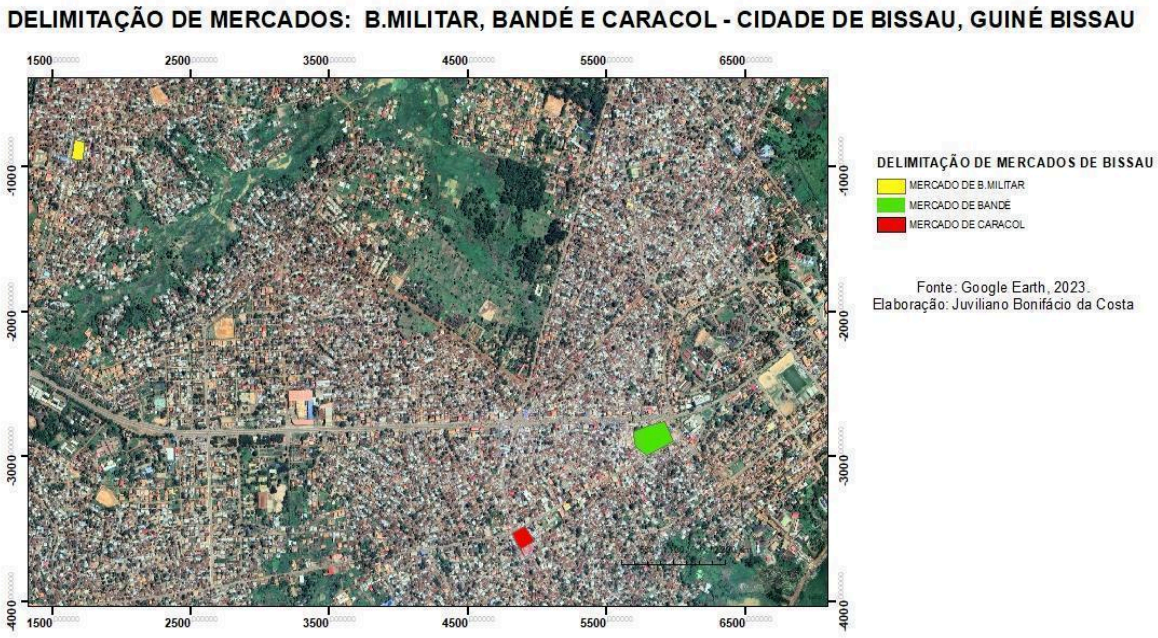
Beco de Bandim, traziam suas colheitas para vender, enquanto artesãos exibiam suas habilidades em produtos feitos à mão. De natureza igual, "*kurva di bandé"* era um local onde os viajantes podiam obter suprimentos e descansar durante suas jornadas. A diferença entre o período anterior e durante a colonização portuguesa na Guiné-Bissau foi que o *Beco ou kurva de bandi* serviu de comércio imposto pelos colonizadores, o qual, regularmente, exploravam os recursos naturais e a mão de obra guineense ou africana presente no território da então Guiné Portuguesa, envolvendo sobretudo seus próprios benefícios. Logo após a independência da Guiné-Bissau em 1973, o mercado continuou de maneira mais ampla a executar uma função importante na economia do país, atuando não exclusivamente como um centro de comércio para produtos locais e importados, mas também como um ponto de encontro socioeconômico, cultural e político guineense.

> De feira de produtos primários, especialmente alimentares (pescado, frutas, legumes, carvão, lenha, etc.), pouco a pouco Bandim estendeu a sua autoridade sobre quase todos os tipos de mercadorias, tanto de produção local como importados. Atualmente, Bandim é o principal mercado, centro de recepção e distribuição da maior parte dos produtos manufaturados, nomeadamente produtos de beleza, eletrodomésticos, vestuário, calçado, alimentos, inalados, etc. Hoje, Bandim é frequentado diariamente por 90.000 pessoas, com picos de frequência entre as 9 e as 13 horas (Aguilar; Monteiro e Duarte, 2001:14).

A citação aponta, historicamente, o trajeto di "*kurva di Bandé*, origem e evolução do mercado de Bandim", que ao longo dos anos (também no pós independência), passou por reformas e ampliações para acomodar o aumento da demanda e proporcionar melhores condições para os comerciantes e clientes. Percebe-se, inicialmente, que o *Bande* era um mercado especializado acima de tudo em produtos primários, como alimentos, pescados, frutas, legumes, carvão e lenha. No entanto, ao longo dos anos, expandiu e tornou-se um centro essencial para uma ampla gama de mercadorias, nomeadamente de produtos locais e importados. Hoje, *Bande* desempenha uma posição de destaque como o principal mercado comercial não só da cidade de Bissau, mas de todo o país, assumindo um papel basilar na recepção e distribuição de uma variedade de mercadorias, resultando assim na existência e diversidade da economia guineense.

A partir desta ampliação ou extensão, encontramos a *fera* de Caracol que surgiu com um "pólo secundário do mercado de Bandim". *Caracol*, assim como *Bande*, é uma *fera* colorida frequentada por moradores locais, especialmente por mulheres *fassiduris di bida*, que compram e vendem produtos agrícolas frescos, como frutas, legumes e grãos, a preços

mais acessíveis. Algumas *mindjeris* compram esses produtos em grande quantidade para revendê-los posteriormente em *Bande* ou em outras *feras*. Aliás, a grande diferença existente entre os dois mercados [*Bande* e *Caracol*] é que, na *fera* de Caracol, predominam os produtos de primeira necessidade, tais como legumes e verduras, comandados por: tomates, alface, couve, pimentões, pepinos, abobrinhas, abóboras, limão, batata doce, cenouras, cebolas. Esses produtos são essenciais para a alimentação e são comumente encontrados no mercado de *Caracol*.



Imagens 6 - Três mercados em Bissau.
Fonte: Juviliano Costa (2023).

Atualmente, *Bande* e *Caracol* tornaram-se um dos maiores e mais movimentados mercados da Guiné-Bissau, onde é possível encontrar uma ampla numerosidade de produtos e vivenciar a atmosfera animada e colorida do comércio local, ocupado por lojas, armazéns e formado por categorias como: "vendedores *ambulantes*, *bideiras*, exportadores/importadores, *grossistas* e *retalhistas"*. A classificação de produtos manufaturados fica reduzida a três campos laborais: "vendedores/as de cosméticos e artigos de beleza; vendedores de têxteis e de equipamentos diversos; vendedores de produtos

alimentícios", segundo Aguilar; Monteiro e Duarte (2001: 20). Atividades exercidas dentro de variáveis tipologias resumi-se em cinco campos de atuação:

> (i) Os grandes comerciantes orientam as suas atividades essencialmente para importação de grandes volumes de mercadorias e para exportação das castanhas de caju. São operadores dotados de grande capacidade financeira, têm à disposição os fornecedores e facilidade de renovação de stocks;
> (ii) os grossistas: são agentes que não efetuam diretamente importação salvo algumas excepções mas recebem dos grandes comerciantes os stocks e detêm armazéns e ainda têm possibilidade de mobilização considerável dos recursos financeiros. Esta categoria é considerada mais estável e sólida por motivo das instalações que possuem;
> (iii) os retalhistas: são na regra geral, operadores com pouco empate de capital em mercadoria e pequenas instalações, mas com grandes facilidades de movimentação, têm pouca margem de intermediação, por isso o lucro resulta da velocidade da rotação de stocks;
> (iv) as *bideiras*: são mulheres vendedoras, considerada uma categoria muito importante entre os operadores comerciais de *Bandim*, especializadas nos produtos frescos, nomeadamente pescado e legumes. Fazem distribuição do peixe para todos os mercados de Bissau e nas regiões e ainda no caso dos legumes procuram os produtos de horticultura nos mercados regionais para abastecer os mercados de Bissau;
> (v) os ambulantes: exerce o comércio predominantemente dentro dos limites dos mercados fixos (Aguilar; Monteiro e Duarte, 2001:21).

As *feras* como são chamados e conhecidas pelos(as) guineenses, tratam-se dos centros comerciais e financeiros do país, pois, se concentram os principais operadores econômicos, os grandes importadores de bens com os seus armazéns de distribuição, os médios comerciantes, as *bideras,* ou *fassiduris di bida*, grandes comerciantes que exercem função de intermediários entre os primeiros e os pequenos comerciantes ambulantes que vendem diretamente aos consumidores finais, sendo, junção feirantes, numerosos vendedores ambulantes que fecham o circuito comercial do mercado (Balde, 2019). Projetando as categorias e imagens de organizações associativas ou individuais no maior mercado do país, *Bande*, vê que as *fassiduris di bida* são mulheres e meninas, algumas casadas com filhos e sem ensino superior formal, mas que iniciam suas atividades de vendas para garantir a sobrevivência de suas famílias ou porque a venda faz parte de quem são, aliás, de suas trajetórias familiares.

Nesse contexto, a independência financeira, conhecida como *ganha bida k bida*, resultante do trabalho autônomo das *mindjeris*, pode ser considerada uma das características do empoderamento feminino, seja, quando suas próprias habilidades são reconhecidas, proporcionando-lhes auto-estima e autoconfiança em relação às suas atividades diárias. Esse reconhecimento estende-se aos familiares e, também, às

comunidades, bairros e, em última instância, ao Estado nacional. Dessa forma, as *mindjeris* criam uma fonte de renda direta a partir de suas atividades cotidianas que adicionalmente contribuem para o desenvolvimento das administrações locais de suas famílias, comunidades e bairros. Estabelecendo um vínculo direto com o Estado Nacional da Guiné-Bissau, esse reconhecimento é um dos passos "democrático" em direção à valorização das contribuições femininas para a economia. Compreendendo suas atividades como uma estratégia viável para a emancipação feminina, resultado de empregos no âmbito informal que possibilitam geração de renda e espaços públicos de inclusão social. As mulheres estão presentes em todos os setores do mercado de *Bande, Caracol, Bairro Militar, Quelelé,* e entre outros

> Bandim ou simplesmente "*Fera di Bande*", como é conhecido pela população guineense em geral, e pelos habitantes da capital em particular, é muito mais do que um simples mercado, é o maior centro comercial do país, quer em termos do movimento de clientes, quer de volume de negócio (...) este Mercado desempenha no panorama económico, financeiro e social do país, o mais estranho que parece ninguém parece importar com o espaço. No entanto, todos reconhecem que o Mercado desempenha um papel estruturador da economia e é a maior praça financeira do país (Balde, 2019:169-180).

Metade do comércio de produtos de consumo na cidade de Bissau está concentrada no mercado de *Bande*, que é a principal fonte de emprego na cidade. Fora, o mercado de *Bande* é uma das principais atrações de Bissau, atraindo diariamente dezenas de milhares de pessoas, incluindo residentes da capital, turistas internacionais e visitantes de outras regiões do país. Todos vêm em busca da aquisição de uma variedade de mercadorias oferecidas a preços mais acessíveis. Adicionalmente, o mercado de *Bande* atende às expectativas de consumo na capital, especialmente das camadas mais vulneráveis em termos de opções e preços. Assim como, é de fácil acesso e representa um papel significativo no comércio popular da cidade e do país. Na melhoria das colocações, Mariatu sublinha:

Fera de Bandé/ Fera de Bandé

tene tudo/ Tem tudo

i ta bindi tudu kussa/ Vende-se todas as coisas

bu na odja djintis tudo dia/ vê-se pessoas todos os dias

kilis k na bin/ aqueles que vem

kilis k na bai/ outros que vão

kilis k na kumpra e bai/ aqueles que compram e vão

kulis k sta li ena bindi/ outros que estão para vender

kilis k bin kume/ aqueles que vêm para comer.

utrus k sta li so pa djubi kussas/ outros que estão cá só para ver as coisas

Es fera ta atinti tudo mundo/ É uma feira que atende a todos.

Li so bai bin/ Aqui é só no vai vem

(Mariatu Djau, 2022, Bissau).

Imagens 7 -Bancada de peixes exposta ao ar livre por duas mulheres *bideras* em Bande
Fonte: Genésio Gomes Sá (2020).

Além das instalações de legumes, verduras e frutas, é possível encontrar diferentes pescados, camarões, frangos, carnes vermelhas, animais vivos (galinhas, porcos e cabras); produtos de origem florestal - diferentes tipos de óleos, sementes, folhas, raízes, carvão; materiais de costura e beleza; roupas novas e usadas, calçados; material escolar; artesanatos; artigos de perfumaria; materiais para construção, bebidas e os tradicionais produtos eletrônicos importados, como celulares, computadores, *tablets*, entre outros. As *feras* são muito coloridas e flexíveis. Facilmente vê-se em *Bande* e *Caracol* produtos divididos por setores e/ou não, isto é, uma parte de legumes, verduras podem estar tudo junto. Assim como se encontra bancadas de peixes, grãos, mandiocas, bananas, temperos, verduras frescas, frutas, pães, carnes, roupas tradicionais e modernas, sapatos, produtos de beleza, tecidos, itens de papelaria, malas, espelhos, baldes, pratos, eletrônicos ou livros divididos

por zonas ou lados[148], mesmo assim "as mulheres do mercado conhecem a estrutura do local, o mercado como um todo e sabem de tudo, dizem onde se encontra tudo, retém informações que o estado não tem" (Junior, 2015: 17).

Nas *feras ou mercados,* além de acontecerem compras e vendas, também são fomentadas ainda mais a cultura e a gastronomia guineense. Sempre têm mulheres que ficam nas barracas de comida vendendo diferentes tipos de pratos típicos e serviços que oferecem desde lanches até o almoço nos valores acessíveis para melhor atender os(as) consumidores(as). Portanto, não é somente um espaço de comercialização e socialização, ademais é considerado um lugar de solidariedade, confiança e ajuda mútua entre as mulheres de diferentes classes, etnias e gerações, onde ocorrem encontros inesperados entre os consumidores e turistas que vão fazer compras ali devido à variedade, diversidade e preços com atendimento diferenciado que o mercado oferece.

O outro movimento interessante é da *fera* do Bairro Militar que tem o próprio nome do bairro mais populoso da cidade de Bissau. "O Bairro Militar é um bairro periférico da cidade de Bissau, cujo núcleo inicial planeado foi criado em 1967 pelo Estado colonial para albergar os comandos fiéis ao governo colonial, durante o período da luta de libertação nacional" (Andrade, 2011:67). Após a independência, através do programa "por uma Guiné melhor" as casas foram habitadas pelos militares que participaram na luta de libertação nacional em sua maioria, os membros do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). No período que se segue até a presente data (2023), a imigração regional proveniente sobretudo do norte e leste do país, por motivos econômicos e laborais, contribui para um aumento significativo da população do Bairro Militar. O crescimento urbano[149] acelerou as estruturas comerciais informais neste bairro, tendo em conta, o aumento de desemprego[150], de jovens e mulheres, por conseguinte, verificou-se abertura de comércios chamados de "*Fera-sinhos*", que são pequenas localidades de vendas ou de

[148] Em uma linguagem guineense, as mulheres disseram que os produtos se dividem por "esquinas".

[149] Segundo a pesquisadora Ana Maria Andrade, "na Guiné-Bissau, a maior parte dos centros urbanos ainda apresentam características rurais: com infra-estruturas básicas insuficientes e degradação das poucas infra-estruturas existentes, dada a crescente procura e a falta de gestão e manutenção. A falta de políticas e legislação apropriada, instrumentos de planeamento e gestão urbana, não permite a resolução dos problemas urbanos, mais acentuados na capital, Bissau" (ANDRADE, 2011, p.67).

[150] Como pode ser observado em estudo anterior (ANDRADE, 2011) a falta de dados estatísticos sobre o número de desempregados e sobre as faixas etárias limita a análise.

prestação de serviços no bairro, também, se encontram muitas vezes as vendas à porta de casa. É uma das *feras* com pouca infraestrutura própria para suporte do funcionamento adequado do espaço comercial, ou seja, as mulheres expõem seus produtos na beira de estrada ao longo da rua principal que dá acesso ao bairro. O espaço da *fera* é constituído por várias lojas, bancas e postos de venda improvisados, montados no chão batido.

Imagem 8 - Cotidiano de *feras* de B. Militar antes da exposição dos produtos comerciais
Fonte: Ministério de Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau, 2019.

As *feras* selecionadas neste trabalho (*fera* de *Bande*, *Caracol, fera* de *Bairro Militar)*, apesar de terem estruturas diferentes, têm em comum variadas opções de mercadorias desde, peixes, grãos, mandiocas, bananas, temperos, verduras frescas, frutas, pães, carnes, roupas tradicionais e modernas, sapatos, produtos de beleza, tecidos, itens de papelaria, malas, espelhos, baldes, pratos, eletrônicos, livros; comida fresca, orgânica, produtos de alimentação e de saúde tradicional, utensílios caseiros e outros itens do uso diário circulam entre os comerciantes nas *feras*.

Imagem 9 - Pimentão
Fonte: Ministério da Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau.

Imagem 10- Djakatu, pimentinha k sukur
Fonte: Ministério da Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau.

Imagem 11- kamati
Fonte: Ministério da Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau.

Imagem 12- Cenouras
Fonte: Ministério da Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau.

Imagem 13- Pis-sinhu, fumadu, ostra seku, skalada, cambé
Fonte: Ministério da Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau.

Imagem 14- Pis-fumadu, ostra seku, skalada, cambé, kundjurbedja
Fonte: Ministério da Administração Territorial e Poder Local da Guiné-Bissau.

Como mencionado anteriormente, os produtos e preços não estão sujeitos a regulamentação por parte das autoridades públicas ou governamentais, apesar das reclamações dos(as) consumidores(as). Em grande parte das situações, os preços são determinados de forma independente ou em colaboração entre as *bideras* que operam em proximidade, como em mesas dentro e fora da *fera*. Assim, é incomum encontrar preços fixos para produtos ou mercadorias. Por exemplo, ao perguntar o preço da pimenta em uma mesa, é possível que a *bidera* informe um valor que difere consideravelmente do praticado em uma mesa próxima. Segundo Seide "porque as rotas de fornecimento para revenda variam". Além disso, é importante lembrar que, em alguns casos, as próprias *bideras* nas mesas podem ser responsáveis pelo cultivo e colheita dos produtos que comercializam (essa discussão será retomada no capítulo cinco).

Em função disso, por não ser o habitual encontrar produtos com preços fixos nas *feras*, entra o poder de negociação. Pois, os valores são geralmente acordados na hora da compra, permitindo que os clientes solicitem uma redução do preço previsto. Dessa forma, as negociações acontecem para chegar a um consenso entre ambas as partes ou podem não ser bem-sucedidas. As vendas começam entre sete e oito horas da manhã, mas antes, as mulheres chegam para ajustarem as suas mercadorias, enfeitando suas barracas a fim de conquistar as(os) clientes ao longo do dia. Os produtos de primeira e segunda necessidade em Bissau, são originários de regiões próximas à capital (Oio, Cacheu, Biombo, Bambadinca e Bafatá), motivos que facilitam a mobilidade e permitem a chegada destes produtos ao mercado durante quase todas as madrugadas, através de pequenos caminhões, que fazem a transição entre produtores, e comerciantes ou *bideras*.

Ainda sobre a origem das mercadorias para abastecer estas *feras*, além dos volumes de produtos que vêm de diversas regiões do país, também se encontram alguns que vêm de muitos países dentro do continente africano: Ziguinchor, Gâmbia e Senegal. Nestes três países vizinhos em especial, mulheres viajam muitas vezes sozinhas em busca de artigos mais baratos. Nesse caso, as vendas constituem-se num trânsito de mercadorias entre diferentes localidades. *Fassiduris de bida* em suas práticas de trabalho, evidenciam-se múltiplas camadas: proprietárias de seus negócios – que se tornam um negócio da família –, aliás, é comum encontrar mãe, filha (o) ou sobrinha (o) na *fera* dividindo as tarefas, enquanto uma monta a banca logo de manhã, outra varre o chão. No comando das vendas diárias dos

produtos de primeira necessidade nas *feras* estão as mulheres que representam um exemplo da força feminina, correspondendo a aproximadamente 60% de todos os negócios do comércio de primeira e segunda necessidade nacional guineense (Gomes, 2019). Elas assumem, regularmente, uma posição de autonomia e liberdade em suas atividades comerciais em termos de escolhas dos itens a serem comercializados.

Por exemplo, para as interlocutoras *fassiduris di bida* ou *bideras* que trabalham nas *feras*, alcançar autonomia e liberdade estão intensamente interligadas com suas práticas de venda, que representam uma parte significativa de suas vidas e do sustento de suas famílias. Nesse contexto, a autonomia e a liberdade referem-se à habilidade de exercer controle sobre diversos aspectos de suas atividades comerciais nos mercados (*Bande, Caracol, Bairro Militar e Quelelé*) da seguinte forma: Seleção de produtos (poderem escolher quais produtos comercializar); as estratégicas e a liberdade de escolher onde montar suas barracas de venda; a possibilidade de viajar em busca de mercadorias e organização financeira (a capacidade de gerenciamento dos ganhos ou o direcionamento dos lucros para o bem-estar de suas famílias).

5.2 *Fassiduris di bida/bideras e feras* em Bissau

Ao visualizarmos as imagens de *mindjeris bideras* nas três principais *feras* do país, *Bande*, *bairro militar* e *Caracol* antes da pandemia, são mercados que contam com mais de 10 mil lojas, bancas e barracas com circulação massiva de pessoas (Gomes, 2015). Observamos desde lojas com um certo “adequadamente”, assim como, pequenas mesas, mais simples ou mesmo *fassiduris di bida* que expõem os seus produtos no chão apoiado em tecidos. Dentro das *feras* existe uma grande circulação de comerciantes ambulantes, oferecendo lanches: pastéis, doces, água, sorvete local, refrigerantes, sucos naturais e assim por diante.

Em locais formados por *feras*, a Câmara Municipal da cidade exerce um controle sobre as práticas comerciais, com foco sobretudo na cobrança de taxas. As mulheres que atuam nessas *feras* representam um elo direto entre as administrações locais e o Estado nacional guineense, o que demonstram um reconhecimento democrático de sua contribuição para a economia do país. Não é por acaso que todas as *feras* e *mercados* são registradas e controladas pela câmara municipal. De outra maneira, as mulheres pagam uma

taxa cotidiana diretamente à administração local como parte de suas atividades comerciais: “cada instalação de barraca, mesa, requer uma autorização prévia da administração local ou nacional e cada utente de espaço para exposição de qualquer tipo de produto ou mercadoria paga uma taxa à administração” (Camará, 2010, p. 43). Sem essa declaração, essas mulheres correm o risco de terem suas mercadorias apreendidas. Em outras palavras, para montar barracas, mesas ou espaços de exposição de produtos em determinados locais em *Bande*, é necessário obter uma autorização prévia das autoridades. Sob o controle do poder público, algumas mulheres *bideras ou fassiduris di bida* trabalham por conta própria, em pequenas e médias unidades de vendas diversificadas. Em conversa, Djana Seide, *fassidur de bida* de Bairro Militar e Josalina (2021, Bissau).

Imagem 15 - Joselina Mendes e Djana Seide em Bancada de verduras, *Fera* de Bairro Militar.
Foto: Mariama Djau.

Jo: ‘O que a senhora tem em sua banca? ’

Sra. Djana Seide: 'Eu tenho para vender um pouco de tudo. Vendo *sukur*, salsa, pepino, *badjiki*, berinjela, pimentão, *gustu, djakatu, malagueta'.*

Evitar o risco de simplificar as observações, as análises etnográficas, aliadas às fotografias aqui compartilhadas, permitem uma compreensão das motivações que levam as mulheres a sair do espaço privado de suas casas e das estratégias para sua integração no espaço da política feminina não formal, através do comércio em *feras*. Na foto, vemos a Senhora Djana Seide, que há mais de seis anos é proprietária de uma barraca na *fera* do bairro militar em Bissau, com um avental sobre uma blusa amarela com bolinhas brancas. Ao lado dela está minha prima, Joselina Mendes, a quem solicitei a realização das entrevistas presenciais, enquanto eu as orientava virtualmente (o ano era 2021).

Djana Seide, uma mulher Mandinga de 42 anos, é uma figura representativa na *fera* do bairro militar. Ela começou suas atividades comerciais aos 19 anos no sul do país. Inicialmente, Djana comercializava produtos dos pequenos portos em seu próprio bairro, e depois de dois anos, expandiu seus negócios de transporte para a Gâmbia em busca de mercadorias para vender. Como muitas mulheres guineenses, ela viu no comércio uma maneira de garantir sua independência financeira e contribuir para as despesas familiares. Durante as conversas presenciais que tive com as *fassiduris di bida*, fiz a seguinte pergunta: "Na economia informal guineense, o que as senhoras fazem com o dinheiro que ganham vendendo nas *feras*?" É de salientar que o dinheiro ganho pelas mulheres, embora variável em montante, desempenha um papel expressivo em diversos aspectos. As interlocutoras destacavam o investimento na educação dos filhos, na construção de moradias próprias e até mesmo na expansão dos negócios. Djana Seide, por exemplo, representa a importância do comércio para as mulheres *fassiduris di bida* não exclusivamente como uma fonte de renda, mas também como um meio de contribuir para o bem-estar de suas famílias e comunidades, promovendo o desenvolvimento econômico e social.

Nesta ocasião, a senhora Djana Seide[151] compartilhava que: "Atualmente, com os filhos, além de ajudar nas despesas domésticas, o dinheiro que ganho com o trabalho na *fera* poupo para pagar as mensalidades dos meus filhos, que estão nas escolas privadas

---

[151] Djana Seide no **guineense**: "*Gos, k nha fidjus (...). na nhã tarbadju k nô ta kume, ma, nta rakada pa paga scola di mininus".* **Traduzido** em: "Agora, com os filhos (...). O nosso sustento vem do meu trabalho, poupo também para pagar as mensalidades das crianças". Bissau, 20 de novembro de 2022.

(particulares)". A versatilidade dela é vender um pouco de tudo na sua bancada para obter lucratividade, isso garante "não voltar para casa sem nada", assim diz. Nos espaços demarcados como barracas ou mesas de venda, encontrei um pouco de cada mercadoria. Em sua mesa, visualiza-se pimentão, *candja* (quiabo), *djacatu*[152], cenoura, berinjela, malagueta, knorr, cebolinha, *badjiki*, mariscos (ostra seco e *cambé*), salsa, *sukul-bembe (*pimenta chili*)*, pimenta de cheiro. Segundo Celeste Fortes (2013), assim como Djana, às *fassiduris di bida,* "circulam por vários espaços, locais, nacionais e internacionais e fazem circular inúmeros produtos, desde produtos alimentares, comida já pronta para comer, calçados, vestuários, bijuterias, produtos para casa, produtos de cosmética" (p. 103). É importante salientar que as *feras* parecem ser as mesmas todos os dias, mas as mercadorias vão mudando dependendo das circunstâncias e das necessidades momentâneas. Por exemplo, logo no início da manhã os artigos comercializados são os mais diversos como produtos de consumo: peixes, verduras, frutas e lanches. Por volta do meio-dia, a venda é marcada por comida, em geral, diversos pratos típicos preparados pelas mulheres: guineenses e senegalesas. Ao longo da tarde, é comum encontrar homens e jovens revendendo produtos adquiridos em outros países africanos, como Senegal, Gâmbia e África do Sul; europeus, como Portugal e França; e no continente americano, como EUA, Brasil e continente asiatico, China. Com o resultado, as mercadorias são reabastecidas nos países do exterior, sobretudo com produtos não perecíveis como bijuterias, calçados, cabelos e roupas.

O livro "Salaula: *The World of Secondhand Clothing and Zambia*", Karen Tranberg Hansen (2000), analisa a indústria e o comércio de roupas semi-novas em Lusaka, capital da Zâmbia, que tem o nome de "*Salaula*". Por outro lado, na Guiné-Bissau, assim como no Senegal, essas peças são conhecidas por *feugeudjay* (wolof) ou *friperie* (francês), são roupas "de segunda mão". Por exemplo, na calçada, avenida principal da cidade de Bissau, a *fera* noturna de *Bande* está situado em um espaço amplo onde há jovens-homens (microempreendedores) que oferecem aos consumidores artigos semi-novos e novos, principalmente, camisetas, calçados e sapatos[153]. É um tipo de comércio com os preços mais

[152] *Badjiki*, é uma planta com folhas parecidas a salgueiro, espécie de hibisco com folhas verdes, ricas em ferro, feito para acompanhar muitos pratos típicos (caldo branco, caldo di siti, tchep, refogado) na Guiné-Bissau.
[153] Seria como adelo ou brechó, entretanto, não são lojas.

negociáveis e flexíveis em relação ao horário da manhã[154]. Assim, os produtos são expostos no chão, com o suporte de plásticos azul ou preto para não sujar os objetos[155].

No decorrer da manhã e à tarde, as ambulantes mulheres mais jovens, se movimentam com sucos, refrigerantes, pastéis, amendoim, água e dentre outros itens. Além da questão do horário de funcionamento das *feras*, é importante mencionar que também existem períodos de chuva e seca que afetam significativamente o abastecimento e a disponibilidade de produtos nos mercados. Durante a temporada de chuvas, as produções locais de leguminosas e verduras costumam ser mais abundantes, pois as mulheres *sumiaduris* não precisam de grandes esforços para regar as hortaliças. Não obstante isso, durante a temporada de seca, a disponibilidade desses produtos tende a diminuir devido à escassez de água. Essas variações sazonais na produção têm um impacto direto na oferta e na demanda no mercado nacional guineense. Ao longo da temporada de seca, a procura por leguminosas e verduras muitas vezes aumenta, uma vez que esses produtos se tornam mais escassos e, consequentemente, mais procurados. Nas *feras* de Bande, Caracol e Bairro Militar é comum ouvir: *"es i tempo de mango, tempo de kadju, tempo de mancara, tempo di pipino, de alfas* [são temporadas/safras de manga, de caju, amendoim, de pepino, alface.]". Essa dinâmica sazonal faz parte da realidade dos mercados de Bissau e influencia as estratégias de negócios dos comerciantes ou *fassiduris di bida*. Por isso, com mais detalhes, apresento a seguir notas sobre *feras* escolhidas e o cotidiano de mulheres através de fotografias selecionadas por mim.

[154] É muito mais comum as *fassiduris* de *fera,* mulheres *bideras* e fregueses frequentarem de manhã para realizar suas compras.

[155] Diferentemente das mulheres, esses jovens homens não pagam taxas no mercado e sempre entram em conflito com a autoridade local. Os policiais ficam em vigilância durante o período noturno, enquanto os jovens permanecem atentos. Já presenciei os policiais apreenderem suas mercadorias, como roupas seminovas, e, em outras ocasiões, vi os jovens correrem dos policiais. É uma adrenalina constante, mas eles não desistem do mercado; todos os dias estão lá.

Imagem 16 - Mesas estão dispostas dentro da *fera* de Bande.
Fonte: Peti Mama (2023)

Imagens 17 - Mesas de verduras, *fera de Bande*
Fonte: Genésio Gomes Sá (2020).

As obras fotográficas deste subitem, algumas foram produzidas por mim em 2022, enquanto outras (imagem: 15, 16 e 17) foram produzidas por dois amigos guineenses que estavam em Bissau em fevereiro de 2020 realizando suas pesquisas de doutoramento. Solicitei que eles enviassem algumas imagens com o propósito de incorporá-las ao longo deste capítulo, a fim de criar uma narrativa visual que retratasse o cotidiano das mulheres nas principais *feras* da capital guineense antes da pandemia. Em relação aos procedimentos éticos para obter essas fotos, é importante ressaltar que as mulheres foram consultadas e concederam permissão para o uso de suas fotografias neste trabalho. A imagem 13 e 14, nos possibilita ver o cotidiano comercial de mulheres, *fassiduris di bida* ou *bideras* de diferentes etnias e idades na maior *fera* da capital Bissau. É o "mercado onde circula cerca de 1 milhão de dólares americanos por dia, em transações comerciais e no mercado cambial" (Gomes, 2015: 07). Ademais, são cerca de mil vendedores e vendedores que comercializam todos os tipos de produtos (Bialoborska, 2014). Portanto, antes da chegada da pandemia, as *fassiduris*

di bida mulheres - por meio de suas boas práticas de gestão de vendas, conquistaram *status*, autonomia e solidariedade, desafiando estereótipos de gênero construídos socialmente e percebendo suas atuações como uma possível estratégia de emancipação feminina. Mais importante ainda, as interlocutoras compreendem que, em um contexto da classe trabalhadora urbana e rural no país, o estar na *fera*, o participar, o vender e socializar, comporta suas atividades laborais e desempenha um papel central no movimento contínuo de *commodity* entre diferentes localidades, algo que foi impossibilitado de vivenciar dignamente durante a pandemia[156].

Imagens 18 -Interlocutora Dehe Nhaga, *fera* de Quelele no pós-pandemia
Fonte: Érico Brito

As *feras* de *Bande*, Caracol, Bairro Militar e de Quelele permanecem [no pós-pandemia] se apresentando como lugares significativos de cuidado, afeto e solidariedade entre as mulheres em várias culturas e contextos sociais no país. São espaços onde, além de serviços, oportunidades de construir relações sociais, laços de amizade, o apoio mútuo acontecem. Durante minha pesquisa de campo, pude perceber que as histórias e experiências eram compartilhadas enquanto as mulheres faziam compras nos mercados. Com frequência, contavam-me histórias e experiências, principalmente sobre como foi a

[156] No pós-pandemia, elas estão enfrentando os desafios dos aumentos nos valores dos produtos, tanto em regiões e setores internos do país, quanto nos produtos comprados em países vizinhos para serem vendidos.

temporada de pandemia. Dehe Nhaga, uma mãe viúva que trabalhava (antes da pandemia) em Quelelé, disse-me: “Com as restrições impostas e as medidas, meu trabalho tornou-se ainda mais exigente. Tinha muitas preocupações, sobretudo precisava equilibrar minhas responsabilidades diárias com a preocupação constante do que vão dizer na rádio. Era todo dia uma notícia diferente sobre o vírus, sem falar na preocupação com a saúde de meus filhos”. As *bideras*, ocasionalmente recapitulavam suas narrativas de desafios e angústias para mim. No entanto, também era um cenário e ambiente de confiança e empatia, que lhes permitia expressar suas alegrias por estarem novamente no mercado ou por terem tido um dia produtivo.

Conforme foi sublinhado no capítulo quatro, as cooperativas e redes de apoio em *Bande* e demais *feras* eram comuns. Noutras palavras, as mulheres se organizaram em cooperativas ou redes de apoio para fortalecer ainda mais os laços de solidariedade, sobretudo dentro da *fera*. Em barracas ocupadas por Dehe em Quelelé, assim como por Seide em B. Militar e por Inacia em *Bande*, era costumeiro que elas saíssem em busca de “trocos” e deixassem suas mercadorias sob o cuidado ou o olhar de outras mulheres que ocupavam barracas próximas. Lembrando que elas têm um conhecimento prévio dos valores dos produtos. Por exemplo, quando um freguês expressa interesse por um produto específico, a *a mindjer di bida* mais próxima da barraca em questão se desloca até a mesa correspondente para negociar a compra. Nesse processo, a *bidera* não apenas indaga sobre a disponibilidade do produto, como anuncia o preço associado a ele. Caso o freguês decida realizar a compra, essa colega facilita a venda. Um episódio interessante no campo ocorreu comigo quando Zilda, em busca de “troco”, delegou a responsabilidade da sua banca a mim. Este é apenas um dos muitos cenários em que testemunhei ou assumi o comando das vendas. Neste contexto, destaco a interdependência entre as *mindjeris di bida*, destacando a ocorrência frequente de ações solidárias e de auxílio mútuo nas *feras* da capital guineense

Uma dinâmica circular e coletiva não particular de natureza comercial das transações e, também de laços de confiança, solidariedade e cooperação que permeiam o ambiente das *feras i fassi fera* no país. São, acima de tudo, práticas colaborativas que constituem aspectos significativos da cultura(s) nacional, demonstrando a importância das relações interpessoais no contexto socioeconômico desses espaços comerciais da Guiné-Bissau.

CAPÍTULO VI

Desafios em Bissau: COVID-19, economia, política e saúde se entrelaçam nas ruas da capital

6 *Feras* como "circuito" da economia em Guiné-Bissau: "antes das barracas nas *feras*, vais atrás do que se coloca nela"[157]

As mulheres *bideras* viajam para todas as regiões do país em busca de produtos. Dependendo de cada setor de venda, algumas regiões produzem mais. Por exemplo, Dehe Nhaga, que posteriormente se tornou uma das principais interlocutoras da pesquisa, *bidera* de *carbon*/carvão, de quinze em quinze dias, desloca-se para um dos polos de mercadorias mais conhecidos, o "*Lumu*" de Bissorã, que ocorre todas as sextas-feiras. O pesquisador permanente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da Guiné-Bissau (INEP), Samba Tenem Camará (2010), demonstrou um interessante caminho para a compreensão dos "fluxos comerciais baseados nas redes dos mercados informais", que são chamados de *lumus,* e estão situados em zonas rurais e urbanas, interfere diretamente na economia social dos países da África Ocidental.

> Os *lumus* constituem locais onde se encontram grandes e pequenos comerciantes, onde se cruzam o mundo rural e urbano, onde convivem a tradição e a modernidade. Todos aqueles que não conseguem emprego por via formal optam pelo comércio informal. Esses mercados constituem pontos de ligação dos mercados da África Ocidental através de produtos agrícolas e ativos pecuários produzidos em determinados países e vendidos nos outros (Camará, 2010, p. 03).

A investigação de Camará (2010) sistematiza genealogicamente o setor informal nacional guineense através de variados leques de atividades praticadas por homens e mulheres. Os *lumus* são lugares que abastecem as principais *feras*- Bande, Caracol, *Fera* de Praça e de Bairro Militar. Esta cadeia de comércio, envolve muitos grupos de trânsitos que fomentam os bens para o consumo no país. As rotas nacionais mais frequentes traçadas pelas interlocutoras *bideras* são: Bula, Biombo, Mansoa, Bissorã, Cacheu e Bambadinca; e transnacionais: Senegal (Ziguinchor e Dakar), Gâmbia e Guiné-Conacri, já internacional, articulam pontes, em que um (a) conhecido (a) que reside entre Portugal, Estados Unidos e Brasil, compra no atacado, envia estes produtos para serem comercializada por *bideras* nas *feras* de Bissau. Geralmente, são grandes quantidades de itens que têm que comprar para enviar, bens esses que se configuram nos produtos de terceira necessidade: roupas, sapatos, cosméticos, diferentes cabelos, utensílios de cozinha, setor dominado pelos homens.

[157] Proferida pela interlocutora interlocutora Dehe nhaga,novembro de 2022, Bissau.

6.1 Interlocutoras em movimentos

Dehe Nhaga, *bidera* de 60 anos, viúva, vende *carbon* (carvão) há mais de vinte anos na *fera* de Quelelé, em Bissau. A partir de 1993, Nhaga construiu seu lugar fixo na *fera* antes da pandemia, onde se encontra até os dias de hoje (pós-pandemia) para melhor comercialização de *carbon*. Antes da minha ida para Bissau, em outubro de 2022, não havia conhecido o seu trabalho. Meu foco inicial era trabalhar com algumas mulheres *brideras* que têm barracas fixas ou não em *Bande*, Caracol e *fera* de Bairro Militar. Mas do ponto de vista metodológico e epistemológico deste estudo antropológico, onde as nossas etnografias se redesenham no campo presencial e virtual, lá estava eu, depois de passar a manhã com as *mindjeris* na *fera* de Bande, parando para tomar um suco natural com um amigo- colega antropólogo chamado Érico Brito. Enquanto esperávamos por um colega-vizinho de Érico em uma barraca de comida típicas[158], comecei a falar sobre a minha rotina em Bissau, nomeadamente, sobre as minhas experiências com as *mindjeris* nas três *feras*, que fazem parte da minha pesquisa doutoral. De modo particular, eu falava das surpresas que eu vivenciava todos os dias nas *feras*. Érico, olhou para mim e disse: "você precisa conhecer a mãe de Richard! Ela vende de tudo, e o próprio Richard participa no processo de venda". Eu perguntei imediatamente em qual das *feras* ela atuava, e Érico me respondeu que era na *fera* de Quelele[159].

Pouco depois, Richard, filho de Dehe, se juntou a nós. Eu perguntei a ele: "Nas vendas que sua mãe realiza, o que se destaca mais em sua barraca ou mesa? " Falou-se de "*carbon*". E foi além disso, explicando que eu precisava conhecer a Dehe (sua mãe), pois ela trabalhava na *fera* desde os tempos em que seu pai ainda estava vivo e eles eram bem pequenos, e ela continua fazendo isso até hoje. Considerei interessante, pois, até então na pesquisa, não tinha encontrado nenhuma interlocutora que, nas diversas variedades nas três *feras*, vendesse somente carvão. Afirmei que iria à *fera* para conhecer o local de venda e conversar com Dehe posteriormente. A partir desse momento, Richard começou a me escrever no *WhatsApp*: "minha mãe está perguntando quando vens? " A minha agenda de pesquisa

[158] Caldo de mancarra; Caldo de theben, Siga, Djambu e Cafriela.

[159] Quelelé é um dos bairros "suburbanos" de Bissau e tendo à sua volta os bairros como: Cuntum, Belém, Penha e Bôr. Sobre o assunto ver: Bureau Internacional do Trabalho. 2003. O movimento associativo local e o papel desempenhado pela comunidade residente na melhoria das condições gerais de vida: O bairro de Quelele em Bissau - Guiné-Bissau. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/publication/wcms_839032.pdf . Acesso em 30 de agosto de 2020.

estava muito corrida devido ao tempo que passaria em Bissau (de outubro à primeira semana de dezembro de 2022), o outro fato também das *feras* escolhidas estarem localizadas em lugares diferentes, fazendo com que eu criasse uma rotina todos os dias para visitá-las. Mesmo assim, aceitei o convite e marquei uma visita para o meio da semana, na quarta-feira à tarde, para encontrá-la. No entanto, o nosso primeiro encontro não aconteceu, porque Dehe precisou fazer uma pequena viagem para o interior (*lumu*), onde compraria as suas mercadorias.

A viagem ocorreu na madrugada de quarta, pensávamos (eu, Érico, Raquel[160] e Richard) que ela retornaria no mesmo dia, à tarde, mas, não foi o caso. Fiquei em contato com Richard para obter informações sobre o retorno de Dehe, mas ela deixou o celular em casa, o que nos preocupou. Passaram-se três dias sem notícias dela. Richard conseguiu, eventualmente, encontrar o número de telefone de uma amiga de sua mãe que estava na viagem com ela. Soubemos por meio dessas colegas de Dehe que houve um problema com o transporte no meio da viagem de volta para Bissau. Pois, o motorista havia levado mais passageiras que o recomendado e elas estavam transportando muitas mercadorias. Eu pensava, principalmente, em como elas estariam após passar mais de duas noites na estrada. Questionava-me sobre que tipo de produtos eram transportados do interior para as *feras* de Bissau, preocupando-me com questões de higiene, alimentação e, acima de tudo, o bem-estar e a segurança dessas *mindjeris* nas estradas. Essas questões não foram respondidas imediatamente, até que Dehe finalmente chegou. Ela regressou em um domingo chuvoso à noite em Bissau. Procurei-a para que pudéssemos conversar com calma e obter detalhes sobre o que aconteceu no meio da viagem.

[160] Richard e Raquel são irmãos, filhos de Dehe.

Imagem 19: Interlocutora Dehe Nhaga
Autoria: Érico Brito.

Dehe começa a relatar as dificuldades enfrentadas ao longo de todos os anos que ela iniciou como *bidera* de *carbon*. A nossa conversa foi em uma segunda-feira à tarde em sua casa. No período da manhã ela se encontrava na *fera*. Saindo da *fera*, voltamos juntas para casa dela, chegando lá, me deu cadeira para esperá-la se arrumar, dizendo: *"Abo k sta mas bonita, perân… na toma banho nô ta papia k kalma* [você que está mais linda, me espere, vou tomar banho e conversamos com calma"]. Depois de se arrumar, começamos a conversar muito sobre sua experiência de venda na *fera*, quanto tempo vendia lá, como começou; a importância de *fera* em sua vida e dos seus filhos. Conversamos por mais de duas horas, e percebi que ela tem uma longa trajetória no mercado de venda. Quando disse-me:

> *"és kansera ika de aos, disna k ami na bindi, i asin k alguin ka kansa nes stradas tudu dia. Bu pensa es i pior viagem k n´fassi? Não, i tem mangas di pioris ki es. As vezes u ta pensa u na pirdi bida na busca bida (...).*
>
> Tradução autoral
>
> "Essas dificuldades não são de hoje, desde que eu vendo na *fera*, deparo com isso todos os dias na

> estrada. Você acha que esta foi a pior viagem que fiz desde que eu comercializo? Não! têm muitas dificuldades. *Às vezes você pensa que pode perder sua vida em busca da vida*".].

Minha interlocutora, Dehe, referia-se às condições ou estados de extrema degradação das estradas de Bissau que conecta três regiões - Oio, Quínara e Tombali. De forma mais concisa, as estradas servem como um importante ponto de conexão entre agricultores, comerciantes e *fassiduris di bida* em várias regiões da Guiné-Bissau. Durante o período chuvoso (julho a outubro), a situação das estradas dificulta o tráfego devido ao aumento de buracos tanto nas áreas urbanas quanto rurais em várias partes do país. Nos últimos dez anos, no sul do país, que engloba as regiões de Oio, Quinara e Tombali, tornou-se uma missão arriscada para os motoristas e passageiros(as), de acordo com Dehe Nhaga.

Imagem 20: A situação das estradas nos períodos que variam de julho a outubro.
Autoria de: Ação Ianda[161] Guiné

Durante a estação das chuvas, a maior parte das rodovias sulistas-guineenses apresentam trechos extremamente perigosos. Segundo a narrativa de Dehe, os condutores nacionais queixam-se muito das péssimas condições de transitabilidade:

> *"manga de condutoris ta nega nan lebanu ku se carrus, ika tudo ku ta bai dê (...). estradas ka bali, alem di kuma acidente pudi aconteci (graças a deus nunca ika aconteci na nha bais). Carrus ta dana na caminhus, ora di bai suma di bin, i muito complicadu".* (...).
>
> Tradução autoral
>
> "muitos motoristas recusam a nos levar[162] as estradas não são boas, além de que pode haver ou acontecer acidentes (agradeço a deus que nunca aconteceu em todas as minhas idas e vindas). Os carros estragam no caminho tanto na ida assim como na volta. É extremamente complicado(...)".

As preocupações de Dehe com as estradas, se estende a todas as minhas interlocutoras, sem exceção, uma vez que elas dependem de transportes públicos, considerados primordiais para as vendas e compras, ou seja, para as trocas comerciais entre bairros, setores e regiões do país, as *fassiduris di bida* viajam em busca de mercadorias para serem comercializados nas *feras*. Devido a essa realidade atualmente de estradas no país, tanto as mulheres quanto os homens sentiram-se direta e diretamente afetadas(os). Por exemplo, durante quatro dias, Dehe não conseguiu vender suas mercadorias na *fera* devido à viagem que fez ao interior em busca de carvão. Ao longo de sua ausência, suas filhas assumiram a responsabilidade de vender o estoque que havia sobrado para atender às

[161]"Ianda Guiné, constitui uma intervenção ampla e ambiciosa de cooperação da União Europeia com a Guiné-Bissau, que cobre diferentes sectores de desenvolvimento, com o objetivo geral de fortalecer a resiliência das populações através da melhoria da segurança alimentar e nutricional e do aumento das oportunidades socioeconómicas para o povo da Guiné-Bissau". Acesso em 06 de janeiro de 2023, disponível em https://iandaguine.org/ .

[162] Refere-se a ela e suas colegas *brideras*.

necessidades básicas em casa, principalmente alimentação. Na Guiné-Bissau, especialmente na capital, Bissau, é comum encontrar sacolas de carvão expostas para venda em cada esquina de bairros, pois, os residentes do país fazem uso constante de carvão vegetal e, ocasionalmente, de lenha para cozinhar. Portanto, a demanda por carvão no mercado nacional de Bissau é uma ocorrência diária, segundo Dehe:

> *"carbon i kussa k kata dana. Kaba tudu dia i pricisadu del pa kunha. Gos pa odja li na Bissau, ika tem, nô ta bai busca nan na zona sul, norte as vezes".*
> Tradução autoral
> "Carvão é algo que não se estraga. É usual todos os dias. Recentemente, em Bissau, dificilmente se encontra para comprar atacado, não tem, por isso, sempre vamos as zonas do Sul e as vezes norte à procura".

Entende-se que, devido ao uso de *carbon* diariamente nos arredores de muitos bairros de Bissau, fez também com que as *bideras* deste produto encontrassem grandes dificuldades devido a considerável desflorestação em alguns lugares que habitualmente elas buscavam. Paralelamente a isso, há carências de lenhas e carvão em lugares próximos de Bissau, que "obriga" estas mulheres a enfrentar riscos e inseguranças[163] nas estradas para localidades muito distantes. Nas nossas longas conversas pergunte-lhe o seguinte: "a senhora escolheria fazer algo para ganhar o seu sustento, de seus filhos e netos, hoje? " Muito direta disse-me: "não". Argumenta que jamais consegue largar de vender, sente muito prazer naquilo, aliás, faz parte de sua vida. *"Bindi i nha vida. nka pudi fassi nada dê, so bindi. Ami n´sibi nan bindi."*[164] [vender é minha vida. Eu não sei fazer nada. Só vender. Eu sei vender"]. Complementa:

> A *fera* é minha profissão! é meu ganha pão com os meus filhos! Estou aqui há quase trinta anos. é minha vida, não lembro exatamente como era antes da *fera*. Se eu me tornasse rico hoje,

[163] Quando minha interlocutora, Dehe Nhaga viajou para o sul do país, durante quatro dias na estrada não conseguiu fazer suas necessidades básicas e biológicas (alimentação, higiene e sono).

[164]Contou-me uma longa história de sua experiência em Senegal quando precisou levar uma das filhas ao médico. Em que não conseguia ficar em casa nas horas vagas, resolveu entrar no mercado para vender peixes e, suas colegas vizinhas de mesa ficavam admiradas como ela vendia tudo muito rápido em pouco tempo e nem falava a língua nacional, wolof. Concluiu dizendo "nasci para vender, é um dom, depois fui aperfeiçoando somente as técnicas".

> continuariam a vender, porque eu gosto[165]. (Gravador de campo, novembro de 2020).

A Dehe que tem uma relação de mais de 20 anos com os pequenos produtores de carvão, ambos afirmam que este trabalho transformou-se na principal fonte de suas receitas ou rendas mensais. E, vender especialmente *carbon*, carrega efeitos negativos para saúde da população e meio ambiente. A Dehe têm consciência em dizer que *"di 2005 pa aos, arvoris garandis sta na cortadu rissu pa kema carbon"* ["De 2005 para cá, houve um aumento significativo de corte de árvores para queimar e transformar em carvões"]. Em outros termos, Dehe está muito ciente das consequências negativas sobre as florestas e a biodiversidade no país. Disse-lhe que a produção e o consumo ineficientes de carvão vegetal é uma questão presente em discussão no solo bissau-guineense por alguns grupos juvenis. Os integrantes da Associação "Pobreza Zero" colocam-se disponíveis em contribuir na formação de membros das comunidades na produção mais eficiente de carvão, isto com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Também há iniciativa de um projeto chamado "*Fumukaba*", criado em abril de 2018, com o intuito de "incentivar a utilização de gás butano na confeção de alimentos em agregados familiares de bairros de Bissau (...). Mais de 25 mil agregados familiares (cerca de 50% das famílias residentes no sector de Bissau) foram beneficiados", segundo o relatório publicado no jornal "A Semana" em 28 de julho de 2020.[166] Queima de madeiras, combustíveis sólidos (especialmente lenha) e derrube de árvores acarretam – além de sofrimento para as famílias – efeitos severos na saúde de mulheres e homens, principalmente para as responsáveis em queimas dos produtores (as doenças causadas pela fumaça da lenha) desta fonte energética nas zonas rurais da Guiné-Bissau.

Conversamos sobre isso na base do trabalho de Joana Lisboa Brandão de Mello (2010), quando minha interlocutora comenta que existem técnicas "consideradas boas" para queima de *carbon.* Expliquei-lhe que, devido à diversidade étnica da população guineense, com diferentes modos de produção e padrões de uso da terra, as variações na extensão de

---

[165] *"Fera i nha profissão! I nha ganha pon k nha fidjus. Sta li a mais de 30 anos, i nha vida, nkata lembra nha vida antes di fera. N' ninsi n' ricu aos, na kontinua bindi so, n' gosta" (Gravador de campo, novembro de 2022, Bissau).*

[166] Disponível em: https://www.asemana.publ.cv/?Projeto-Fumukaba-distinguido-com-o-premio-nacional-do-Energy-Globe-Award&ak=1
Acesso em 19 de novembro de 2022.

uso de fogo são claramente visíveis. A pesquisa de Joana Lisboa Brandão de Mello (2010) considera que:

> As populações rurais do país praticam queimadas com fins agrícolas e não agrícolas, em que o controle sobre a propagação descontrolada do fogo varia de acordo com a etnia que o pratica, o tipo de vegetação e o objectivo em causa, mas também, mais recentemente, com a existência ou não de pomares na proximidade da área a queimar. No caso dos fogos agrícolas, a frequência do fogo é mais elevada nas zonas onde o sistema de produção de sequeiro é dominante (regiões de Gabú e Bafatá, sectores de Farim e Mansabá na região de Oio, e sector de Quebo na região de Tombali) (Mello, 2010. p.17).

Uso do fogo em atividades de agropecuária é uma prática cultural muito presente no país. Embora haja intervenções de especialistas que alertam os impactos negativos, a persistente e crescente queimada nos interiores de Guiné-Bissau pelos agricultores para limpeza e preparo do solo antes do plantio apresenta altos índices de queimadas. O estudo de Temudo (2009, p. 239) reforça a atenção às condições de pequenos agricultores(as) no país em "dispõem frequentemente de fracas alternativas tecnológicas, têm um acesso limitado a meios de produção, a crédito e a oportunidades de emprego fora da agricultura, o que agrava a pressão sobre os recursos em zonas de forte concentração da população". No caso de queimas de *cabon*, Dehe sublinha que se enquadra numa "queima controlada" porque o sistema usado para manejar o fogo é limitado e muito pequeno, precisa "obrigatoriamente" ter uma certa profundidade (de cova) no sentido de prevenir o alastramento de fogo no mato e consequentemente, ocorrência de incêndios.

Como refere Marina Padrão Temudo (2009, p. 239), a "complexidade da relação entre população e recursos, a degradação ambiental nos trópicos pode ser, em parte, consequência do crescimento populacional", pois é natural para um país que mais de 55% da população vive de recursos naturais (produção de arroz/agricultura familiar, fruticultura, cultivo em fluvissolos, entre outros), que exista, de certa forma, seus impactos negativos no solo, na água e no ar. Nisso, Vladmir Indjai (2015, p.03), sugere adotar medidas de "sensibilização da população para o abandono de certas práticas nocivas ao ambiente e a reflorestação, principalmente nas áreas poluídas e degradadas", como um caminho que possa, de facto, contribuir na redução da devastação das florestas na Guiné-Bissau.

6.2 Rotas comerciais: Dehe, Maria Antônia e Mariatu

A história de Dehe se assemelha muito à de Maria e Mariatu. Maria Antônia, *bidera* de 40 anos que possui uma mesa fixa em Caracol, começou as viagens regionais há 6 anos, sua rota inicial foi de Bissau à Mansoa por dois anos e meio, depois desta temporada, já saía de Bissau direto à Gâmbia. Como muitas das *bideras* guineenses, mora com o esposo, filhos e sobrinhos. Todas minhas interlocutoras *bideras* veem "*feras*" como um circuito *"di ganha vida*" ou "segurar as pontas", aumentar a renda do lar e garantir suas autonomias financeiras. Suas vidas estão entre casa e rua. O lugar social e político destas mulheres se dá em suas barracas, negociando os preços das mercadorias que não são fixos, mas sim algo a ser negociado na hora da compra entre a vendedora e o consumidor(a). A partir disso se constroem também relações de clientela que podem ser permanentes. A força, garra, autonomia, criatividade e centralidade da mulher *k ta fassi bida* em Bissau é encontrada em todas as histórias de minhas interlocutoras que percorreram a tese. Histórias estas que se repetem: a necessidade de garantir o "pão de cada dia para os filhos e demais membros da família".

Histórias que também advém da parte do cotidiano de encontro de diversas pessoas, juntamente com suas culturas. Particularmente, *fera de Bande* como um dos pólos de concentração do patrimônio cultural imaterial do país, da amostra de identidade nacional, fortalecimento do sentimento de pertencimento étnico, de organização da cidade urbana guineense que atrai consumidores, visitantes, turistas, pesquisadores, compradores de diversos produtos, artistas e curiosos oriundos de *tabancas*, setores e regiões, como também, pessoas de outros países sub regiões do continente africano e fora do continente. É nesta *fera* que se encontra a barraca fixa de Mariatu Djamanca, de 50 anos, *bidera di pis/*peixe. Facilmente andando na *fera*, antes de chegar na barraca de Djamanca podes encontrar pessoas de diversas partes da Guiné e do mundo: da Europa, Ásia, América do norte e sul[167]. Os(as) guineenses não são os únicos frequentadores da *fera Bande, Bairro Militar* ou *Caracol,* mas também consumidores de diversas geografias fora da Guiné.

[167]Nas penúltimas duas vezes que estive no mercado de Bande e Caracol, estava acompanhado de professores brasileiros: João Colares do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (Amazônia) e o Pedro Pontual do Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe (CEAAL), ambos da coordenação da Rede Internacional de Educação Popular Diálogos com África e do projeto de extensão Djumbai: Educação Popular Antirracista e Cooperação Solidária Amazônia e África.

Dentre estas geografias, a *fera* torna-se um facilitador de integração ou ponto de diálogo e contato em que o rural e urbano se mistura segundo observação de Djamanca. As *tabancas*, setores e regiões da Guiné são conhecidos por minhas interlocutoras de ponta a ponta, devido suas rotinas de viagens. A propósito, existe semelhança visível para elas entre as três principais interlocutoras desta pesquisa que se baseia em uma economia circular. Quer dizer, não se coloca qualquer dúvida de que a economia criativa e circular na Guiné-Bissau, gerida por diversas mulheres, resulta em um catalisador econômico para o desenvolvimento do país; visto que, se vê uma clara relação entre mulheres do campo, da agricultura, *bideras,* consumidores, empresários, os agentes da câmara municipal, polícias de trânsito nas estradas que ligam a capital e interiores dentro do país afora. Minhas interlocutoras são parte de "atividades que garantem a sobrevivência" uma das três categorias de atividades informais traçado pela historiadora Patrícia Godinho Gomes (2015):

> atividades que garantem a sobrevivência: são as predominantes da economia informal e com maior incidência no mundo rural. São geralmente consideradas atividades pré-empresariais, de subsistência e auto-emprego. Constituem uma importante fonte de recursos e rendimentos para as famílias, sobretudo nas áreas rurais e nos centros semi-urbanos. São praticadas em períodos sazonais, baseadas em técnicas tradicionais e mercados locais. Têm pouca ou quase nenhuma perspectiva de crescimento e são praticadas essencialmente por mulheres. São exemplos deste tipo de actividade a comercialização de produtos agrícolas sazonais e de aves domésticas (p:06)

Corpos que estão em trânsitos para garantir a sobrevivência dos seus familiares nas economias informais. Com as barracas fixas em áreas urbanas, elas transitam pelas zonas rurais e semi-urbanas. À medida que conversava com as mulheres *bideras* (Dehe Nhaga, Tereza Cardoso, Aida Sá, Mariatu, Maria Antônia e Ivone Gomes) sobre os lugares em que adquiriam seus produtos de venda, em suas narrativas, viajávamos para toda a Guiné-Bissau de transporte público, sentido de perto as dificuldades dos trajetos ao longo da viagem, também, percebiam as relações de troca e inter-ajuda mútua criada para negociar os preços de mercadorias. Suas realizações e mudanças que a venda e compra proporcionaram em suas vidas e sucessivas busca, principalmente pela independência financeira, igualmente, as oportunidades em empreender em um contexto econômico-político difícil que o país encontra por não favorecer as mulheres de modo geral, em especial as não ágrafas, para "melhores condições/qualidade de vida" de acordo as observações feitas por Aida Sá.

Dentro do cenário desigual, evidenciaram que o empreendedorismo trouxe inúmeras oportunidades para elas, *bideras*. Tais oportunidades em crescimento e manutenção de um

negócio individual ou familiar; gerar renda e trazer o sustento de suas famílias e fonte de realização pessoal e profissional. Mariatu, *bidera*, por exemplo, vende peixe em sua mesa fixa em *Bande*, que segundo ela, antigamente, não sabia exatamente quanto gastava de seu lucro para manutenção de sua casa e quanto ganhava no todo. Tinha ciência dos valores de cada peixe que vendia, obviamente era vendido com um certo acréscimo a mais do comprado no portuário de Bissau, contudo, acabava gastando tudo em "coisas de casa e assuntos de crianças[...] não sobrava nada para mim". Conclui dizendo:

> *"nta tarbadja ba so pa casa k nha fidjus (...) te aos, nta tarbadja, mah, nta lembra di nha cabeça, nta kumpra ropa pa mi. e dias nkumpra panu pa nha mame propi".*
>
> tradução autoral:
>
> "eu trabalhava só para casa e para os filhos (...) Até hoje trabalho, a diferença é que me inclui na necessidade e no benefício do meu trabalho. Outro dia, comprei roupa para mim, e alguns tecidos para minha mãe".

Com as experiências acumuladas "graças às viagens" feitas pelo interior, trocas com outras mulheres no ramo de vendas, Mariatu aprendeu a calcular despesas e entradas. Os intercâmbios de saberes naturalmente acontecem com as mulheres em suas barracas ou mesas de vendas, assim como, ao longo de trajetos em busca de mercadorias nos arredores regionais da Guiné. Funcionalmente, aprendem outras línguas étnicas, o que ajuda na venda e compra. As *feras,* nesta pesquisa além de serem centros de concentração socioeconômico em um país muito pequeno (2 090 372), também, demonstram outros aspectos de multiplicidade etnolinguística muito acentuada que formam a "identidade nacional[168]" de Guiné-Bissau. Dehe (de etnia *Brassa/ Balanta*) e Maria (*Mancanhi*) se comunicam em outras línguas guineense, além do *Kriol*.

> Nós, mulheres de Bissau, somos diferentes daquelas que estão na *tabanca*. Falamos o crioulo, além de nossas línguas étnicas. Eu já fui lugares que ninguém me entendia em crioulo ou em balanta, fui aprendendo na estrada e com elas, hoje tenho o meu *"kit de viagem [*que são línguas que ela fala] (Dehe, *bidera* de Quelelé).

As relações de gênero e as diversidades étnicas existentes no país ressurgem no campo empírico quando uma das participantes, cuidadosamente, me afirma das diferenças

[168] O processo de formação de identidade nacional Guineense perpassa pela união de diferentes etnias que é vista particularmente no projeto de Amílcar Cabral que, o voto como uma ação social deve assumir um papel de união entres todas/os as/os cidadãs/aos guineenses mesmo nas suas diversidades étnicas, assim como a unidade das etnias na formação da Nação guineense a partir da luta armada dirigida pelo PAIGC contra o regime colonial se deve a importância da identidade "nacional" coletivo.

que se percebe de uma moradora de grande cidade e da pequena cidade. A formação e manutenção da identidade guineense na prática, as categorias étnicas são uma “forma de organização social”, termo que Barth entende como a situação na qual “os atores utilizam as identidades étnicas para categorizar a si próprios e a outros, no propósito de uma interação” (Barth 1976a, p. 15). Ou seja, Fredrik Barth (1969) resultou na incorporação das noções de identidade étnica e etnicidade, com críticas contundentes à concepção tradicional que concebia o grupo étnico como unidade cultural distinta, separada. Portanto, a partir dos estudos de Barth, torna-se possível definir grupo étnico como uma forma de organização social, que expressa uma identidade diferencial nas relações com outros grupos e com a sociedade mais ampla.

Para Dehe, Maria Antônia, Aida e Maria, *fera di Bande*, que acontece na estrada principal da capital-Bissau, sintetiza “um lugar culturalmente diverso e etnico”. Essa identidade étnica fluida e dinâmica que se socializa a todo momento, aliás, é utilizada como forma de estabelecer os limites do grupo e de reforçar sua solidariedade, o mais importante é que, as mulheres têm consciências de suas identidades étnicas e com uma atuação dinâmica a seu favor (Barth,1998). Percebido, no contexto de *feras* em Bissau, que essa identidade nacional ou coletiva se constrói socialmente permitindo que as *fassiduris de bida* se localizarem. Lembrando, por exemplo que, (Brandão, 1986), a identidade também se “constitui como uma categoria de atribuição de significados específicos a tipos de pessoas em relação umas com as outras [...]”. Reforça em dizer, “não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si”, porém, a identidade só existe com a relação a uma “outra”, ou seja, refere-se os membros de um grupo como os próprios atores que se atribuem uma significação a sua vinculação, em função da situação relacional em que se encontram, visto que é no interior das trocas sociais que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente (Berlatto, 2009, p. 143).

Minhas interlocutoras carregam múltiplas identidades: *Brassas/Balantas, Pepelis, Mandjakus, Mandingas, Fulas, Mancanhis;* além dessas identidades étnicas, elas são nacionalmente rotuladas como *“bideras; fassiduris di bida” di pix, panu,* mariscos,. Interlocutoras transitam entre áreas rurais, suburbanas e urbanas, bem como, estão entre contextos regionais e sub-regionais, estabelecendo configurações com pessoas e mercadorias.

6.3 Eu, mulher, clamo meu direito[169]: fassiduris de bida em contextos de COVID-19

Mulher na rua,

Estou no autocarro,

Estou no mercado

Buscando pão de cada dia

Para que barriga da minha cria

Possa cantar de alegria e felicidade

Onde está meu direito de quarentenar?

Não tenho direito?

Ou roubaram meu direito?

Para as gerenciadoras de pequenos e grandes negócios ao ar livre em barracas, as mulheres *sumiaduris i bindiduris* ou *fassiduris di bida/bideras*, a rua é um espaço social-político-econômico, onde o viver cotidiano, a busca de pão de cada dia, as trocas e negociações ocorrem. Entretanto, em março de 2020 até agosto de 2021, estas sujeitas, que transitavam para diversas geografias, locais, nacionais e internacionais, em busca de seus produtos para serem comercializados nas *feras* de Bissau, foram drasticamente atingidas pelo advento da pandemia, sobretudo, a declaração do distanciamento físico entre as pessoas. O trecho em epígrafe foi escrito por mim, parte dos dados empíricos do diário de campo iniciado em março de 2020. Diário que, na tentativa de acompanhar as ações de mulheres virtualmente fui dita "você que escreve coisas (...), pode escrever", comecei a

[169] Poema "Eu, mulher, clamo meu direito", escrito por Peti Mama Gomes em 26 de agosto de 2021.

documentar observações e reflexões sobre as *feras* livres e populares durante a pandemia em Bissau devido à diminuição do fluxo de clientes e restrições de funcionamento.

O presente subcapítulo traz descrição dos efeitos da pandemia, além de análise dos números de óbitos ou casos confirmados no país. Opta-se por refletir e descrever as questões sociais, políticas e econômicas que impactam diretamente a vida e os negócios das mulheres *fassiduris di bida,* sujeitas desta pesquisa em Bissau. Para isso, busquei privilegiar os próprios depoimentos de mulheres, suas narrativas e entrevistas concedidas às empresas de comunicação, redes sociais (especialmente *facebook*), o site oficial[170] de Alto Comissariado para COVID-19 no país, "plano de resposta socio-económica à pandemia da COVID-19 na Guiné-Bissau" e as conversas presenciais que decorrem em outubro e dezembro de 2022. Partindo do pressuposto de que o decreto presidencial n° 9, de 2020, alterou rapidamente a vida de muitas *mindjeris*, tanto em áreas urbanas quanto rurais na Guiné-Bissau, provocando mudanças nas rotinas, nas formas de sociabilidade e apresentando sérios desafios socioeconômicos. Em outras palavras, a agenda de crescimento econômico de médio e longo prazo de um governo recém-eleito estava enfrentando incertezas em relação aos impactos da COVID-19 e às crises no sistema estatal. No contexto da dinâmica do Estado-Nação guineense, ao lidar com a pandemia, a decisão foi adotar parcialmente as medidas de distanciamento social, seguindo as recomendações dos profissionais de saúde, com o objetivo de evitar sobrecarregar um sistema de saúde já em risco, considerando a evolução da situação epidemiológica relacionada ao vírus SARS-CoV-2 e à doença COVID-19.

Logo no país, os dois primeiros casos positivos foram diagnosticados no dia 25 de março, dois infectados, um empresário de nacionalidade indiana e o outro um congolês, funcionário das Nações Unidas. Desde então, para fazer face a essa doença, o governo guineense declara estado de emergência sanitária no dia 27 de março fazendo recomendações e anunciando a implantação de medidas de prevenção do contágio, com restrições e fechamento parcial de comércios, serviços privados e públicos, suspensão de espetáculos públicos, fechamento parcial de fronteiras. E, para justificar esse decreto, o Presidente da República, Umaro Sissoco Embaló, afirmou que por conta do avanço do novo coronavírus era necessário declarar a medida de distanciamento social que teria um caráter

[170] www.accovid-gw.org. Acesso em 20 de julho de 2020.

"excepcional" que visa "salvaguardar" bens essenciais, valores e princípios fundamentais, em suas palavras[171]:

> A Constituição da República permite que, em situações como esta que estamos a viver, de calamidade pública, sejam suspensos alguns direitos, liberdades e garantias dos cidadãos, através da declaração do estado de emergência, uma medida excecional com vista a salvaguardar bens essenciais, valores e princípios fundamentais, previstos na Constituição[172] (4.º suplemento ao Boletim oficial da república da Guiné-Bissau n°13, 2020).

O distanciamento social decretado, por sua vez, desencadeou uma série de consequências, onde se destaca a paralisação parcial de várias atividades socioeconômicas, principalmente, as que se relacionam com os comércios nas principais *feras* de Bissau: *Bande, fera de Praça* e *Caracol*. A redução da atividade econômica[173] resultou em perda de empregos e diminuição da renda para muitas *mulheres-fassiduris di bida* e outros trabalhadores no sector informal. Há ainda, outra série de consequências, destacada nas notícias de periódicos guineense[174], a falta de informação/conhecimento do real motivo desse distanciamento social, isto nas primeiras semanas de março de 2020. Segundo os relatos dos Médicos Sem Fronteiras em Bissau, publicado pela agência Lusa, a chefe da missão MSF[175], Mónica Negrete, afirma que,

> A população não acredita na existência da doença, há uma falta de conhecimento sobre a COVID-19. O elevado nível de estigma e a importante falta de conhecimento sobre a doença por parte da população tornam a situação ainda mais grave e complica a possibilidade de conter a propagação da epidemia. (Entrevista concedida a 11 de maio de 2020 em Bissau).

Mónica ainda fez um apelo: "é preciso engajar a comunidade através dos líderes comunitários, líderes religiosos (...) é muito urgente fazer um trabalho de base (...)". Os

---

[171] Disponível em: https://faolex.fao.org/docs/pdf/gbs194750original.pdf Acessado em: 12 de abril de 2020

[172] A DW África é uma emissora internacional online comprometida em divulgar os conteúdos voltados aos países africanos de língua portuguesa - Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

[173] Setores como turismo, hospitalidade e entretenimento foram especialmente afetados, com consequências financeiras significativas para os indivíduos envolvidos.

[174] Lembre de "The Invention of Isolation" no artigo The Anti-Politics Machine "Development" and Bureaucratic Power in Lesotho, James Ferguson & Larry Lohmann (1994) dentro da agricultura de subsistência (comércio), as transformações sociais com o comando "fique em casa". A suposta "invenção do isolamento" veio à tona com as respostas políticas da Guiné-Bissau. As medidas analisadas no primeiro mês da crise se baseiam em discursos separados: As vozes das comunidades que defendem permanência de mercados ou redes e políticas de apoio e as instituições que enunciam as medidas de distanciamento social. Sobre o assunto, consultar: Ferguson, James e Larry Lohmann. 1994. The Anti-Politics Machine "Development" and Bureaucratic Power in Lesotho. The Ecologist, Vol. 24, No. 5, September/October.

[175] Os primeiros monitoramentos da pandemia na Guiné-Bissau foram da organização humanitária internacional Médicos Sem Fronteiras (MSF). Tiveram grandes contribuições de atuações na capital de Bissau desde março de 2020, em identificar os primeiros casos e oferecer apoios aos profissionais de saúde na resposta à COVID-19.

discursos do negacionismo da pandemia no seu início tomaram proporções alarmantes na grande capital, Bissau. As crenças culminando em um debate público racional de um governo recém-eleito, chegou a gerar falas e discursos controversos e inverdades, o que pode ser chamado de "entre a negação e a realidade" (Beltrão, 2020). Digo, no começo, foi recorrente nas narrativas de mulheres, a negação da existência do coronavírus, sobretudo, resistiram em aderir às medidas postas pelas autoridades, por razão de "o vírus não é daqui (...) o vírus vindo da Ásia; porque ficar em casa se não é daqui? "O vírus foi "inventado" no laboratório para certos corpos não nossos". As mulheres que me narram o incidente (interlocutoras do mestrado) - as dúvidas eram sobre a efetividade dos protocolos de prevenção igual aos demais países da Europa e Ásia. Com frequência, as medidas de distanciamento social decretado, criaram frustração a nível das comunidades que não possuem renda fixa, famílias que moram mais de seis pessoas, enfrentando uma série de problemas como: falta de espaço para confinamento "adequado", falta de comida, produtos higiênicos, água potável. Caetano; Oliveira; Tamba; Gomes; Vaz; Monteiro (2020), consideram que, no geral, essas medidas adotadas têm sido as mais desafiadoras no contexto nacional guineense, principalmente, nas camadas em situações vulneráveis em termos socioeconômicos.

Diante disso, houve revolta pública da sociedade civil, grupos de mulheres, Liga Guineense dos Direitos Humanos (LGDH)[176], exigindo políticas de combate à fome em caráter urgente e emergencial, pelo governo, em sequência, os direitos à saúde e à alimentação da população guineense sem exceção sejam respeitados, protegidos e garantidos. Nada obstante, essas mobilizações geraram confronto entre Sociedade Civil (incluindo associações de mulheres), Guarda Nacional e a Polícia de Ordem Pública. Onde, em um final de semana (20/04/2020), a Polícia de Ordem Pública deteve mais de 200 indivíduos "por circularem nas vias públicas", alguns foram agredidos fisicamente e verbalmente[177]. As consequências

[176] Na sua página oficial apresenta-se: "A Liga Guineense dos Direitos Humanos (LGDH) é uma organização não governamental de defesa, protecção dos direitos e liberdades da pessoa humana. Criada a 12 de Agosto de 1991, ela é membro da Federação Internacional das Ligas dos Direitos Humanos (FIDH) com sede em Paris; Membro fundador da União Inter- africana dos Direitos do Homem; Membro Observador junto da Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos; Membro fundador do Fórum das ONG´s dos Direitos do Homem e das Crianças dos PALOP, membro da Organização Mundial Contra a Tortura (OMCT parceira privilegiada da Amnistia Internacional), membro Fundador do Movimento Nacional da Sociedade Civil da Guiné-Bissau, da Rede Oeste-africano para Edificação da Paz (WANEP-GB) e da plataforma de Concertação das ONGs (PLACON-GB)". Disponível em: http://www.lgdh.org/p/a-ligdh.html. Acessado em 22/09/2020

[177] Denúncia feita pela Associação Juvenil para a Promoção e Defesa dos Direitos Humanos. Matéria disponível em: https://www.dw.com/pt-002/viol%C3%AAncia-policial-e-mais-de-200-detidos-em-bissau/a-53184407 . Acessado em 22/05/2020

dessas agressões “fazem parte” das medidas de combate e prevenção à disseminação do vírus, uma vez que, de acordo com os dados do Ministério da Saúde Pública, quase um mês depois do decreto o país registou 1.089 casos positivos cumulativos da doença e 6 óbitos. Aliu Seide, presidente da Associação dos Retalhistas dos Mercados da Guiné-Bissau, prestou depoimento durante a audiência[178] do programa “Quinzena dos Direitos[179]”, dizendo:

> Todos sabem como nos sacrificamos com a COVID-19. Nós, dos mercados, a primeira vaga de COVID-19 deixou-nos sem trabalho. O mercado abria às 9 e fechava às 11 horas. Um período curto, durante o qual a Câmara Municipal de Bissau não nos tolerou. Cumprimos os novos deveres, mas os nossos direitos não foram respeitados, pois quando reduz alguém o tempo do trabalho, deve-lhe tolerar o pagamento de algumas taxas. A Câmara Municipal de Bissau cobra as taxas diária e mensalmente. Durante duas horas de atividade, eles não nos perdoaram. Cobram tudo - cacifos, armazéns e às mulheres vendedeiras. Na segunda vaga passámos a mesma situação. Repito: desde a primeira até à terceira vaga, mesmo não trabalhando, és obrigado a pagar as taxas. (Seide, 2022: 27).

A aplicabilidade do distanciamento social parcial era necessária, isto significa, que as *feras* principais eram abertas entre 07h às 11h da manhã, para que as famílias pudessem fazer compras dos produtos de primeira e segunda necessidade. Ressaltando que, as *mindjeris* constituem a maioria dos compradores e vendedoras nas principais *feras* do país. O distanciamento parcial posto no país, evidentemente, implicava diversos efeitos econômicos e sociais, em especial para mulheres nas *feras* que atuam de forma autônoma e que dependem deste trabalho diário para seu sustento e de seus familiares. Logo, a redução da atividade econômica na época (2020-2021) no país afetou, em primeira instância, trabalhadoras informais que estavam perdendo seus meios de sobrevivência, sem nenhuma política de apoio ou renda em geral.

Desta maneira, em meados de abril de 2020, por conta da inconformidade de trabalhadores(as), ampliaram a circulação para às 14hrs[180]. Os últimos 60 minutos do período de circulação permitido, eram destinados ao retorno ao domicílio. Caso contrário, militares e policiais permaneceriam nas ruas de cidade em tempo integral para vigilâncias. Entendia-se que a presença constante de militares e policiais nas ruas tinha como objetivo garantir o

---

[178] In: Observando direitos na Guiné-Bissau Covid-19 e os direitos humanos: audição pública e pesquisa no SAB. Org. Sangreman, Carlos e Turé, Bubacar, 2022.

[179] “Quinzena dos Direito”' é uma iniciativa organizada anualmente pela Casa dos Direitos de Bissau.

[180] O acréscimo do tempo está exatamente em função das necessidades das famílias nas quais dependem diretamente disso, pois, sem política de apoio social para mulheres feirantes ou outras classes também em situação de vulnerabilidade era impossível demandar às pessoas que pratiquem obrigatoriamente o isolamento social e permaneçam em casa.

cumprimento das medidas de prevenção e proteção, do mesmo jeito, supervisionar a circulação da população durante os horários permitidos. Minha interlocutora, Inacia Gomes, *bidera* de peixe na *fera* de *Bande*, Bissau - capital, em um depoimento (live no *facebook*), denunciava assim: "os policiais nos agridem! Nos matam na estrada todos os dias, porquê? Mas, porquê[181]?". Continua:

> Nós[182], população, estamos cansados. Disseram que estamos em coronavírus, mas este é o corona-fome que estamos vivendo. Imagina, nós mulheres estamos no carro, os policiais correm atrás de nós, nos obrigam a descer como cachorros, em consequência caímos no chão, machucamos. O que está acontecendo na Guiné-Bissau, socorro. Mulheres pedem socorro. (*Bidera*, Inacia Gomes, Bissau, 2020).

Imagem 21 - Interlocutora Inácia Gomes.
Fonte: arquivo pessoal (2020).

Nesse trecho da narrativa, foi interessante compreender como a revolta de uma mulher diante do "descumprimento" do horário estabelecido para suas atividades pelo governo e autoridades sanitárias a coloca em um alto grau de desproteção social. Ela e outras mulheres enfrentaram essa situação sem acesso a equipamentos de proteção individual, o que colocava suas vidas e a de seus familiares em risco. A denúncia de Inácia Gomes foi feita quando os policiais apreenderam os produtos dela e de outras mulheres que estavam no porto de Bissau. A interlocutora foi uma das primeiras a relatar os impactos da pandemia de COVID-19, chamando a atenção de que a violência policial contra as mulheres

[181] Notas de caderno de campo, registo de 20/05/2020.
[182] Denúncia original no guineense: *"Anos populacon no kansa. No falanu kuma no sta na coronavirus, mah, es i coronafome ku no sta dja nel. Imaginou, mindjeris na sta na carro, policias na curi no tras, ena riantanu suma katchuris, no na kai, no na molostra, es I ke ku no sta dja nel ne Guine-Bissau, no foronta. Mindjeris foronta"* (*Bidera*, Inacia Gomes, Bissau, 2020).

bideras de peixe no porto de Bissau aumentou de forma mais intensa e visível no ano de 2020.

Com efeito, vale lembrar que, assim como Inácia Gomes, inúmeras *bideras* de peixe geralmente compram grandes quantidades (a preços mais acessíveis) no porto de Bissau para abastecerem as *feras* de *Bande, Caracol, Bairro Militar*, entre outros. O Porto de Bissau é de grande importância para o desembarque e comercialização de pescado no país. Portanto, é um setor primordial para a Guiné-Bissau, tanto do ponto de vista econômico quanto da segurança alimentar, onde as mulheres se deslocam para lá praticamente todos os dias em busca dos diversos tipos de pescado.

> A produção anual de peixes é estimada em 85 mil toneladas, das quais aproximadamente 20,4 mil toneladas (24%) provêm da pesca artesanal, constituída, em sua grande maioria, por espécies estuarinas, e representando aproximadamente 62% do pescado consumido no mercado interno a uma taxa de 26 kg.(habitante.ano), contribuindo assim para a segurança alimentar (Intchama & Araújo, 2010: 14).

O setor emprega formalmente e informalmente (as mulheres representam, na grande maioria o número de trabalhadores informais, 58%) cerca de 26 mil cidadãos nacionais e internacionais, contribuem anualmente com 4% para o Produto Interno Bruto (PIB). Nas palavras de Jeremias Francisco Intchama e Rogério César Pereira de Araújo (2010), “a pesca artesanal tem um papel importante na subsistência da grande maioria da população guineense, oferecendo empregos permanentes e sazonais, contribuindo para o Produto Interno Bruto (PIB) da economia, e fornecendo proteína animal indispensável” (p.14). Por dependerem (em grande medida) e terem necessidades de se deslocarem quase todos os dias para aquisição dos pescados, resistiram em aderir o distanciamento por fatores de sobrevivência. Em diálogo:

> Peti: Os policiais confiscaram os vossos produtos, alegando que as senhoras estavam desobedecendo o decreto presidencial e do ministério da saúde. Como foi esse episódio no mercado de Bande? A senhora estava lá quando isso aconteceu? Chegaram a confiscar as suas mercadorias?
>
> Inacia Gomes: Minha filha, foi terrível. Eu me vi dentro de uma viatura policial, juntamente com uma bacia de peixes que tinha acabado de comprar no porto para revender no mercado. Fomos levadas, levaram também a dona Ana e algumas colegas direto para a delegacia. No final do dia, todas as minhas mercadorias estavam estragadas (os

> peixes apodrecidos). Eu fiquei completamente perdida. Fui tratada muito mal, fui jogada atrás da viatura como se fosse uma "ladra"... Foi realmente uma temporada difícil para nós, as mulheres que vendem no mercado de Bande. (Gravação de campo, Bissau, 2022).

Antes desta conversa, que ocorreu presencialmente em novembro de 2022, na cidade de Bissau, já trocava mensagens desde abril de 2020 com a Inacia, na época de pesquisa, ela tinha 48 anos. A procurei, pois tinha recebido um vídeo de pesquisadoras[183] guineenses no meu *whatsapp,* acompanhado da legenda: "*Djubi situaçon di mindjeris na fera* - olha a situação das mulheres na *fera*"[184]. O vídeo revelou Inácia denunciando os maus-tratos infligidos por policiais às pessoas, destacando a difícil situação enfrentada pelas *mindjeris* em trânsito com suas mercadorias. No material visual, Inácia estava ao vivo em sua página pessoal no *Facebook*, buscando chamar a atenção para a injustiça e os abusos cometidos pelas autoridades contra quase todas as *fassiduris di bida* de Bissau. Além dela, outras mulheres *bideras* também se manifestaram, compartilhando suas experiências sobre como as calamidades públicas influenciaram o cenário da violência de gênero. Após assistir o vídeo, senti-me de alguma maneira afetada, conforme destacado por Favret-Saada (2005), pelo ponto de vista que as *mindjeris* expressavam os desafios cotidianos impostos pelas medidas de quarentena. O testemunho delas trouxe à tona a difícil realidade enfrentada por essas mulheres, lançando luz sobre as consequências das políticas governamentais na vida das pessoas e, em particular, nas experiências das *bideras* em Bissau durante a pandemia.

Entrei em contato com a Inacia lamentando que os efeitos das medidas impostas pelas autoridades sanitárias e pelo governo tenham recuado sobre grupos em situação de vulnerabilidade econômica (pessoas de baixa renda, trabalhadoras(es) informais e comunidades marginalizadas). Ela me respondeu dizendo: "Minha filha, você precisa saber, as coisas estão cada dia pior na *fera*. Ninguém nos respeita, até os cachorros estão sendo melhor tratados". Sob a perspectiva do trabalho informal no país, a denúncia de Inácia se assemelha muito à de Antónia Adamá Djaló, presidente da Associação Guineense das Mulheres em Atividades Económicas (AMAE), no dia 12.06.2020, chama a atenção para as dificuldades que atravessam as mulheres no país em tempos de crise provocada pela

[183] Coletivo para Emancipação das Mulheres Guineenses (CEMGUI), composto por jovens-mulheres na diáspora brasileira e portuguesa.
[184] "*Djubi situaçon di mindjeris na fera*", Inacia Gomes, Bissau.

COVID-19, dizendo a emissora, DW África o seguinte: “a pandemia trouxe sobrecarga no que já era uma situação de desigualdade em casa, e não só, outro problema agravante no atual confinamento resultante da pandemia foi o aumento da violência”. Algumas perguntas feitas a ela pelo DW África, foram: “Qual foi o impacto desta pandemia no trabalho das mulheres? Como é que a pandemia afetou a vida das mulheres na Guiné-Bissau? Um pouco por todo o mundo constata-se um aumento da violência doméstica, sobretudo contra mulheres, por causa do confinamento. Isso também acontece na Guiné-Bissau? E há casos de violência no seio da própria família?” Antónia Adama Djaló (AAD), diz:

> Essa pandemia afeta muito a mulher guineense e a mulher africana de um modo geral. Sabemos que a mulher africana tem a responsabilidade da casa. Sabemos que as mulheres educam as crianças em casa. Então a pandemia é muito difícil para as mulheres (...). A primeira coisa é a dificuldade da venda. As mulheres levantam-se às seis horas da manhã para ir ao mercado e depois têm que lá ficar até às duas horas da tarde. Isso abalou muito as mulheres (DW ÁFRICA, 12.06. 2020, online).

Em vista disso, embora a temida grande explosão do Sars-Cov-2 não tenha ocorrido até a quarta onda (dezembro de 2020 a meados de 2022) em muitos países no continente africano (contágio biomédico), especialmente na Guiné-Bissau, isso não significa que outros impactos imediatos não afetaram seus habitantes.

Tabela 3- últimos dados atualizados em 11 de maio de 2022

Testados	Confirmados	Recuperados	Óbitos
136.884	8.229	8.011	171

Fonte: Página de Alto Comissariado.

O distanciamento social teve consequências diretas na vida dessas mulheres, causando sofrimento físico, psicológico, sociocultural, político e existencial-simbólico, não apenas para elas, mas também para os seus familiares e os consumidores na cidade de Bissau (Gomes e Monteiro, 2022). O fechamento dos mercados (*feras*), por exemplo, provocou mudanças nos relacionamentos e na interação social, restrições nas visitas familiares, encontros sociais e eventos comunitários, resultando na falta de contato interpessoal. Assim como, a transição para o ensino à distância trouxe desafios de acesso à tecnologia e recursos educacionais, juntamente com a perda da interação social e do

ambiente de aprendizagem tradicional. Ademais, a exposição ao vírus e as agressões nos espaços públicos também foram preocupantes.

Estima-se que, cerca da metade da população feminina guineense seja composta por trabalhadoras informais, que também assumiram a função de cuidado dos idosos devido à pandemia, o que resultou em um aumento das demandas e tarefas ao longo do dia. Esclareça-se que, a família guineense é conhecida por ser alargada, e as crianças habitualmente ficavam em casa em vez de irem à escola. Sobrinhos, sobrinhas, primos e cunhados são parte da dinâmica familiar, exigindo atenção e cuidado em tempo integral. Ainda fora, as responsabilidades de cuidado aumentaram devido à perda de empregos e renda, enquanto a violência policial e doméstica também aumentou, sendo fortemente influenciadas pelas diretrizes de isolamento social (Gomes, Monteiro, 2022).

De todo modo, Rita de Cássia Santos Freitas, Carla Cristina Lima de Almeida e Ana Lole (2020) em seu artigo intitulado “As mulheres e a pandemia da COVID-19 na encruzilhada do cuidado”, chamam atenção de que:

> Por questões históricas, as mulheres sempre estiveram à frente dos cuidados e isso não seria diferente em tempos de COVID-19 [...] Cuidar cansa, requer atenção, não se trata apenas de uma atividade objetiva. Existe uma dimensão subjetiva presente nas atividades do cuidado — no trato com as crianças, com os idosos, com os doentes, na maneira como queremos nossas casas arrumadas e a família alimentada —, isso supondo que temos um lugar a chamar de casa e condições para alimentar a família (...)Cuidar de si e cuidar do outro sempre fez parte do repertório das mulheres nas suas mais variadas condições de vida (p.215).

Entende-se que, devido às expectativas tradicionais de gênero, as mulheres são costumeiramente vistas como responsáveis pelo cuidado dos filhos, idosos e pessoas doentes, ou que se sobrecarregaram com uma carga de trabalho adicional durante uma pandemia. Vale lembrar que, durante a primeira onda de COVID-19 em 2020, anunciou-se que os idosos ou pessoas com doenças crônicas estariam sob maior risco de vida, e, na maioria dos casos, cabe às próprias mulheres assumirem a responsabilidade de cuidar delas(es). Compreender as questões históricas entrelaçadas às características demográficas, socioeconômicas e culturais dentro da perspectiva de idade, classe social, gênero, raça e etnia é, acima de tudo, recordar que, estávamos diante de uma realidade mundial que expôs de forma contundente a realidade do trabalho doméstico: afazeres e cuidados. Assim, recordarmos da dupla ou tripla jornada de trabalhadoras domésticas que enfrentavam

desafios de maior carga de cuidados em casa devido às medidas de distanciamento social; o aumento dos riscos de violência contra mulheres[185], meninas e crianças.

Imagem 22 - Interlocutora Mariatu Djamanca.
Fonte: arquivo pessoal (2022).

No contexto de Bissau, especificamente no mercado de *Bande*, de acordo com a interlocutora Mariatu Djamanca, de 50 anos, *bidera* de peixe, narra:

> Minha filha foi agredida em julho de 2020, aqui (*fera* de Bande). Eu já tenho idade, ela sempre vendia comigo, quando saiu o decreto de ficar em casa[186], ela preferiu vir, por ser jovem. Um dia, demorou para arrumar a mesa, os policiais bateram nela, nunca mais voltou a *fera* para vender, outros parentes agora que me ajudam. É difícil saber que minha filha foi agredida no trabalho honesto (Mariatu, *bidera* de Bande, gravação de campo, 2022, Bissau)

O estudo de Denise Pimenta (2020:09) versa a interface entre a atual pandemia da COVID-19 e as narrativas de mulheres serra-leonenses e suas vivências sobre a epidemia do ebola (2013-2016), concluindo que, "toda pandemia/endemia/epidemia é marcada por questões [de] raça, gênero e classe social". Por isso, levar em consideração que não há como tratar a crise mundial sanitária, social e econômica sem identificar os efeitos diferenciados

[185] É importante frisar também que a reclusão ao lar fez com que essas mulheres se tornassem alvo preferencial de companheiros. Melhor dizendo, a violência doméstica aumentou durante a pandemia, pois, muitas mulheres ficaram presas em casa com seus agressores e também as restrições de movimento tornam mais difícil denunciarem a violência e receberem ajuda.

[186] O Presidente da República, Umaro Sissoco Embaló, decretou o estado de emergência, em todo o território nacional em *27/*03/2020.

entre geografias, e espacialmente, considerar todos os marcadores sociais da diferença possíveis. Durante a pandemia, várias famílias lideradas por mulheres foram afetadas de maneiras diversas dentro e fora da *fera*. Mariatu relata com grande tristeza que sua filha foi agredida enquanto tentava ganhar a vida vendendo peixe em *Bande*. *Bidera* reconhece que, apesar das restrições e orientações para ficar em casa, "decidimos continuar trabalhando porque é desesperador não contar com nenhuma ajuda do Estado (...). Minha filha foi alvo de violência por parte da polícia, simplesmente porque demorou um pouco para organizar sua mesa". A violência e a injustiça ocorrem, impactando drasticamente a rotina cotidiana de muitas *fassiduiris di bida* de três *feras*.

Por exemplo, o aumento de violência à vulneráveis, sobretudo contra *mindjeris fassiduris di bida* de *Bande* Caracol e B. Militar, ambas na capital, Bissau, durante o distanciamento social, trouxe desafios e dilemas: permanecer em "*casa com fome*" ou enfrentar o "*vírus nas ruas"*, havendo um risco de insegurança alimentar para mulheres. Para as interlocutoras desta pesquisa que vivem e sobrevivem exclusivamente '*di bindi tudu dia'*[187]*, ou,* à grande maioria da população, onde encontra-se *bideras* que se deparam em situações precárias da vida, não tem a possibilidade de escolher entre salvar suas próprias vidas e a de seus familiares ou salvar a economia e sim, existiu o "*coronafome*". O poema: "Eu, mulher, clamo meu direito", foi um grito contra as medidas de prevenção de inovações pelo governo guineense, que não foram acompanhadas por políticas de assistência adequadas. Este poema foi inspirado em denúncias e depoimentos de minhas parceiras de pesquisa.

Na capital, os policiais foram empregados para fiscalizar o confinamento, e muitos cidadãos e cidadãs foram vítimas de agressões públicas. Nas ruas de Bissau: "nós, mulheres *k ta fassi bida*, não é o vírus que vai nos matar (...) fome junto com as violências policiais que nos matará nesta terra. O nome disso deveria ser "*corona-fome"*[188] afirma a interlocutora Inacia Gomes. A colocação de Inacia Gomes mostra que as medidas sanitárias impostas pelo governo eram impossíveis de cumprir. No entanto, existiam duas opções: 1) "Escolher ficar

[187] De comércios diários.

[188] **Fala original no guineense**: "*Anos, mindjeris bindiduris, ika vírus k na matanu bo (...) fome juntu ku es violencias di pulicias k na bim matanu nes terra. Nomi des dibdi sedu corona-fome".* Notas de caderno de campo virtual, registo de 12 de maio de 2020.

em casa para cumprir as medidas de contenção ao vírus e morrer de fome; e 2) Ir para as *feras* e preocupar-se com o risco de contágio e violência", finaliza ela.

Mulheres no contexto urbano e seus lugares de trabalho em Bissau, foi uma variável importante na compreensão dos efeitos desigual da COVID-19. No país, os mercados urbanos tornaram-se, durante a pandemia, utilizados para designar as atividades além do ciclo econômico, também político, estavam presentes os embates entre representantes do poder estatal (policiais; câmara municipal) e trabalhadoras informais, sobretudo mulheres *k ta bindi*, quando Inacia afirma: *"Botche Candé*[189] *nô kansa na bu mon* [Candé estamos cansadas em suas mãos]". A crise encontrou diretamente mais o gênero feminino e as classes trabalhadoras - de rua e doméstica, "Mulheres em tempos de pandemia: o caso da Guiné-Bissau" (Gomes, Monteiro, 2020), destacou que, a crise sanitária, social e econômica encontrou Guiné-Bissau em um quadro de profunda instabilidade política, estagnação econômica, elevado desemprego e, em decorrência disso, a intensificação das desigualdades de gênero. Com tais características, as autoras apresentaram, neste artigo, um panorama da participação das mulheres no mercado de trabalho informal, as dificuldades enfrentadas em razão do gênero a partir de alguns dados que colocam as mulheres em situações de maior vulnerabilidade diante de diversas violências crescentes durante o distanciamento social.

Embora os dados desta pesquisa apresentem um retrato do período durante a pandemia da COVID-19, pesquisas anteriores (Roque, 2011; Documento de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza - DENARP II do Ministério da Economia do Plano e Integração Regional da República da Guiné-Bissau, 2011) já indicavam o aumento da violência contra as mulheres no país no período de 2010 a 2017. Em levantamento, os dados do Ministério da Mulher, Família e Proteção Social (MMFPS), Instituto da Mulher e Criança (IMC), Comité Nacional para o Abandono de Práticas Nefastas à Saúde da Mulher e Criança (CNAPN), Polícia Judiciária (PJ), Ministério da Justiça, Tribunal de Famílias, Rede Nacional de Luta contra Violência de Género (RENLUV), Liga Guineense dos Direitos Humanos (LGDH) e movimento *"Mindjer ika tambur*[190]*"*, anunciaram que "no final de Abril de 2020, quando o

[189] O Ministro de Estado do Interior em exercício desde Março de 2020 até o presente momento de finalização da tese (2023).

[190] "O Movimento *Mindjer Ika Tambur* (MIKAT)-mulher não é tambor, é uma organização não-governamental e apartidária sem fins lucrativos, que pretende conscientizar a sociedade guineense sobre os direitos humanos das mulheres, através de incentivo de denúncias à práticas violentas contra mulheres e meninas na Guiné-Bissau"Segundo conosaba do porto de Guiné-Bissau, publicado em 30 de Março de 2021.

distanciamento social imposto pela pandemia já durava quase um mês, a quantidade de denúncias de violência contra a mulher, na Guiné-Bissau, cresceu quase 35% em relação ao mesmo mês de 2019" (Gomes & Monteiro, 2020, p. 83).

As denúncias de violência que atingiram as *mindjeris k ta bindi*, parcela da população que têm mais dificuldade em cumprir o distanciamento social na capital- guineense, destacou-se mais, devido, além de moradias precárias (muitas pessoas em situação de superlotação com falta de saneamento básico, o que aumentou o risco de transmissão da doença), falta de água potável, o próprio alimento (comida) e donativos estavam entre os principais motivos para o "descumprimento" do comando "fique em casa". Os dados de denúncias públicas de violências físicas contra mulheres foram obtidos com ajuda de diferentes organizações de *mindjeris k ta bindi* (interlocutoras de pesquisa), residentes na cidade de Bissau, também, lê-se nos resultados de outras pesquisas desenvolvidas por investigadoras nacionais no país (Gomes & Monteiro 2022; Sanca, 2014; Moreira; 2017; Roque, 2011) que, ao se tratar da garantia de direitos de trabalhadores informais nas *feras*, precisou-se criar diversas associações que atuam na fiscalização e na exigência de melhores condições de trabalho. Aqui destaco:

> Associação dos Comerciantes do Mercado Central, Associação dos Retalhistas do Bairro Militar, Associação de Retalhistas dos Mercados da Guiné-Bissau (que ao mesmo tempo organiza o funcionamento do Mercado Bandim, o maior mercado do país), Associação Ajuda Mútua (Ghatenkar Ghaba na Ubon) da Granja de Pessubé, Associação Afrupeixe, Associação do Mercado Caracol, Associação dos Transportadores do Sector do Cacheu (ASTRASECA), Sindicato dos Motoristas da Administração Pública, Privada e Afins (SIMAPPA) e Associação Nacional de Produtores e Promotores de Arte (ANAPPA) (Bialoborska, 2014: 04).

Estes movimentos[191] atuaram com um recorte de gênero, especialmente, mulheres que trabalham nos setores mais atingidos negativamente pela pandemia, *feras* de capital, Bissau. Viram-se, grupos de mulheres e associações já existentes em busca de novas maneiras de se conectarem e apoiarem-se umas às outras durante o fechamento das *feras* de Bissau, do ponto de vista político, solidário e resiliente. Da mesma maneira, se ocuparam da liderança na resposta à pandemia, estavam na linha de frente da luta contra o vírus, exerceram uma função determinante na tomada de decisões relacionadas aos comércios.

[191] Por se ocuparem de atividades informais no país (como meios de subsistência), foram particularmente afetadas pelas medidas impostas (quarentena aplicado parcialmente).

São as agências[192] de mulheres, lidas dentro das ações individuais e coletivas que, de certa medida, influenciou na prevenção de não "morrer de fome" como a doação de recursos, a produção de máscaras caseiras e o apoio a projetos comunitários para enfrentar os impactos da crise.

6.4 Entrelaçando as interseções: gênero e cuidado

Há cerca de quatro anos, em abril de 2020, o Alto Comissariado para a COVID-19 foi estabelecido na Guiné-Bissau com o propósito de centralizar e coordenar as iniciativas de saúde no país. Cumprindo uma função chave na condução das estratégias e ações contra a pandemia, noutras palavras, o Alto Comissariado coordenou o planejamento, implementação e monitoramento das medidas de prevenção, controle e resposta à COVID-19. A líder escolhida para chefiar essa entidade foi Magda Robalo Correia Silva, uma médica guineense com ampla experiência em saúde e administração pública. A nomeação refletia sua capacidade de se destacar na coordenação dos esforços de combate à pandemia, não apenas devido à sua liderança, mas também às suas habilidades e representatividade como mulher especializada em saúde pública. Ela também é membro do Conselho do Fundo Global de Luta contra a SIDA, a Tuberculose e a Malária na África Ocidental e Central. Magda Robalo trabalhou em estreita colaboração com órgãos governamentais, organizações internacionais de saúde e parceiros locais, enfrentando os desafios da COVID-19. Desde o início da pandemia, Magda se destacou no contexto da presença das mulheres em cargos de liderança no cenário nacional, abrangendo os âmbitos social, político e sanitário da Guiné-Bissau.

No contexto de *feras,* a Câmara Municipal de Bissau introduziu uma medida "estratégica" no combate à pandemia ao inaugurar o mercado denominado "*Fera Anti-Coronavírus*" no bairro da Ajuda. A colaboração entre ativistas de movimentos sociais e diversas organizações da sociedade civil ressaltou a importância da cooperação para enfrentar desafios como o coronavírus. O objetivo principal da abertura desse mercado era

[192] Referencio nação de agência inspirado no artigo "Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito" (2019) de Saba Mahmood. A auora discute a relação entre o feminismo, a agência e o sujeito liberatório no contexto do revivalismo islâmico no Egito, dentro de um argumento que a teoria feminista ocidental muitas vezes pressupõe uma noção de agência individualizada e autônoma, enquanto que no contexto islâmico, a agência é entendida de forma mais coletiva e relacionada a obrigações morais e religiosas. Assim, as mulheres que escolhem seguir o revivalismo islâmico não estão necessariamente sendo coagidas ou submissas, mas sim exercendo sua agência de acordo com seus próprios valores e crenças.

conscientizar tanto as mulheres *fassiduris de bida* quanto os consumidores sobre as medidas necessárias para prevenir a propagação da COVID-19. Nesse contexto, o cumprimento das distâncias recomendadas pelas autoridades de saúde e a garantia da higienização adequada de todas as compras e superfícies tornaram-se as metas fundamentais desse novo empreendimento. A Agência Lusa (2020) destaca "o novo mercado resulta da transferência dos feirantes que operavam nos mercados do Caracol e na Subida da Cabana de Bande, dois dos principais centros de negócio informal na capital guineense e que as autoridades sanitárias apontavam como potenciais focos de infecção pela COVID-19". Quer dizer, o novo mercado foi resultado da realocação das *bideras* que anteriormente atuavam nos mercados do *Caracol* e *Bande*, dois mercados eram considerados pontos potencialmente infecciosos pela COVID-19, segundo as observações das autoridades de saúde. Nas palavras da coordenadora da Rede de Paz e Segurança de Mulheres da África Ocidental (Rempsecao), Elisa Pinto[193],

> Além de os ensinar a posicionarem-se no momento da compra e venda de produtos, os feirantes serão também orientados para a lavagem das mãos ao entrarem ou saírem do mercado, ao mesmo tempo que são sensibilizados, através de megafones, sobre o uso das máscaras (...) Em todos os pontos de acesso ao mercado, são visíveis recipientes com água, sabão e lixívia, bem como portões improvisados de entrada e saída para evitar que os feirantes se encontrem (...) Se, dentro de 15 dias os utentes da Feira Anti-Coronavírus tiverem as regras apreendidas, os ativistas sociais contam mudar para outro mercado de Bissau, levando a mesma organização e sensibilização (Lusa, 20-04-2020).

As estratégias para evitar a aglomeração de *mindjeris k ta bindi* nos principais mercados da capital Bissau, como a *Fera de Bande e o Caracol*, resultaram na criação da "*Fera Anti-coronavírus"* como uma alternativa de compra e venda que implementa medidas rigorosas para evitar a propagação da COVID-19. No entanto, de acordo com as observações de Elisa Pinto, "as regras não estão a ser respeitadas porque a população não tem conhecimento dessas normas. Estamos a fazer dupla ação, organizar e sensibilizar para que as pessoas aceitem cumprir as normas". O isolamento social e outras medidas cientificamente comprovadas para controlar a transmissão do vírus representavam um

[193] Elisa Maria Tavares Pinto, ativista social, é membro fundadora das mulheres trabalhadoras do porto da Guiné-Bissau, também participou na fundação da rede das mulheres trabalhadoras no setor marítimo e portuário de África Ocidental e Central, durante a sua última assembleia geral realizada em Lagos, capital econômica da Nigéria, em 2017, onde ocupa a função de responsável da comunicação. Atualmente é a coordenadora da Rede de Paz e Segurança das Mulheres no Espaço CEDEAO (REMPSECAO), Elisa Pinto, foi distinguida em Adis Abeba, Etiópia, como uma das 20 personalidades africanas que mais contribuíram na luta pela paz no continente.

grande obstáculo para muitas famílias de *bideras*, especialmente para as mulheres em Bissau que, em geral, dependem exclusivamente de *feras* públicas para suas sobrevivências. Ressaltando que, algumas mulheres optaram por não realizar a transição de um mercado nacionalmente reconhecido, como Bande ou Caracol, para um novo ambiente (*fera* anti-coronavírus). Nessas localidades, elas estabeleceram sólidos vínculos de amizade e clientelismo ao longo do tempo. Outro fator que contribuiu para a recusa de algumas mulheres foi a distância de seus bairros em relação ao novo mercado. A logística envolvida no deslocamento diário de mercadorias durante o período crítico de vendas, das 7h às 11h, não era favorável, impactando negativamente em suas atividades comerciais. Por exemplo, todas as minhas interlocutoras, que atuam como *bideras* de Bande e Caracol, resistiram à mudança para a *fera* anti-coronavírus, justificando suas recusas com razões que consideram óbvias.

Outras, provenientes da *fera* do Bairro Militar, mesmo sem a opção de se transferirem para um novo mercado, não escaparam dos impactos da quarentena. Demonstraram, assim, que esse período não foi fácil para suas atividades de venda. Exemplo do relato de uma das interlocutoras, lê-se:

> No ano passado, em 2020, enfrentei dificuldades consideráveis para vender meus produtos, porque logo no início de março, uma quarentena foi iniciada, o que trouxe uma série de desafios. A falta de transporte tornou complicado chegar aos locais de venda. Além do mais, o Estado emitiu diretrizes oficiais para o funcionamento das *feras*, mas o horário estabelecido foi inadequado para a minha situação, pois moro em Gabu-sinhô. Eu me vi na posição de carregar produtos hortícolas em uma bacia e percorrer longas distâncias, o que acabou sendo desvantajoso, principalmente, porque havia poucas pessoas dispostas a comprar nossos produtos. O período de funcionamento da *fera* era muito limitado, das 7 da manhã às 11 horas, o que não permitia que muitos clientes comprassem os produtos. As dificuldades que enfrentei tiveram um impacto profundo em minha vida e de meus familiares. A situação se tornou ainda mais complicada considerando meus filhos, porque voltar para casa sem ter conseguido vender nada era extremamente frustrante. A experiência foi desafiadora e somente Deus sabe a verdadeira dimensão das dificuldades que enfrentei. É isso, durante 2020, a pandemia de COVID-19 trouxe muitos desafios para minha atividade como "*bindidur"*: A quarentena, a falta de transporte, os horários limitados de funcionamento das *feras* e a falta de clientes, tudo isso afetaram minha dinâmica de venda di "*kussasinhus"*. (Djana Seide, bairro militar, 2022).

Seide, uma interlocutora que atua no mercado de bairro militar desde 2005, enfrentou uma situação extremamente exigente em meio à pandemia. Apesar de estar segura dos riscos associados à propagação do vírus, ela se exponha diariamente a um alto risco de contágio devido à falta de alternativas de trabalho. Sua necessidade de sustentar

seus filhos a levou a se colocar nessa posição vulnerável, com exposição constante ao vírus durante a pandemia. Além dos perigos representados pelo vírus, Seide compartilhava que também enfrentou outro dilema. Ela menciona que, como parte das medidas de quarentena previstas pelo governo guineense, havia seguranças presentes durante o horário de comércio na entrada do mercado. Fato que, em meio ao risco de contrair o vírus, ela também se vê em uma situação de completa desproteção por parte das autoridades. Essa falta de segurança governamental acrescenta um fardo adicional à já difícil situação. Devido à quarentena e à redução da demanda por produtos, ela não conseguia vender suas mercadorias como antes. Essa situação está colocada em uma posição precária, já que "não tenho frigorífico para conservar estes produtos que não estão saindo por conta da quarentena". A falta de vendas e a ausência de meios para armazenamento levam ao triste resultado de seus produtos apodrecerem. Um reflexo doloroso das dificuldades econômicas e logísticas que muitas interlocutoras (Inacia Gomes, Dehe Nhaga, Aida Sá, Mariama Djau e Mariama Balde) enfrentaram durante a pandemia.

> Antes da pandemia era tudo normal. Não tinha policiais para vigiar, não éramos expulsos nos *feras*, meus produtos nem estragavam (...). Eu e meus filhos estávamos bem, agora com este governo tudo é polícia. Eu sempre vou ao mercado porque acho que não é verdade tudo isso (Seide, 2021, Bissau).

Com base na declaração de Djana Seide, é possível inferir que a confiança dos cidadãos nas instituições governamentais, a transparência das ações e a coesão social desempenhava à época um papel fundamental no cumprimento efetivo das medidas de resposta durante a pandemia de COVID-19. Apesar de ser uma responsabilidade do poder público, juntamente com o alto comissariado de luta contra a COVID-19 no país, realizar campanhas educativas para promover boas práticas e implementar políticas emergenciais de apoio e proteção para os grupos existentes, a situação política também influencia o contexto. É importante observar que, à época, o país havia realizado eleições presidenciais em 29 de dezembro de 2019. O "general" Umaro Sissoco Embaló, candidato do Movimento para a Alternância Democrática (Madem-G15), venceu[194] a eleição com 53,55% dos votos,

[194] Para obter mais informações sobre os dados das eleições presidenciais de 2019 na Guiné-Bissau, incluindo os nomes de todos os candidatos e seus votos totais, bem como os vencedores dessas eleições, acessar a página oficial da Comissão Nacional das Eleições ((CNE)) através do seguinte link: www.cne.gw. http://www.cne.gw/images/PDF/Apresentao-do-resultados-provisorio-presidenciais-2019-2VOLTA.pdf. Acesso em 23 de janeiro de 2021.

derrotando o concorrente engenheiro Domingos Simões Pereira, candidato do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) em um segundo turno.

O atual poder político, um militar, major-general, a sua gestão revelou uma insensibilidade no país em termos de exercício dos direitos humanos à frente da resposta à COVID-19, de acordo com críticas provenientes da sociedade civil e de organizações não governamentais (ONGs), especialmente da Liga Guineense dos Direitos Humanos (LGDH). Bubacar Turé, ativista e vice-presidente da LGDH, expressou essas preocupações em 11 de agosto de 2020, constatando: "o nosso país é um dos poucos no mundo que não tem nem sequer um plano estratégico de promoção e de proteção dos direitos humanos e cidadania" (Jornal Lusa, 2020)[195]. A partir dessas críticas, os membros da LGDH - Liga Guineense dos Direitos Humanos, na Guiné-Bissau, no âmbito do programa "Quinzena dos Direitos", deram início à oitava edição com o propósito de ouvir diversas entidades sobre os direitos humanos e a COVID-19 no país. Destacam-se entre elas a Representante do Alto Comissariado de Luta Contra a COVID-19; o Representante da UNTG – União Nacional de Trabalhadores da Guiné-Bissau; a Presidente da AMAE - Associação das Mulheres de Atividade Econômica; o Representante da Confederação Nacional das Associações de Motoristas e Transportadores da Guiné-Bissau; o Presidente da Associação dos Retalhistas dos Mercados da Guiné-Bissau e o Presidente da Associação Nacional de Proteção das Mulheres Empregadas Domésticas (ANAPROMED-GB). Foi um encontro de extrema importância, no qual cada representante discutiu detalhadamente os impactos das medidas adotadas pelo governo nas dinâmicas do setor. Além das representações dos mercados informais e das trabalhadoras domésticas, cada porta-voz reconheceu a vulnerabilidade específica das mulheres que atuam nos diversos mercados informais de Bissau. Algumas de suas observações:

> Ora, as mulheres com atividades económicas são um exemplo concreto do prejuízo causado pelas medidas de combate à pandemia, apesar de não terem sido medidas levianas ou irresponsáveis. Seja como for, estas medidas tiveram um impacto devastador (Bubacar Turé, vice-presidente da LGDH - Liga Guineense dos Direitos Humanos, 2022: 09);
>
> Uma altura particularmente difícil, porque, tendo em conta o número dos casos, principalmente, número dos internados, foi necessário fazer recomendações sobre o recolher obrigatório. Uma decisão que foi difícil para a população, particularmente a

[195] Disponível em: https://www.sabado.pt/ultima-hora/detalhe/ambiente-na-guine-bissau-e-prejudicial-ao-exercicio-dos-direitos-humanos?previewMode=1&fbclid=IwAR1BiqyWhaYhK54wtHeLHxZ7t9i5LCBDmiqLnxvUE_FKgR8rIudtJOJe48o . Acesso: 13.08.2020.

> população do interior e as mulheres, porque os mercados eram encerrados mais cedo (Maria Mendes, Representante do Alto Comissariado de Luta Contra a COVID-19, 2022: 13);
>
> Nós, as mulheres, passamos muito mal. Mas muito mal mesmo, pois muitas mulheres que sustentam a família ficaram em casa [muitas sem marido, outras viúvas] com encargos familiares a suportar. Esta pandemia não trouxe nada de bom (...) Os que vão a procura de produtos no interior do país, por exemplo nos *lumos*, andam a pé de Bissau a Safim. Isso não nos trouxe nada de bom, se não sacrifício. Outros não conseguiram fazer nada, porque perante as restrições, sequer tinham de comer têm. Se há hoje pobreza extrema em Bissau, no interior a situação é bem mais pior. Então, para mim,o Governo devia nos apoiar, tal como todos os países fizeram (Adama Antónia Djaló, Presidente da AMAE - Associação das Mulheres de Actividade Económica, 2022:20).

Ainda fez um apelo. Em suas palavras:

> O mais agravante é o aumento das taxas. Tudo subiu e, como se não bastasse, andaram a fechar os cacifos e restaurantes. As mulheres da restauração não estão a conseguir fazer nada. Vêm os seus restaurantes encerrados pela Câmara Municipal durante dias ou semanas. Podem imaginar um restaurante encerrado durante uma semana, que impacto tem na vida desta mulher e da sua família? O Governo tem que ser responsabilizado por esta situação (Adama Antónia Djaló, Presidente da AMAE, 2022:22).
>
> Mesmo as empregadas infectadas pela COVID-19 não tiveram nenhum apoio. Com esta pandemia perdemos inclusive muitas associadas porque deixaram de ir trabalhar. Portanto, o impacto da pandemia na vida profissional das empregadas foi muito negativo, porque foram maltratadas, perdemos empregos, não tivemos apoios (Sene Bacai Cassamá, Presidente da Associação Nacional de Proteção das Mulheres Empregadas Domésticas (ANAPROMED-GB, 2022: 42).

Acompanhar as diversas narrativas provenientes de representações coletivas, que de forma unânime destacam os efeitos negativos da pandemia nos ofícios laborais das mulheres *k ta bindi* no setor informal, ressalta, acima de tudo, a falta de políticas emergenciais capazes de atender às necessidades imediatas dessas trabalhadoras. Para além dos impactos econômicos, como a redução inadequada de rendimentos durante a quarentena, observou-se também um aumento significativo nos casos de violência de gênero na capital guineense. Quer dizer, em Bissau, particularmente nas ruas que conectam o ir e o estar na *fera*, o surto de casos de violência surgiu após as autoridades colocarem vigilância nas principais avenidas da cidade, provocando uma repressão brutal aos cidadãos que circulavam nas avenidas públicas. Lembrando que isso faz parte de um cenário que evidencia problemas estruturais no país, os quais se agravaram com a nova gestão da maior crise sanitária do século. A situação imposta pela pandemia de COVID-19 na Guiné-Bissau tem amplificado uma crise econômica, política e social, expondo as mulheres no público informal a uma maior vulnerabilidade social. A implementação de vigilância nas principais avenidas da

cidade, seguida pela repressão violenta aos cidadãos, levou a um surto de casos de violência de gênero. Questão reveladora de um cenário problemático subjacente no país que se intensificou devido à maneira como a nova administração lidou com a crise sanitária. Ainda é importante salientar que, a COVID-19 agravou a já existente crise político-econômica na Guiné-Bissau. Esses desafios sistêmicos foram em 2020-2022 mais evidentes devido à pressão adicional causada pela pandemia.

A circunstância afeta desproporcionalmente as mulheres, posicionando-as em uma condição de maior vulnerabilidade socioeconômica. Em outra narrativa, segundo António Marques José Correia, Policial e Chefe da Divisão de Zona Centro em Bissau, no quadro da audição de 2022, na tentativa de mostrar que a crise provocada pelo COVID-19 afetou a todos, disse:

> É bom dizer que todos nós sofremos com isso, principalmente nós os polícias, pois estamos sempre na linha de frente. Ou seja, trabalhamos em função dos Decretos de Estado. É a partir dos Decretos que trabalhamos os nossos planos operacionais, através de convocação de todas as valências em função das suas áreas de jurisdição" (Correia, 2022: 29).

Essa colocação também me ajudou a compreender como as realidades de violência policial, alto grau de desproteção devido à infecção pelo novo coronavírus e, principalmente, as questões de segurança alimentar e violência doméstica não são eventos isolados na Guiné-Bissau (Silva, Cleunismar (2018); Roque, Sílvia (2010). Em vez disso, eles são resultado de uma política desigual que evidencia grupos específicos, agravados pela pandemia. O quadro revela que esses problemas não estão ocorrendo de forma isolada, mas estão interconectados e enraizados em questões mais amplas de desigualdade estrutural e política discriminatórias no cenário do estado formal do país. A pandemia de COVID-19 se tornou um amplificador, transformando essas questões mais visíveis e intensificando seus impactos cotidianamente. Assim dizendo, as ações das autoridades, como a violência policial e a repressão, com o cunho de discurso de cuidado, refletiu e exacerbou desigualdades já existentes.

A questão aqui posta, o discurso produzido pelo governo, autoridades de segurança(policial) ou agente de saúde sobre COVID-19 tem relegado às mulheres trabalhadoras a um papel ainda mais intenso de cuidado, seus papéis sociais, doméstico e o cuidado integral com os demais familiares (crianças e idosos) e dilema entre:

"permanecer em casa com fome ou enfrentar o vírus nas ruas", sem perder de vista que tinha um risco para pessoas que vivem e sobrevivem exclusivamente de comércios diários. Ou com as normas de gênero rígidas e estereótipos culturais que pressupõem uma responsabilidade desigual de cuidado, aliás, as mulheres são vistas como as mais habilidosas para cuidar dos outros, enquanto os homens são mais valorizados em atividades remuneradas e com menor ênfase no cuidado. Portanto, ao lidar com a crise econômica causada pela pandemia, há vozes que anunciam:

> *Baloba*[196] da ancestralidade
> Há de guardar minha vida
> Este vento ecoará longe de mim
> Devo amparar minha cria
> Senão Corona-fome
> Há de comer nossa alma
> Sem nenhuma piedade
> Por isso estou na rua!
> Mas estou na rua!
> Polícia atrás de mim,
> Me sinto aterrorizada,
> Estou investigada como um traficante
> Cometi os crimes transnacionais?
> Tenho medo de ser agredida sempre pelas forças policiais nacionais
> Que deveriam ser responsáveis pela minha segurança
> Dizem que agem na autoridade de vigilância!
> O ordenamento veio de cima
> As pessoas são responsáveis pelo policiamento, prevenção e controle da minha pessoa.

Quarentena e o distanciamento social são medidas protetoras, contudo, revelavam-se como ameaças à vida de inúmeras mulheres *k ta fassi bida* devido ao aumento da violência doméstica e desigualdade econômica. Do ponto de vista econômico, social e sanitário, as mulheres foram mais prejudicadas durante a crise do coronavírus, o desemprego afetou

[196] Baloba é um lugar sagrado de ritual, onde se praticam diversas cerimônias.

primeiramente os trabalhos mais precários e altamente feminizados, como o emprego doméstico e as pequenas atividades (compra e venda do alimento) exercidas diariamente nas *feras* de Bissau e, no que tange à classe, por considerar que o índice de ágrafas ainda é grande. As mulheres guineenses representam mais de 60% das não letradas, Semedo (2011:06) coloca:

> Há uma grande disparidade no ensino na Guiné-Bissau, com relação aos meninos e as meninas. As meninas são as mais prejudicadas pois sempre são chamadas pelas mães para ajudarem nos trabalhos domésticos, assim como nas atividades geradoras de rendimento, tido como principal sustento da família.

Isso tem contribuído ou contribui nas suas inserções no mercado de trabalho informal. Em geral, historicamente, as mulheres são cuidadoras por "imposição" social. Com a chegada da COVID-19, a responsabilidade pelo cuidado com doentes, cuidadoras na área da saúde, são também as cuidadoras no âmbito doméstico. Dados da União Nacional Dos Trabalhadores Da Guiné (2017) indicam que as mulheres estão inseridas predominantemente nos serviços domésticos em geral, seguida pelas *bideras*/vendedoras, profissionais da enfermagem, cuidadoras de crianças, cozinheiras e agricultoras. Trata-se de atividades com pouca proteção, baixa remuneração, a despeito da relativa melhora dos indicadores de pobreza, demonstrando que as condições precárias do mercado de trabalho contribuem enormemente no aumento das desigualdades entre gêneros. Pimentel (2020) refere uma "pandemia tem rosto de mulher" pelo simples motivo de serem a maioria nos cuidados hospitalares e no âmbito doméstico. Afirmando:

> grupo de risco da doença, são as mais afetadas na medida em que se encontram em situação de vulnerabilidade e risco tanto no que tange ao vírus quanto por estarem, muitas vezes, desassistidas financeiramente, mesmo sendo chefes de família; além disso, precisam enfrentar a pandemia da violência doméstica, que vê seus números saltarem em tempos de confinamento (Pimentel, 2020: 09).

Neste caso, se voltarmos ao contexto nacional guineense, as mulheres são responsáveis por garantir, através de suas atividades remuneradas, o sustento familiar, tornam-se vulneráveis estruturalmente em termos de salários fixos, sendo que mais da metade delas dependem do comércio[197], *bindi tudu dia[*vender todos os dias*].* A pobreza

[197] Ou seja, Guiné-Bissau é um país cujo percentual populacional feminino atinge mais de 52%, portanto, as crises sanitárias afetam-nas em diversas formas: por um lado, a maior parte delas trabalham nos setores da economia mais afetados, além de serem as responsáveis pelas tarefas domésticas, cuidado dos filhos, que estão sem ir à escola por conta da crise. E, por outro lado, elas são maioria entre as profissionais de saúde, as primeiras em linha de resposta à pandemia e, portanto, mais expostas à contaminação do vírus.

influencia diretamente o insuficiente trabalho que gera poupanças, em consequência, constitui um dos determinantes do trabalho individual ou coletivo diariamente nas *feras* de Bissau. No contexto anterior a pandemia, ou melhor, as condições sócio-econômica das minhas interlocutoras de pesquisa do mestrado, as mulheres no campo da agricultura, costura e comércio, ocupavam a produção e gestão de rendimentos na Guiné-Bissau. Afinal, o resultado daquela pesquisa mostrou que as maiores responsabilidades de atividades econômicas no país são mantidas pelas mulheres. Por isso, destaca-se uma série de outros contágios em níveis sociais, econômicos, psicológicos, além do biomédico:

> Ainda sou livre? Pergunto!
> Ainda! Eu tenho liberdade neste país?
> Ando o dia inteiro na cidade atrás de comida para mim e minha cria, por cima do medo, pânico e pavor.
> Quem estipula lei? O Estado? Ele sabe da minha existência!?
> Que direitos tenho? Diz-me! Reflita comigo!
> Que direito tenho ou deveria ter? Sou digna de ter?
> Devo cobrar isso para quem? O que deveria ser meu direto?
> Quem se importa?
> O poder público também é para mim e minha cria? O que devo exigir de leis para que eu possa ter segurança e amparo?
> Eu tenho ódio!
> Ódio de quem diz que tenho direito de ter uma vida digna.
> Tenho raiva de quem fala por mim.
> Raiva de ser violentada e descuidada na minha própria terra!
> Raiva de ser cidadã daqui.
> Mulher, eu sou, vivo, labuta para mim, esta é minha vida!
> Sei dos meus direitos, quero os meus devidos direitos, o que mereço?
> É minha necessidade
> Exigir é minha obrigação!
> É garantia para sobreviver no desgoverno.
> É tirar no papel e colocar na prática.
> É lutar para isso e aquilo!
> Eu, Mulher,
> Estou na rua,

No mercado,
No autocarro
Tenham piedade de mim (...)

As narrativas, notas de caderno de campo e afirmação da interlocutora Inácia Gomes (2020), os depoimentos das diferentes organizações de distintos setores guineense, possibilitaram-me compreender as quão agressivas são as medidas de distanciamento social nas grandes famílias guineenses, em particular as mulheres que vivem de atividades comerciais no país. As restrições de movimento tornaram mais difícil para as sobreviventes do setor de vendas nas *feras* selecionadas nesta pesquisa[198]. As mulheres *fassiduris di bida* não tiveram acesso aos centros públicos de saúde e outros serviços sociais de cuidado ou proteção e dependem dos serviços disponíveis por meio do ministério da mulher e da criança em organizar atividades de prevenção. Assim dizendo, as recomendações de isolamento social, anunciadas nacionalmente no dia 27 de março de 2020 por instituições de saúde e autoridades sanitárias, trabalhadoras informais nas três *feras* de Bissau foram imediatamente desprotegidas de direitos trabalhistas e cobertura de seguridade social em termos de insegurança alimentar ou renda. Além de se enquadrarem nas categorias de trabalhadoras informais com baixas remunerações e precariedade no ambiente de trabalho, também estão numa estrutura de trabalho que exige o contacto físico *di mindjeris e homis*[199] cotidianamente na sociedade Bissau-guineense.

Assim dizendo, este capítulo destaca o contexto da Guiné-Bissau, onde as mulheres dependem dos mercados, apresentou desafios significativos na implementação de medidas de distanciamento social durante a pandemia da COVID-19. Em muitos bairros da cidade de Bissau, as condições de habitação não permitiam facilmente o distanciamento físico, já que a maioria das famílias viviam em casas com espaço limitado, onde habitualmente mais de cinco pessoas compartilhavam o mesmo espaço, assim como, a realidade econômica e os hábitos de consumo também influenciaram a resposta à pandemia. Em situações reais, muitas mulheres e famílias não dispunham de geladeiras para armazenar produtos

[198] Os três mercados selecionados neste estudo são os que se configuram no espaço público, fácil de acesso e aberto todos os dias de manhã e à tarde, isto antes da pandemia, durante, com os horários, pós-pandemia, com o retorno da "normalidade".

[199] Traduz-se em "mulheres e homens" no crioulo-guineense.

perecíveis, o que tornava as compras diárias uma necessidade. Isso contrastava com a prática comum em algumas regiões de fazer compras diárias em maior quantidade. No contexto mencionado, as autoridades de saúde locais, em colaboração com organizações internacionais como a OMS, enfrentaram o desafio de adaptar suas recomendações à realidade local (bissau-guineense), visando auxiliar mais famílias, sobretudo, as mulheres. Portanto, conclui-se que o fechamento de mercados e restrições de movimento afetaram imediatamente o sustento de famílias que dependem diretamente das vendas diárias, especialmente no caso das mulheres *k ta fassi bida* em Bande, Caracol, Bairro Militar e Quelele. A compreensão das condições locais e a adaptação das estratégias provenientes de outras organizações femininas, bem como os avisos e comunicados transmitidos via rádio, juntamente com as músicas e os desenhos utilizados para divulgar mensagens nos espaços públicos[*feras*], foram elementos cruciais para lidar com os desafios complexos impostos pela pandemia na Guiné. Apesar dos desafios significativos que surgiram, a abordagem contextualizada revelava-se fundamental, isto é, uma atenção sobre as mulheres do mercado.

CAPÍTULO VII

Conhecer Guiné-Bissau por mindjeris k ta bindi: as feras, arte de comprar e vender de di fassiduiris di bida.

7 Arte da compra e revenda: desvendando estratégias no comércio

Fornecer as narrativas que possibilitem conhecer uma Guiné-Bissau por meio das mulheres *do mercado* é uma perspectiva plural e importante para esta pesquisa, pois as *bideras, mindjeris di bida ou fassiduris di bida* desempenham papéis indispensáveis na sociedade bissau-guineense, contribuindo na manutenção dinâmica de cultura, no desenvolvimento econômico por meio de seus afazeres no público não formal e na vida cotidiana do país, antes e durante a pandemia com suas estratégias de resistências e resiliências descritas por elas no pós-pandemia. Portanto, a expressão "*nas feras*", neste capítulo, abrange uma gama diversificada de atividades e contextos. Vai além da simples arte de compra e revenda praticada pelas *mindjeris* nas *feras* informais de Bissau, estando também intimamente ligado ao trabalho das interlocutoras no campo da produção. Muitas delas estão envolvidas na agricultura, sobretudo na produção de alimentos e no sustento de suas famílias e comunidades. Antes das hortaliças locais (*badjiki, candja, kamati, djakatu, malagueta, sukur-bembé, malgueta-sinho,.*) chegarem ao mercado ou *fera*, existe um grupo de *mindjeris* que cumprem um papel basilar no plantio, cultivo e colheita de uma ampla multiplicidade de culturas, desde leguminosas, frutas e vegetais. Essas são pessoas versadas ou conhecedoras nas/das práticas agrícolas, na seleção de sementes e no manejo das plantas, e/ou, em muitas ocasiões, estão no mercado, negociando com os fregueses, são as mesmas que produzem suas mercadorias.

Em outubro de 2022, iniciei o acompanhamento presencial da vida cotidiana nas *feras* de *Bande, Caracol, Bairro Militar e Quelelé*, localizadas na capital guineense, no período pós-pandemia. Antes de estar fisicamente presente junto às *bideras*, já vinha acompanhando virtualmente o dia a dia durante o período de distanciamento social, imposto pelo governo e autoridades de saúde devido à COVID-19. Além do mais, é importante lembrar que, mesmo antes disso, eu frequentava essas *feras* como moradora e consumidora da cidade. Durante o período de pesquisa presencial no cenário pós-pandemia, acompanhei diariamente as rotinas das minhas interlocutoras e seu ambiente de trabalho, especialmente nas manhãs, um horário, particularmente crucial para as compras e vendas de produtos essenciais. Também realizei visitas noturnas, buscando compreender a dinâmica de ocupação e legitimação dos espaços que eram frequentados ou dominados pelos comerciantes, homens.

Durante o desenvolvimento da pesquisa de campo, pude observar uma série de agentes envolvidos, destaca-se: *bideras* e comerciantes; trabalhadores familiares não remunerados; consumidores; turistas; fornecedores; organizadores/associações de *bideras*; trabalhadores assalariados informais; órgãos públicos e autoridades locais, como a câmara municipal; às Finanças e agentes de saúde presentes nas *feras*. Entre esses atores, no topo da competição, encontram-se as *bideras* e comerciantes que prestam o papel central ao possuírem barracas e mesas onde vendem uma diversidade de produtos diariamente, nos horários das 6h às 14h e das 16h às 19h. De maneira semelhante, ao considerar as diferenciações, notei as seguintes categorias: gênero, faixa etária, nível de escolaridade, tipos de mercadorias adquiridas, itens de consumo predominantes, frequência de compras e locais de aquisição dos produtos. Mais também, detalharam a mim os motivos especiais que levam a escolhas como "*n´prifiri bindi tal kussa* [prefiro-me vender tal produto]". Por meio de uma análise simples da frequência dos itens encontrados em cada mesa ou barraca das minhas interlocutoras, também observei quais tipos de clientes frequentavam essas barracas e quais eram os produtos que adquiriam.

Inicialmente, as primeiras narrativas das minhas interlocutoras (Dehe Nhanga, Djana Seide, Tereza Cardoso, Mariama Balde, Zilda da Silva, Mariama Djau) me levaram a compreender as relações e trajetórias das pessoas envolvidas na organização das *feras* em Bissau. O foco estava na destacada importância das(os) autoras(es) sociais que conferem significado a essa atividade, ou seja, além da presença feminina, quais são os outros agentes que desempenham um papel essencial na dinâmica das *feras* de Bissau? Como esses diversos agentes contribuem para o sucesso e funcionamento eficiente do comprar, vender e consequentemente revender? E, por uma escolha objetiva de pesquisa, especificamente, concentrei minha atenção nas *mindjeris bideras* provenientes de diversos bairros, regiões ou setores do país, reconhecendo o papel central que desempenham nesse contexto. No entanto, durante as conversas, elas ressaltaram que a *fera* é uma empreitada coletiva, englobando até mesmo aqueles(as) que a visitam sem efetuar compras. Isso tornou a tarefa de traçar o perfil dos(as) frequentadores(as) diários da *fera* uma missão complexa. Em vista disso, vejo as mulheres *bideras* como componentes indispensáveis no processo de construção e como protagonistas essenciais na dinâmica da *fera*.

Pois, uma observação relevante foi constatada: a maioria dos indivíduos que adquiriram hortaliças durante o período de pesquisa nas *feras* era do sexo feminino. Essa proporção ultrapassou os 55% do total de consumidores e abrange mulheres com idades entre 17 e 45 anos que circulam em arte *di fassi fera* [de fazer *fera*], frequentadoras assíduas das atividades praticadas nas *feras*. Melhor dizendo, as extraídas das minhas observações no pós-pandemia demonstraram que a presença frequente de *mindjeris* nas *feras*, para a compra e venda de produtos agrícolas, alimentos, vestuário, artesanato e outros itens essenciais, é uma ocorrência comum e permanente.

Durante a pandemia/COVID-19 e a necessidade de implementar medidas para conter e controlar o vírus, como restrições de movimento e distanciamento social, ocorreu a limitação temporária de *feras* e mercados, as consequências para as comunidades dependem desses locais para suas necessidades pendentes foram destacadas por mulheres, como a interlocutora Mariatu Djamanca, que expressou: "*Fera ika pa date u bin, i pa bin tudu dia* [não é de vez em quando vir para *fera*, é vir e estar todos os dias nela]". Também é importante destacar outro aspecto relevante: as mobilizações de denúncias em relação aos desafios durante a pandemia, em sua grande maioria, foram lideradas por mulheres no mercado. Isso se deve ao fato de que são elas que comercializam produtos de primeira e segunda necessidade. Por exemplo, vendem hortaliças, verduras, frutas e legumes, mercadorias que se deterioram rapidamente, ao contrário das vendas do setor masculino, que incluem produtos como roupas, eletrodomésticos, celulares, entre outros.

Logo, a interrupção das atividades nas *feras*, como a de Bande, Caracol e Bairro Militar, teve como resultado o aumento dos preços de produtos essenciais, como cebola, tomate, azeite e arroz. Esses itens são regularmente abastecidos em sub-regiões como Senegal e Gâmbia. O aumento ocorreu devido à diminuição da oferta e à manutenção da demanda alta. No contexto local de Bissau, foram observados casos de desperdício de alimentos em alguns lugares, enquanto em outros, a escassez persistiu, conforme as observações feitas por Inacia Gomes. A conclusão da senhora Djamanca, *bidera* de peixe na *fera* de Bande, ecoou a situação no pós-pandemia ao afirmar: "*kussas fica mais caro nes terra*", isto é, ela disse que tornou-se evidente que, no período pós-pandemia, os preços dos produtos e mercadorias experimentaram um aumento expressivo.

Nos primeiros meses de 2020, apesar das mulheres enfrentarem desafios adicionais no mercado de trabalho presencial devido às múltiplas responsabilidades durante o distanciamento social, elas criaram grande resiliência ao lidar com essas crises difíceis. As narrativas atuais (2022-23) destacam-se pela rápida adaptação às novas condições de trabalho. Observei a efetiva implementação de medidas de saúde e segurança que continuam a ser uma presença constante nos mercados até hoje, tal como a flexibilidade em relação aos horários de trabalho. Ademais, houve apoio mútuo entre as participantes da *fera*, com as mulheres se mostrando solidárias com suas colegas que frequentavam as *feras*. Em algumas *feras*, como a de Bande, ainda persiste a presença de trabalhadores familiares não remunerados, nessas situações, é comum encontrar as *bideras* que lidam com um maior volume de produtos, como pescadores, que contam com a ajuda de membros da família para auxiliar nas atividades da barraca. Quer dizer, os familiares muitas vezes garantiram essas tarefas sem receberem remunerações formalmente. Significa que as carreiras das *bideras* no antes, durante e pós pandemia são construídas coletivamente por meio da formação de redes de apoio e cooperação mútua com outras colegas presentes no local e, sobretudo, membros de suas famílias. O estar coletivamente, que consiste em trabalhar de forma colaborativa, reforça a noção de companheirismo e solidariedade em diversas atividades, como a montagem e desmontagem das barracas, o cuidado com as mercadorias e o atendimento aos clientes dentro das *feras*. Estas ações possibilitam que cada *bidera* participe ativamente do senso de comunidade e apoio mútuo, elementos essenciais da experiência de participar ou ser parte de uma *fera* em Bissau.

Em razão disso, para este capítulo, privilegiei narrar os movimentos de *bideras* no campo urbano guineense que, está, antes de mais nada, em coletividade, aliás, em modos de organização, produção pautado no trabalho conjunto e na gestão de forma interligada diretamente dos fornecedores com diversificação produtiva que atende os frequentadores cotidianos (Bialoborska, 2014). Essas narrativas estão ancoradas em minhas reconstruções de experiências como nativa e pesquisadora em um campo familiar (Novaes, 2019). No capítulo anterior (IV), vimos um pouco da presença de *mindjeris* bissau-guineense, aqui, debruço-me novamente sobre essas narrativas a partir de uma perspectiva um pouco diferente. Nesse contexto, é de suma importância considerar o cotidiano das *feras*, das mercadorias e dos moradores como elementos singulares à vida socioeconômica da cidade de Bissau, na

Guiné-Bissau. Essa dinâmica é conhecida pela presença ativa tanto de mulheres quanto de homens em países classificados como *sul globais*, o caso particular da Guiné-Bissau. Como já mencionado, a interação entre os produtos e as produtoras reflete a "vida pulsante"[200] da sociedade guineense. Essa vitalidade é delineada tanto pelo ambiente urbano, onde as *feras* estão situadas, quanto pelo ambiente rural, onde os produtos são originários para abastecer os mercados de grandes cidades.

7.1 Empoderamento e resiliência das mulheres nas *feras* públicas de Bissau

Este subitem visa descrever o cotidiano e o trabalho das *mindjeris* de Bande, Caracol e Bairro Militar, tal como destacar o seu protagonismo. Utilizando narrativas orais que remetem às vivências e experiências destas mulheres, que se dedicam à arte de comprar em regiões ou países vizinhos para posterior revenda nas *feras* populares de Bissau, busca-se traçar um retrato completo de suas jornadas. Estas *mindjeris* são, acima de tudo, sujeitas plurais que incorporam diversas identidades: além de serem *bideras ou fassiduris di bida, djintis k ta bindi,* também assumem papéis de mães, viúvas, solteiras ou casadas. Originárias de diferentes etnias que compõem o país, elas são protagonistas de suas próprias histórias. Essas *mulheres* representam parcelas essenciais da sociedade bissau-guineense, sabem da importância e do significado que seus trabalhos têm para a economia local e nacional. Suas atuações nas *feras* públicas sustentam suas famílias e também proporciona independência financeira[201]. Ao transitarem entre fronteiras para adquirir mercadorias e, em seguida, comercializá-las nas *feras*, elas demonstraram resiliência e uma habilidade singular para se adaptar às circunstâncias em constante mudança visto durante a pandemia. Portanto, a riqueza de suas narrativas orais ofereceu-me, no lugar de escuta, para esta pesquisa, uma possibilidade rara sobre como essas mulheres enfrentam os desafios do dia a dia; como moldam suas identidades dinâmicas; ou de que modo elas criam e sustentam uma economia mais robusta do país. O protagonismo das *mindjeris* nas *feras* é inegável, visto que elas desempenham um papel primordial na manutenção da vida 'pulsante' das *feras*, enquanto simultaneamente moldam seus destinos individuais e coletivos.

---

[200] No mês de julho de 2022, durante a minha qualificação, a professora Artemisa Odila Cande Monteiro fez o seguinte comentário: "A presença de mulheres é parte da vida pulsante da economia guineense."

[201] Por serem empreendedoras e trabalhadoras incansáveis dentro e fora das *feras*, pois, são mulheres que compõem parte importante da subsistência de famílias compostas por mais de cinco indivíduos.

Na Guiné-Bissau, como já introduzido anteriormente, a região sul do país se destaca pelo cultivo de "cereais, cebolas e hortaliças" destinadas ao consumo no mercado interno (Rodrigues, 2016:145). O cultivo desses alimentos possui um significado altamente relevante na vida dessas *mindjeris di fera* em Bissau. *Bididuris* que, por um lado, às vezes assumem o papel das produtoras e preparadoras de terrenos para o plantio e colheita, por outro, também como vendedoras e compradoras. Conforme mencionado pela interlocutora Dehe Nhaga, a atividade agrícola e a venda dos produtos cultivados por *homis i mindjeris* representam elementos centrais na existência laboral das "*mulheres do mercado"* ou simplesmente "*bideras"*. Ela questiona de forma retórica: "*ke ku ta fassidu li nes terra pa nos mindjeris si bu sumia k bindi (...) fassi bida?* [O que é feito para nós, mulheres neste país se não semearmos e vendermos? (...). É fazer vida". Esta reflexão destaca a imprescindível importância do trabalho desempenhado por elas na agricultura e no comércio, sustentando suas próprias vidas e as de suas famílias e também contribuído diretamente para a economia do país como um todo. Na agricultura, por exemplo, o envolvimento dessas mulheres abrange um ciclo completo: desde o preparo da terra para o cultivo até a venda dos produtos nas *feras*. Esse engajamento múltiplo destaca a resiliência e a versatilidade das *bideras* bissau-guineenses, que se inserem tanto na produção de alimentos quanto na atividade econômica. Suas narrativas e experiências evidenciam a maneira como elas moldam o cenário socioeconômico e como a agricultura e o comércio se entrelaçam para formar as bases de suas vidas e da sociedade em que vivem, tornando-se, '*mindjeris k ta bindi' ou 'k ta busca bida',* disse Dehe Nhaga.

A voz da senhora Nhaga ecoava uma realidade que se estende por muitos contextos na Guiné-Bissau, especialmente para as *mindjeris*. Ou seja, retorna à compressão das oportunidades formais ou políticas oferecidas pelo governo ser limitada. Como resultado, a prática histórica de se tornarem *fassidur di bida* – em outras palavras, engajar-se em vendas de produtos ou serviços informais para sustentar suas famílias – evolui para ações coletivas indispensáveis na atual economia do país. Essas ações coletivas se tornaram uma maneira de gerar mudanças positivas em suas próprias vidas e outrossim nas vidas daqueles ao seu redor, para além de suas famílias. A necessidade de sobrevivência e o desejo de melhorar as condições de vida conduziram essas *mindjeris na prática di fassi bida* a se unirem e agirem coletivamente. Essa união permitiu com que elas compartilhassem recursos, conhecimentos

e estratégias para enfrentar os desafios que enfrentam, seja na agricultura, no comércio informal ou em outras atividades que geram benefícios coletivos. Portanto,"é parte de nós estar e vender nas *feras*" (Mariama Balde, *fera* de *Bande*, 2020) marca presença, encontro e intercâmbio social, econômico e cultural, onde as *mindjeris* se reúnem para comercializar verduras, frutas, cereais, leguminosas, artesanato, roupas e outros itens.

São, acima de tudo, ações coletivas que transcendem os limites individuais e têm um impacto mais amplo na sociedade guineense. Ao unir forças para enfrentar as barreiras impostas por um ambiente econômico e político desafiador (sublinhado na parte introdutória da pesquisa), essas mulheres demonstram resiliência e liderança. Ou, não apenas buscam melhorar suas próprias vidas e também trabalham para criar um impacto positivo em suas comunidades, bairros, regiões e nas gerações futuras. A capacidade de se organizar e agir em conjunto destaca o poder da solidariedade feminina como uma força motriz para a mudança social e econômica na Guiné-Bissau, assim diz Mariama Djau, mulher fula, *bidera* de tecidos africanos.

Sendo, portanto, no intervalo entre *estar, fazer e participar das feras*, essas *mindjeris* encontram a oportunidade de gerar renda e sustentar suas famílias e, adicionalmente, exercitar uma imprescindível autonomia econômica. Outrossim, esses espaços de *fera* se transformam em ambientes multi-plural, nos quais se compartilham conhecimentos e habilidades: neles, experiências são trocadas, assim como técnicas de produção, as *bideras,* em especial, possuem um alto entendimento sobre os produtos que comercializam, sabem desde métodos de cultivo até cuidados essenciais; também, essas *bideras* não hesitam em partilhar receitas locais e outras técnicas relacionadas ao preparo dos produtos que oferecem, ou, como cozinhar os produtos que vendem, os temperos e acompanhamentos[202]. Essas *mindjeris*, são indivíduos que preservam com afinco as práticas tradicionais de cultivo, culinária e cuidados com os produtos. Ao se dedicarem a essas atividades, contribuem enormemente para a preservação da diversa e rica cultura nacional do país. Portanto, as *feras,* para elas, não são apenas mercados com finalidade de comprar, mas verdadeiras arenas de compartilhamento cultural e empoderamento socioeconômico.

Isto significa, '*estar nas feras'*, de acordo com minhas interlocutoras (Dehe Nhaga, Inacia Gomes, Djana Seide, Mariatu Djamanca e Zilda da Silva), transcende a mera função de

[202] Frequentemente, estão dispostas a oferecer orientações sobre a melhor forma de preparar vegetais, carnes, peixes e outros alimentos, parte de suas mesas de venda.

espaço comercial; são encontros coletivos que espelham a identidade, tradições, diversidade cultural de um povo, tal e qual, as flexibilidades geográficas inerentes a outros que participam, se deslocam, compram, vendem, revendem e visitam. Um exemplo a destacar é de Nhaga, uma mulher Balanta que formou uma trajetória coletiva nas *feras* por onde passou: Bande, Quelelé, Nhacra e Ziguinchor. A interlocutora se vê na formação de redes, recebendo apoio e colaboração mútua de outras *bideras* e membros de seu círculo familiar. Atualmente, Nhaga conta com a colaboração de seus filhos, Raquel[203] e Richard, para transportar as mercadorias (carvão) até o local de venda em Quelelé. Quando ela parte em busca de produtos nas regiões mais internas, seus filhos assumem a responsabilidade de gerenciar as vendas em casa. Dado que Nhaga é amplamente conhecida no bairro, os clientes sempre se dirigem à sua residência para adquirir os *cabons*. Assim, Nhaga, nascida em Nhacra[204], mudou-se para Bissau sozinha em busca dos seus sonhos, centrada na atividade de "*busca bida*/vender". Segundo ela, essa mudança marcou o ponto de virada, deixando para trás a casa de seus pais, sua *tabanca*, e os amigos de infância da região e setor onde nasceu e cresceu. Se percebeu *bidera* em Bissau, na *fera* de bairros se constituiu na "*bidera* independente", tanto por ter dedicado sua vida à *fassi bida,* quanto ao fato de encontrar nesse ofício o sustento de sua família, acompanhou-o em um negócio familiar. Na época com 60 anos, Nhaga é mãe e avó, além de ser viúva. Sua jornada, entrelaçada com o comércio, se integra ao espaço público das *feras* na cidade de Bissau. Ela se tornou uma figura que viaja para adquirir produtos e, posteriormente, os vender. Dentro da compreensão de Dehe Nhaga, as *feras* são locais de transações comerciais e também espaços de socialização, negociação e intercâmbio de conhecimentos e '*sabores'*. Nesse contexto,

[203]Raquel desempenha o papel de professora não somente para sua mãe, mas também para outras mulheres que residem nas proximidades. Sua mãe, Dehe, apesar de não ser alfabetizada, desempenhou um papel significativo na educação de seus filhos, entendendo a importância da alfabetização como um meio de empoderamento das mulheres. Isso permitiria que elas adquirissem conhecimento, desenvolvessem habilidades de vendas e se envolvessem de maneira mais ativa na sociedade, reivindicando seus direitos. A partir dessa compreensão, Raquel, juntamente com seus irmãos, investiram em um espaço adequado para realizar as aulas noturnas, uma barraca confortável e segura. As mulheres, colegas de sua mãe frequentam as aulas de Raquel com o objetivo de ler e escrever e também aprimorar suas habilidades de várias maneiras. Isso inclui o desenvolvimento de competências para enfrentar desafios individuais e coletivos, bem como a flexibilidade de adaptação a diferentes circunstâncias, como a pandemia. Durante a pandemia, por exemplo, suas abordagens educacionais se concentraram em cuidados com a saúde e em mudanças de proteção em ambientes públicos, como as *feras*. Através do ensino, Raquel e seus irmãos capacitam as mulheres a se tornarem mais preparadas em suas atividades de vendas e em questões parte de suas vidas cotidianas e bairros.

[204] Nhacra é uma cidade e sector da região administrativa de Oio, está entre os rios Mansoa e Geba, sudoeste da Guiné-Bissau.

diferentes grupos étnicos e culturais se encontram, interagem, experimentam e celebram a rica diversidade exibida por *mindjeris i homis* nas *feras* de Bande, Caracol, Quelelé e Bairro Militar.

Portanto, nas animadas *feras* públicas de Bissau, um cenário de comércio "agitado" ganha vida diariamente. Nesses espaços coloridos e cheios de vida, as mulheres estão imersas na dinâmica socioeconômica do país, onde vendem produtos, além disso, personificam a resiliência e o empoderamento que sustentam a vida pulsante dessas *feras*. As *bideras* como partes intrínsecas que circulam com as mercadorias, possibilitam uma expansão da estrutura de comercialização a varejo por todo o território guineense desempenha, de fato, um papel principal no abastecimento urbano de diversos produtos agropecuários. Através deste sistema de transporte informal, as *bideras* se tornaram parte integrante da cadeia de suprimentos, em várias regiões do país, as *feras* semanais/*lumus*, mercados locais e outras formas de comércio varejista têm sido basilares para garantir o acesso dos consumidores a alimentos frescos, produtos agrícolas e pecuários.

O contexto histórico que deu origem à formação de espaços públicos de comercialização, socialização ou troca denominadas de *feras*-livres em Guiné-Bissau não têm um surgimento específico, por exemplo, marcado por um século, mas, se compreendem como formas de comércio e troca que têm raízes antigas e se desenvolveu ao longo de muitos séculos no país, nas sub-regiões de modo específico e geral no continente africano. Em trabalhos analíticos e interpretativos sobre as feiras-livres percebi que remontam o século IX na Europa (Sato, 2007), logo, os mercados locais organizados nessa época tinham como objetivo fornecer à população local os produtos essenciais de primeira necessidade, como alimentos, utensílios domésticos e outros itens básicos, uma vez que, a estrutura de comercialização a varejo incluía os(as) agricultores(as) locais, fornecedoras(es) de pequenos produtos diretamente aos consumidores. Levar adiante que "na Europa, seu surgimento remonta à idade média, período em que elas expandiram-se, especialmente a partir do século XI, com o desenvolvimento do comércio no mar Mediterrâneo" (Godoy, 2005:03).

Diferentemente do caso europeu sob um prisma eminentemente internacional, minha proposta implica compreender as *feras* livres como parte fundamental da vida econômica, social e cultural das comunidades, bairros ou regiões e setores na Guiné-Bissau há séculos, e as mulheres *fassiduris di bida* como protagonistas nesse contexto. Essas *feras* funcionam como locais de encontro para a venda de bens, produtos frescos, artesanato e

outras mercadorias. Além do livro “BANDIM: subsídios para uma política de apoio ao pequeno negócio” de Renato Aguilar, Huco Monteiro e Aquino Duarte (2001) que retratou o mercado de Bandim como um polo econômico de suma importância na Guiné-Bissau, por meio da promoção de atividades que abrangem desde pequenos empreendimentos até empresas de grande porte, visando beneficiar tanto as comunidades locais quanto a economia em geral do país; e a tese de Maria Manuela de Abreu Borges Domingues, intitulada “Estratégias femininas entre as vendedoras de Bissau” (2000), aborda as técnicas ou práticas econômicas e sociais, assim como as lógicas pelas quais as mulheres contemporâneas nas *feras* se mobilizam, ou, como essas mulheres desenvolvem estratégias de mobilidade social e promovem o desenvolvimento endógeno e sustentável da sociedade em que vivem. Não encontrei em minhas buscas as pesquisas acadêmicas datando as origens das *feras guineenses*, mas, as observações e conversas durante o trabalho de campo em Bissau, junto às *mindjeris*, me permita afirmar que as *feras* no pequeno território conhecido como Guiné-Bissau possuem uma longa tradição de engajamento no comércio livre e troca de mercadorias, sublinhado no capítulo IV. Uma prática que, de certa forma, remonta aos tempos ancestrais. Por isso, reconheço que as *feras* espalhadas por todo o território nacional da Guiné têm um papel essencial na história econômica e cultural da região, mantendo uma presença constante ao longo do tempo.

Um exemplo identificado nas análises de dados de campo foi a Guiné-Bissau, um país localizado na África Ocidental, que se destaca como um dos principais exportadores de castanha de caju, além das atividades comerciais formais, tanto mulheres quanto homens praticam e participam ativamente nas trocas, utilizando a castanha como moeda para adquirir produtos como arroz, óleo, milho preto e outros itens essenciais. Essas práticas de troca, embora as origens sejam desconhecidas para as mulheres, continuam arraigadas no território nacional guineense, especialmente nas regiões mais internas (as *tabancas*/aldeias) do país, até os dias atuais. Por conseguinte, a influência econômica dessa atividade agrícola no país possibilita um movimento de flexibilidade e adaptabilidade das comunidades locais na utilização dos recursos disponíveis para atender às suas necessidades. Dito isso, as *mulheres fassiduris di bida* não conseguiram traçar um percurso comercial dentro de suas famílias, respondendo a perguntas como “por que optou por se dedicar à vida *di bindi*? Houve alguma influência em sua família?” Nas conversas tidas no campo, era comum perceber que as experiências vivenciadas no comércio informal, especialmente nas

atividades de venda voltadas para o sustento das famílias, tiveram uma importância central em suas trajetórias formativas.

Compreende-se, para este estudo sobre o processo de empoderamento, que ao transcender as esferas domésticas/privadas e estabelecerem seu próprio espaço fixo (mesas e barracas) na esfera pública/*fera*, as *mindjeris* participam ativamente do mercado como *bindiduris*, assumindo um papel protagonista na economia local/nacional. Nesse contexto, elas passam a exercer decisões importantes relacionadas a preços, estratégias de vendas e gestão financeira, o que resulta em uma extensão significativa de sua autonomia e capacidade de negociação. Diante disso, as *mulheres k ta bindi* não se limitam a serem comerciantes de bens de consumo; também têm um papel versátil e dinâmico no contexto urbano, partes de arena cultural, social e econômica das áreas urbanas que conectam o meio rural através de movimento, comércio e trânsito com os produtos[205].

As complexas dinâmicas urbanas em Bande e caracol oferecem uma contribuição singular para a vida nas cidades, e as *bideras* de produtos contribuem, aliás, exercem e fazem parte da criação e manutenção de espaços de trocas e sociabilidades (Vedana, 2013). Em linha com a perspectiva de Vedana (2013:45), onde "o comerciante constitui-se nesse personagem responsável pelo trânsito de mercadorias entre diferentes localidades", as *bideras ou fassiduris di bida* emergem como protagonistas indispensáveis no processo de distribuição e troca de mercadorias; elas [*k ta fassi bida*] vivem como sobreviventes no movimento de mercadorias entre diferentes localidades.

Um exemplo evidenciado na *fera* de Caracol, onde, segundo relatos das *mulheres* de Bande (Mariatu Djamanca, Aida Sá, Mariama Balde, Zilda da Silva, e Mariama Djau), produtos como leguminosas e verduras apresentaram preços mais acessíveis, assim, elas aproveitam essa oportunidade para adquirir esses bens agrícolas nesta *fera*, com o intuito posterior de revendê-los em *Bande*. Logo, estão entre as que facilitam ativamente a movimentação e disseminação de produtos de um ponto a outro, permanecendo como pontes entre fornecedoras, produtoras, vendedoras e consumidoras finais. No ambiente das *feras*, essas mulheres desafiam as convenções de gênero e rejeitam os estereótipos que associam as mulheres apenas às tarefas domésticas (espaços privados) e aos cuidados familiares. Contrariamente, elas promovem a equidade na condução de barracas de venda,

[205] Ao mesmo tempo em que se conseguiram adaptar às mudanças para garantir a continuidade de suas práticas durante a pandemia.

na seleção de mercadorias, em assumirem lideranças em associações e conquistar suas autonomias econômicas.

7.2 Emancipação feminina no setor de comércio: o protagonismo e a contribuição das *mindjeris* guineenses nas *feras*

Mindjeris fassiduris di bida com as quais estou dialogando (interlocutoras) representam a diversidade feminina que enriquece as *feras* informais de Bissau. Elas exercem funções essenciais que contribuem para a ampla variedade de produtos, serviços e atendimentos disponíveis aos consumidores (as). Cada *mindjer- mulher* traz consigo uma perspectiva singular, resultando em suas importantes contribuições para manter a vitalidade desses espaços comerciais, chamados de *feras* no país. A diversidade étnica também são peças-chaves na variedade de produtos oferecidos pelas *bideras*. Os *Pepelis*, especializadas em mariscos como ostras, camarões e caranguejo, tal e qual em defumados (bagre *fumadu/*peixe-filhote e *bentana)*, oferecem uma deliciosa variedade de produtos do mar, na Guiné-Bissau os ingredientes de tempreiros conhecidos como *"kussas sinhos"* (compõem-se tomate, malagueta-sinhô, Badjiki, candja, etc). Elas também oferecem mangas, limões e maracujás. Duas mulheres de etnia pepel, Tereza Cardoso e Aida Sá, minhas interlocutoras, se destacam pela abordagem móvel de vendas. Elas não se limitam a uma única barraca ou mesa, mas são conhecidas pela flexibilidade de se deslocarem para lugares ou locais estratégicos que garantam boas vendas. Podemos encontrá-las às vezes nas beiras de estradas, com suas bancadas, enquanto em outras ocasiões estão presentes nos mercados de rua em um formato semelhante ao de *Caracol* e *Bande*, ou ainda em diferentes áreas ao redor de Bissau.

A distinção mais evidente entre essas interlocutoras e as demais reside na variabilidade dos produtos comercializados. Cada vez que eu as encontrava, elas apresentavam uma seleção única de mercadorias; ao contrário das outras, elas não se dedicam permanentemente apenas à venda de mariscos, defumados e mangas; sua oferta varia de acordo com as safras e muda constantemente.

Imagem 23 - Tereza Cardoso e Aida Sá
Fonte: Noemia Monteiro (2022)

Outro grupo étnico representado na *fera* de Bande, *Caracol* e Bairro Militar são os *Brasas/Balantas*, que se destacam nas vendas de arroz de *pilon* e também por trazerem suas habilidades artesanais. Entre suas criações estão os *putis*, que integram vasos, jarros, panelas e potes de barro. Similarmente são especialistas na preparação de bolos tradicionais de milho e na defumação de *selebsonh* (conhecida como *bentadinha*/pequenos peixes). Essas habilidades adicionam uma dimensão especial aos produtos indisponíveis nas *fera* de Bissau.

Imagem 24-25: *Putis e vasos*
Fonte: Miguel de Barros (2022)

Especializadas na extração, produção e venda de *tchebem, siti* (azeite de dendê ou óleo de palma) *e vinho palmo*, os *Mandjakus e Budjugus/Bijajós* oferecem um ingrediente essencial na culinária guineense. Os *Mancanhis*, com foco em verduras e legumes, são responsáveis em grande maioria pelo cultivo, colheita e comercialização desses alimentos, contribuindo assim para uma dieta equilibrada. A especialidade de *leite dormido* e nata é dominada pelas mulheres Fulas, tanto na produção quanto na comercialização. Por outro lado, as Mandingas se destacam na produção e comercialização de *mancarra* (amendoim) e feijão. Além do mais, no setor de grandes produtores de carne bovina, encontramos as duas principais etnias, os *Balantas* e os *Fulas*, representadas em grande maioria.

De acordo com Mariama Djau, em 20 de novembro de 2021, as *feras* representam espaços onde diversas etnias e especializações se reúnem, interagem e compartilham suas riquezas culturais e tradições singulares. A presença diversificada de *mindjeris fassiduris di bida* nas *feras* da Guiné-Bissau reflete a pluralidade étnica do país, desempenhando um papel determinante na oferta de uma ampla gama de produtos e especializações. Cada grupo étnico traz consigo suas próprias técnicas de produção, ingredientes locais, habilidades artesanais e métodos de preparo de alimentos. Essa multiplicidade culmina em uma mistura *sui generis* de produtos, que abrange desde os alimentos característicos da dieta nacional até o artesanato e os produtos manufaturados. Ela [Mariama] ressalta que "não apenas vendemos aqui, conversamos, tem trocas culturais e religiosas", permitindo que os consumidores experimentem uma diversidade de mercadorias, sabores e artesanatos que representam a riqueza e a autenticidade da Guiné-Bissau. No vibrante e colorido cenário da *fera* de Bande, Mariama se destaca como uma figura emblemática. Ela é uma mulher Fula que vende tecidos africanos e também tece histórias, tradições e cultura por meio de suas mercadorias. Seu contato com os nacionais e, especialmente, com os internacionais, revela um mundo de cores, valores e significados que envolvem esses tecidos.

Imagem 26 - *Panus* de Mariama Djau no cruzamento entre Caracol e Bande
Fonte: Peti Mama (2023)

Imagens 27 - Pedro e João comprando os *panus* de Mariama
Fonte: Peti Mama (2023).

Minha interlocutora, Mariama, possui uma enorme compreensão da riqueza cultural dos tecidos africanos e é habilidosa em transmitir essa riqueza aos seus clientes, sobretudo aos turistas, imergindo-os no universo africano. Ao interagir com clientes tanto nacionais quanto internacionais, Mariama demonstra um conhecimento íntimo de cada tecido que ela comercializa. Além de responder às questões relacionadas aos valores monetários, ela explica os valores culturais representativos nas peças, compartilhando histórias sobre suas origens, os padrões que representam e as ocasiões em que são usados. Durante uma visita em que estive acompanhada por dois professores brasileiros, João Colares da Mota Neto e Pedro Pontual, pude testemunhar Mariama explicando minuciosamente a simbologia presente em cada *panu* disposto em sua mesa. Ela falava sobre a qualidade e durabilidade dos tecidos, além de fornecer informações convincentes sobre os métodos apropriados para lavagem, como, por exemplo, quais produtos usar e quais evitar. Essa abordagem

demonstrava um alto grau de conhecimento técnico e também uma apreciação genuína pela tradição e autenticidade dos tecidos africanos espalhados nas terras guineenses.

Conforme ela, esses 'pedaços de pano' transcendem sua natureza material, representando símbolos carregados de significados culturais, históricos e sociais, refletindo tradições, identidades étnicas, crenças religiosas e espirituais "no país e não só Guiné-Bissau" (Mariama Djau, 2022). Na foto, os tecidos conhecidos como *panus* na Guiné-Bissau, destacam-se Basan, Cutin, Vax, Legós, Tchup e Gãndjilá, que são comumente encontrados nas *feras* de Bissau. No entanto, é interessante notar que esses tecidos têm origens em países vizinhos, como Burkina Faso, Guiné-Conacri, Senegal, Costa do Marfim[206]. A presença desses tecidos de outras nações ressalta a interconexão cultural e comercial entre as regiões próximas. Uma diversidade de origens confere às *feras* de Bissau um ambiente enriquecedor, onde os elementos culturais e comerciais se fundem, proporcionando aos visitantes uma oportunidade "especial" de conhecer a riqueza das tradições de várias nações.

No contexto guineense, de modo particular, encontramos *"panus di pintis*", "é confeccionado no tear tradicional com o formato de bandas ou tiras que, depois de costuradas com quatro, seis, dez, doze ou quatorze tiras ou bandas, constituem um pano" (Semedo, 2010: 95). Uma técnica de tecelagem ancestral amplamente apreciada por suas cores representativas tradicionalmente e padrões simbólicos de diversas formas.

> Os panos são utilizados com cores vivas, alegres e também carregam os símbolos da nossa fauna e flora que são patrimônio da cultura guineense. O pano de pinte (panu di pinti/panu de pinti – há diversas formas de se grafar o termo em língua crioula), é confeccionado de forma totalmente manual. Ele tem esse nome em decorrência da forma como é feito, no tear, no pente. Além disso, é uma forma descolonial de arte que se faz do corpo para sobrepor o corpo, de forma a misturar sujeito e objeto, pano colorido e pele preta, fato que por si só já destaca a dicotomia instaurada pela ótica moderna (Guida e Bidemy, 2020:02).

[206]Cada tecido está associado a uma nação específica, sendo Basan originário de Burkina Faso, Cutin da Guiné-Conacri, Vax e Legós do Senegal, Tchup e Gãndjilá da Costa do Marfim. Essa variedade de origens geográficas reflete a influência cultural e comercial dessas nações vizinhas nas *feras* de Bissau, enriquecendo a diversidade e o contexto cultural desses eventos.

Imagem 28- *Panus di pinti*, Caracol
Fonte: Peti Mama (2022).

Considerando as colocações de Betinha Yadira Augusto Bidemy e Angela Maria Guida (2020) e de Maria Odete da Costa Soares Semedo (2010) sobre como os *"panus di pintis"* da cultura guineense são uma expressão vívida e simbólica de sua herança cultural que vai além de simplesmente descentralizar sua representação nacionalmente, podemos observar que cada utilização de cores vibrantes e os padrões que representam a "fauna e flora" reflete a diversidade cultural dentro da Guiné-Bissau, igualmente, ressalta a riqueza das tradições locais e suas nuances específicas para cada etnia presente no país. Dentro da Guiné-Bissau, cada região, grupo étnico ou comunidade tem suas próprias interpretações e significados associados aos *"panus di pintis"*. Os padrões e cores são usados para transmitir histórias locais, mitos, crenças espirituais, eventos históricos ou identidades étnicas distintas. Sendo, portanto, os tecidos representam a herança cultural nacional e também servem como um meio importante para a preservação e transmissão das identidades culturais presentes em toda a Guiné-Bissau. Por exemplo, a descrição de como esses panos são confeccionados manualmente por homens ou mulheres, "no tear, no pente", realça a importância do trabalho artesanal e da tradição que permeia a cultura guineense (Guida e Bidemy, 2020).

A interlocutora Mariama é muito mais do que uma vendedora de tecidos; ela é uma guardiã, conhecedora das tradições e cultura africana na *Fera* de Bande. Durante uma das minhas visitas, tive a oportunidade de testemunhar algo especial: em vez de simplesmente exercitar minha audição, pude compreender a habilidade da minha interlocutora em compartilhar valores, significados e origens dos *panus,* tanto com pessoas do país quanto com estrangeiros. Foi, para mim, um testemunho do poder da palavra sublime dos tecidos e suas representações culturais. Mariama une passado e presente, conectando pessoas de diferentes origens através da beleza e da profundidade dos tecidos africanos; percebi que seu trabalho em estimular a venda, ela também constrói pontes entre culturas (Senegalês, Guiné-Conacri,.).

Por conta disso, a presença de *mindjeris* nas *Feras de Bande, Caracol e Bairro Militar* estão muito além de serem apenas locais onde bens e serviços são trocados ou vendidos; eles representam também espaços de conhecimento, diversidade, linguagens, de encontros e reencontros, lugares para saborear caldos como *mancarra, tcheben*, branco, cafriela, siga, djambu,(comidas típicas do país)... A seguir, destacam-se as descobertas da pesquisa de campo que serão visualizadas em imagens com mais detalhes no próximo capítulo. Por agora, estruturei da seguinte forma:

- Intensa troca de informações sobre produtos e preços;
- Diversidade cultural evidente com a presença de produtos e tradições variadas;
- Línguas locais, nacionais e internacionais são usados para comunicação cotidiana;
- Forte cultura de compartilhamento de conhecimento entre os participantes das *feras,* comerciantes e *fassiduirs de bida;*
- Grande diversidade de produtos, tal como: artesanato local e produtos importados;
- Grande diversidade de compradores e vendedores de diferentes origens;
- Linguagem específica de negócios usada para facilitar transações;
- Trocar informações sobre produtos, preços e estratégias de venda;
- Estratégias de negociação ou mudanças nas preferências do consumidor;
- Rica diversidade cultural, nacional, regional, sub-regional e internacional;
- Variedade de legumes e verduras;
- Diversidade de Compradores, Vendedores e Visitantes e
- Diferentes barracas de comidas típicas disponíveis nas *feras*, abertas todos os dias

para os consumidores(as).

Não se nega que as *feras* contribuem significativamente na vida de *mindjeris i homis* na Guiné-Bissau; pois, além de proporcionar oportunidades econômicas, esses eventos também oferecem espaços de expressão cultural e social, afirmação política no público informal, promovendo um estilo de vida colaborativo e comunitário. Elas refletem os itens que representam a identidade diversa e plural de suas comunidades, tal e qual facilitam encontros e interações sociais, especialmente entre as mulheres de zonas rurais, semi-urbanas e urbanas, e também nas sub-regiões.

CAPÍTULO VIII
Tornar o cotidiano visível no pós-pandemia: imagens em movimento paradas “di mindjeris K homis” em Guiné-Bissau

8. Flexibilidade Antropológica no olhar

Este capítulo se inicia com o propósito de etnografar as *feras* inspirando-se nos conceitos de fotoetnografia do trabalho de Luiz Eduardo Robinson Achutti (1997), aplicado na minha pesquisa para compreender as estratégias de vendas cotidianas de mulheres em suas barracas nas diferentes *feras* de Bissau, através de Fotografias. Trata-se, fundamentalmente, de uma tentativa do "saber olhar, sentir, ouvir, observar" (Cardoso de Oliveira, 1996), sem deixar de pensar na imagem visual como lugar da arte, dos sentidos, significados, das dimensões corporais de pessoas em constante movimentos: *bideras ou fassiduris di bida, djintis k ta bindi* e suas mercadorias, vendedores ambulantes, consumidores, turistas, os agentes de câmara em fiscalização, polícias civis. Se, como sintetiza Sylvia Caiuby Novaes (2014: 58) "imagens, tal como os sons, permitem que se perceba simultaneamente um conjunto de elementos. Imagens são o resultado de sensações visuais, que nos chegam como um todo". Em consideração, estas experiências etnográficas não são apenas fruto de uma pesquisa de campo em setor autônomo de Bissau, Guiné-Bissau, África ocidental, mas também de uma formação teórica-metodológica a partir de certas faculdades do entendimento que Roberto Cardoso (1888) considera como elementos importantes para a construção do saber nas ciências sociais e em especial na antropologia: "o olhar, o ouvir e o escrever".

Portanto, retomando a percepção simultânea apresentada aqui pela autora (Caiuby, 2014), se soma a compreensão rápida e geral da imagem fotografada, sem a necessidade de analisar cada elemento separadamente. Contudo, vale lembrar que, exercitar um *olhar treinado* para com a interpretação das imagens também é influenciada por fatores e contextos culturais, ou até pela experiência individual do(a) pesquisador(a). Por exemplo, uma guineense, filha de agricultores e de duas mães *bideras,* que se forma em Antropologia fora de seu país de origem, percorre com as imagens fotografadas por si e pelos seus conterrâneos pesquisadores em campo como um conjunto de elementos visuais que pode ser interpretada de modos diferentes por pessoas diferentes, devido às suas bagagens pessoais e perspectivas *sui generis*. Ciente que, o *olhar treinado* culturalmente, e também subjetivado, se aplica à leitura e interpretação de fotografias. Por isso, presumi que haverá *olhares* diferentes sobre as mesmas imagens aplicadas no decorrer da tese, especialmente no capítulo que se segue, contudo, dentro do meu exercício antropológico feminino, como

autora, neste ato de escrever, quero conduzir (gentilmente) a interpretação na direção de uma compreensão mais densa. Partindo do pressuposto que, as imagens não têm um significado fixo, igualmente, as mesmas sozinhas não fazem tanto sentido para compreensão do cotidiano *di bideras* no pós-pandemia em Bissau, Guiné-Bissau.

Sendo assim, comecemos a pensar juntas(os) no *ensinar a olhar* a vida pulsante da cidade de Bissau através *de mulheres e homens* com suas mercadorias e/ou outras que estarão nas *feras* como compradoras (es) ou visitantes em: "uma ambiência de partilha de sentidos, onde cores, sons e cheiros diversos compunham um cenário particular no interior da vida urbana dos bairros e ruas que recebiam os mercados" (Vedana, 2010: 06). "Atmosfera" vibrante e sensorialmente *sui generi* em uma cena urbana de Bissau dentro de mercados que são realizados em bairros e nas principais ruas chama sua atenção em cores, bancas, barracas ou mesas repletas de frutas locais (e não somente), vegetais frescos e especiarias coloridas, criando uma paleta de tons vivos. Os movimentos *"di mindjeris i homis"* com seus tecidos que imprimem padrões religiosos, culturais e vinculados às origens étnicas dos e das participantes deste cenário, adicionando uma atmosfera de arte e moda presente na *fera*. Enquanto se avança pelas *feras* de *Bande*[207]*, Caracol, Bairro Militar, Quelelé,* os passos de pessoas preenchem o ambiente e o ar; as conversas animadas enchem seus ouvidos, à medida que vendedores(as), compradores(as) e *fassiduris di bida* negociam preços, perguntam produtos e ouvem sons com diversas línguas, músicos locais que tocam em rádios comunitários (ou comunicados), tudo junto criam uma trilha sonora inigualável e inconfundível em Bissau.

8.2 De familiaridade ao um exercício de escuta antropológica

[207]Em *fera di bande*, encontramos remédios "tradicionais" para todas as doenças imagináveis. Chegava-se lá queixando de qualquer dor, os homens, já diziam, "pera, tem isto para tal dor". Pode-se dizer que é um movimento informalmente articulado nos saberes populares relacionados às plantas, em que, quando um não tem em sua barraca, já busca o produto com o colega ao lado. Por ter limitando-me mais a acompanhar as mulheres em Bissau, em certo momento da conversa com a interlocutora Paulete Pereira, *djambakus*, via a necessidade considerável de um diálogo de Saberes.

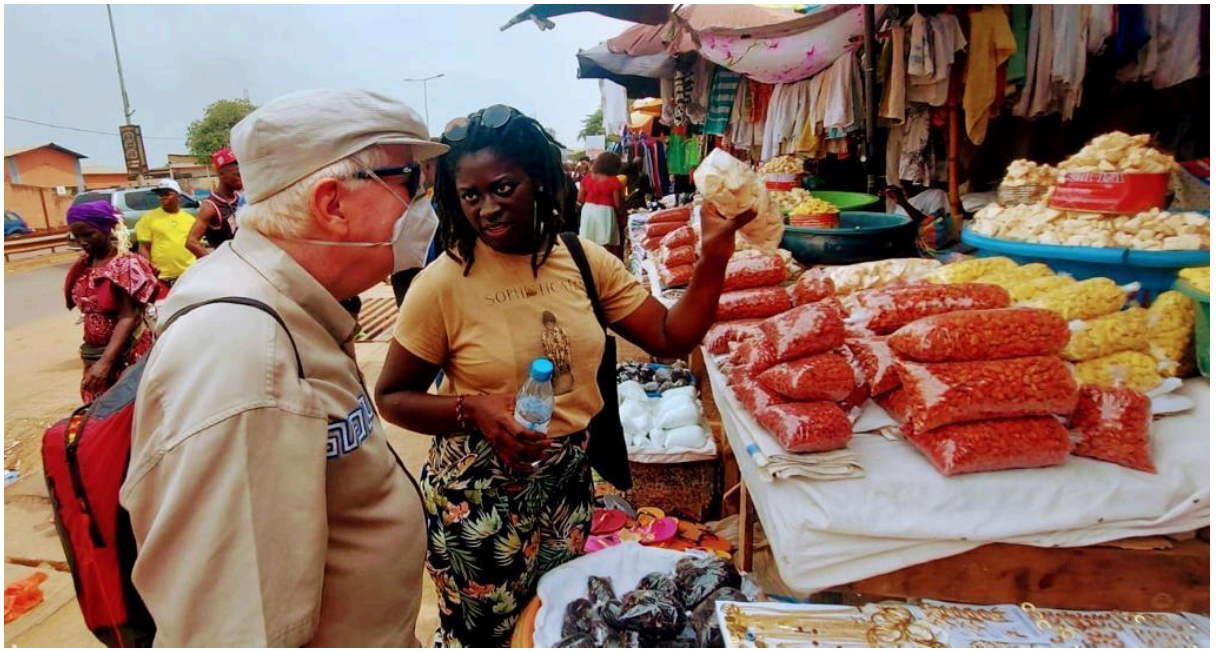


Imagem 29: No campo de pesquisa, Bissau, 2022.

Fonte: João Colares (2022).

O experienciando no campo pós-pandemia em conjunto com as *bideras* de Bissau, movimenta entre os estímulos sensoriais e experiências multissensoriais que despertam seus sentidos e criam memórias sensoriais distintas. Tal qual, a imagem, cada pessoa que estivesse ou fosse para uma determinada *fera* na capital guineense pode ter uma percepção sensorial diferente do descrito neste texto e, portanto, personalizada dentro da faculdade de entendimento (Cardoso, 1988). Assim como, através de sons, tive a percepção do meu campo presencial que, as *feras* estão, também como espaços ou lugares educativos e informativos, em outras palavras, as *bideras ou fassiduris di bida* forneciam informações sobre a origem dos alimentos, métodos de produção, benefícios nutricionais e formas de preparo. Em uma ida à *fera de Bande*, estive acompanhada por dois professores brasileiros (João e Pedro), em que, a intenção inicial foi apresentá-los à Guiné-Bissau através de *feras* e trabalhos feitos por mulheres (minhas interlocutoras) cotidianamente. Chegamos em torno das 9 horas da manhã, em um sábado de novembro, horário privilegiado que se encontrava todas as mercadorias, também, fica entre o início do pico de circulação dos que vem "fazer *fera*" e turistas. A propósito era para que pudessem vivenciar a energia do local, sobretudo, em *Bande*, a maior praça comercial do país. Chegando a *fera de Bande*, João e Pedro perguntavam sobre algumas especiarias e produtos típicos de diferentes regiões que se encontravam nas barracas de vendas e dos tecidos, *mindjeris i homis* tinha resposta sobre

tudo. Neste dia em específico, encontramos os artesãos que vendem seus produtos diretamente aos consumidores, e vão além de vender, contavam com toda paciência as histórias, habilidades e técnicas envolvidas na preparação e produção desses artefatos (explicavam-me no guineense, e traduzia para os meus acompanhantes).

Logo, em termos da descrição social, geográfica e visual de *homis i mindjeris* nas ruas de Bissau, somos testemunhas da vibrante tapeçaria humana que compõe o cenário do comércio. Começando com os mais jovens, entre 15 a 25 anos, no setor de vendas ambulantes, atravessando as ruas com suas mercadorias em mãos, indo ao encontro dos clientes, ou, simplesmente pessoas que vêm em outras direções. Nos pontos específicos, encontramos senhores com mais de 35 anos, dedicados a apresentar as riquezas das especiarias locais, essas vindos do Sul ou do Leste do país com seus objetos. *Meninas-mindjeris,* a partir dos 18 anos, trajadas de "*spera"* (vestidos longos confortáveis), e muitas vezes acompanhadas por seus núcleos familiares, como crianças nas costas e jovens sobrinhos e sobrinhas; recém-chegados de interiores descendo nos transportes públicos/*toka-toka* em direção às barracas, ambos em um movimento acelerado. A capital, Bissau, imersa nessa experiência sensorial dinâmica e compartilhada, destaca-se como um mosaico de identidades, enriquecendo suas ruas com as cores e sabores de uma nação verdadeiramente ímpar, no antes e no pós-pandemia. Testemunhado na resiliência e na força da comunidade guineense durante a pandemia.

Portanto, *olhar* as fotografias é, por si só, um artefato visual produzido pela sociedade contemporânea, sendo assim, as imagens de *mindjeris* nas principais *feras* guineenses que foram fotografados por mim, a partir da minha interpretação e reinterpretação percorreu esta pesquisa não apenas no domínio dos códigos visuais, das regras de composições, suas características dos diferentes estilos, mas também como as etapas do exercício antropológico-feminino-pós-colonial e linguístico no sentido de seus aspectos socioeconômico, político e culturais de uma guineense na diáspora brasileira.

Pois, para fotografar, além de minhas interlocutoras que autorizaram o uso de imagens, outros corpos circulavam pelas *feras* diariamente, são corpos em movimentos vistos, mas com rostos não reconhecíveis partes de fotografias como estratégias de mobilidade. Ou seja, as imagens foram parte importante desta pesquisa que traz formas de

comunicação, maneiras de transmitir mensagens e significados de modos distintos, características e recursos específicos; informações, emoções e ideias de um país como a Guiné-Bissau. Não tratando as fotografias como complemento do texto, a imagem traz cores, formas, composição, símbolos, provocam sentimentos, pensamentos do que acontecem na zona urbana guineense. Portanto, quando a antropóloga Sylvia Caiuby Novaes (2008), considera que: "Lemos um texto, olhamos uma imagem. De modos muito diversos ambos se comunicam. Tanto as palavras e as frases que lemos em um texto, quanto as formas e as cores que vemos na imagem expressam algo sobre o mundo" (455). Durante a construção dos capítulos que antecederam essa, implicitamente considerei, as palavras quanto às frases presentes nesta tese, quanto às formas e os núcleos que vemos em imagens, possuindo a capacidade de comunicar e expressar algo sobre "o mundo" das mulheres e homens espalhadas em *feras* de Bissau. As imagens fotografadas aqui, são parte de comunicar de forma imediata as composições visuais presentes no movimento de *homis i mindjeris* bissau-guineenses, evocando e transmitindo narrativas singulares na história contemporânea do país.

Tal como, a importância de desenvolver *um olhar* atento e sensível para observar e interpretar as práticas femininas de *feras*, leva, além da necessidade de ouvir e estabelecer diálogo com as interlocutoras, a escrita como ferramenta para a produção do conhecimento antropológico do contexto urbano guineense, considero as imagens como resultado que passa e discute o retorno da mobilidade humana no pós-pandemia, trazendo e transformando as experiências de campo em uma narrativa plural da realidade social de forma clara e precisa. Explico-se: A desmistificação do meu olhar (Cardoso, 1988) no campo/*on* após o retorno à mobilidade humana nas *feras*, foi perceptível a prioridade à saúde coletiva, as *bideras* mantinham as práticas de higiene aprimoradas (águas em bacias de plásticos/utensílios com sabão e lixívia/água sanitária), se via lavagem frequente das mãos, estavam acompanhadas de um lencinho de pano nos ombros, algumas usavam máscaras em determinadas situações (quando vão para outras localidades em busca de produtos, principalmente) e atenção à limpeza de espaços públicos, lugares que são armazenados ou postos as bancadas, mas, sobretudo, relatam o tratamento de resíduos (voltarei a este ponto mais adiante).

Ao regressar após quatro anos, chamou-me a atenção tanto o cenário do público formal quanto do informal, especialmente no que diz respeito à percepção das mulheres, que parecem ser mais afetadas no contexto informal durante a pandemia devido às políticas de quarentena, reivindicando as políticas formais e melhorias nas condições de seus trabalhos. Minhas primeiras impressões revelaram uma integração peculiar nos setores de venda, onde a linha tênue entre alimentos prontos para consumo e ingredientes crus se tornava indistinta. A aparência geral do ambiente transmitia informações confluentes sobre produtos prontos para o consumo e insumos ainda não processados. Em conversa com a minha interlocutora, Djana Seide, disse-lhe: "mais tem tudo, posso comprar sumo/suco, sorvete, água, *badjiki ou* peixe só aqui (...)".

> Você precisa saber vender, não é os clientes que vão atrás de coisas, você pode trazer essas coisas perto delas. Imagina, se houver a exigência de dividir tudo por setores, esta *fera* (B. militar), é muito apertada, a pessoa sai do mercado duas horas depois, porque tem que dar muitas voltas. Agora estar tudo próximo de tudo, é comprar uma vez o que precisa. Para mim, é mais fácil assim, eu vendo e compro, então, sei que é mais fácil assim (Seide, 20 de novembro de 2022, Bissau).

Posteriormente, fui percebendo que, a concentração *di mindjeris k ta bindi* com diferentes produtos em um único lugar, também está associada à concorrência nos preços dos produtos. Os valores são, digamos, semelhantes em diferentes barracas, mas dependendo de como negociar pode comprar menos barato. Nas *feras*, exige-se de um(a) comprador(a) habilidade de negociação: além de aprendermos a avaliar o valor dos produtos, comparar preços, dizer "o que tem em seu bolso e o que não pode pagar". Os(as) vendedores(as) usam o poder oral das palavras para construir argumentos sólidos que justifiquem o preço ou valor de seus produtos. Na ocasião que João e Pedro perguntavam os valores de tecidos, antes de anunciarem, justificavam a originalidade e qualidade do produto dizendo: "A origem do produto é de países vizinhos (Guiné-Conacry, Gâmbia e Senegal) são bons, por isso custa este valor de amigo, X". As vozes dos vendedores e das *bideras* anunciando seus produtos, descrevendo as qualidades de mercadorias para os fregueses ou negociando com os clientes/compradores que chegam, e os que estão de passagem, era marcante em sintonia de anunciação: "tia, mamãe, papai, minha filha, meu filho, amigo, irmã, compra aqui, visite minha mesa, tenho tudo, é *barato-barato*,. Usam palavras amigáveis e uma atitude acolhedora dizendo: "meus filhos compram os panos da mamã"; "*panus* [tecidos] com cores exclusivos", "difícil de encontrar aqui com este preço", "última

unidade" "pode pegar, veja", a senhora *Mariama* criava um senso de urgência para incentivar a compra de suas mercadorias. A exclusividade referida pela vendedora, na verdade, direciona aos clientes estrangeiros, pois, os tecidos africanos (vêm de diversas origens dos países vizinhos) são famosos por suas cores vibrantes, ousados e rica simbologia cultural e identitária.

Em *Bande* é possível encontrar uma ampla variedade de tecidos africanos: Basan; Cutin; Vax; Legós; Tchup; Gãndjilá,. No país temos a tradicional tecelagem de *"panu de pinti".* Segundo Gomes (2019), os *panus* de *pintis* fazem parte do patrimônio guineense, eles são usados e presentes em "quaisquer ocasiões e momentos, desde política, moda, cerimônias fúnebres, casamentos tradicionais e qualquer decoração. Ressaltando que existem vários tipos de *panu* de *pintis*, em um casamento tradicional, por exemplo, as mulheres privilegiam um estilo e desenhos brilhantemente colorido que destaca todo o corpo da noiva, para também, caracterizar símbolos e desenhos que sugerem um acontecimento ímpar em sua vida e que contam história de sua família. As pesquisadoras Angela Maria Guida e Betinha Yadira Augusto Bidemy (2020) reforçam:

> O matrimônio guineense, principalmente da etnia "manjaca", é feito de uma forma muito bonita, porque as estampas e cores são muito fortes no pano de pinte e acabam chamando atenção de qualquer pessoa. Os panos são utilizados com cores vivas, alegres e também carregam os símbolos da nossa fauna e flora que são patrimônio da cultura guineense (GUIDA & BIDEMY, 2020: 02).

As estampas e cores fortes presentes nos *panus de pinte*, além de chamar minha atenção em utilização de cores vivas e alegres reflete: o momento, e a exuberância da ocasião, sua beleza estética acrescenta um elemento de identidade cultural e conexão com as divindades e a natureza guineense. Dito isso, a partir da conversa que tive com as senhoras Djana Seide, Mariama Djau e Paulete Pereira, a minha visão foi se reconfigurando em cores marcantes que os *panus* trazem, os produtos expostos cheios de mercadorias, como frutas, legumes, pescados, roupas e artesanatos. Mas, para compreender que os setores não se separaram, o meu olfato foi naturalmente ativado por diversos aromas que permeiam as *feras*-, *Bande*, Caracol, B. Militar e Quelele. O aroma dos alimentos sendo cozidos, como especiarias locais, pães frescos/*kuduro*, frutas, tecidos novos recém-abertos, misturados com o cheiro de ervas ou produtos naturais, ervas finas, e "*mesinhus"* naturais/*remédio à base de ervas*, criam uma variedade de componentes que enriqueceram as experiências sensoriais durante minha estadia em Bissau.

A possibilidade de fazer esses registros como participante das *feras* pertencentes à cultura local (ou da região, ou do país) me permitiu aproveitar a sutileza sinérgica dos sons, dos tons, das palavras, dos padrões de tecido, do cheiro das especiarias. Ouvi sons de alimentos sendo preparados em barracas específicas de comidas típicas (o ruído de panelas, utensilios de cozinha, frituras ou cortes) prontos para serem consumidos na *fera*, inclusive, as *bideras* ou comerciantes de modo geral, são parte de consumidores de pratos feitos por outras mulheres de geografia como Senegal. Lembrar que, por estas *feras* se localizarem em estradas principais da cidade, ouvia-se no fundo os barulhos ou sons de trânsito de veículos, buzinas, e sobretudo música sintonizar rádios comunitários. Ou seja, são um conjunto de vibrações e animação da experiência sonora e sensorial presente no movimento de mulheres e homens nas *feras* de Bissau. Logo, quando refiro-me aos tons das *feras* de Bissau quero destacar a animação, a energia, os movimentos: Os tons são vibrantes, com vendedores e compradores interagindo de forma animada e amigável. As conversas paralelas e encontros entre os que entram dentro da *fera* e os(as) que saem para outros destinos como casa. Geralmente, as(os) frequentadores(as) não só no nicho de *bideras* conversam, riem, negociam e interagem entre si. Moradores de regiões próximas da cidade de Bissau, turistas de sub-regiões trocam notícias, pedem informações, tiram dúvidas, falam sobre os trajetos de produtos (onde e como compram para revender) e experimentam comidas típicas.

Lembro-me que, através do olfato estimulado pelos cheiros diversos (produtos de higiene pessoal, produtos de limpeza, incensos ou até mesmo o cheiro do próprio ambiente, como terra, grama ou odores) me conduziram para uma área (esquina como as mulheres dizem) na *fera de Bande*, que são lugares comuns de "*mesinhos"* que funcionam para todas as doenças imagináveis. Chegava-se lá queixando de qualquer dor, os homens já diziam, "*pera, tem isto para tal dor*". Pode-se dizer que é um movimento informalmente articulado nos saberes populares relacionados às plantas, folhas, em que, quando um não têm em sua barraca, já busca o produto com o colega ao lado. As *bideras e homis* deixavam que certos produtos sejam tocados antes de realizar a compra (ervas, frutas ou legumes e tecidos), os visitantes que não sejam nacionais podiam experimentar diferentes texturas e consistências. Tive com alguns colegas a oportunidade de provar e saborear diferentes iguarias guineense, meus almoços na maioria das vezes, se deram em barracas de mulheres senegaleses e guineenses.

Há uma presença ampla de tons, desde cores intensas até combinações sutis, mas de cara, em estandes encontramos tecidos coloridos que chamam a atenção dos(as) compradores(as). Os padrões e estampas dos tecidos refletem tradições e histórias culturais específicas de cada região ou de um grupo específico que contam histórias e expressam a identidade cultural de diferentes grupos étnicos. Por isso, neste capítulo, privilegiou trazer uma representação visual através da imagem no contexto urbano das *feras* em Guiné-Bissau, articulada à construção de significados, por compreender que as imagens também representam a situação do trabalho feminino em Bissau. Logo, os registros que seguem vêm carregados de visualidades dos micro-eventos que transcorrem nas ruas, nas calçadas, esquinas, nas barracas de venda e de comida, nos cruzamentos de mercadorias, nos atendimentos, no *fazer-fera* e no cuidado com cada produto. Diria que parte destas imagens são como outra forma de permitir o acesso das e dos leitores(as) ao campo, demonstrando a força do instrumento fotográfico e maneira de acessar os registros do campo etnográfico.

8.3 Perceber Guiné-Bissau e mindjeris k homis em imagens fotografadas durante e após a pandemia.

Imagem 30: Estrada principal da cidade de Bissau

Fonte: Peti Mama (2022).

Orabank
Orabank

Imagem: 31, 32 e 33: estrada principal que dá acesso ao mercado de Bande e Caracol

Fonte: Peti Mama (2022)

Naquela ensolarada sexta-feira de novembro, após o longo período de pandemia que assolou a Guiné-Bissau, especialmente as *mindjeris i homis* que dependiam dos mercados para subsistência, as ruas finalmente recuperaram seu agito característico. O relógio marcava 13:30 quando comecei a capturar as cenas que se desenrolava diante dos meus olhos, utilizando meu smartphone Samsung Galaxy S20 FE como ferramenta de registro. O local escolhido foi uma movimentada estrada principal de *Bande*, que se transformava em uma espécie de microcosmo da vida urbana guineense. À medida que eu focalizava minha câmera, ficava claro que as frequentadoras e os frequentadores estavam retornando às suas rotinas. Pessoas de todas as idades e origens transitavam pela via, algumas a pé, outras em

táxis, e muitas delas aguardavam os populares transportes públicos conhecidos como "*toka-toka*" em *Bande*.

É importante destacar um dado relevante observado naquele momento de captura, sobre o movimento e o funcionamento do mercado de *Bande*. Este mercado é reconhecido por ser extremamente agitado e lotado em todos os dias da semana, com exceção das sextas-feiras, a partir das 13 horas. Nesse dia em particular, o mercado experimenta uma notável tranquilidade devido ao fato de ser um momento sagrado de oração para a comunidade muçulmana. Era nítido perceber a presença significativa de homens muçulmanos em estabelecimentos comerciais em *Bande* durante as sextas-feiras, por volta das 12h40, momento possível observar um esvaziamento gradual do mercado, com algumas pessoas arrumando suas barracas e pegando água, enquanto outras se dirigem às mesquitas próximas do bairro para realizar suas orações. Essa audiência criava uma sensação *sui generis* nas sextas-feiras, quando a área se transforma de um local movimentado em um espaço tranquilo, refletindo o respeito e a importância da prática religiosa no cotidiano dos habitantes locais. Esse contraste entre a frenética habitual e a serenidade das sextas-feiras à tarde acrescenta uma dimensão especial à experiência do mercado de *Bande*, tornando-o um ponto de encontro além das transações comerciais, mas também para expressões religiosas.

Imagem 34: Barraca de mulheres compartilhadas por mesas de verduras e legumes

Fonte: Peti Mama (2022).

FAKE

Imagem 35, 36 e 37: Outro ângulo de mesas ocupados por *bideras*

Fonte: Peti Mama (2022)

Imagem 38: mulheres na *fera* de Quelele

Fonte: Érico Brito (2023)

As *feras* de Bande, Caracol, Quelelé e Bairro Militar, que haviam sido substancialmente afetadas durante a pandemia, também mostravam sinais de renovação. As *bindiduris* arrumavam suas bancas com produtos frescos e coloridos, enquanto as pessoas se aproximavam para fazer suas compras diárias. Era evidente que esse movimento refletia a retomada das atividades comerciais e também o espírito resiliente da comunidade guineense. As duas imagens capturadas com meu smartphone eram registros preciosos de um momento de renascimento, no qual as *mindjeris e homis* de *fera* de "Quelele se uniram para reconstruir suas vidas e retomar as atividades cotidianas nos lugares públicos de encontros, reencontros, trocas e amizades", disse Dehe Nhaga. As cores vibratórios das roupas, a diversidade de expressões faciais e as diversas opções de mercadorias expostas à venda pintavam um quadro de "*sta na fera; fassi fera ou vivi fera* [estar, fazer e viver *fera*]" urbana que estava se reerguendo após tempos difíceis em Bissau.

Imagem 39: Beira de estrada, *Bande*, entre mulheres e homens
Fonte: Miguel de Barros (2023).

Imagem 40-41: Setor masculino de venda
Fonte: Peti Mama (2022)

Imagem 42: Entardecer em uma parte de Bande
Fonte: Peti Mama (2022)

Imagem 43: mulheres ambulantes com bacias de produtos na cabeça
Fonte: Peti Mama (2022)

Chamou minha atenção ao fotografar o percurso das mulheres antes de se fixarem em barracas. Às vezes, além das ambulantes que carregam produtos em bacias na cabeça, aquelas que possuem mesas fixas também transportam produtos para colocar em suas mesas. Ou, é uma dinâmica comum em muitas *feras* ver mulheres carregando produtos na cabeça, seja para levá-los para suas barracas, transportá-los para lugares distantes da *fera* ou quando voltam para casa com os produtos que sobejaram. Carregar produtos em bacias na cabeça é uma técnica tradicional usada por mulheres em todo o território nacional da Guiné-Bissau. Nas áreas rurais do país, exemplo de Blandim, Aissatu, muitas mulheres utilizam essa técnica para transportar produtos como arroz, milho e castanhas de cajú das plantações para suas casas. Em outras palavras, elas caminham pelas ruas, mercados ou áreas movimentadas com bacias na cabeça para realizar esse transporte.

Imagem 44: Beira de estrada, *Bande*, entre mulheres e homens
Fonte: Miguel de Barros (2023).

Imagem 45-46: Mulheres a caminho de suas barracas
Fonte: Miguel de Barros (2022).

É importante destacar que os comerciantes ambulantes, em particular, os homens, carregam suas mercadorias na cabeça para diminuir o peso e equilibrar os produtos. Essa

técnica, utilizada tanto por *mindjeris* quanto por *homis* na *fera* de Bande, é eficaz para facilitar o transporte e manuseio das mercadorias.

Imagem 47-48: *Homis* em Bande
Fonte: Miguel de Barros (2022).

Mulheres que se dedicam à venda de pescados, legumes e verduras estabelecem conexões diretas com diversos setores de compra e consumo, tanto dentro quanto fora do mercado. Um exemplo claro dessa dinâmica é quando essas *fassiduirs di bida* fornecem produtos frescos ou ingredientes essenciais diretamente para barracas de comidas ou restaurantes locais improvisados. No exercício de um olhar treinado de pesquisadora e nativa, percebi no mercado um circuito de interdependência estabelecido entre as mulheres. Esse circuito não se limitava apenas a auxiliar nas vendas ou ajudar no transporte das mercadorias; ele também inclui aspectos como as mulheres guineenses e senegalesas que dirigem barracas de comidas, comprando produtos diretamente das mãos das *bideras* nas *feras*. Em outras palavras, observei como as cozinheiras adquirem alimentos dessas mulheres, construindo assim uma clientela fiel. Em outro movimento, por vezes, os jovens que dominam o comércio de produtos de terceira ou quarta necessidade compram *futi*

(comida típica preparada por mulheres fulas e mandingas) para serem consumidas em conjunto, ou até mesmo refeições como almoço. Eles pedem em um recipiente chamado de *tigela* localmente, para que possam comer juntos, reunindo quatro, cinco ou mais pessoas.

Imagem 49:*Futi*
Fonte: Peti Mama (2022).

É um movimento interessante de produtos originários de diversas regiões do país e arredores, que as mulheres buscam em *lumus* das regiões Norte, Sul e Leste, para vender. As famílias guineenses vêm fazer a *fera*, compram e levam para prepararem em casa individualmente, e também são comprados dentro dos mercados por cozinheiras nacionais (guineenses) estrangeiras (senegalesas), preparados nas proximidades e consumidos no local. Dificilmente não se encontram barracas abertas em *Bande* e *fera* de Bairro Militar,

exceto durante a pandemia, servindo pratos como Caldo de *Mancarra*[208]*, Tcheben, Siga, Caldo de Bagre, Tchep, Futi, Djambu,* são amplamente apreciados pelos nativos e turistas.

Imagem 50: Caldo de Mancarra
Fonte: Peti Mama (2022).

Imagem 51: Caldo de Bagre *fumado*
Fonte: Peti Mama (2022).

[208] Esses pratos geralmente são acompanhados por molhos e guisados saborosos, preparados com uma variedade de ingredientes locais frescos e aromáticos presentes em mesas de *bideras* diariamente nas *feras di* Bissau, como óleo, pimentões, cebolas, tomates, malaguetas, salsa, etc., e uma variedade de ervas e especiarias.

Imagem 52: Caldo de *Tcheben*
Fonte: Peti Mama (2022).

Imagem 53: Caldo di siti k badjiki
Fonte: Peti Mama (2022).

Imagem 54: *Siga*
Fonte: Peti Mama (2022).

Alguns dos pratos de comida típica fotografados são compostos por ingredientes originários das mesas de *Bideras*, Bande, Caracol, Bairro Militar ou Quelelé, sem exceção. Por exemplo, o caldo de mancarra tem sua base no amendoim. Os ingredientes incluem carne bovina, frango ou galinha, acompanhados de legumes como batata inglesa, batata doce ou mandioca, cebola, tomate, cenoura, repolho, pimentão, sal e suco de limão espremido, conforme o gosto. Da mesma forma, o caldo de bagre é preparado com a base do bagre defumado pelas mulheres *pepelis* ou *budjugus*. Durante o preparo, são adicionados cebola,

tomate, pimentão, malagueta, limão e uma pitada de azeite de oliva, sendo servido no final com arroz branco, *'conserva'* (pimenta-malagueta) e *badjiki*. Além de pratos típicos é possível encontrar uma variedade de petiscos e lanches oferecidos pelas mulheres mais jovens (*badjudas*), como pastéis recheados, amendoim torrado, *donetes* e sorvete,. Igualmente, outros ingredientes consumidos e oferecidos nas *feras* abrangem - inhame, banana-pão, mandioca; de proteínas, frutos do mar, carne de cabra ou carne de frango assado, que são preparados de maneiras diversas e deliciosas.

8.4 Desafios de saúde pública em Bissau: relatos de problemas no tratamento e gestão de resíduos em feras por *mindjeris bideras*

Ainda no exercício de um *olhar e escuta* atenta, levam-me, por exemplo, a revolta na narrativa das mulheres que trabalham em *Bande*, a princípio no depoimento de Mariama Balde que destaca uma preocupante realidade relacionada ao acúmulo de resíduos no mercado no pós-pandemia. Durante o esvaziamento noturno do local, torna-se evidente um cenário "assustador de lixo" (diz ela), o qual apresenta sérias implicações para a saúde dos frequentadores, especialmente para as *mindjeris* que passam longas horas em pé realizando suas atividades comerciais. Segundo o entendimento de *bideras-interlocutoras*, há uma exigência de autorização prévia e pagamento de taxas no mercado que serve para garantir que as atividades comerciais ou de exposição estejam em conformidade com as regulamentações do país, garantindo a segurança pública, o uso adequado do espaço e o cumprimento de quaisquer outras diretrizes relevantes. No entanto, as *fassiduris di bida* relatam que as autoridades não assumem suas responsabilidades em termos de possibilitar um ambiente de trabalho limpo. As mesmas se queixam de muitos resíduos espalhados nas *feras* e também da questão do saneamento básico, como águas paradas.

Durante minha conversa com Mariatu Djamanca, ela sugeriu que eu fotografasse suas mesas, e o local, para examinar as imagens com mais calma e tentar identificar os tipos de resíduos presentes na *fera*. Mariatu, sendo uma *bidera* experiente de pescados em sua barraca, estava familiarizada com escamas de peixes e tripas, mas outros materiais encontrados no local eram mais desafiadores de identificar. Ao fotografar, tornou-se evidente que o local, a *fera* de Bande, o centro comercial mais famoso e populoso de capital guineense, apresentava uma composição diversificada de resíduos. Entre os materiais presentes estavam papéis, vários tipos de plástico, madeiras, embalagens, objetos feitos de

diferentes materiais, restos de comida, vidros, cascas de frutas e outros itens variados. Em linha com as preocupações de Mariatu Djamanca em relação à saúde, foi possível observar, em particular, ao entardecer quando havia menos pessoas, a presença de diversos animais como ratos, baratas e moscas. De modo semelhante, era perceptível a irritação causada por picadas de mosquitos, evidenciando a presença de microrganismos que se alimentam desses materiais orgânicos. Em depoimento, as palavras de Mariatu foram as seguintes: “Saímos de um problema grande [referindo-se à pandemia], mas olha só isso, menina? Lixo! Nós/*bideras*, trabalhamos aqui com poucas condições(...)você entendeu. Este lugar é muito precário, há riscos à saúde pública e ao meio ambiente”. Visualize as imagens solicitadas pela minha interlocutora. Em seguida:

Imagem 55-6: acúmulo de resíduos
Fonte: Peti Mama (2022).

Ao observar a composição do lixo em *Bande*, que, por sua natureza comercial, abrange uma diversidade de materiais, era possível identificar a presença massiva de matéria orgânica, papéis, plásticos variados, madeiras, embalagens, objetos feitos de diferentes materiais, restos de alimentos, vidros, cascas de frutas, e diversos outros itens, ou seja, há uma complexidade de identificação precisa das origens de todos os resíduos. Além das preocupações expressas por Mariatu Djamanca em relação à saúde, minhas observações de

campo corroboram tais inquietações, especialmente durante o entardecer, quando o número de pessoas diminui. Nesse momento, torna-se mais visível a presença de diversos animais, como ratos, baratas e moscas, além da incômoda sensação de picadas de mosquitos. É uma realidade a presença de microorganismos que se alimentam dos resíduos presentes, agravando ainda mais o quadro de saúde e higiene no local, os relatos presentes no pós-pandemia, diz a Inacia Gomes,.

Salientando que, no final da noite, o destino dos resíduos, coletados de forma "indiscriminada" e despejados em rios e terrenos baldios, agrava ainda mais a situação. Já mostrava o trabalho de Mendes (2019: 34) a "necessidade de gerenciar os resíduos e a preocupação, sobretudo, com seu destino final adequado [...], uma vez que cada tipo de resíduo apresenta propriedades diferentes e efeitos característicos à saúde humana e ao ambiente natural, requerendo um tratamento específico". Pois, "tudo que posso imaginar de lixo, *i ta djunta nes kau*", disse minha interlocutora, Djamanca. Na Guiné-Bissau, conforme revelado por uma pesquisa realizada em 2022, a má organização do serviço de limpeza urbana e a falta de um sistema eficiente de gestão de resíduos - uma realidade que não se limita ao período pós-pandemia - resultam no depósito clandestino de resíduos. Entre os diferentes tipos de resíduos produzidos nas áreas urbanas da Guiné-Bissau, a maioria é composta por resíduos orgânicos, frequentemente descartados em locais a céu aberto, o que ocasiona o surgimento de odores desagradáveis para as pessoas (Falcão, 2022).

Zilda da Silva, relata que, mesmo com a continuidade dos cuidados, como a limpeza de mesas e barracas, além da utilização de produtos desinfetantes para lavagem das mãos em locais específicos, particularmente ao longo da estrada principal de *Bande*, a concentração persistente desses resíduos resultantes em impactos negativos à saúde. Esse fato se traduz em infecções respiratórias, irritações nasais e representa uma ameaça constante ao bem-estar geral (os(as) que estão, vivem a *fera* e os(as) que compram ou visitam. Em outros termos, a Zilda destaca a urgência de intensificar as políticas e práticas destinadas a mitigar os problemas relacionados aos resíduos, buscando aprimorar as condições de trabalho e a qualidade de vida no mercado. Em seu entendimento, a recente experiência global de uma pandemia ressalta a importância indispensável de medidas efetivas para preservar a saúde dos(as) bissau-guineenses em particular, e em geral, os resistentes no país.

Ao dialogar com as três interlocutoras de *Bande*, foi possível observar suas percepções em relação ao movimento e ao esvaziamento do mercado após o encerramento do expediente, aspecto que ecoava diretamente nas diretrizes políticas estabelecidas por autoridades nacionais. As impressões de Zilda e Mariama levaram-me uma perspectiva importante sobre a dinâmica do mercado e suas interconexões com as políticas governamentais locais, entre o político e político formal e público informal. Melhor dizendo, conforme mencionado por ambas as interlocutoras, o cenário pós-funcionamento do mercado de *Bande* assume contornos de relevância não somente *di fassiduris di bida*, mas também, responde o contexto das políticas nacionais em termos políticos e econômicos. A movimentação e, subsequentemente, o esvaziamento do mercado são reflexos tangíveis das medidas e estratégias delineadas pelas autoridades da Guiné-Bissau.

As mulheres evidenciam uma consciência perspicaz sobre a influência direta das políticas nacionais na dinâmica do mercado guineense, mesmo sendo parte do público informal. A compreensão do movimento de pessoas, a intensidade das transações comerciais e até mesmo a sensação pós-funcionamento revelavam-se como espelhos das decisões e ações governamentais, visto sobretudo antes e durante a pandemia ("como e que horas trabalhar e como trabalhar"). A Zilda dá um exemplo:

> *"Postus di luz kata tarbadja dinoite. Es dja so i um problema pa nos, alguin ta medi di furtado nes kau, u ten nan k bai kasa cedo.*
>
> *Tradução*
>
> As deficiências nos postes de luz durante a noite, os quais não estão operando completamente, é uma problemática que amplifica os sentimentos de insegurança e o temor de assaltos".

Dessa forma, as políticas não são percebidas exclusivamente como diretrizes distantes, mas como forças ativas moldando a experiência diária das pessoas, *homis i mindjeris* que 'são parte' do mercado de *Bande* e outros mercados para sustento e comércio, que dependem além de espaços de comércio, dos meios de transporte público como recursos para levar suas mercadorias. Nesse contexto, a infraestrutura, a segurança, a economia e, notadamente, as condições de trabalho das mulheres é parte do estar, pertencer e fazer *fera* cotidianamente em *Bande, Caracol, Bairro Militar e Quelele*.

Imagem 56 e 57: *Fera Bande* às 19h
Fonte: Peti Mama (2022)

A dinâmica do esvaziamento do mercado à noite revela uma transição de repouso entre a movimentada exposição diurna e a quietude noturna, onde as mesas, outrora cheias de produtos de manhã, repousam vazias, mas mantêm uma presença imponente de *fera*. Com o amanhecer, neste pós-pandemia, um novo capítulo se desdobra quando as *mindjeris k ta fassi bida*, com uma dedicação palpável, chegam cedo para dar vida ao mercado mais uma vez; com maestria, varrem o chão e recolhem os lixos, depositando-os na beira da

estrada. Posteriormente, organizam meticulosamente os espaços, as mesas e barracas, colocando cuidadosamente as mercadorias e logo mais, prontos para encantar e atrair os(as) clientes. Uma dinâmica entre o vazio noturno e a renovação matinal, em mercados de Bissau, marcam e retomam a vida pulsante no pós-pandemia, a habilidade das *mindjeris* em transformar espaços aparentemente estáticos em exibições vivas de criatividade e comércio.

Considerações finais

Caminhos de gênero nas *feras* de Bissau

Na cidade de Bissau, as atividades de compra e venda são habitualmente partilhadas de maneira equilibrada. Há pessoas de todos os gêneros envolvidas em diversos setores de venda, ou seja, em variados aspectos da indústria alimentícia e de vendas. As primeiras divisões visíveis na pesquisa etnográfica referem-se à forma como homens e mulheres ocupam diferentes setores e horários. Os homens dominam a venda de produtos considerados nacionalmente como itens de terceira e quarta necessidade, tais como eletrodomésticos, aparelhos eletrônicos (como smartphones, computadores pessoais e televisões), roupas masculinas e femininas, calçados e materiais escolares (cadernos e papel; lápis, canetas e borrachas; livros didáticos e material de leitura; mochilas e bolsas; estojos; calculadoras, réguas, compassos, etc.). Os supracitados estão presentes na venda de bens duradouros e outros produtos, mas agora também são visíveis nas vendas de produtos de consumo de segunda necessidade, como itens de higiene pessoal ou produtos de limpeza doméstica. De maneira igual, eles dominam a venda de proteínas (carnes bovinas e frangos congelados).

Por outro lado, as mulheres se concentram na venda de produtos de necessidade primária, como leguminosas e verduras frescas, tal como proteínas, principalmente peixes. Elas compram e vendem alimentos indispensáveis em qualquer preparo da gastronomia guineense, produtos provenientes da agricultura local (*kussasinhus*). São responsáveis por viajar para sub-regiões em busca dessas mercadorias para abastecer os mercados. Vale ressaltar que são as primeiras a chegar nas *feras*, contribuindo para o seu abastecimento durante as primeiras horas do dia, e geralmente, a grande maioria sai no horário de almoço, por volta das 12h. Durante a parte da noite, a dinâmica das *feras* muda, especialmente em *Bande*, onde observa-se mais jovens homens assumindo o comando das vendas de calçados e roupas semi-usadas. As mulheres jovens, por outro lado, tendem a ser mais frequentadoras e freguesas nesse período nas *feras*.

Sublinhar isso neste trabalho, retrata o reflexo da complexa dinâmica de gênero e a diversidade de papéis desempenhados por ambos os grupos na economia local de Bissau. Como resultado, as pesquisas que se concentram nas atividades relacionadas aos produtos de primeira e segunda necessidade, dominadas pelas *mindjeris* nas *feras*, como esta tese, muitas vezes não captam de forma detalhada a presença e as atividades dos homens no

mercado. Em consequência, leva-nos à sub-representação das atividades masculinas e à falta de uma compreensão completa da dinâmica de gênero nas *feras* na Guiné-Bissau. Portanto, cumpre-me deixar registrado que os homens são parte importante das *feras* de Bissau, mas eles não recebem os mesmos rótulos de auto-identificação, como "*fassiduris de bida, bideira ou bindiduris*", que socialmente as mulheres de *feras* são chamadas. Ao conversar com as mulheres parte da pesquisa nas *feras*, percebemos que elas não se resumem em produtoras, coletoras e vendedoras de seus próprios produtos, também adquirem alguns produtos diretamente de agricultores familiares para venda ou consumo próprio. Essa compreensão, a partir de conversas com as *mindjeris*, ser uma "*bidera*" ou ter carreira de "*fassidur di bida*", em Bissau, vai além de estar presente nas *feras* todos os dias. "*Bidera*" representa a última fase desta mulher, o estar presente e viver o mercado. Embora, o viver e estar presente na *fera* seja uma parte importante de suas atividades, percebi que o trabalho de cada *mindjer* envolvia uma série de funções e responsabilidades que são relevantes para o funcionamento eficiente do sistema econômico, social, cultural e político informal.

Compreendendo a dimensão estrutural familiar e social de mulheres *bideras ou fassiduris di bida* no campo sociopolítico e cultural do país, e registrando, nesta tese, suas contribuições para a garantia de segurança alimentar ao atuarem diretamente na economia informal na categoria de *bindiduris*, levam-me a relevância desse tema para pesquisa em Antropologia contemporânea na Guiné-Bissau. Importante considerar ainda, que, durante a pandemia do Coronavírus, ressaltou-me ainda mais a necessidade político-científica de narrar, descrever, contextualizar e problematizar as condições enfrentadas por essas sujeitas em situação de vulnerabilidade. Primeiro, elas estão entre as que conectam produtores e consumidores, transportando produtos de um local para outro. Em segundo lugar, organizam a distribuição de mercadorias, garantindo que os produtos cheguem aos locais onde há demanda por eles. Por último, elas dominam as barracas de vendas, assumindo nomes de *"bideras ou bindiduris"*. Significa que, acima de tudo, estão envolvidas no armazenamento, gerenciamento e (re)venda de produtos.

Portanto, a função social desta mulher na Guiné-Bissau é mais abrangente do que simplesmente participar das *feras* diariamente. Elas são parte da dinâmica socioeconômica do país, promovendo o comércio e garantindo que produtos frescos e diversos estejam disponíveis para o consumo da população. Esse papel é mais próximo do conceito de

"*sumiaduris* i *bindiduris peri-urbanas*[209]", que envolve mulheres participantes em uma zona interdependente entre o meio rural e o meio urbano. Essas mulheres são, na verdade, produtoras locais ou agricultoras de pequena escala, o que descreve muito bem a natureza do seu trabalho. Elas fazem parte de um setor que engloba a produção, colheita e venda de seus próprios produtos nas *feras*, além de comprá-los diretamente de agricultores familiares ou em viagens feitas nas sub-regiões. Assim, a essência da tese reside numa perspectiva abrangente, que vai além do rótulo de "*bidera*", para enquadrar essas mulheres como estruturas sociais de importância fundamental para a Guiné-Bissau. Elas não são meramente atuantes nas *feras* de Bissau ou em outros locais; são agentes de mudança que desempenham papéis diversos, envolvendo-se no plantio, na colheita e na venda de produtos [*o fazer, o colher e o vender]*. Entre geografias da Guiné-Bissau e em regiões vizinhas, como Senegal, Mali e Gâmbia, essas *mindjeris* antes da pandemia se movimentam nas atividades comerciais e também exercem funções nas esferas políticas e sociais, reconhecidas socialmente no campo informal, *feras demarcadas*. Estão conectadas em contextos comunitários/locais, nacionais e internacionais, sendo fundamentais para a dinâmica social e o tecido cultural diverso do país.

Por exemplo, muitas mulheres senegalesas, malianas e gambianas optam por estabelecer as suas carreiras em Bissau ou noutras áreas da Guiné-Bissau. Essa migração transnacional demonstra outro viés das *mindjeris* como agentes ativos, e nos leva também às discussões do intercâmbio transfronteiriço como um enriquecedor das relações comerciais e culturais entre os países. À vista, foi essencial considerar que essas mulheres não atuam de forma isolada, mas como parte de um coletivo e de núcleos familiares ou redes de solidariedade. Quando vemos uma mulher na *fera* comercializando itens essenciais, devemos lembrar que por trás dela, existem pessoas (filhos, sobrinhos, parceiros, irmãos, primos) que trabalham em casa, sendo responsáveis pela produção ou transporte dos produtos para o local de venda. Elas são totalmente integradas em complexos de redes urbanas, rurais e transfronteiriças, ancoradas na família ou em redes de amizades. Ampliar nossa compreensão sobre o papel dessas *mindjeris* significa agrafar a riqueza e a diversidade de suas contribuições para a sociedade bissau-guineense, algo que enriquece nosso

[209] "Sumiaduris i *bindiduris* peri-urbanas" é uma categoria que surgiu durante a pesquisa de campo, originada de uma conversa com as mulheres Mancanhas que atuam no ramo de venda de verduras na *fera* de Caracol.

conhecimento das dinâmicas regionais, ademais, embasa políticas mais dinâmicas para a Guiné-Bissau em um contexto de predominância feminina no campo socioeconômico.

As interlocutoras compreendem que, no contexto da classe trabalhadora urbana e rural no país, o ato de estar nas *feras*, participar, vender e socializar engloba suas atividades laborais e desempenha um papel determinante no constante movimento de mercadorias entre diferentes localidades. Desgraçadamente, isso foi impossível de ser vivenciado de maneira digna durante a pandemia. No entanto, as *feras* eram [são] parte essencial das suas formas de ver e organizar a vida, afinal, como diz a Dehe:

anos i di fera e fera i di nos. [nós somos da fera e a fera é nossa]

Ao dizer que são da *fera*, compreende-se, além das atividades de vendas, uma ocupação, aliás, uma parte essencial de suas identidades femininas presente no campo laboral. Elas se veem completamente ligadas às *feras*, pois é lá que exercem suas atividades, interagem com fregueses, colaboram com outros vendedores e participam da dinâmica social mais ampla da cidade de Bissau, regiões e/ou setores. Da mesma forma, a expressão "*feras* são parte de nós, ou, *fera* é nossa" demonstra a existência destes espaços nacionalmente conhecidos como *feras* no país, serem mais do que simples locais de comércio ou troca. Elas representam um espaço culturalmente enraizado, onde essas *mindjeris i homis* detêm experiências, conhecimentos e tradições não só da Guiné-Bissau. Em *Bande, caracol, Bairro Militar e Quelelé*, são, acima de tudo, cenários onde as histórias são contadas, onde as moradoras de *tabancas* (zona rural), comunidade, bairros se reúnem e onde as relações interpessoais se afirmam e se fortalecem[210]. Sobretudo, é onde questões públicas formais são discutidas e as denúncias sobre os (des)governos ocorrem.

Portanto, cumpre-me lembrar que, durante a pandemia, devido à proibição das viagens que conectam áreas *periurbanas* e transfronteiriças, as mulheres enfrentaram os desafios de reestruturar suas atuações na carreira *di fassi bida*. Algumas delas, como Dehe e Aida nos primeiros meses de 2021, optaram por colocar mesas do lado de fora de suas residências, expondo os itens à venda para que os vizinhos pudessem comprar. Segundo Aida, essas são estratégias como parte da prevenção do vírus:

Meus produtos estragaram muito durante a pandemia,

[210] Lugares ou espaços onde a cidade de Bissau "pulsa" diariamente, realmente representa *Bande*, por exemplo.

devido às medidas do governo. Lembra disso?
Você não estava aqui!
Os policiais foram complicados.
Mas consegui organizar e vender um pouco em casa"
(Aida Sá, 2022, Bissau).

As mulheres que vendem em casa estabelecem dias e horários de descanso previsíveis, contribuindo para o equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal. A partilha de responsabilidades também se mantém quando utilizam barracas improvisadas em suas casas, permitindo que a carga de trabalho seja distribuída de maneira flexível dentro da família, promovendo a colaboração e o apoio mútuo. Algo comum entre as *fassiduris di bida*, tanto aquelas que permaneceram indo aos mercados quanto aquelas que restabeleceram suas atividades com barracas improvisadas em casa durante a pandemia, é que todas, sem exceção, narraram os desafios e impactos da COVID-19 no país, destacando-se: a alta inflação e escassez de produtos essenciais durante o distanciamento social, o aumento de violências policiais nas *feras.* Por outras palavras, o cenário fragilizado pelos efeitos da COVID-19, sem políticas públicas direcionadas ao mundo do trabalho feminino, ampliou o contexto de desigualdade no país, como foi destacado no capítulo cinco. Em que, a responsabilidade e sobrecarga do trabalho doméstico e dos cuidados com pacientes, crianças e idosos recaiam sobre as *mindjeris*, sem mencionar a falta de proteção, a violência doméstica e policial ter aumentado durante a quarentena.

De acordo com as narrativas de mulheres sobre as questões sociais e econômicas, a pandemia da COVID-19 impactou fortemente a dinâmica operacional nos setores de comércio e negócios, liderado por elas em Bissau e na Guiné-Bissau. Em síntese, o cenário de 2020 a 2022 que as famílias guineenses enfrentaram foi desencadeado pelas medidas de quarentena, distanciamento social e limitação das diversas atividades econômicas por tempo indeterminado, afetando diretamente as trabalhadoras autônomas, cujo fluxo de negócios sofreu uma redução superior a 60%. Assim, foi unânime nas *feras* no pós-pandemia, constantemente, as interlocutoras diziam-me: "Você nunca encontrará produtos pelo valor X, isso simplesmente não está disponível em nenhuma *fera*". Logo em seguida, a partir desse ponto de vista, este trabalho apresentou as reflexões, experiências e práticas sociais de indivíduos durante o antes, durante o enfrentamento da COVID-19 e no pós-pandemia na

República da Guiné-Bissau, considerando as medidas adotadas pelo governo diante da realidade econômica informal dominada pelas *mindjeris*, sobretudo nas *feras*.

Ou melhor, os mercados e *feras* livres, comunitários ao céu aberto são espaços nos quais, por necessidades históricas e socioeconômicas guineenses, grupos de pessoas constroem suas carreiras, trocam experiências e alteram a organização espacial urbana, criando o que representa atualmente cenários políticos, econômicas e socioculturais no país. Dizer ainda que, na tessitura do tecido socioeconômico da Guiné-Bissau, as *feras* de Bissau, em especial, as de Bande e Caracol, emergem como epicentros indispensáveis de uma economia diária, onde as transações comerciais se entrelaçam com os fios da subsistência e identidade na chamada "economia de vida". O fazer vida de *bideras* nas *feras* vai além de uma mera atividade laboral; é a espinha dorsal da existência, uma economia de vida que garante alimentação, saúde, moradia, proteção e educação dos filhos, e também fortalece as afirmações e presença identitárias, políticas femininas nos espaços públicos não formalizados pelo estado. Sem perder de vista que, essa economia de vida está diretamente ligada às tradições, à cultura religiosa e étnica, que permeiam as práticas comerciais e as relações interpessoais. A barraca de Dehe Nhaga, de Inacia Gomes e de outras *bideras*, é um microcosmo de identidade, onde as pessoas se reconhecem como consumidores(as) e vendedores(as) e também como parte de uma teia de laços econômicos, sociais e políticos.

Noutras palavras, por trás da aparente simplicidade dos produtos expostos nas barracas - como tomate, pimentão, quiabo, malagueta, alface, repolho, entre outros - existe uma complexa rede de relações econômicas, muitas vezes invisível aos olhos desatentos: "Lutamos para além de garantir o próprio sustento; sou responsável por sustentar toda a minha família", afirma Dehe Nhaga, destacando os desafios diários enfrentados. Desafios esses: flutuações nos preços dos produtos, viagens tanto dentro como fora do país, pagamento de taxas, questões relacionadas aos resíduos e dificuldades com o transporte público. Portanto, referir-se a esse fenômeno como *economia de vida ou trabalho de vida* vai além de uma simples descrição nesta tese; é, principalmente, um reconhecimento da interconexão entre o trabalho feminino em redes, a dominação nas vendas cotidianas, e a responsabilidade financeira advinda das *minjderis bideras* em um país como Guiné-Bissau, onde as políticas sociais para pessoas em situações de vulnerabilidade são escassas.

REFERÊNCIAS

Documentos

Entrevista realizada em 10 de maio de 2020 com Carina Salgado Gomes, coordenadora do movimento Mulheres em Ação em Bissau.

Entrevista realizada em 13 de maio de 2020 com Lucinda Barbosa Ahukarie na Televisão da Guiné-Bissau - TGB.

Entrevista realizada em 19 de junho de 2021 com Djana Seide e Aua Balde, ambas de *Bideras* do Bairro Militar em Bissau, conduzida virtualmente por mim e presencialmente por Joselina Mendes.

Entrevista realizada em 20 de maio de 2020 com Inacia Gomes, *Bideras* de peixe, Porto de Bissau.

Entrevista realizada em 23 de junho de 2021 com Paulette Pereira, curandeira guineense que reside em Ziguinchor, Senegal.

Entrevista realizada em 15 de março de 2022 com Mariama Djau, *bidera* de tecidos africanos, *Fera* de Bandé.

Entrevista realizada em 19 de abril de 2022 com Mariatu Djamanca, *bidera* de peixe, *Fera* de Bandé.

Entrevista realizada em 20 de novembro de 2022 com Dehe Nhanga, *bidera* de *carbon*, *Fera* de Quelele.

Gomes, Peti Mama. Caderno de campo escrito entre setembro e novembro de 2018 em Canchungo e Bissau, Guiné-Bissau.

_____. Escrito entre março de 2020 a fevereiro de 2022 em Belém, Pará, Brasil.

_____. Caderno de campo escrito entre outubro e dezembro de 2022 em Bissau, Guiné-Bissau.

Bibliografia citada

Abrantes, Manuel e Topsoe-Jensen Bente. 1987. Avaliação do Impacto de Algumas Actividades Realizadas pelas Mulheres. Bula. Programa de Desenvolvimento Rural Integrado da Zona I. Gabinete de Planeamento e Avaliação da República da Guiné-Bissau.

Abrantes, Carla Susana Alem. 2022. Os futuros portugueses: um estudo antropológico sobre a formação de especialistas coloniais para Angola (1950-1960). Rio de Janeiro: Mórula, 324 p.

_____. Repertórios do conhecimento em disputa: trabalhadores indígenas e agricultores no colonialismo português em Angola, 1950. Anuário Antropológico, Brasília, p. 195-218, 2014.

Achutti, Luiz Eduardo Robinson. 1997. Fotoetnografia: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre, Tomo.

_____. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. 2004. Porto Alegre: UFRGS/Tomo.

Adichie, Chimamanda. 2009. *O perigo de uma única história,* in Conferência TED Global proferida em Oxford – Reino Unido. Disponível em <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/> Acesso em 10 agos. 2017.

African Union. 2020. Impact of the Coronavirus (Covid 19) on the African Economy. Disponível em: https://www.tralac.org/documents/resources/covid-19/3218-impact-of-the-coronavirus-covid-19-on-the-african-economy-african-union-report-april-2020/file.html acesso em 16/6/2020.

Aguiar, Renato; Monteiro, Hugo; Duarte, Aquino. (coord.). 2001. Bandim: subsídio para uma política de apoio ao pequeno negócio. Bissau, INEP.

Almeida, Bethania de Araujo; Doneda, Danilo; Ichihara, Maria Yury; Barral-Netto, Manoel; Matta, Gustavo Correa; Rabello, Elaine Teixeira; Gouveia, Fabio Castro e Barreto, Mauricio. 2020. Preservação da privacidade no enfrentamento da COVID-19: Dados pessoais e a pandemia global. Cien Saude Colet. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/preservacao-da-privacidade-no-enfrentamento-da-covid19-dados-pessoais-e-a-pandemia- global/17570>. Acesso em: 03 mai. 2020.

Alvesson, Magnus e Zejan, Mario. 1991. Guiné-Bissau: o impacto do Programa de Ajustamento Estrutural sobre o bem-estar dos pequenos proprietários rurais. Soronda-Revista de Estudos Guineenses. N.11, Bissau, Janeiro, pp.81-104.

Amador de Deus, Zélia. 2019. Ananse tecendo teias na diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse / Zélia Amador de Deus. – Belém: Secult/PA.

Amaral, Adriana. 2009. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, v. 11, n. 1, pp. 14-24, jan/abr.
Amaral, Adriana; Natal, Geórgia; Viana, Lucina. 2008. Netnografia como aporte metodológico na pesquisa em comunicação digital. Porto Alegre: Revista FAMECOS, n. 20, dez.

Amaral, Ilídio Do. 2005. Importância do sector informal da economia urbana em países da áfrica subsariana. Finisterra, XL, 79, pp. 53-72.

Andrade, Ana Maria Neta Baptista dos Santos de. 2011. (Re) Qualificação de um Bairro Periférico de uma Cidade Africana em Crescimento Urbano Acelerado. O Caso do Bairro Militar em Bissau. Dissertação de Mestrado (estudos urbanos em regiões mediterrânicas reabilitação da arquitectura e de núcleos urbanos), Lisboa.

Bessa, Marcelle. 2020. Impactos da covid-19: a saúde e a "saúde" do continente africano. Boletim de Economia e Política Internacional, BEPI, n. 27.

Bialoborska, Magdalena, 2013. Processos de organização na economia informal em Cabo Verde: estudo de caso sobre a Associação de Artesãos de Mindelo CAMIN, Dissertação de Mestrado em Estudos Africanos, Lisboa: ISCTE-IUL.

Bagno, Marcos.2017. Preconceito linguístico o que é, como se faz. 48a e 49a edição: LOYOLA, São Paulo, Brasil.

Bamisile, Sunday Adetunji. 2012. Questões de gênero e da escrita feminina na literatura africana contemporânea e da diáspora africana. Lisboa, p.01-519.

Barbosa, A. F. 2011. O conceito de Trabalho Informal, sua evolução histórica e o potencial analítico atual: para não jogar a criança fora junto com a água do banho. In: OLIVEIRA, R.V.; GOMES, D.; TARGINO, I. (Org.). Marchas e contramarchas da informalidade do trabalho. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. p. 105-159.

Barbosa, Muryatan Santana. 2012. A África por ela mesma: a perspectiva africana na "História Geral da África" (UNESCO). Tese (doutorado em história) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. 2008. Eurocentrismo, história e história da África. Sankofa - Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, n. 1, p. 46-63, jun.

Barros, Miguel de e Semedo, Maria Odete. 2013. A Participação das Mulheres na Política e na Tomada de Decisão na Guiné-Bissau: da consciência, perceção à prática política. UNIOGBIS, Bissau.

Bbc News. 2014. Pior epidemia de ebola da história começou com a morte de um menino. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141201_ebola_primeiro_paciente_epidemia_rb>. Acesso em: 15 abr. 2017.

Bellucci, Beluce. 2010. O estado na áfrica. Revista tempo do mundo | rtm | v. 2 | n. 3 | dez.

Beltrão, Jane Felipe. 2004. Resgatando Identidades na Belém de Outrora. *In:* Cólera, o flagelo do Grão-Pará. Belém: EdUFPA / MPEG, pp. 211-312.

_____. 2007. Memórias da cólera no Pará (1855 e 1991): tragédias se repetem? História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.145-167, dez.

_____.2020. Medo, temor e pânico como efeitos sociais da pandemia. In: Boletim da SBHC. N o. 24. Disponível em: https://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1089. Acesso em 13 set.2020.

_____.2020. Abraços, beijinhos e carinhos sem ter fim, em tempos de COVID-19 In: Beira do Rio. Belém-Pará-Brasil, p. 1 - 3, 31 mar. 2020. Disponível em: https://www.beiradorio.ufpa.br/index.php/covid/410-especial. Acesso em 13 jul.2020.

Beserra, Eduardo de Lima. 2021. Representações discursivas de emissor e tipos de argumentos em cartas de amor do sertão do pajeú-pe. Entheoria: Cadernos De Letras E Humanas ISSN 2446-6115, 8(1), 135–148. Disponível em: https://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/4161. Acesso em 24/07/2022.

Bessa, Marcelle. 2020. Impactos da covid-19: a saúde e a "saúde" do continente africano. Boletim de Economia e Política Internacional, BEPI, n. 27.

Bhabha, Homi K. 1998. O local da cultura. Trad: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Biague, Goia Alfredo. 2019. Da invisibilidade à representatividade: breve discussão sobre a mulher na esfera pública de Guiné-Bissau. IX Jornada Internacional de Políticas Públicas, UFMA.

Bidima, Jean-Godefroy. 2002. De la traversée: raconter des expériences, partager le sens. Rue Descartes, 2, n.36, p. 7-17. Tradução para uso didático por Gabriel Silveira de Andrade Antunes.

Bolonha, Ludmila Melo da Costa. 2013. O papel das mulheres no combate à insegurança alimentar: um estudo de caso na sociedade Felupe da Guiné-Bissau. Dissertação de mestrado apresentado no ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa no Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas. Março.

Borges, Manuela. 2010. Associativismo Feminino no Atlântico. In Havik, Saraiva, Tavim (Org.) Caminhos Cruzados em História e Antropologia. Ensaios em Homenagem a Jill Dias, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp.291-308.

_____. 2001. Estratégias femininas entre as bideiras de Bissau. Cidades, comércio, associações e desenvolvimento". Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

_____.2005. As mulheres em África: dinâmicas informais de socialização, educação, reprodução e inovação cultural. Universidade Nova de Lisboa: Revista Educação em Questão, v. 22, n. 8, p. 7-33, jan. /abr.

Böschemeier, Ana Gretel Echazú e Breno da Silva Carvalho, Raquel Assunção Oliveira (orgs.) 2022. Boas Práticas de Enfrentamento à Covid-19 nos Territórios do RN: [recurso eletrônico]: costurando saúde, cuidados e cidadania. – Mossoró, RN: Edições UERN.158p.

Echazú Böschemeier, Ana Gretel; Carvalho, Breno da Silva e Santos, Luan Gomes. 2021. Boas práticas frente às vacinas: olhares bioéticos. Rev. Redbioética/UNESCO, Año 12, 2 (24): 12 - 12 julio - diciembre.

Echazú Böschemeier, Ana Gretel; Carvalho, Breno da Silva e Santos, Luan Gomes. 2021. Boas práticas frente às vacinas: olhares bioéticos. Rev. Redbioética/UNESCO, Año 12, 2 (24): 12 - 12 julio - diciembre.

Echazú Böschemeier. Ana Gretel. et al(Orgs). 2022. Pontes e Ruas de Pluralidade Epistêmica: relatos, etnografias e traduções no enfrentamento à covid-19 com comunidades e movimentos sociais" [recurso eletrônico]. Mossoró, RN: Edições UERN: Áporo Editorial.

Braga, Ariana. 2007. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. Anais do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR.

Cabral, Amílcar. 1999. Nacionalismo y Cultura. Editora: Bellaterra.

Caetano, Leodinilde Pinto; Oliveira Renata Lima; Tamba, Tino; Gomes, Peti Mama; Vaz, Farã; Monteiro. Ivanilson; Malomalo, Bas'Ilele. 2020. A COVID-19 EM GUINÉ-BISSAU: conjuntura econômica, social e política do país e a garantia dos direitos sociais. Revista Eletrônica de Educação, Filosofia e Nutrição, v. 12, n 16, p.412-147. https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/a_covid-19_em_guine-bissau_conjuntura_economica.pdf Acesso em: 10 set. 2020.

Camará, Samba Tenem. 2010. Lumo – Estatuto, funcionamento e organização dos Mercados Periódicos na Guiné-Bissau – estudo de caso no lumo de Mafanco. Dissertação de Mestre em Estudos Africanos: Análise e Gestão do Desenvolvimento Social e Económico, ISCTE-IUL, maio
Camoleze, Edino. 2020. Disponível em:<https://www.qualittas.com.br/blog/index.php/as-principais-pandemias-de-gripe-dos-ultimos-seculos/>. Acesso em: 10 de maio. 2020.

Camoleze, Edino. As principais pandemias de gripe dos últimos séculos. Faculdade Qualitas, Sociedade Nacional de Agricultura. Disponível em:<https://www.qualittas.com.br/blog/index.php/as-principais-pandemias-de-gripe-dos-ultimos-seculos/>. Acesso em: 10 de maio. 2020.

Candé Monteiro, Artemisa Odila. 2017. Guiné-Bissau: da luta armada à construção do Estado nacional- conexões entre o discurso de unidade nacional e diversidade étnica (1959-1994). 2013. 286 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: http://www.ppgcs.ufba.br/site/db/trabalhos/13102014095742.pdf. Acesso em: 21 nov. 2019.

Caomique, Policarpo Gomes. 2020. Virtudes Satanizadas: Epistemologias Africanas e Outros Olhares. 1 ed. São Paulo, Fontenele Publicações.

Cardoso, Carlos. 1995. A transição Democrática na Guiné-Bissau: Um Parto Difícil. Paris: Editions Karthala. Disponível em: www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/ cardoso.rtf. Acesso em: 20.12.2018.

_____. 2008. Sociedade civil, espaço público e gestão de conflitos: o caso da Guiné-Bissau. CODESRIA. Yaoundé, Cameroun.

Cardoso, Carlos; Ribeiro, Rui. 1987. Considerações Sobre as Estruturas Socioeconômicas das Sociedades Agrárias e a sua Evolução Histórica: um estudo de caso. INEP.

Carvalho, Clara. 2003. De Paris a Jeta, de Jeta a Paris. Percursos migratórios e ritos terapêuticos entre França e Guiné-Bissau. In: SORONDA, Revista de Estudos Guineenses.
Carvalho, Ricardo Ossagô de. 2010. Que Democracia? O Processo de Transição Política Guineense e a Atuação das Forças Armadas na Condução da Política Nacional (1994- 2009). Teresina – PI, Universidade Federal do Piauí.

Charmes, Jacques. 1987. Contribution du secteur informei à l'emploi et à Ia produciton au Niger: essais d'estimation et perspectives. Niamey: Ministère du Plan/ Direction de Ia Statistique et d'informatique, p. 12.

_____. 1997. O setor informal na África: um crescimento que não significa marginalização. Ensaios FEE, Porto Alegre, v.18 n.2, p. 64-99.

Clifford, James. 1990. Sobre a autoridade etnográfica. In: A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. 320p. Companhia das Letras.

Cruzmerino, Paul Mvengou. 2021. A “resistência anormal” da África frente ao vírus da Covid-19. Esboço para uma análise de uma colonialidade do poder sobre a vida na África. Revista X, v. 16, n. 1, p. 206-223.

Cunha Junior, Henrique. 2015. Bandim Mindara. A encruzilhada do urbano na Africanidade de Bissau, capital da Guiné Bissau, September, Conference: Artefatos da Cultura Negra no Ceará. Juazeiro do Norte. Disponivel em https://www.researchgate.net/publication/320193262_Bandim_Mindara_A_encruzilhada_do_urbana_na_Africanidade_de_Bissau_capital_da_Guine_Bissau.Acesso em: 02.abr.2020.

Das, Veena. 1995. Critical events: An anthropological perspective on contemporary India. Delhi: Oxford University Press.

_____. 2010. Listening to Voices. An interview with Veena Das. (interview by DiFruscia, Kim Turcot). Alterités, vol. 7, nş 1, pp.136-145.

Domingues, Maria Manuela Abreu Borges. 2000. Estratégias femininas entre as bideiras de Bissau. 2000. 529 f. Tese (Doutorado) - Antropologia Cultural e Social, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Danfá, Lassana; Renata Aléssio, Lira dos Santos; Torres, Ana Raquel Rosas. 2017. Ebola Na Folha De São Paulo (1976-2015): Invisibilidade e desvalorização cultural da África. Athenea Digital, 21(1), e 2342. Disponível em: https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2342 Acesso em 11 de fevereiro de 2020. p. 42-51.

Dias, Wilson. Mulher NAPPs. 2020. Trabalho e violência doméstica em tempo de coronavírus entrevista concedida ao núcleo de Acompanhamento de Políticas Públicas para Mulheres Disponível em: http://abet-trabalho.org.br/trabalho-e-violencia-domestica-em-tempo-de-coronavirus/. Acesso em 6 de abr. de 2020.

Deslandes, Suely; Coutinho, Tiago. 2020. Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de COVID-19: notas teórico-metodológicas. Cadernos de Saúde Pública, v.36, n.11, p. 1-11.
Doumbia, Fatima. 2012. O conceito de desenvolvimento atual na África ou o paradoxo de um conceito subdesenvolvido. Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 117–129. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8743. Acesso em: 10 ago. 2020.

Duarte, Aquino e Aristides Gomes. 1996. “O Sector Informal”, in: O Programa de Ajustamento Estrutural na Guiné-Bissau. Análise dos efeitos Sócio-Económicos, Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, pp. 97-115.

Djonú, Patrícia. 2017. Saneamento básico inadequado e saúde da população: caso Bairro de Mindará, Cidade de Bissau, Guiné-Bissau. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza.

Ebola: Informe técnico e orientações para as ações de vigilância e serviços de saúde de referência. 2014. N 24, Recife, ago. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/component/content/article?id=14228>. Acesso em: 28 mar. 2020.

Embaló, Filomena. 1993. Os desafios do Programa de Ajustamento Estrutural”. Soronda-Revista de Estudos Guineenses. N.16, Bissau, Julho, pp.51-72.

Esteves, Francisco Patrício. 2017. África e as interpretações sobre o seu subdesenvolvimento”. Revista de Humanidades e Letras. ISSN: 2359-2354. Vol. 3. nº. 2

Estrela, Fernanda Matheus; Soares, Caroline Fernandes Soares e; Cruz, Moniky Araújo da; Silva, Andrey Ferreira da; Santos, Jemima Raquel Lopes; Moreira, Tânia Maria de Oliveira; Lima, Adriana Braitt e Silva, Márcia Gomes. 2020. Pandemia da covid 19: Refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. Ciência coletiva 25 (9), Set. 2020.

Falcão, Cristina Lopes. 2022. Problemática dos Resíduos Sólidos Urbanos na Guiné-Bissau. Dissertação apresentada à Escola Superior Agrária de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em Tecnologia Ambiental, Bragança.

Fanon, Frantz. 2002. Os condenados da Terra. Tradução: Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. 3ª reimpressão. Editora UFJF.

Feliciano, José Fialho. 2004. O impacto da economia informal na redução da exclusão e da pobreza nos PALOP e suas interações com a proteção social. Proposta de Estudo (Não publicado). Lisboa: Centro de Estudos Africanos do Instituto Superior de Ciência do Trabalho e da Empresa, agosto.

Felwne, Sarr. 2019. Afrotopia. São Paulo: n-1 edição.

Figueiredo, Angela; Gomes, Patrícia Godinho. Para além dos feminismos: uma experiência comparada entre Guiné-Bissau e Brasil. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 909-927, 2016. Disponível em: http://dx.doi.org/.1590/1806-9584-2016v24n3p909. Acesso em: 2 abr. 2019.

Fioravanti, Carlos. 2020. Isolamento social reduz taxa de transmissão do coronavírus na Grande São Paulo. Pesquisa FAPESP. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2020/04/08/isolamento-social-reduz-taxa-de- Acesso em: 27 abr. 2020.

Fonseca, Claudia. 2008. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. Juiz de Fora V.2/N.1 e 2 Jan/dez.

Fragoso, Suely; Recuero, Raquel; Amaral, Adriana. 2016. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 239 p. 4º reimpressão.

França, Isadora L. et al. Desafios da pesquisa científica em tempos de isolamento social. Live, 18 jun. 2020. Debate promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Unicamp, dia 18 de junho, às 17 horas nos canais do IFCH Unicamp no Youtube e Facebook. Recomendada especialmente a intervenção da Profa. Isadora L. França, Disponível em https://youtu.be/KJSsrYbshQ4.

Garcia, Ana Saggioro; Assis, Caroline Chagas de; Ribeiro, Renata Albuquerque. 2020. Covid-19 em cidades africanas impactos, respostas e políticas. Nota Técnica- Junho, Número 21- Dinte. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35953. Acesso em 07 de julho de 2020.

Geertz, Clifford. 1978. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
Guiné-Bissau. Documento de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza (I DENARP), 2005. Disponível em: https://docplayer.com.br/8245720-Guine-bissau-documento-de-estrategia-nacional-de-reducao-da-pobreza-denarp.html . Acesso em: 12 jun. 2015.

_____. Para além de Castanha de Caju: diversificação através do comércio, 2010. Disponível em: . Acesso em: 5 dez. 2014.

Gomes, Patrícia Godinho. 2016. A Mulher guineense como sujeito e objeto do debate histórico contemporâneo: excertos da história de vida de Teodora Inácia Gomes. Africa Development, Volume XLI, No. 3, pp. 71-95.

_____. 2013. Na senda da luta pela paz e igualdade. O contributo das mulheres guineenses. BUALA, março. Disponível em: http://www.buala.org/pt/mukanda/na-senda-da-luta-pela-paz-e-igualdade-o-contributo-das - mulheres-guineenses>. Acessado em: 14 de agosto 2016.

_____. 2010. As mulheres do setor informal. Experiências da Guiné-Bissau. In Africa. Puentes, conexiones e intercambios, Actas del VI Congreso de Estudios Africanos en el mundo ibérico, Las Palmas, Aquario, p.682-701.

_____. 2009. La mujer y el poder en Guinea Bissau: la lucha armada, los años 80 y el nuevo contexto político y econ mico. In: Nova África, jan, n.o 24.

_____. 2015. O estado da arte dos estudos de gênero na Guiné-Bissau: abordagem preliminar. Revista Outros Tempos, São Luís, v. 12, n. 19, p. 168-189, jun./jul.

Gomes, Peti Mama. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Centro de Humanidades, Programa Associado de Pós-graduação em Antropologia Social, Fortaleza (CE.
Gomes, Peti Mama; Candé Monteiro, Artemisa Odila. 2020. Os desafios da lei de paridade na sua dimensão social e política: o caso das mulheres na Guiné-Bissau. Cadernos de África Contemporânea, vol. 03, n. 06, p. 149 - 159.

Gomes, Peti Mama e Monteiro, Noemia Armando. 2022. Mulheres em tempos de pandemia: o caso da Guiné-Bissau In: Guiné-Bissau: revolução anti-imperialista inacabada.1 ed. Universidade Federal de Alfena: Editora Universidade Federal de Alfenas, v.1, p. 78-88.

Gomes, Peti Mama e Batista, Ramiro Esdras Carneiro. 2022. Entrevista: “Antropologia Afro-Diaspórica dentre as fronteiras da Guiné Bissau e o Brasil”. In: A fronteira tem rosto de mulher: trajetórias de vida no Sul Global. Caderno 4 Campos – PPGA/UFPA [Número I | 2022]. Disponível em: https://caderno4campos.wixsite.com/inicio/c%C3%B3pia-n%C3%BAmero-atual-3 . Acessado em: 12 de jan. de 2023.

Gramsci, Antônio. 1995. Os intelectuais e a organização da cultura. 9ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 1-114.
Hagmann, Tobias e Péclard, Didier. 2010. Negotiating Statehood in a Hybrid Political Order: The Case of Somaliland. Desenvolvimento e Mudança. Volume 41, Edição 4 disponível https://doi.org/10.1111/j.1467-7660.2010.01656.xCitation acasso em 12 de abril de 2022.

Hampâté Bâ, Amadou. 2010. A tradição viva. In: Ki –Zerbo, Joseph. História geral da África -Metodologia e pré-história da África. 2a.Ed. Rev. – Brasília: UNESCO, p. 167-212.

Handem, Alfredo. 2006. O impacto da economia informal na redução da exclusão social e da pobreza nos PALOP e sua interação com a proteção social. O caso da Guiné-Bissau. INEP. Bissau, Janeiro, pp.35-38.

_____. 2013: "As dinâmicas organizacionais no contexto informal. O caso da Associação de Mulheres Ghatenkar Ghaba na Ubom (Ajuda Mútua)", policopiado.

Havik, Philip. 1995. Relações de género e comércio: estratégias inovadoras de mulheres na Guiné-Bissau. Soronda-Revista de Estudos Guineenses. N.19, Bissau, Janeiro, pp.33-34.

Houtondji, Paulin. 1989. Investigação e extraversão: elementos para uma sociologia da ciência nos países da periferia. Soronda - Revista, Bissau, Nº 8 (Jul.), p. 107-118. Disponível em: http://memoria-africa.ua.pt/Catalog.aspx?q=TI%20investigacao%20e%20extraversao Acesso em 20 de agosto de 2019.

Indjai, Mamadi Queluntã. 2014. Políticas públicas na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável da Guiné-Bissau. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional. Pato Branco: UTFPR.

Instituto Nacional de Estatísticas da República da Guiné-Bissau. 2015. Boletim Estatístico da Guiné-Bissau.

Instituto Nacional de Estatísticas. 2011: Inquérito Ligeiro para Avaliação da Pobreza (ILAP2), Bissau: INE.

Intchama, Jeremias Francisco e Araújo, Rogério César Pereira de. 2010. Análise da produção e economia do setor pesqueiro de Guiné-Bissau, costa ocidental da África. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural - SOBER, 48, Campo Grande-MS, p.1-19, jul.

Guiné-Bissau. 2006. Código Civil e Legislação Complementar. Faculdade de Direito de Bissau, Centro de Estudos e Apoio às Reformas Legislativas. Decreto-Lei nº 47.344, de 25 de novembro de 1966. Lisboa.

Guiné-Bissau. 1993. Decreto-Lei nº 4/93, de 13 de outubro de 1993. Aprova o Código Penal da Guiné Bissau. Acesso em: 17 set. 2018.

Guiné-Bissau. 2014. Lei n. 06/2014, de 04 de fevereiro de 2014. Aprova a Lei contra a Violência Doméstica. Acesso em: 16 set. 2018.

Guiné-Bissau. 2011. Lei n.º 14/2011 de 6 de julho DE 2011. Aprova a Lei da Proibição e Criminalização da Mutilação Genital Feminina. Acesso em: 17 set. 2018.

Jesus, Bernardo Gomes de. 2018. Manjacos da Guiné-Bissau: Sobre Discursos, Cultura, Saberes e Tradições (Período colonial e Pós-colonial). 2018. 54 f. TCC (Licenciatura em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/189307. Acesso em: 06 nov. 2022.

Kilomba, Grada. 2019. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó.

Ki-Zerbo, Joseph. 2006. Para quando a África? Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro.

Langdon, E. J., Follér, M.-L., & Maluf, S. W. 2018. Um balanço da antropologia da saúde no Brasil e seus diálogos com as antropologias mundiais. *Anuário Antropológico*, *37*(1), 51–89. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/7252 Acesso em 12 dezembro de 2020.

Lévi-Strauss, Claude*. 1970.* A ciência do concreto In*:* O Pensamento selvagem, São Paulo, Nacional, pp. 19-55.

Lopes, Carlos Manuel. 2000. Elementos para a compreensão do setor informal urbano nos países em desenvolvimento: anotações sobre o retalho informal em Luanda e Maputo. Lisboa: Associação Académica Debate.

Lopes, Carlos. 1995. A pirâmide invertida: historiografia africana feita por africanos. Acta do colóquio "construção e ensino da história de África: Lisboa: Limpazes.

_____. 2016. É importante que os africanos não dependam de importação de matérias primas. Revista Mercado. Luanda, outubro.

_____. 1982. Etnia, Estado e Relações de Poder na Guiné-Bissau. Lisboa, Edições 70.

_____. 1987. A Transição Histórica na Guiné-Bissau. In: Coleção Martel. INEP.

_____. 1989. Resistências Africanas ao Encontro do Território. INEP, n.7 jan.

Lopes. Cátia Sofia Nobre. 2013. O papel da mulher no microcrédito na Guiné-Bissau: estudo de caso de Pitche e Pirada (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Economia e Gestão.

Lugones, Maria. 2014. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos Feministas; v. 22, n. 3 (2014). Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577. Acesso em 10 de jan.2017.

Maia, Suzana e Batista, Jeferson: 2020. Reflexões sobre a Autoetnografia. Prelúdios, Salvador, v. 9, n. 10, p. 240-246, ago. /dez.

Maluf, Sônia Weidner. 2020. Antropologia em tempo real: urgências etnográficas na pandemia. Aula Inaugural no PPGAS/UFAL, por webconferência, em 08/5/2020. Disponível em: https://youtu.be/DWQLXa8UwfI. Acesso em 18/05/2020.

Mama Amina. 2010. "Será ético estudar a África? Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade". In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez. p. 603-637.

Martins, Catarina. 2016. Nós e as Mulheres dos Outros. Feminismos entre o Norte e a África. Editora, Afrontamento, Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Universidade de Coimbra, n. 7 pp. 251- 277.

Martins, Rosiani Sanca. 2017. Participação das mulheres guineenses no mercado informal e suas contribuições para o crescimento da economia do país, 2021 Ministério Da Agricultura e Desenvolvimento Rural. Plano de desenvolvimento agrícola regional de Bafatá. Direção Regional da Agricultura e Desenvolvimento Rural. – Bafatá.

Martins, Helder F. B.; Hansine, Rogers. 2020. Análise epidemiológica e demográfica da COVID-19 em África. Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical (ANAIS IHMT). Disponível em: https://doi.org/10.25761/anaisihmt.353. Acesso em 20 de maio de 2021.

Matos, Silvana Sobreira de; Silva, Ana Cláudia Rodrigues da. 2020. Quando duas epidemias se encontram: a vida das mulheres que têm filhos com a Síndrome Congênita do Zika Vírus na pandemia da COVID-19. Cadernos de Campo (São Paulo, online) | vol.29, (suplemento), p.329-340 | USP.

Mendes, Irina. A Prática do Ucó: cosmo-ontologia Manjaco sobre materialização do corpo na diversidade corporal. 2018. 190 f. Dissertação (Graduação em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS. 2018. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180940. Acesso em: 28 set. 2023.

Miranda, Camila Fontenele de. 2022. A autoetnografia como prática contra-hegemônica. Dossiê Autoetnografias: (In)visibilidades, reflexividades e interações entre "Eus" e "Outros". UFJF v.17 n.3 Dezembro. ISSN 2318-101x (on-line) ISSN 1809-5968 (print).

Mbembe, Achille. 2019. Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis, RJ. Vozes.

_____. 2018. Crítica da Razão Negra. São Paulo, n-1 Edições.

_____. 2018. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo, n-1 Edições.

Médicos sem Fronteiras. 2020. Ebola. Disponível em: <http://www.msf.org.br/o-que-fazemos/atividades-medicas/ebola>. Acesso em: 30 nov. 2020.

Mendes, Magnuson Django. 2019. Resíduos Sólidos de Serviços de Saúde: Estudo de Caso em três Hospitais da Guiné-Bissau. Monografia - Curso de Quimíca, Instituto De Ciências Exatas e da Natureza, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção.

Mendes, Herculano Arlindo. 2019. A sub-representação feminina e os critérios de recrutamento político Guiné-Bissau: os casos do PAIGC e do PRS. Dissertação (mestrado) em Ciência Política. Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, setembro.

Mignolo, Walter. 2000. La colonialidad a lo largo y a lo ancho: el hemisferio occidental en el horizonte colonial de la modernidad. Lander, Edgardo - Compilador/a o Editor/a; Autor(es) Buenos Aires.

Miller, Daniel. 2020. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Tradução de Camila Balsa e Juliane Bazzo. Blog do Sociofilo [atual Blog do Labemus], 23 maio de 2020. Disponível em: https://blogdolabemus.com/2020/05/23/notas-sobre-a-pandemia-como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-por-daniel-miller.

Ministério da Economia, do Plano e Integração Regional. 2011: Segundo Documento de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza da Guiné-Bissau (DENARP II), Bissau.

Monié, Frédéric. 2020. A África subsaariana diante da pandemia de Coronavírus/COVID-19: difusão espacial, impactos e desafios », Espaço e Economia [Online]. Disponível em: https://journals.openedition.org/espacoeconomia/13629. Acesso: 20 maio 2020.

Monteiro, António Issac (coord.). 1996. O Programa de Ajustamento Estrutural na Guiné-Bissau. Análise dos efeitos Sócio-Económicos, Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa.

Moreira, Joacine Katar. 2017. A Cultura di Matchundadi na Guiné-Bissau: Género, Violências e Instabilidade Política. Tese (Doutorado em Estudos Africanos) ISCTE –Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Mourão, Daniele Ellery e Abrantes, Carla Susana Além. 2020. Estudantes Africanos dos PALOP em Redenção, Ceará, Brasil. MEDIAÇÕES, Londrina, v. 25, n. 1, p. 64-81, jan-abr.

Oyewumi, Oyeronke. 2010. Conceptualizando el género: los fundamentos eurocêntricos de los conceptos feministas y el reto de la epistemologia africana, Africaneando. Revista de actualidad y esperiencias, Núm.04, 4º Trimestre, 11pp.

_____. 2021. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução - Wanderson Flor do Nascimento. - 1. ed. Rio de Janeniro: Bazar do Tempo.

Organização das Nações Unidas. 2020. COVID-19: OMS divulga guia com cuidados para saúde mental durante pandemia. In: APA Offers Resources to Cope with COVID-19. [S. l.]. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/170779. Acesso em: 22 mar. 2020.

Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS). 2009. Proteção da Saúde Mental em Situações de Epidemias. Disponível em: <https://www.paho.org/hq/dmdocuments/2009/Protecao-da- Acesso em: 02 mai. 2020.

Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS). 2020. Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=61 Acesso em: 01 maios 2020.

Pelaez. Neyde Carstens Martins. 2000. Um som e seus sentidos. [Dissertação de mestrado em Engenharia de Produção] Florianópolis.

Pessoa, Ronaldo Augusto Campos. 2020. A geopolítica internacional e os efeitos da pandemia: Uma nova ordem global em transição? Revista Rural e Urbano. Recife. v. 05, n. 02, p. 02-19. ISSN: 2525-6092.
Pimenta Denise. 2020. “Pandemia é coisa de mulher: Breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica”. Tessituras, vol.8. n.1. Pelotas: pp. 08-12.

_____. 2019. O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (A epidemia do ebola contada por mulheres, vivas e mortas). Tese de doutorado em Antropologia Social. 351f. São Paulo: PPGAS/USP.

Polivanov, Beatriz. 2013. Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0346-1.pdf Acesso em 20.jul.2020. Acesso em 11 de fevereiro de 2020.

Pólvora, Jacqueline Britto. 2013. Cidades informais: o caso da cidade de Praia. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 49, N. 1, p. 97-103, jan/abr.

Quijano, Aníbal. 2000. Colonialidad del poder, eurocentrismo y America Latina. In: Edgardo Lander (org.), La colonialidad del saber. Eurocentrismo y ciências sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires, Clacso, pp. 201-246.

Roque, Sílvia. 2011. Um retrato da violência contra mulheres na Guiné-Bissau. Bissau: Government of the Republic of Guinea-Bissau. Versão de 08 de junho.

Timbane, Alexandre Antônio; Manuel. Catia. 2018. Revista de Letras JUÇARA, Caxias – Maranhão, v. 02, n. 02, p. 107 – 126, dez. p. 108.

Said, Edward. 1990. Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente. Bueno. - São Paulo: Companhia das Letras.

Sanca, Ilda. 2014. A inserção das mulheres no mercado de trabalho na Guiné-Bissau. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia de bacharel em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Porto Alegre, Disponível em: https://www.ufrgs.br/neab/index.php/2016/08/29/insercao-das-mulheres-no-mercado-do-trabalho-na-guine-bissau/ Acesso em: 21 jun. 2020.

Sangreman, Carlos; Sousa Jr, Fernando; Zeverino, Guilherme; Barros, Miguel de. 2006. A evolução política recente na Guiné-Bissau: As eleições presidenciais de 2005- conflitos, desenvolvimento e sociedade civil. In: Centro de Estudo sobre África e do Desenvolvimento do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.

Silva, Tatiana Raquel Reis. 2015. MERCADO DE SUCUPIRA: práticas comerciais e cotidiano das rabidantes cabo-verdianas". Outros Tempos, 12 (19):153-167.

Sampaio, João Roberto Cavalcante; Schütz, Gabriel Eduardo. 2016. A epidemia de doença pelo vírus Ebola de 2014: o Regulamento Sanitário Internacional na perspectiva da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Cad. Saúde Colet. v. 24, jun, Rio de Janeiro.

Semedo, Odete da Costa. 2010 . As Mandjuandadi - Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da Tradição Oral à Literatura". Tese de Doutoramento em Literaturas de Língua Portuguesa, Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Sucuma, Arnaldo. 2013. Estado e ensino superior na Guiné-Bissau 1974-2008. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Recife-PE.

Vedana, V. 2004. "Fazer a Feira": estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem de Porto Alegre. 2004. 251 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

_____. 2008. No mercado tem tudo que a boca come: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo. 2008. 258 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

Vieira, Alice Gravelle. 2018. Estados Frágeis ou Falidos? Uma abordagem crítica dos desafios e implicações da construção conceitual. Mural Internacional V. 9 | N. 2 jul-dez.

Wetzel, Deborah. 2020. As pandemias não conhecem fronteiras: Em África, a colaboração regional é fundamental para o combate COVID-19, maio. Disponível em https://blogs.worldbank.org/pt/africacan/pandemias-nao-conhecem-fronteiras-em-africa-colaboracao-regional-e-fundamental-para-o. Acesso em 10 de set. De 21.

Noticiário citado

Atualizações de África CDC sobre a COVID-19 https://africacdc.org/covid-19/
Centro de Controlo e Prevenção de Doenças da União Africana (África CDC). 2020. COVID-19: Número de mortes em África sobe para 1.374. Disponível em: https://www.saudemais.tv/noticia/16607-covid-19-numero-de-mortes-em-africa-sobe-para. Acesso em: 23 maio. 2020.

Centro Europeu para o Controlo e Prevenção de Doenças. 2020. Visão geral de Novo Coronavírus. https://www.ecdc.europa.eu/en/novel-coronavirus-china. Acessado no dia 18 de junho de 2020.

Centro para o Controle e a Prevenção de Doenças dos EUA. 2020. https://www.cdc.gov/coronavirus/novel-coronavirus-2019.html. Acessado no dia 23 de junho de 2020.
COVID-19. 2020. Boletim oficial da Guiné-Bissau. Disponível me: <https://covid19gb.com/linha-do-tempo. Acessado em: 12 de jun. de 2020.

Definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre caso SARI: qualquer pessoa com infecção respiratória aguda com história de febre (ou febre medida de ≥ 38 ° C) e tosse com início dos sintomas nos últimos 10 dias que requer hospitalização. 2020. Disponível em: https://www.who.int/influenza/surveillance_monitoring/ili_sari_surveillance_case_definition. Acessado no dia 19 de abril de 2020.

Diretrizes do Comunicado à Imprensa da Comissão Africana dos Direitos Humanos e dos Povos sobre a crise do Coronavírus (COVID-19) sobre rastreio de contatos para a pandemia da COVID-19: 2020. Disponível em: https://africacdc.org/download/guidance-on-contact-tracing-for-covid-19-pandemic. Acessado no dia 13 de junho de 2020.

Dw África. 2020. COVID-19: Guiné-Bissau prevê quebra de até 50% nas receitas fiscais / DW África, 25/03/2020. Disponível em:

https://www.dw.com/pt-002/covid-19-guin%C3%A9-bissau-prev%C3%AA-quebra-de-at%C3%A9-50-nas-receitas-fiscais/a-53167877. Acessado em: 11 de jun de 2020.

Dw África. 2020. Covid-19: Sissoco Embaló declara estado de emergência na Guiné-Bissau. Disponível em: https://www.dw.com/pt-002/covid-19-sissoco-embal%C3%B3-declara-estado-de-emerg%C3%AAncia-na-guin%C3%A9-bissau/a-52945653. Acessado no dia 13 de junho de 2020.

Dw Português. 2020. Bissau: Autoridades pedem desculpa por violência da polícia / DW Português, Bissau, 06/04/2020. Disponível em: https://www.dw.com/pt-002/bissau-autoridades-pedem-desculpa-por-viol%C3%AAncia-da-pol%C3%ADcia/a-53041372. Acessado em: 12 de jun de 2020.

Dw Português. 2020. Em meio a contencioso judicial, Sissoco toma "posse simbólica" como Presidente da Guiné-Bissau. Disponível em: < https://www.dw.com/pt-002/em-meio-a-contencioso-judicial-sissoco-toma-posse-simb%C3%B3lica-como-presidente-da-guin%C3%A9-bissau/a-52560557. Acessado em: 03 de junho de 2020.

Instituto de Assistência à Saúde dos Servidores do Estado de Alagoas. 2020. Coronavírus (Covid-19): O que você precisa saber e fazer para prevenir o contágio. Disponível em http://ipaseal.al.gov.br/noticia/item/2193-coronavirus-covid-19-o-que-voce-precisa-saber-e-fazer-para-prevenir-o-contagio. Acesso em: 23 maio. 2020.

Médicos Sem Fronteiras (MSF). 2020. COVID-19 na Guiné-Bissau: MSF apela a urgente reforço da resposta à pandemia | MSF. Disponível em: https://www.msf.org.br/noticias/covid-19-na-guine-bissau-msf-apela-urgente-reforco-da-resposta-pandemia. Acesso em: 23 maio. 2020.

Organização Mundial da Saúde (OMS). 2020. Orientações técnicas: https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidanc. Acessado no dia 15 de junho de 2020.

Orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre a vigilância e definição de caso do COVID-19. 2020. Disponível em: https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/surveillance-and-case-definitions. Acessado no dia 13 de junho de 2020.

Protocolo do Comunicado à Imprensa da Comissão Africana dos Direitos Humanos e dos Povos (CDC) para vigilância aprimorada do COVID-19 em África. 2020. Disponível em: https://africacdc.org/download/protocol-for-enhanced-severe-acute-respiratory-illness-and-influenza-like-illness- surveillance-for-covid-19-in-africa. Acessado no dia 20 de junho.

Recursos e orientações políticas e infografia. 2020. https://africacdc.org/covid-19/covid-19-. Acessado no dia 19 de junho de 2021.

Representante da Organização Mundial da Saúde (OMS) na Guiné-Bissau. 2020. OMS reforça a capacidade do Centro das Operações de Emergências em Saúde (COES) no combate ao COVID-19 na Guiné-Bissau, 2020. Disponível em: https://www.afro.who.int/node/12844. Acessado no dia 13 de junho.

ANEXO

Global Regions Select language

World Health Organization

Health Topics Countries Newsroom Emergencies Data About WHO

Home / WHO Director-General / Speeches / Detail / WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020

WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020

عربي 中文 Français Русский Español

11 March 2020

Good afternoon.

In the past two weeks, the number of cases of COVID-19 outside China has increased 13-fold, and the number of affected countries has tripled.

There are now more than 118,000 cases in 114 countries, and 4,291 people have lost their lives.

Thousands more are fighting for their lives in hospitals.

In the days and weeks ahead, we expect to see the number of cases, the number of deaths, and the number of affected countries climb even higher.

WHO has been assessing this outbreak around the clock and we are deeply concerned both by the alarming levels of spread and severity, and by the alarming levels of inaction.

We have therefore made the assessment that COVID-19 can be characterized as a pandemic.

Pandemic is not a word to use lightly or carelessly. It is a word that, if misused, can cause unreasonable fear, or unjustified acceptance that the fight is over, leading to unnecessary suffering and death.

Describing the situation as a pandemic does not change WHO's assessment of the threat posed by this virus. It doesn't change what WHO is doing, and it doesn't change what countries should do.

We have never before seen a pandemic sparked by a coronavirus. This is the first pandemic caused by a coronavirus.

And we have never before seen a pandemic that can be controlled, at the same time.

WHO has been in full response mode since we were notified of the first cases.

And we have called every day for countries to take urgent and aggressive action.

We have rung the alarm bell loud and clear.

===

As I said on Monday, just looking at the number of cases and the number of countries affected does not tell the full story.

Of the 118,000 cases reported globally in 114 countries, more than 90 percent of cases are in just four countries, and two of those – China and the Republic of Korea - have significantly declining epidemics.

81 countries have not reported any cases, and 57 countries have reported 10 cases or less.

We cannot say this loudly enough, or clearly enough, or often enough: all countries can still change the course of this pandemic.

If countries detect, test, treat, isolate, trace, and mobilize their people in the response, those with a handful of cases can prevent those cases becoming clusters, and those clusters becoming community transmission.

Even those countries with community transmission or large clusters can turn the tide on this virus.

Several countries have demonstrated that this virus can be suppressed and controlled.

The challenge for many countries who are now dealing with large clusters or community transmission is not whether they can do the same – it's whether they will.

Some countries are struggling with a lack of capacity.

Some countries are struggling with a lack of resources.

Some countries are struggling with a lack of resolve.

We are grateful for the measures being taken in Iran, Italy and the Republic of Korea to slow the virus and control their epidemics.

We know that these measures are taking a heavy toll on societies and economies, just as they did in China.

All countries must strike a fine balance between protecting health, minimizing economic and social disruption, and respecting human rights.

Related

COVID-19 outbreak

Documento 01 – Primeira declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS), sobre a prevalência da Pandêmia SARS-COVID, datada de março de 2020.
Fonte:
https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020 Acesso em 22,abr. 2020.

Documento 02 – Primeira declaração presidencial do estado de emergência

REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU

Presidência da República

O Presidente

DECRETO PRESIDENCIAL Nº 08 /2020

Decretado o Estado de Emergência, em todo o território nacional em 27/03/2020, com fundamento na calamidade pública ocasionada pela pandemia do novo CORONAVIRUS com impacto no nosso país, o que levou a adopção de medidas restritivas de suspensão dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos, como forma de prevenção e contenção da propagação do COVID-19.

Decorridos 15 dias, a situação piorou, tendo em conta que registaram-se, neste momento, 38 casos de infeção no país, dos quais 79% no Setor Autónomo de Bissau, 13% na região de Biombo e 8% na região de Cachéu, segundo os dados do Centro de Operações de Emergências da Saúde (COES), somos obrigados a ponderar e requalificar as medidas adotadas, prorrogar a maior parte delas e adequar outras às circunstâncias atuais.

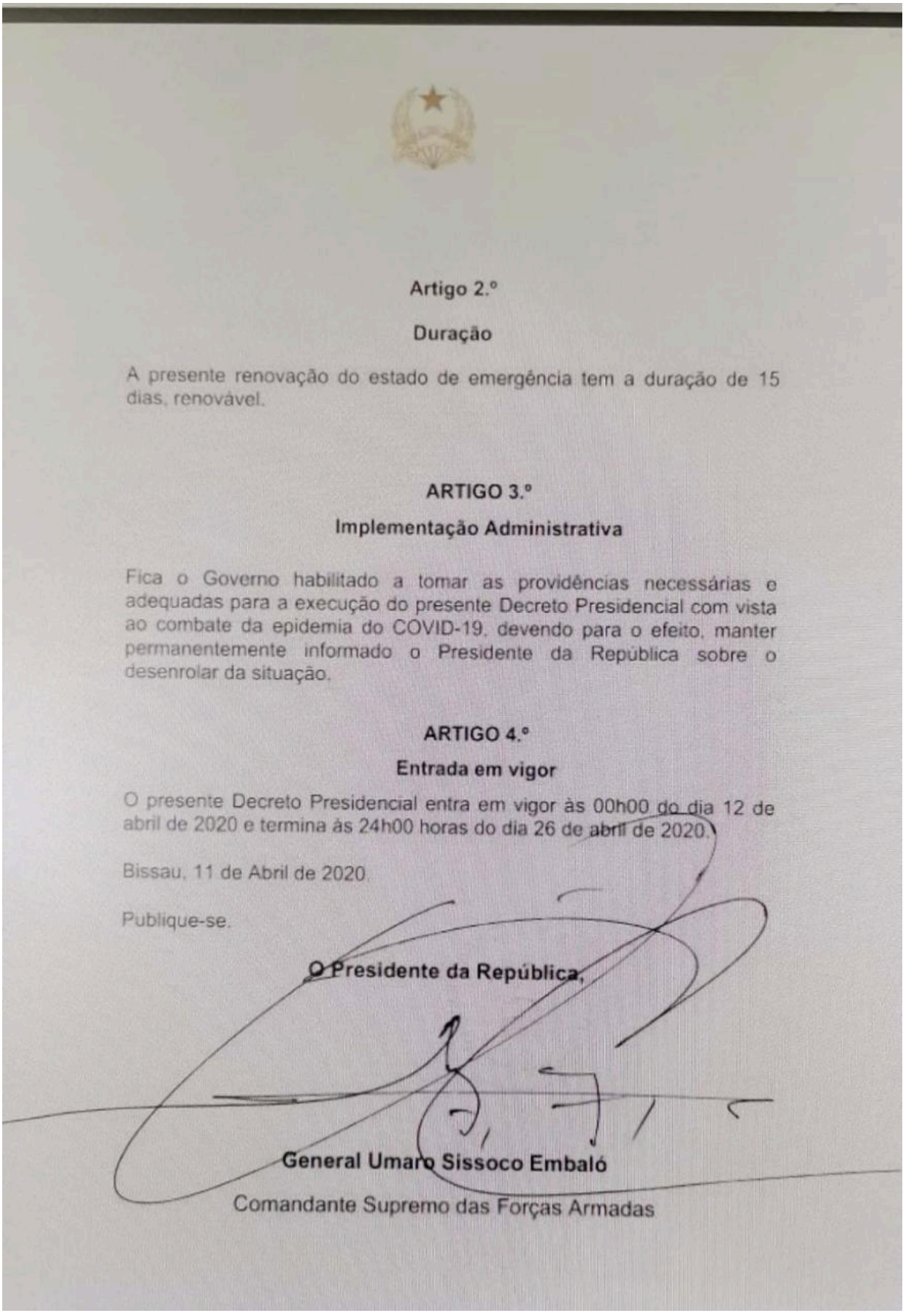
O Governo, na medida do estritamente necessário e respeitando os limites impostos pela Constituição, *maxime*, o princípio da proporcionalidade, deve adotar medidas concretas para a regulamentação do presente Decreto, sem descurar a realidade socio-económica guineense.

Assim, após o cumprimento das formalidades constitucionais o Presidente da República decreta nos termos do artigo 68° alínea v), conjugado com o artigo 85°, nº 1, alínea i) e 31° da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º

Renovação do estado de emergência

É renovada a declaração do estado de emergência em todo o território nacional, com fundamento na verificação de uma continuada situação de calamidade pública.



Artigo 2.º

Duração

A presente renovação do estado de emergência tem a duração de 15 dias, renovável.

ARTIGO 3.º

Implementação Administrativa

Fica o Governo habilitado a tomar as providências necessárias e adequadas para a execução do presente Decreto Presidencial com vista ao combate da epidemia do COVID-19, devendo para o efeito, manter permanentemente informado o Presidente da República sobre o desenrolar da situação.

ARTIGO 4.º

Entrada em vigor

O presente Decreto Presidencial entra em vigor às 00h00 do dia 12 de abril de 2020 e termina às 24h00 horas do dia 26 de abril de 2020.

Bissau, 11 de Abril de 2020

Publique-se.

O Presidente da República,

General Umaro Sissoco Embaló

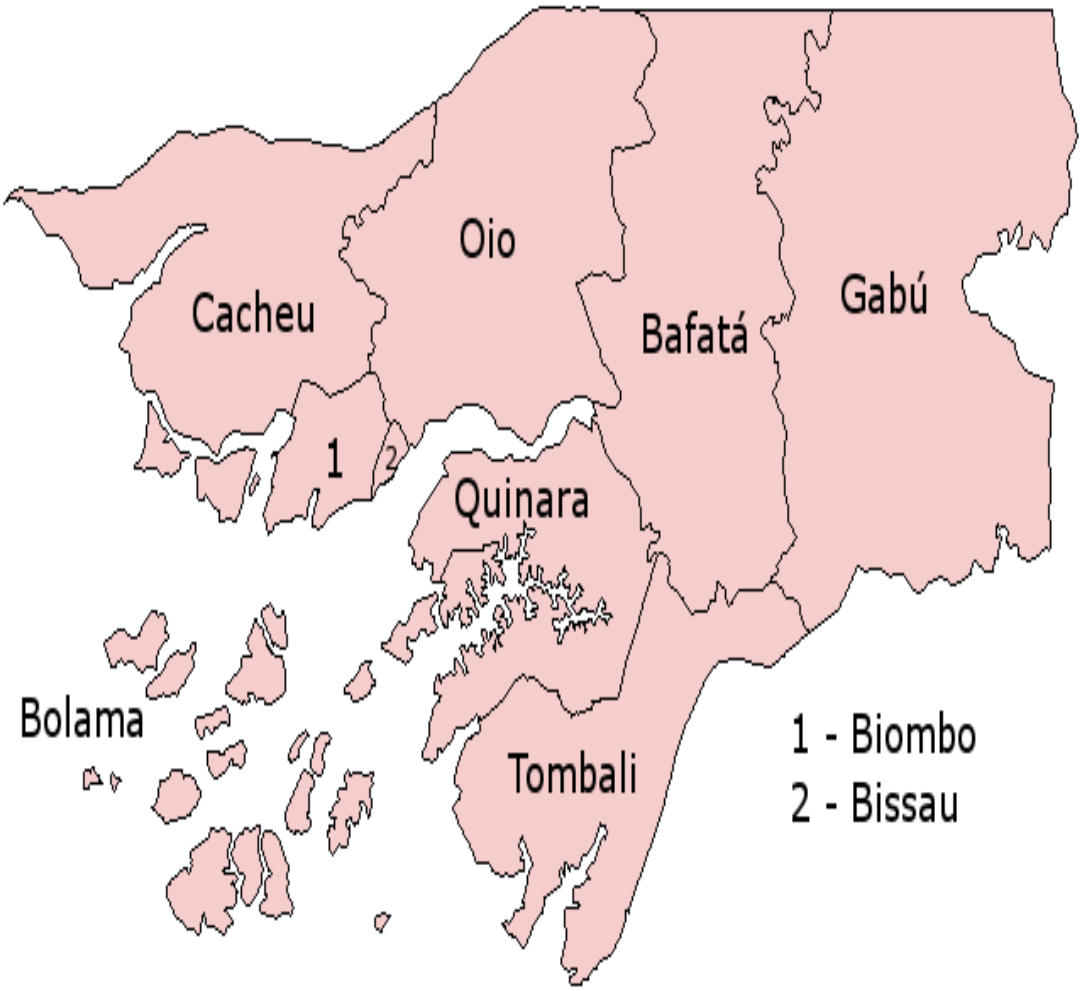
Comandante Supremo das Forças Armadas

Documento 02 -Primeira declaração do governo guineense.

Disponível em: https://www.uccla.pt/sites/default/files/decreto_presidencial_gb_prorrogacao_em.pdf . Acesso em 29 de março de 2020.

Documento 03 **Última** declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS), sobre o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19, datado em 05 de maio de 2023.
Fonte: Disponível em: https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente Acesso em 6, maio. 2023.

Documento 03- Mapa regional da Guiné-Bissau



Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/Atlas_of_Guinea-Bissau. Acessado em 22 de dez. 2022.

Documento 04- Mapa nacional do país.

Disponível em: https://www.worldatlas.com/articles/which-countries-border-guinea-bissau.html

Acessado em 22 de dez. 2022.

Percurso para chegar a maior fera do país, Bande.

A maior praça, Bande está localizado a uma distância de aproximadamente 7 quilômetros do aeroporto. O trajeto levará em torno de 15 a 25 minutos, dependendo do tráfego. Portanto, uma forma de chegar à fera, saindo do aeroporto, siga estas direções:

Ao sair do terminal de chegadas do Aeroporto Internacional, Osvaldo Vieira, procure o transporte público disponível - táxis ou toka-toka/ônibus; informe ao motorista de táxi ou ao cobrador do toka-toka que desejas ir ao mercado de Bandim, que é um ponto de referência bem conhecido em Bissau, todos conhecem e são familiarizados com o local.

Durante o trajeto, passará por diferentes bairros (Brá e Penha do lado esquerdo e bairro internacional do lado direito) e Avenida dos Combatentes da Liberdade da Pátria, inclusive ao seu lado esquerdo ficará a entrada que dá o acesso ao bairro militar, outro mercado à beira da estrada. Quando estiver chegando perto do centro da cidade, o motorista provavelmente lhe indicará que está próximo a feira, se não for o caso, poderá perceber uma estrutura colorida e movimentada, com várias barracas e comércios. O mercado é uma estrutura vibrante e colorida, se for de manhã, encontrarás muitas barracas e pessoas vendendo e comprando produtos frescos, roupas, artesanato e muito mais.

Estando já em Bande, poderás perguntar onde fica a fera de Caracol, que se avizinha, ou fera de bairro militar que precisas pegar o outro transporte para o último destino, maiorias saberão lhe informar.

No mais, aproveite a autenticidade da Guiné-Bissau, através da força de bideras do mercado de Bande, conheça e vivencia a rica cultura-gastronômica e a diversidade de produtos que o país possa lhe oferecer.